Diane Chamberlain

autora de *SEGREDOS E MENTIRAS*



PERDAS E DANOS

Uma filha adorada. Um pai diante de uma escolha devastadora.

ARQUEIRO

PERDAS E DANOS



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua

grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Diane Chamberlain

PERDAS E DANOS

ARQUEIRO

Título original: *The Good Father*

Copyright © 2012 por Diane Chamberlain
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Simone Lemberg Reisner
preparo de originais: Taís Monteiro
revisão: Flora Pinheiro e Milena Vargas
projeto gráfico e diagramação: Ilustrarte
capa: Rafael Nobre e Igor Arume / Babilonia Cultura Editorial
imagem de capa: Claudia Dewald / Getty Images
eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C427p

Chamberlain, Diane
Perdas e danos [recurso eletrônico] / Diane Chamberlain [tradução de Simone Lemberg Reisner]; São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: The good father
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-311-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Reisner, Simone Lemberg. II. Título.

14-17416

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Nolan e Garrett, Claire e Olivia,
que têm a sorte de ter pais muito bons!

1

Travis

Raleigh, Carolina do Norte
Outubro de 2011

Eram nove e quarenta quando acordei no banco de trás da van. Nove e quarenta! E se Erin já tivesse saído da cafeteria quando chegássemos? *E se ela não estivesse lá?* Aquela possibilidade não me saía da cabeça enquanto eu apressava Bella. Ela havia sonhado com sua ovelhinha de pelúcia e queria me contar a história toda, mas, conforme eu a vestia com as roupas mais limpas que conseguira arrumar, tudo o que me vinha à cabeça era: *E se ela não estiver lá?*

No dia anterior, ao telefone, Roy me assegurara de que eu estava fazendo a escolha certa.

– Você pode ficar rico com isso, cara – garantiu ele.

Pensei no relógio de ouro que ele estava usando. No Mustang vermelho que ele dirigia.

– Não tenho nenhum desejo de ficar rico – respondi. – Só quero ganhar o suficiente para sustentar a Bella e a mim até conseguir um emprego de verdade.

Eu me sentia um puxa-saco só de falar com ele ao telefone. O cara era um verdadeiro idiota.

– Você pensa assim agora – sentenciou ele –, mas espere só até ter o gostinho do dinheiro fácil.

– Olha – respondi –, só me diz onde a gente vai se encontrar e quando.

– Nós o procuraremos amanhã por volta das onze da noite – explicou ele. – Você ainda mora no mesmo lugar? Perto da Target?

– Moro.

– Só não se esqueça de colocar gasolina suficiente para a gente atravessar a fronteira com a Virginia e depois voltar – alertou, desligando logo em seguida.

Então agora eu tinha o dia inteiro para surtar com a decisão que tinha tomado, e, se tudo saísse de acordo com os meus planos, Bella não estaria comigo. Esse pensamento me fez sentir um aperto no peito. Eu não estava certo de que seria capaz de fazer isso. Mas Erin era uma boa mulher. Disso eu tinha certeza. Além do mais, Bella a conhecia e gostava dela. O único problema é que ela poderia ser boa *demais*. Aquele tipo de pessoa que chamaria a polícia para me prender. Eu precisava confiar que ela não faria uma coisa dessa.

Minhas mãos tremiam enquanto eu escrevia um bilhete no verso de um recibo de gasolina e o enfiava sorrateiramente no bolso da calça de Bella para evitar que ela me perguntasse o que era aquilo ou tentasse tirar o papel de lá. Lembrei-me do tremor nas mãos de minha mãe. “Um tremor leve”, segundo o médico diagnosticara, afirmando que era inofensivo e quase imperceptível. Mas o meu não era tão delicado. Eu mal conseguia ajudar Bella a calçar as meias.

– Estou com fome, papai – disse ela, colocando os sapatos.

Abri uma caixinha de Tic-Tacs e joguei duas pastilhas na mão dela.

– Já vamos tomar café da manhã – respondi, enquanto ela enfiava as balinhas na boca.

Imaginei Erin encontrando o bilhete. Ela o *encontraria*, certo? E se não encontrasse? Pensei em tudo o que poderia dar errado e meu coração se apertou. *Uma coisa de cada vez*, disse a mim mesmo. Primeiro, eu precisava chegar à JumpStart antes que Erin saísse, caso contrário todo o plano estaria perdido.

– Quero ir ao banheiro – disse Bella.

– Eu sei, meu amor. Eu também.

Penteei seus cabelos escuros, que eu deveria ter tentado lavar no banheiro da Target na noite anterior, como já fizera uma vez naquela semana. No entanto, na noite passada, nada poderia estar mais distante dos meus pensamentos do que lavar os cabelos de minha filha. Eles também precisavam de um corte, mas é claro que a ideia de trazer uma tesoura não me ocorreu quando saí de Carolina Beach. A franja dela estava tão comprida que quase dava para colocar atrás das orelhas, o que tentei fazer, mas, assim que ela saltou da van, os fios caíram de novo sobre o rosto. Coitada. Parecia uma órfã para quem ninguém ligava. Pedi a Deus que não se tornasse uma naquela mesma noite.

Peguei a mão de Bella a caminho da cafeteria.

– Você está me machucando, papai – resmungou ela, e percebi que eu estava apertando com muita força.

Como eu poderia fazer isso com a minha menininha? Não tinha nem como prepará-la para o que ia acontecer. *Bella, me desculpe*. Torci para que ela fosse pequena demais para se lembrar disso no futuro. Torci para que nunca pensasse que aquele tinha sido o dia em que seu pai a abandonara.

Flores-do-campo enchiam a pequena faixa de gramado ao lado da cafeteria e eu tive uma ideia repentina. Não passavam de ervas inúteis, mas serviriam.

– Olhe só, Bella. – Apontei na direção das florezinhas. – Vamos levar algumas para a Srta. Erin.

Pisamos na grama e começamos a colhê-las. Torci para que a bexiga de Bella aguentasse mais um minuto. As flores eram a única maneira que me viera à cabeça de agradecer a Erin pelo pedido que eu iria lhe fazer.

Ela estava sentada na mesma cadeira de couro marrom de sempre, lendo algo em seu iPad e afastando dos olhos uma mecha de cabelos castanho-claros. Senti uma gigantesca onda de alívio, junto com uma gigantesca onda de decepção. Se ela não estivesse lá, eu não teria como fazer o que tinha me proposto naquela noite, e isso seria bom. Mas ela *estava* lá e sorriu como se já nos esperasse.

– Ela está ali!

Bella gritou tão alto que as duas moças sentadas à mesa do canto olharam para nós. Elas tinham mais ou menos a minha idade: 22, 23 anos. Uma delas sorriu para mim, ficou corada de vergonha e desviou o olhar. Eu mal olhei para ela. Só enxergava a outra mulher, de 30 e poucos anos, sentada na cadeira de couro. Senti vontade de abraçá-la.

– Oi – cumprimentei, como se fosse um dia qualquer. – Tudo bem?

– Tudo. – Ela esticou a mão e fez um carinho no braço de Bella. – Bom dia, querida. Tudo bem?

– Nós comemos Tic-Tacs no café da manhã – revelou minha garotinha.

– Bem, vamos comer alguma coisa um pouquinho melhor aqui – falei, constrangido.

– Tic-Tacs? – perguntou Erin. – Estavam gostosos?

Bella assentiu com a cabeça e a franja caiu sobre seus olhos.

– Precisamos usar o banheiro, não é, Bell? – falei. Em seguida, olhei para Erin. – Você pode esperar um minutinho?

– Ah, não vou a lugar algum – retrucou ela.

– São para você. – Estendi as flores na direção dela e desejei tê-las amarrado com alguma coisa, mas com o quê? – Foi Bella que as colheu.

– Que lindas! – Ela pegou as flores da minha mão, cheirou-as e colocou-as sobre a mesa de centro. – Obrigada, Bella.

Vi um livro infantil sobre a mesa, ao lado das flores.

– Parece que a Srta. Erin tem um livro novo para ler para você – comentei, esperando que fosse verdade.

Um livro manteria minha filha ocupada enquanto eu… Eu nem conseguia pensar no assunto.

– Quero fazer xixi, papai – lembrou-me ela.

– Certo. – Peguei-a pela mão. – Voltaremos em um segundo – falei a Erin.

No banheiro, apressei-me em escovar os dentes dela, levá-la à privada e lavar seu rosto. Minhas mãos tremiam como se eu sofresse de *delirium tremens*, e tive de deixar Bella escovar os dentes praticamente sozinha. Mal consegui escovar os meus. Nem me dei ao trabalho de fazer a barba.

Quando voltamos, Erin havia colocado o livro no braço da cadeira.

– Acho que você vai adorar este aqui, Bella – disse ela.

Erin estendeu os braços para minha filhinha de 4 anos, que subiu em seu colo como se a conhecesse a vida inteira. *Obrigado, meu Deus*, pensei. O que eu iria fazer naquela noite era muito errado, mas saber que Erin fora colocada em meu caminho naquela semana me fazia pensar que talvez devesse mesmo acontecer.

– Vou pegar meu café e o nosso bolinho – falei. – Quer alguma coisa, Erin? – perguntei, como se pudesse mesmo comprar algo que ela pedisse.

– Não, obrigada. Pedi um suco de laranja para Bella.

Eu sabia – e soubera desde o primeiro dia – que ela gostava de estar perto de Bella, não de mim. Isso era ótimo. Na verdade, perfeito.

– Certo – respondi. – Obrigado.

Pedi meu café, um bolinho e um copo d'água para Bella. Quando fui pegar a água de cima do balcão, derramei tudo devido ao tremor das mãos.

– Desculpe!

Puxei uma montanha de guardanapos de papel e comecei a secar o balcão.

– Não se preocupe – disse Nando, o cara que me servia ali todas as manhãs.

Ele chamou uma funcionária para limpar a bagunça enquanto buscava outro copo d'água. Nando colocou o copo, o café e o bolinho sobre uma bandeja de papelão que eu levantei cuidadosamente e levei até a mesa.

Erin e Bella estavam absortas na história. Bella fazia perguntas e apontava para figuras no livro. Tinha apoiado a cabeça nos ombros de Erin e parecia meio sonolenta. O tal sonho durara a noite inteira, segundo ela me contara, e tínhamos acabado acordando tarde. Ela parecia tão destruída por fora quanto eu me sentia por dentro. Eu usaria uma parte do dinheiro que ganhasse naquela noite para levá-la a uma clínica para fazer alguns exames. Além de tudo, nos últimos dias a alimentação dela não fora exatamente saudável. Eu estava prestes a partir o bolinho ao meio para dividir com Bella, mas decidi lhe dar inteiro. De qualquer maneira, senti que não conseguiria comer nada.

Sentei-me no sofá, imaginando como coordenar o tempo. Eu não poderia esperar muito. Não tinha ideia de quando Erin sairia da cafeteria. Bebi um gole do café e tive a sensação de estar ingerindo ácido quando o líquido desceu pela minha garganta. *Você é um péssimo pai*, pensei.

Erin chegou ao final de um capítulo e disse que fariam um pequeno intervalo para Bella comer o bolinho.

– Venha sentar-se aqui para comer, para não sujar a Srta. Erin – falei para Bella.

– Ora, ela está bem aqui – retrucou Erin. – Só coloque a água em cima da mesa.

Obedeci, embora desejasse Bella ao meu lado naquele mesmo instante. Sim, estava satisfeito por vê-la feliz no colo de Erin e tudo o mais, mas queria abraçá-la. No entanto, eu a havia assustado, apertando sua mão com muita força quando atravessamos o estacionamento. Era melhor assim. Agora, precisava pensar em como sair com elegância. Eu não havia planejado muito bem essa parte. Talvez dissesse que precisava ir ao banheiro outra vez, mas elas me veriam se eu saísse do toalete e fosse embora.

– Então, você volta ao trabalho daqui a dois dias? – perguntei a Erin.

Eu precisava ter certeza de que ela não retornaria à farmácia antes disso. Torci para que eu tivesse calculado certo.

– Nem me lembre.

Ela esfregou as costas de Bella.

Minha filha tinha mirtilo preso nos dentes e fiquei aliviado por ter me lembrado de colocar a escova dela na bolsinha cor-de-rosa.

– Alguma vez você já se sentiu… hã… *tentada* por ficar perto de tantas drogas o tempo todo? – indaguei.

Por que diabo eu fiz uma pergunta dessas? Não sei. Nervos. Meus nervos estavam em frangalhos.

Erin me olhou como se eu fosse um sujeito repugnante.

– Nem um pouco. E, por favor, não me diga que você *ficaria* tentado.

Tentei sorrir.

– É claro que não. Não gosto dessas coisas. – Por que entrei em um assunto desses? Fiquei com medo que ela percebesse quão trêmulo eu estava e achasse que eu usava alguma droga. De repente, me veio à cabeça a solução para os minutos seguintes. – Tenho outra entrevista hoje – falei.

– Que bom! Você achou alguma coisa nos anúncios on-line?

– Não, um amigo me indicou. – Bati os dedos suados sobre as coxas. – Espero que esse dê certo.

– Ah, eu também, Travis. Imagino que seja na área de construção. É para uma empresa? Ou é residencial? Ou…

– Tenho os dados na van – respondi, ficando de pé. – Você pode olhar a Bella por um segundo para eu ir buscar? Quero lhe dar o endereço para ver se você me ensina o caminho até lá.

– Claro! – exclamou ela.

De repente, não consegui me mover. Eu queria levar Bella de volta ao banheiro e abraçá-la com muita força, mas tinha de me livrar daquela incumbência. Fazer o que fora combinado. Abaixei-me, dei um beijo na cabeça da minha filha e me afastei bem depressa. Para fora, do outro lado do estacionamento, para dentro da van. Depressa, depressa, depressa, antes que eu pudesse mudar de ideia. Virei a chave na ignição. Não podia deixar a van ali, onde Erin e Bella poderiam ver quando saíssem da cafeteria. Dirigi até o outro lado do estacionamento, quase batendo nos carros parados, pisando fundo no acelerador, o resto do mundo um borrão à minha frente e uma única palavra na cabeça.

Bella. Bella. Bella.

2

Travis

Seis semanas antes
Carolina Beach, Carolina do Norte

Sabe quando às vezes a felicidade parece explodir em cima de você, como se fosse um raio, surpreendendo-o tanto que você começa a rir bem alto? Era assim que eu me sentia enquanto trabalhava na moldagem do armário de cozinha daquela casa de frente para o mar. Eu já estava na área de construção havia quatro anos e sempre pensara naquele emprego como algo que detestava, mas que precisava fazer para colocar comida na mesa para mim, Bella e minha mãe. Porém, naqueles dias, empregos no ramo da construção não eram fáceis de conseguir, ainda mais em Carolina Beach, que não passava exatamente por uma fase próspera em termos de casas de alto padrão, embora o mar continuasse com o mesmo azul e a areia com o mesmo branco do restante da costa. Além disso, aquela cidade sempre seria o meu lar. O contramestre do meu último emprego havia me observado trabalhando na construção do prolongamento de um deque durante alguns dias e deve ter visto algo de bom em mim, pois me pediu para fazer um trabalho sob medida dentro da casa. Ele me ensinou coisas, como detalhes sobre a moldagem. Me treinou. Eu não sabia que estava aprendendo técnicas que, naquele fim de agosto, me fariam rir alto, quando percebesse que estava gostando do trabalho. Fiquei feliz por estar sozinho na cozinha e não ter de explicar minha reação a nenhum dos rapazes.

Eu estava na escada, trabalhando na moldagem, quando ouvi sirenes a distância. Muitas, porém bem longe, ecoando tão alto que

o barulho se sobrepunha ao das ondas do mar, mas não prestei muita atenção. Depois de algum tempo, elas se tornaram parte do ruído constante do oceano e continuei meu trabalho. Estava descendo a escada quando ouvi alguém correndo pelos degraus que levavam à sala de estar.

– Travis! – gritou Jeb, um de meus colegas de trabalho, ao entrar correndo na cozinha. Seu rosto estava vermelho e ele se curvou para a frente para recuperar o fôlego. – É a sua casa, cara! Está pegando fogo!

Deixei cair o martelo e corri pelas escadas.

– Elas estão bem? – perguntei, sem parar de correr.

– Não sei, cara. Só ouvi e corri para te con…

Nem ouvi o resto do que ele disse: quase escorreguei escada abaixo e só não caí porque segurei no corrimão. Minha cabeça estava a mil. Teria sido o quadro de distribuição de eletricidade da sala, que já estava todo ferrado? Ou uma daquelas velas aromáticas que minha mãe gostava de acender para tirar o cheiro de mofo da casa velha? Ou podiam ter sido os malditos cigarros dela, apesar de ela ser cuidadosa. Ela não era do tipo que adormecia enquanto fumava, ainda mais com Bella na casa.

Bella. Que merda! *Tomara que elas estejam bem*.

Corri para a minha van e, assim que a virei em direção à minha casa, vi a fumaça no céu. Era de um tom cinza-pálido, da cor de um incêndio que já acabara, e não preta, como se vê quando o fogo ainda arde, e isso me deu esperança. O cinza subia pelo céu e ficava preso em uma corrente de ar que planava na direção do continente. Percorri os quase 5 quilômetros até minha casa em exatamente três minutos.

Havia dois carros de bombeiros, duas viaturas de polícia e uma ambulância em frente aos restos carbonizados da pequena casa onde eu vivera durante os últimos oito anos e que nunca mais seria o meu lar. Naquele momento, não me importei. Pulei para fora da

van e saí correndo na direção da ambulância. Ridley Strub, um policial que eu conhecia desde criança, quando frequentamos a mesma escola, apareceu não sei de onde e me agarrou pelo braço.

– Eles levaram sua mãe para o hospital – explicou. – Bella está na ambulância. Ela vai ficar bem.

– Me solte!

Desvencilhei-me da mão dele e corri para a porta aberta da ambulância, então pulei para dentro sem esperar ser convidado.

– Papai!

O grito de Bella foi abafado por uma máscara de oxigênio, mas foi forte o suficiente para eu saber que ela estava bem. Sentei-me na beirada da maca e a puxei para meus braços.

– Você está bem, querida. – Minha garganta estava tão apertada que *querida* saiu como um sussurro. Vi a paramédica, uma moça de uns 20 anos. – Ela está bem, não está? – perguntei.

– Está ótima – respondeu ela. – Só precisa de um pouquinho de oxigênio como precaução, mas…

– Podemos tirar a máscara? – indaguei.

Eu queria ver o rosto dela. Verificar se alguma coisa não estava bem. Queria ter certeza de que o único mal que ela sofrera havia sido o medo. Percebi que Bella segurava sua ovelhinha de pelúcia com toda a força debaixo do braço e, no piso da ambulância, vi sua bolsinha cor-de-rosa. Os dois objetos que ela sempre tinha por perto.

– Quero tirar isto, papai!

Bella segurou na beira da máscara de plástico, no ponto onde o objeto pressionava a bochecha. Soluçou, como sempre fazia quando chorava.

A paramédica inclinou-se e tirou a máscara do rosto da menina.

– Vamos manter o monitor de oxigênio no dedinho dela para ver como ela se sai – falou.

Passei as mãos pelos cabelos castanhos da minha filha. Dava para sentir o cheiro da fumaça nela.

– Você está bem – afirmei. – Perfeita.

Ela soluçou novamente.

– Vovó caiu no meio da sala. Estava saindo fumaça pela janela.

– Ora, isso deve ter sido muito assustador – respondi.

Minha mãe tinha caído? Lembrei-me de Ridley dizendo que ela estava no hospital. Olhei de novo para a moça. Ela estava verificando algum monitor instalado acima da maca.

– Minha mãe. Ela está bem? – perguntei.

A paramédica olhou em direção às portas abertas e não pude deixar de perceber o alívio em seu rosto quando ela viu Ridley subindo na ambulância. Ele colocou uma das mãos no meu ombro.

– Preciso falar com você um instante, Trav.

– O que houve?

Não tirei os olhos de Bella, que estava agarrada à minha mão como se nunca mais fosse soltá-la.

– Venha aqui fora comigo – pediu ele.

Mamãe. Eu não queria sair dali com ele. Não queria ouvir o que ele tinha a dizer.

– Pode ir – falou a paramédica. – Eu fico aqui com Bella.

– Papai! – Minha filha agarrou minha mão com mais força quando percebeu que eu estava me levantando. – Fique aqui!

Ela começou a lutar para sair da maca, mas eu a segurei pelos ombros e olhei em seus olhos acinzentados.

– Você precisa ficar aqui. Eu volto rapidinho – garanti.

Eu sabia que ela ficaria. Bella sempre fazia o que eu mandava. Bem, quase sempre.

– Quantos minutos? – quis saber ela.

– No máximo cinco – prometi, olhando para o meu relógio.

Eu jamais havia deixado de cumprir uma promessa feita a ela. Meu pai jamais deixara de cumprir uma promessa feita a mim e eu lembro como era bom saber que podia confiar nele em qualquer situação.

Inclinei-me para abraçá-la e dei-lhe um beijo no alto da cabeça. O cheiro de fumaça quase queimou meus pulmões.

Do lado de fora da ambulância, Ridley me levou a um canto do terreno ao lado, longe dos carros de bombeiro e de todos os que pararam para ver a tragédia alheia.

– É sobre a sua mãe – começou ele. – O vizinho disse que ela estava do lado de fora pendurando as roupas no varal quando o fogo começou e se espalhou como… se espalhou muito depressa. Ela entrou correndo para tirar Bella e então… ou sufocou com a fumaça ou teve um ataque do coração. De qualquer maneira, ela caiu e…

– Ela está bem?

Eu queria que ele fosse direto ao ponto.

Ridley balançou a cabeça negativamente.

– Eu sinto muito, Trav. Ela não resistiu.

– Não resistiu?

As palavras não estavam fazendo muito sentido para mim.

– Ela morreu a caminho do hospital.

Ridley levantou a mão para colocá-la sobre meu braço, mas desistiu. Era como se ele apenas a tivesse aproximado de mim para o caso de minhas pernas começarem a perder as forças.

– Não entendi – retruquei. – Bella está bem. Como ela pode estar bem e minha mãe ter morrido?

Minha voz começou a subir de tom e as pessoas se viraram para me olhar.

– Sua mãe a salvou. Eles acham que ela caiu e que Bella foi esperta o suficiente para sair da casa, mas sua mãe estava…

– Merda!

Eu me afastei dele. Olhei para o relógio. Quatro minutos. Voltei para a ambulância e entrei.

– Papai! – exclamou Bella. – Quero ir para casa.

Mordi o interior da boca para conseguir não chorar.

– Uma coisa de cada vez, Bell – falei. – Primeiro precisamos ter certeza de que seus pulmões estão bem.

E depois? E *depois*? Para onde iríamos? Bastava uma olhada na casa para saber que tudo o que possuíamos fora perdido. Fechei os olhos, imaginando minha mãe correndo para dentro da casa, atravessando a fumaça e as chamas para encontrar Bella. Graças a Deus por isso, mas Deus fizera um trabalho pela metade dessa vez. Torci para que ela estivesse inconsciente quando caiu, para que nem tenha percebido que estava morrendo. *Por favor, meu Deus, por favor*.

– Quero ir para casa! – choramingou Bella outra vez, a voz soando alta no minúsculo espaço da ambulância.

Eu a segurei pelos ombros e olhei no fundo de seus olhos.

– Nossa casa foi queimada pelo fogo, filha – expliquei. – Não podemos voltar. Mas nós vamos para outra casa. Temos muitos amigos, não é mesmo? Nossos amigos vão nos ajudar.

– Tyler? – perguntou ela.

Era o garoto de 5 anos que morava algumas casas à frente da nossa. A inocência dela partiu meu coração.

– *Todos* os nossos amigos – respondi, na esperança de não estar mentindo.

Nós iríamos precisar de todos.

Percebi no rosto dela algo que jamais vira. Como aquilo acontecera? Ela faria 4 anos dali a duas semanas e, de uma hora para a outra, parecia ter deixado de ser criança e se tornado uma adulta em miniatura. Em sua fisionomia, vi a menina em que ela se

transformara. Vi Robin. Eu sempre notara traços da mãe nela – as ruguinhas ao lado dos olhos quando ela ria. Os lábios ligeiramente virados para cima, deixando-a com uma aparência sempre feliz. As bochechas rosadas. Mas agora, de repente, havia mais do que apenas traços, e fiquei abalado. Puxei-a contra o meu peito, repleto de amor pela mãe que perdera naquela tarde e pela menininha que eu abraçaria para sempre – e talvez, lá no fundo, onde minha raiva não podia atingir, pela adolescente que, tanto tempo antes, me excluíra de sua vida.

3

Robin

Beaufort, Carolina do Norte

James e eu nos levantamos quando Dale entrou na sala de espera. Dale parecia ter uma espécie de magnetismo e, é claro, as outras sete pessoas que estavam ali sentadas viraram-se para olhá-lo enquanto ele caminhava ao nosso encontro. Certamente, elas teriam sido atraídas na direção dele se não tivessem se segurado nos braços das cadeiras. Esse era o tipo de atração que ele despertava nos outros. Exerceu esse poder sobre mim no instante em que nos conhecemos.

Dale sorriu para mim e me deu um beijo rápido no rosto. Em seguida, apertou a mão do pai dele, como se não o tivesse visto em casa poucas horas antes.

– Como ela está? – perguntou ele em voz baixa, olhando para mim, depois para o pai e de novo para mim.

– Oito centímetros – respondi. – Sua mãe está com ela. Alissa está péssima, mas a enfermeira disse que ela está se saindo muito bem.

– Coitadinha – falou Dale.

Então pegou minha mão e nós três nos sentamos nas cadeiras enfileiradas. À nossa frente, uma mulher e um homem mais velhos cochicharam um com o outro e apontaram em nossa direção, e eu logo soube que haviam nos reconhecido. Tive apenas um segundo para imaginar se eles se aproximariam de nós antes de ver a mulher levantar, passar a mão pelos cabelos grisalhos cuidadosamente penteados e dirigir-se até onde estávamos.

O olhar dela estava focado em James.

– Prefeito Hendricks – disse ela, sorrindo.

James logo se levantou e tomou as mãos da mulher nas dele.

– Eu mesmo – confirmou. – E a senhora é…?

– Mary Wiley, apenas uma de suas eleitoras. Nós… – ela olhou por cima do ombro para o homem, provavelmente seu marido – … nós temos sentimentos conflitantes em relação à sua aposentadoria. A única coisa boa é que seu filho vai assumir o seu lugar.

Dale já estava de pé, abrindo aquele sorriso que fazia todos se sentirem especiais. Uma vez, pensei que esse gesto fosse apenas para mim, mas logo me dei conta de que era para cada uma das pessoas que ele conhecia.

– Bem, espero que seja esse o caso – respondeu ele, com modéstia. – Pelo visto, posso contar com o seu voto.

– E com o voto de todo mundo que eu conheço – acrescentou ela. – Na verdade já está decidido, não é? Quero dizer, Dina Pingry? Ela não tem nenhuma chance.

A mulher revirou os olhos ao mencionar a oponente de Dale, uma mulher influente no mercado imobiliário de Beaufort. É claro, as pessoas com quem nos relacionávamos eram todas eleitoras dos Hendricks, portanto era fácil esquecer que Dina tinha os próprios admiradores, que a apoiavam com fanatismo. Mas James era prefeito daquela cidadezinha à beira-mar havia vinte anos, e passar a coroa para o filho, um advogado de 33 anos, parecia inevitável. Pelo menos para nós.

– Só está decidido depois que termina, Sra. Wiley – argumentou Dale. Ele era tão bom para lembrar nomes! – Eu preciso de cada voto, então prometa que vai se apresentar para votar no dia da eleição.

– Ah, nós trabalhamos no comitê – respondeu ela, acenando com a cabeça na direção do marido. – Nunca perdemos uma

eleição. – Nesse momento, ela finalmente olhou para mim, ainda entre os dois homens. – Vocês, meus queridos, vão ter o casamento da década, não é mesmo?

Eu não me levantei, mas apertei a mão que ela me estendeu e lhe ofereci meu próprio sorriso – aquele que logo aprendi a manter em público. Ele me veio com bastante naturalidade. Segundo Dale, foi isso que o atraiu em mim: eu estava sempre sorrindo. Para mim, foram os olhos cinzentos dele. Quando vi aqueles olhos, a expressão “amor à primeira vista” finalmente fez sentido.

– Tenho muita sorte – falei, e Dale colocou a mão em meu ombro.

– Eu é que tenho sorte – retrucou ele.

– Bem, estamos esperando que nossa filha dê à luz o seu terceiro filho. – A mulher gesticulou na direção das portas duplas que levavam às salas de parto. – E imagino que vocês estejam esperando Alissa…?

Ela não terminou a frase, mas levantou as sobrancelhas para ver se estava certa. É claro que sim. Alissa era a filha dos Hendricks, que mal acabara de completar 17 anos, minha futura cunhada, um exemplo de responsabilidade. A família conseguira transformar o que poderia ter sido um escândalo em algo positivo, apoiando publicamente a filha solteira e grávida. Eu já percebera que eles não tinham o costume de esconder muitas coisas. Ao contrário: capitalizavam o negativo. Para as pessoas de fora, suas atitudes demonstraram um apoio incondicional, mas eu conhecia a família por dentro, e nada nela era tão auspicioso.

– A Sra. Hendricks está com ela – explicou James à mulher. – De acordo com as últimas notícias, ela está indo muito bem.

Em público, ele sempre chamava Mollie, sua esposa, de Sra. Hendricks. Uma vez, pedi a Dale que não fizesse o mesmo comigo depois de casados. Na verdade, eu preferiria manter meu

sobrenome de solteira, Saville, mas isso não acontecia no mundo dos Hendricks.

– Bem – disse a mulher –, agora vou deixar os três em paz. Com um bebê dentro de casa, esses são os últimos momentos de paz que vocês terão por um bom tempo. Podem acreditar.

– Estamos aguardando esse caos com muita ansiedade – comentou Dale. – Muito prazer em vê-la, Sra. Wiley.

Dale curvou a cabeça em sinal de reverência e ele e o pai se sentaram outra vez, enquanto a mulher retornava ao seu lugar.

Eu estava cansada e com vontade de descansar a cabeça no ombro de Dale, mas achei que ele não gostaria que eu fizesse isso ali, em público. *Em público* eram palavras que eu ouvia o tempo todo de algum membro da família Hendricks. Eu estava sendo treinada para me tornar um deles. Acho que eles começaram a me treinar no instante em que os conheci, dois anos antes, quando me candidatei à vaga de subgerente Taylor's Creek, no fim da Rua Front, que seguia pela orla. Consegui me sair tão bem que, agora, era a gerente. Eu conhecera os três na sala da casa dos Hendricks, uma mansão branca de dois andares que ficava bem ao lado da pousada, que era quase idêntica, com o mesmo estilo arquitetônico da época da Rainha Ana. Mais tarde, eles me disseram que sabiam que eu era a pessoa certa para o emprego no instante em que entrei, apesar de eu mal ter completado 20 anos e de não ter nenhuma experiência em mais nada a não ser sobreviver. "Você era muito mais jovem do que esperávamos", Mollie me disse depois, "mas era uma pessoa extrovertida, cheia de entusiasmo, que exalava autoconfiança. Após a entrevista, quando você saiu da sala, nós nos entreolhamos e logo soubemos. Peguei o telefone e cancelei todas as entrevistas que havíamos marcado com outros candidatos."

Mais tarde, eu me perguntei se os três já sabiam que eu me tornaria um deles. Se desejaram isso. Acho que sim. Fora

interessante ter aquela acolhida tão calorosa. Eu estava apenas começando a me conhecer de verdade. A viver. Apenas um ano antes, eu me submetera a um transplante de coração e ainda estava aprendendo que podia confiar em meu corpo, que podia subir escadas, caminhar um quarteirão inteiro e pensar no futuro. Se eu estava sempre sorrindo, esse era o motivo. Estava viva e era grata por cada segundo que me havia sido dado. Agora, eu estava vivendo esse futuro. No entanto, havia momentos em que eu tinha a sensação de que minha vida estava tão fora do meu controle quanto no tempo em que estava doente. “Todo mundo se sente assim”, ouvi de minha melhor amiga, Joy. “Totalmente normal.” Eu tinha tão pouca experiência com o “normal” que só me restava torcer para que ela tivesse razão.

Mollie atravessou as portas duplas e chegou à sala de espera. Ela não estava sorrindo e, de repente, temi por Alissa. Dessa vez, fui eu a pessoa a levantar.

– Está tudo bem? – perguntei.

Eu amava Alissa. Ela era tão real… Tinha sempre os pés no chão. Era cinco anos mais nova que eu, mas eu sentia que tínhamos uma enorme afinidade espiritual, de maneiras que só eu compreendia verdadeiramente.

– Está quase na hora – disse Mollie –, mas ela quer *você* ao lado dela. – Ela olhou para mim. – Você quer entrar?

– Eu?

Desde o começo, o plano era que Mollie ficasse na sala de parto com a filha.

– Ela quer você, querida.

Minha futura sogra parecia cansada.

Dale se levantou e colocou a mão em minhas costas.

– Tudo bem por você? – perguntou-me, em voz baixa.

Ele era sempre protetor em relação a mim. Às vezes eu gostava disso, mas em outras ocasiões essa postura me fazia lembrar meu pai, que sempre me afastara do mundo.

– Claro – concordei.

Eu não era estranha a hospitais, embora uma sala de parto fosse um território desconhecido. Eu tinha a esperança de que, um dia, pudesse seguir a carreira médica, embora Dale tivesse dito que eu nunca precisaria trabalhar se não quisesse. Minha única hesitação em ficar com Alissa era assumir um papel que pertencia, claramente, a Mollie.

– Eu mostro onde é – ofereceu Mollie, em seguida me conduziu através da sala de espera e das portas duplas até um corredor. Então apontou para uma entrada. – Só segure a mão dela. Fique a seu lado. Ela está cansada de mim.

Mollie sorriu de um jeito que me fez entender que ela estava um pouco magoada por Alissa querer a mim em vez da mãe.

Ouvi a voz de Alissa no segundo em que abri a porta. Ela estava recostada, ofegante, um olhar de concentração intensa, e logo percebi que ela estava no meio de uma contração.

– Robin! – conseguiu articular quando recuperou o fôlego.

Seu rosto estava vermelho e suado, a testa franzida de dor.

– Estou aqui, Ali – respondi. Uma das enfermeiras acenou na direção de um banquinho ao lado da cama. Eu me sentei e tomei uma das mãos de Alissa entre as minhas. Eu não sabia muito bem o que dizer. “Como está se sentindo?” pareceu-me uma pergunta ridícula. Estava bem claro como ela estava se sentindo, então eu apenas reiterei minhas próprias palavras: – Estou aqui.

Alguém me entregou uma toalha de rosto úmida e fria e eu a pressionei na testa de Alissa. Alguns cachos de seus cabelos castanho-avermelhados ficaram colados a seu rosto e seus olhos escuros estavam vermelhos.

– Não aguentava mais minha mãe – disse entre dentes e então soltou um gemido alto e longo.

Observei os monitores do outro lado da cama. As batidas do coração do bebê estavam rápidas. Será que deviam estar mesmo tão aceleradas?

– Acho que ela não se importou – menti.

– Eu a estou odiando neste instante. Odiando a todos. Todos da minha família estúpida. Menos você.

– Shh – falei, puxando o banquinho para mais perto dela.

Perguntei a mim mesma se as enfermeiras que ajudam nos partos são obrigadas a manter a confidencialidade do que ouvem. Imaginei que deviam escutar todo tipo de fofoca. A última coisa que Dale precisava que o mundo soubesse naquele momento era que nem tudo estava bem com a família mais importante de Beaufort.

– *Will* deveria estar comigo – sussurrou Alissa. – É assim que deve ser. Não desse jeito.

Fiquei surpresa. Will Stevenson estava totalmente fora de cena e eu achava que Alissa havia, enfim, concordado com isso. Ele tinha criado uma confusão enorme, que a família Hendricks fora obrigada a contornar, mas agora não era hora de começar uma discussão com ela sobre o assunto. Eu nunca conheci Will. Alissa mantivera a relação em segredo, até mesmo de mim, e tive de admitir que fiquei magoada quando descobri. Achava que éramos mais próximas. Mas ela me fizera um favor. Eu não queria sentir que estava escondendo algo de Dale – pelo menos não mais do que tudo o que já escondia.

Ela teve mais uma contração e quase quebrou meus dedos de tanto apertá-los. Os batimentos cardíacos do bebê desaceleraram no monitor e olhei nervosamente para as enfermeiras, tentando avaliar se havia algo errado, mas ninguém além de mim parecia preocupado.

– Esse bebê vai arruinar a minha vida! – exclamou Alissa, quase gritando, quando a contração chegou ao fim.

– Shh – insisti. Não era a primeira vez que eu a ouvia dizer aquilo e fiquei preocupada. Se Alissa pudesse agir à sua maneira, teria dado a criança para adoção, mas os pais dela nunca aceitariam. – Você vai amá-lo muito – afirmei, como se tivesse algum conhecimento sobre essas coisas. – Vai dar tudo certo. Você vai ver.

~

Uma hora depois, Hannah nasceu e eu vi minha futura cunhada mudar de um guerreiro que gritava, lutava e resfolegava para uma menina de 17 anos dócil e exausta. O médico colocou a pequena recém-nascida sobre a barriga da mãe, mas Alissa não a tocou nem a olhou. Em vez disso, virou a cabeça para o outro lado e eu percebi duas das enfermeiras trocando olhares. Eu tive vontade de tocar no bebê. Como Alissa podia não desejar o mesmo?

Uma das enfermeiras levou Hannah para um canto da sala, para limpá-la, e eu aproximei os lábios dos ouvidos de Alissa.

– Ela é linda, Ali. Espere até você dar uma boa olhada nela.

Mas Alissa nem sequer olhou para mim e, enquanto eu enxugava seu rosto com a toalha, fiquei em dúvida se o que eu estava secando era suor ou lágrimas.

A enfermeira trouxe a criança de volta para o lado da cama.

– Está pronta para segurá-la? – perguntou a Alissa, que fez um leve sinal negativo com a cabeça.

Mordi os lábios.

– Que tal você, titia? – sugeriu a enfermeira. – Quer carregá-la?

Olhei para a enfermeira.

– Claro – respondi, e pendurei a toalha de rosto na barra de metal da cama.

Estendi os braços e a mulher me deu a pequena Hannah, leve como uma pena. Olhei para aquele rosto minúsculo e perfeito e senti a mais estranha das emoções tomar conta de mim. Algo que invadiu meu corpo e deixou um nó em minha garganta. Eu quase nunca havia comparado a gravidez de Alissa à minha. Aquela negação era fácil, uma vez que eu bloqueara em minha mente grande parte de minha própria experiência. O bebê que eu tive não existia para mim. Mas, de repente, segurando aquele anjinho lindo, pensei: *Esta é a parte que perdi*. Aquela era a parte que eu jamais percebera que me fazia falta e que ninguém nunca deveria saber que eu perdera. Enquanto pousava os lábios sobre a testa do bebê, chorei as primeiras lágrimas pelo vazio que havia em meu coração.

4

Erin

Raleigh

Michael colocou uma das caixas sobre o balcão de granito de minha pequena cozinha nova. Através da janela acima da pia, pude ver o sol desaparecer por trás das nuvens cor de poeira. O céu logo estaria inaugurando mais uma tempestade de fim de verão. Fiquei feliz por ver todas as caixas dentro de casa antes que a chuva começasse.

– Esta é a última – disse Michael, esfregando as mãos para limpá-las. Ele entrou na sala de jantar adjacente e olhou pela janela, com um suspiro. – Você está bem longe de tudo por aqui – comentou.

Eu sabia o que ele estava enxergando por aquela janela: o enorme shopping center de Brier Creek. Inúmeras megalojas e restaurantes de todas as cadeias que se poderia imaginar. Bem diferente de onde eu estava.

– Não é tão longe assim – retruquei, embora estivesse a quase 25 quilômetros de nossa casa, em Raleigh, na área de Five Points.

– Você não conhece ninguém por aqui. Não estou entendendo.

– Eu sei que não está. Não faz mal. É o que eu quero, Michael. O que preciso neste momento. Obrigada por… por sua compreensão.

Ele olhou pela janela mais uma vez. A luz acinzentada brincava em seus cabelos castanhos, a mesma tonalidade dos meus se não os tivesse clareado. A cor que as raízes tinham agora. Já passara da hora de retocar a tintura, mas eu não me importava.

– Deixe que eu venha morar aqui no seu lugar – disse ele, de súbito.

– Você?! – exclamei, franzindo a testa. – Por quê?

– É que… – Ele virou a cabeça para me olhar. – Não gosto de pensar em você num lugar como este. Você trabalhou tanto na casa… Seu lugar é lá.

– Aqui está tudo ótimo – retruquei. – Pelo amor de Deus, é tudo novinho.

Fiquei profundamente comovida; ele ainda me amava tanto que estaria disposto a morar naquele apartamento pequeno e sem graça para que eu não precisasse fazê-lo. Mas ele não entendera. Eu não poderia continuar em nossa casa. Sentia a ausência de Carolyn por toda parte naquele lugar. O quarto dela, no qual eu não entrara uma única vez naqueles quatro meses após sua morte, escarnecia de mim do outro lado da porta fechada. Michael sugerira que transformássemos o quarto dela em uma sala de ginástica! Era como se ele quisesse apagar Carolyn de nossas vidas. Ele achava o apartamento deprimente. Eu o considerava seguro, distante de minha existência anterior. Minha vida com Carolyn. Com os amigos e seus filhos, de quem eu não conseguia mais me aproximar. Com os conhecidos com quem eu não era mais capaz de encontrar. Com o marido que eu sentia não mais conhecer. Acho que meus amigos não queriam estar comigo tanto quanto eu não queria estar com eles. Todos foram maravilhosos no começo, mas, agora, não sabiam o que dizer. Eu era um horror para eles, uma lembrança de como suas vidas poderiam mudar em um segundo.

– O que vou dizer às pessoas? – indagou Michael. – Que nós estamos separados? Que estamos nos divorciando? Como vou explicar a elas que você saiu de casa?

– Diga o que achar melhor.

Eu não me importava com o que as pessoas diriam. Costumava me importar, mas agora tudo era diferente. No entanto, *Michael* se

importava, e essa era a diferença entre nós. Ele ainda vivia a nossa vida antiga, em que a opinião dos outros tinha valor e na qual ele queria encontrar um caminho de volta à normalidade. Eu já desistira dela. Não me importava com a normalidade. A reação de Judith, minha terapeuta, quando eu lhe disse? “Isso é normal”, decretou, e a antiga Erin teria achado graça, mas eu era uma pessoa que não ria mais.

Michael apontou para uma das caixas sobre um banco, perto do balcão da cozinha.

– Essa aí diz *quarto*. Vou levar até lá para você.

– Ótimo. Obrigada.

Eu o observei levantar a caixa. Eu costumava adorar seus braços, talvez mais do que qualquer outra parte de seu corpo. Ele se exercitava todos os dias e seus membros superiores eram inegavelmente sarados. Michael era aquela rara combinação de cérebro e músculos. “Um nerd com um corpo maravilhoso”, uma amiga comentara certa vez, enquanto observávamos nossos maridos brincando com nossos filhos na piscina da casa de alguém que não me lembro quem era. Observando-o agora, porém, não senti nada.

Caminhei os poucos passos que me separavam das janelas da sala e olhei para a paisagem desconhecida e tranquilizadora. Não havia absolutamente nada que me lembrasse de minha linda e alegre filhinha. “Você quer fugir”, dissera Judith quando eu contei sobre meus planos de alugar o apartamento. Não havia nenhuma acusação na afirmação, embora eu soubesse que ela não gostava muito da ideia. Mas ela não me fez um sermão como o de Michael. “Você pode fugir de casa”, ele afirmou, “mas não pode fugir do que está dentro de sua cabeça.” Eu quis bater nele por falar isso. Estava cansada de seus conselhos e de suas críticas sobre o meu modo de lidar com o luto. Não importava que eu também achasse o jeito dele absurdo. Eu tinha questões profundas que ele simplesmente não

podia entender. Questões místicas. Eu veria Carolyn outra vez? A alma dela estaria em algum lugar? Eu a sentia perto de mim. Ouvia sua voz algumas vezes. Quando perguntei a ele se também sentia, ele respondeu “Claro”, de uma forma que percebi que não era verdade.

Michael entrou na sala e parou ao meu lado, na janela. Colocou os braços ao redor de meus ombros e senti a natureza hesitante de seu toque. Ele não sabia mais o que eu aceitaria e o que rejeitaria. Judith tentara me fazer sentir alguma solidariedade por ele, mas eu estava ocupada demais sendo solidária comigo mesma. Não tinha energia para prestar atenção às necessidades de Michael. Ele havia se transformado em alguém que um dia eu amara, mas que agora não conseguia mais entender. E sabia que ele poderia dizer o mesmo a meu respeito.

– Estou preocupado com você – disse ele.

Seu braço ficou pesado sobre meus ombros.

– Não fique.

– Acho que é um erro permitir que você faça isso.

– Permitir? – Afastei-me dele e caminhei em direção ao sofá. Era um móvel firme, porém sem conforto, totalmente diferente do sofá enorme e aconchegante que tínhamos em casa. – Quem você é? Meu pai?

– Quando você vai voltar ao trabalho?

– Se você me fizer essa pergunta mais uma vez…

Balancei a cabeça demonstrando minha frustração. Eu já tentara voltar ao trabalho. Fiquei metade do dia. Cometi um erro em uma prescrição de medicamento que poderia ter custado a vida de uma pessoa e tirei o jaleco, entreguei o pedido a outro farmacêutico e saí do edifício sem olhar para trás.

– Você vai ficar sentada aqui neste… – ele abriu os braços para abarcar o conjunto de sala de estar/sala de jantar/cozinha – … neste

lugar e se remoer. E isso me assusta, Erin.

Ele me encarou e eu vi a preocupação em seus olhos. Tive de desviar o olhar. Concentrei-me em minhas mãos, que estavam pousadas nas coxas.

– Vou ficar bem – garanti.

– Você precisa parar de relembrar cada detalhe do jeito que está fazendo – insistiu ele, como se já não tivesse falado a mesma coisa vinte vezes. – Precisa parar com os "e se". *Aconteceu*. Você tem que começar a aceitar isso.

Eu me levantei de imediato.

– Está na hora de você ir embora – falei, caminhando em direção à porta. Eu havia me mudado para aquele apartamento para me livrar exatamente daquilo. – Muito obrigada por me ajudar. Sei que foi difícil para você.

Ele me lançou um último olhar de frustração antes de se encaminhar até a saída. Eu o segui e abri a porta para ele, que se abaixou para me abraçar.

– Você me odeia? – sussurrou nos meus cabelos.

– É claro que não – murmurei, embora houvesse momentos em que eu o odiasse de verdade.

Eu podia afirmar, com toda a honestidade, que ele era o único homem que eu amara e, se alguém tivesse dito que um dia nossa relação desmoronaria daquela maneira, eu teria respondido que essa pessoa não nos conhecia direito. Mas ali estávamos nós, totalmente arruinados.

Abri a porta e ele parou na entrada.

– Até logo – falei. Comecei a fechar a porta atrás dele, mas senti uma súbita onda de pânico e a abri de novo com um puxão. – Não toque no quarto dela – exigi.

Ele não se virou. Apenas acenou com a mão para eu saber que me ouvira. Eu sabia que ele estava sofrendo – provavelmente muito.

Mas também tinha certeza que ele conseguiria lidar com a dor. Inventaria algum videogame novo ou trabalharia em algum projeto de reparo. Se perderia em alguma atividade. Sem dúvida não ficaria se *remoendo*. Nem saberia como fazer isso. Eu já sabia o que iria acontecer. Não era deliberado. Apenas acontecia. Minha mente começaria em algum lugar, como uma lista de compras, e, antes que eu me desse conta, estaria repassando cada detalhe do que ocorrera, como se estivesse relatando a história para alguém. Para quem eu contava tudo dentro da minha cabeça? Eu precisava reviver os detalhes daquela noite da mesma maneira que uma pessoa obsessiva-compulsiva tinha que lavar as mãos a todo instante. Algumas vezes eu sentia que estava louca e me forçava a pensar em outras coisas, mas, no instante em que baixava a guarda, voltava ao mesmo ponto.

Era por isso que eu amava o grupo Pai e Amigos de Harley, que descobri na internet. Começou com o pai de uma menina de 8 anos, Harley, que morrera em um acidente de bicicleta, e era frequentado por inúmeros pais enlutados que eu nunca vira pessoalmente, mas que tinha a sensação de conhecer melhor do que qualquer outra pessoa. Melhor do que conhecia Michael. Eles entendiam a minha necessidade de reviver repetidas vezes o que acontecera. Entendiam a *mim*. Eu passava horas com essas pessoas, todos os dias, lendo sobre suas lutas e compartilhando as minhas. Na verdade, eu chegava a amar alguns daqueles pais. Eu nem sabia como era a aparência da maioria deles, mas começava a considerá-los meus melhores amigos.

Portanto, agora eu me encontrava a salvo. Estava criando meu próprio mundo, em um novo bairro, com novos amigos no grupo e um novo apartamento. Virei-me de frente para a sala de estar, pensando que era “meu refúgio”. Mas, em vez dos móveis insípidos e do espaço exíguo, vi um céu da cor de veludo negro e a longa e iluminada faixa do píer Stardust, e soube que, por mais que eu

corresse de casa, aquela noite terrível estaria sempre, sempre comigo.

5

Travis

Bella corria na minha frente na praia e eu olhava as solas de seus pés cobertas de areia, brilhando à luz do sol. O feriado do Dia do Trabalho havia passado e a praia era praticamente só nossa. Os cabelos castanhos de Bella esvoaçavam atrás dela como se fossem uma bandeira e sua bolsinha cor-de-rosa batia contra seu corpo enquanto ela corria. Ela parecia tão livre… Desejei que pudesse sempre se sentir como naquele segundo. Livre e feliz. Tinha sido por isso que eu a levara à praia, para que ela corresse e fosse criança. Os restos de minha antiga casa ficavam perto da praia e eu costumava levá-la até ali quase todos os dias, mas não aparecíamos havia tempos, desde o incêndio, e Bella tinha se tornado uma menininha totalmente séria e confusa. Parecida com seu pai totalmente sério e confuso. Nossas vidas viraram uma merda de uma hora para outra. Eu não queria que ela soubesse disso. Não queria que tivesse medo, nunca. Mas ela não era boba. Tinha noção de que tudo havia mudado.

Estávamos hospedados na casa de Franny, uma das amigas da igreja que minha mãe frequentava, mas não era bom. Havia uma multidão de netos correndo para dentro e para fora da casa e um monte de gatos, aos quais Bella parecia alérgica, e era fácil perceber que ela nos acolhera porque era a atitude cristã a ser tomada, mas que nós estávamos atrapalhando. Bella e eu dividíamos o colchão deformado de um sofá-cama e eu tinha a sensação de que éramos mordidos por pulgas no meio da noite, mas não podia falar nada a respeito. Não tínhamos muitas outras ofertas e cerca de três vezes por dia Franny me perguntava se eu já

tinha encontrado um lugar para morar. Eu encontrara – uma porcaria de um trailer que ficava em uma fila de outros trailers ao longo da estrada. Não passava de uma lata de sardinha de um só cômodo que uma boa tempestade provavelmente faria voar pela rua, mas teria de servir. Havia uma cama de casal, na qual eu deixaria Bella dormir, e um futon com o qual eu ficaria. Eu achava que não havia problema em crianças dormirem com os pais, mas os livros que li desaconselhavam esse costume a partir dos 3 anos. Bella dormia muito bem em seu próprio quarto, em nossa casa. Na casa de Franny, porém, não tínhamos muitas opções e, de qualquer forma, minha filha precisava de mim por perto, assim como eu dela.

Se Bella me perguntasse mais uma vez quando vovó iria voltar, eu não saberia o que fazer. Eu dissera que vovó estava no céu e tinha de ficar lá, então ela ficara preocupada, temendo que alguém a estivesse mantendo trancada em um quarto ou algo parecido. Então eu expliquei sobre Deus e como o céu era um lugar bom, mas fiquei com medo de passar a mensagem de que morrer era uma coisa boa, e eu não queria que ela começasse a pensar que deveria morrer. Depois, ela começou a me perguntar se eu iria para o céu e a abandonaria. Franny me disse que eu estava pensando demais na situação e complicando-a ainda mais. Ela explicou a Bella que “a vovó foi dormir no céu, com Jesus, e quando você for uma senhora bem velhinha, vai poder se encontrar com ela”, o que pareceu satisfazer minha garotinha, ou pelo menos foi o que eu pensei, até uma hora mais tarde, quando ela quis saber: “Podemos visitar a vovó no céu hoje?”

Cara, como eu gostaria que pudéssemos.

Minha mãe nunca foi perfeita. Ela fumava, sofria de diabetes, estava muito acima do peso e não se cuidava, mas amava Bella e adorava tomar conta dela enquanto eu trabalhava. Acabei descobrindo que o incêndio fora causado por algum mau funcionamento na fiação atrás do fogão, ou seja, não era nada pelo

que eu pudesse culpar minha mãe, o que me deixou aliviado. Eu não queria sentir raiva dela agora. Não queria que esse fosse meu último sentimento em relação a ela. Em vez disso, eu me sentia grato. Ela dera a vida por Bella. Eu não conseguia imaginar minha mãe, gorda e com dificuldades de respirar, correndo para dentro da casa em chamas para salvá-la. “Deus estava agindo através dela”, disse o padre no dia do funeral, e embora meu relacionamento com Deus nunca tivesse sido dos mais harmoniosos, gostei desse pensamento. E era a ele que eu me agarrava.

Eu nunca percebera quão dependente estava de minha mãe. Agora eu era o porto seguro de Bella, e isso me deixava de cabelo em pé. Eu não tinha nenhum emprego no momento. Não podia trabalhar e tomar conta de uma criança, e falta de trabalho significava falta de dinheiro. Meu chefe achou outra pessoa para terminar os armários de cozinha na casa de frente para o mar. Havia um monte de caras esperando para ocupar o meu lugar.

O pior de tudo era que eu vinha sendo pago por fora pelo meu trabalho. Isso significava dinheiro vivo e o meu último envelope de pagamento estava na casa. Quatrocentos dólares que viraram fumaça. Eu tinha cerca de cem dólares na carteira no momento do incêndio. Agora, essa quantia era tudo o que separava a mim e Bella da fome.

Na minha frente, na praia, minha filha se agachou para pegar algo que, de onde eu estava, não era possível distinguir. Ela correu de volta para mim carregando o objeto e sua ovelhinha contra o peito. O bichinho de pelúcia caiu na areia e, quando ela se abaixou para pegá-lo, o objeto também caiu. Tive de rir.

– Precisa de ajuda? – perguntei, enquanto caminhava na direção dela.

– Eu consigo! – exclamou ela, pegando a ovelhinha.

A essa altura, eu havia chegado até ela e vi que o objeto era uma concha cinza enorme, a maior que eu já vira ali, e eu já achara

algumas bem grandes.

– Uau, Bella, você tirou a sorte grande.

– É uma concha – disse ela.

Minha filha desistiu de tentar segurar a concha e a ovelhinha ao mesmo tempo e sentou-se na areia.

Eu também me sentei e examinei o objeto. *Busycon carica*. Tinha quase o dobro do tamanho da minha mão e era perfeita, a parte interior em um tom de pêssego que lembrava o nascer do sol. Fiquei muito feliz por Bella tê-la encontrado. Nós colecionávamos conchas desde que ela começara a andar, mas a maioria delas fora arruinada no incêndio e agora estávamos recomeçando.

– Você lembra o que morava aí dentro? – indaguei.

– Um caracol! – bradou ela.

Bella cruzou as perninhas e tocou de leve as saliências rugosas da concha com a ponta dos dedos.

– Isso mesmo. Um animal parecido com um caracol – falei.

– É.

Assim como eu, ela adorava ouvir qualquer coisa sobre a vida marinha. Eu sentia o espírito de meu pai dentro de mim quando estava na praia com minha filha, ensinando algo a ela. Ouvia a voz dele saindo de minha boca. Como gostaria que os dois tivessem se conhecido… Teriam se dado muito bem.

– Ele gostava de comer mariscos! – exclamou Bella.

– Muito bem. O que mais ele comia?

Ela pressionou a mãozinha contra o rosto enquanto pensava. Seu nariz estava um pouco rosado. Eu havia me esquecido do protetor solar.

– Vinhetas? – tentou, e eu consegui controlar o riso.

– Vieiras.

Ela nunca acertava essa palavra. Um dia sem dúvida conseguiria e eu teria saudades do jeito como ela falava agora.

Bella acariciou a concha como se fosse um cãozinho.

– É nessa, papai, que os meninos viram meninas? – perguntou.

Deixei escapar um suspiro. Franny tinha razão: eu dava informações demais àquela garotinha. Ela não precisava saber sobre gastrópodes hermafroditas aos 3 anos. Quase 4. Eu já devia ter 7 ou 8 quando meu pai me passou aquela extraordinária informação.

– Isso mesmo – respondi. – Vamos guardá-la na sacola e procurar mais?

Eu carregava no ombro uma bolsa de lona que sempre usávamos para colocar as conchas que encontrávamos.

– Vamos!

Ela se levantou num pulo e saiu correndo na minha frente. Eu a segui alguns passos atrás, aproximando-me da água para deixá-la bater em meus pés. Havia uma grande diferença entre mim e meu pai, pensei. Ele trabalhava como bombeiro hidráulico, tinha o próprio negócio bem-sucedido e me mantinha alimentado e vestido. Posso não ter sido rico, mas nunca me faltara nada. Ele não fracassou comigo da maneira como eu estava fracassando com Bella. Eu queria, mais do que qualquer coisa, ser o tipo de homem que deixaria meu pai orgulhoso. Mas não estava me saindo muito bem.

Na verdade, se o pai de Robin ainda fosse vivo, eu poderia ter pedido ajuda. Ele tinha muito dinheiro. O contrato que me fez assinar dizia que eu jamais entraria em contato com Robin – de qualquer maneira, eu ainda estava com tanta raiva dela que era a última pessoa a quem eu pediria ajuda –, mas não achei que ele seria tão cruel a ponto de virar as costas para a própria neta se ela estivesse passando fome. Mas isso não tinha importância. Ele tinha morrido. Mamãe tinha a mania de ler o obituário, sempre verificando se suas amigas ainda estavam vivas. Fiquei em um estado de torpor

quando ela leu sobre o falecimento dele. Aquele homem e eu nunca gostamos um do outro. A primeira vez que segurei Bella nos braços, porém, compreendi um pouco a cabeça dele. Senti a mesma necessidade aterradora de protegê-la. Eu faria qualquer coisa para mantê-la em segurança. Fora isso que o pai de Robin tentara fazer: proteger a filha. Naquele momento eu entendi, embora ainda odiasse o cara.

Bella e eu observamos os golfinhos e os pelicanos durante algum tempo e começamos a caminhar de volta para casa. Eu me sentia tão feliz na praia, tão longe dos meus problemas, que comecei a andar na direção da casa incendiada, até lembrar-me de virar e ir para a casa de Franny. A sacola de lona nos ombros estava um pouco mais pesada do que quando tínhamos chegado. Afastando-me da praia, de volta à vida real, *tudo* parecia um pouco mais pesado.

6

Robin

2004

O Dr. McIntyre ajudou-me a descer da mesa de exames.

– Sente-se no saguão enquanto converso com seu pai – determinou.

Ele era o meu médico havia anos, e sempre terminava as consultas com uma conversa em particular com meu pai, mas algo me pareceu diferente. Papai segurou a porta para eu passar e vi que seu rosto era o de um homem de cem anos. Ele ainda não havia acabado de fechar a porta atrás de mim quando ouvi o Dr. McIntyre dizer:

– Acho que a condição dela está significativamente pior do que a de sua mulher quando tinha a mesma idade.

A porta se fechou antes que eu pudesse ouvir a resposta, mas não teria entendido, de qualquer maneira. Estava em estado de choque. Caminhei pelo corredor até o saguão com as pernas pesadas, como se estivesse andando pela lama. Eu sabia, não sabia? Lá no fundo, não tinha medo de que o destino de minha mãe – que morreu aos 25 anos – também fosse o meu? Eu sentia que estava pior do que seis meses antes. Nunca conseguira correr tão rápido quanto meus amigos ou andar de bicicleta por quilômetros, como eles faziam. Mas agora o mínimo esforço me deixava sem fôlego e tonta. No dia anterior, minhas amigas e eu estávamos dançando no meu quarto e, depois de dois segundos, eu tive de sentar. Na cama, eu as vi rindo juntas e aprimorando os passos da dança, e era como se eu pudesse *senti-las* afastando-se de mim.

Afundei em uma das cadeiras de couro do saguão e fiquei esperando. Mesmo que não tivesse ouvido as palavras do Dr. McIntyre, teria percebido o problema, porque, quando meu pai apareceu, seus olhos estavam vermelhos. Ele fez um sinal para que eu o seguisse e apertou minha mão com força enquanto passávamos pelas portas duplas e nos dirigíamos ao estacionamento. Nenhum de nós disse uma única palavra até chegar ao carro. Acho que nenhum dos dois conseguia falar.

– Eu te amo tanto, Robin – disse ele, finalmente, enquanto abria a porta do automóvel para mim. – Quero que tudo na sua vida seja bom.

– Eu ouvi o que o Dr. McIntyre falou – admiti. – Sobre o meu coração ser pior do que o da mamãe. Isso significa que não vou viver tanto quanto ela?

Eu acabara de completar 15 anos. Isso me dava no máximo dez anos.

– Você vai viver mais – retrucou meu pai, de imediato. – Provavelmente tanto quanto qualquer outra pessoa, porque os médicos conhecem mais sobre a sua condição hoje do que há dez anos. E mais gente está assinando aqueles cartões de doadores, por isso, quando você precisar de um coração, vai conseguir um.

Eu não era boba. Sabia que não era tão fácil. Quando sentei no banco do carona, meu pai fechou a porta e deu a volta por trás do veículo enquanto eu olhava fixamente para o painel.

– Quero que você pare de ir às aulas de educação física – ordenou ele, assim que se sentou e virou a chave na ignição.

Eu já não participava de quase nenhuma das atividades dessa matéria, mas detestava que houvesse mais alguma coisa que me diferenciasse das minhas amigas.

– Eu já não faço quase nada lá – retruquei.

– E, de agora em diante, vou levá-la de carro até a escola.

– *Papai*, você precisa chegar muito cedo à universidade.

– Vou mudar minha programação.

– Que diferença faz se você me levar à escola ou eu pegar o ônibus?

Eu sentia que ele estava tolhendo a minha liberdade. Meu pai sempre fora superprotetor. Tive a sensação de que ia ser muito pior.

– Você precisa caminhar até o ponto e tem muita… *agitação* dentro do ônibus.

– Não tem, não! Do que você está falando?

– Apenas… aceite, está bem? Quero que a sua vida seja o mais fácil e tranquila possível.

O que ele queria era estar comigo o tempo todo. Protegendo-me. Sufocando-me. Dali a pouco ele me acorrentaria a seu lado.

~

Pela primeira vez naquela noite, entendi o que era medo verdadeiro. Na cama, senti meu coração batendo forte, martelando as costelas, ouvi o barulho do sangue atravessando minha cabeça e tive medo de adormecer. Minha mãe tinha morrido durante o sono: o coração parou sem aviso. Por isso, fiquei acordada durante horas, escutando o eco de cada batida, como se fosse possível manter o órgão trabalhando só por prestar atenção a ele.

Meu pai me levou de carro à escola na manhã seguinte. Encontrei-me com minhas amigas quando elas desciam do ônibus e todas estavam falando sobre um garoto de quem minha melhor amiga, Sherry, gostava. Haveria uma festa a que todos pretendiam ir, e Sherry queria que ele a beijasse na festa. Talvez tivesse cerveja lá, além de maconha. Não consegui encontrar um modo de entrar na conversa, e aí elas se esqueceram de desacelerar o passo para que eu pudesse acompanhá-las e entraram na escola. Sherry e eu

nos afastamos das outras e nos encaminhamos para a aula de ciências sem ter muito o que dizer uma à outra. Eu quase não conseguia manter os olhos abertos, de tão exausta em razão da noite que passara em claro. Enquanto minhas amigas sonhavam com rapazes, festas e bebidas, eu fazia o melhor que podia para me manter viva.

Havia um aluno novo na aula de ciências. Nós nos sentávamos em duplas e, como o garoto que sempre se sentava comigo não tinha ido, a Srta. Merrill colocou Travis Brown no lugar dele. Ele parecia mais um aluno do sétimo ano do que do nono. Era baixo e magrelo. Quando lhe entreguei a pilha de papéis que a professora queria que passássemos pela sala, ele não me olhou nos olhos. Tinha cílios enormes e cabelos fartos, que lhe caíam sobre a testa. Parecia uma menina e aparentava ser bem triste. Era o tipo de pessoa que seria alvo para alguns dos idiotas brigões da escola.

– Robin – disse a Srta. Merrill, na frente da sala –, depois da aula, por favor, mostre a Travis os deveres de casa das últimas semanas para que ele possa ficar em dia com o resto da turma.

– Está bem – respondi, porque não poderia dizer não.

Algumas carteiras à minha frente, Sherry virou-se para dar aquela risadinha do tipo “antes você que eu”.

A última coisa que eu queria fazer depois da aula era ficar com aquele garoto esquisito, por isso eu lhe disse que mandaria a matéria por e-mail naquela noite. Quando eu estava saindo da sala, entretanto, a Srta. Merrill me chamou de volta à sua mesa.

– Eu escolhi você para ajudar Travis por um motivo – começou ela. – O pai dele morreu há pouco tempo. Achei que você poderia entender o problema que ele está enfrentando.

– Minha mãe morreu há muito tempo – retruquei. – Não é bem a mesma coisa.

– Não é?

Ela levantou as sobrancelhas.

– Não muito – falei, mas enquanto caminhava para a próxima aula, com o e-mail e o telefone de Travis no bolso, eu sabia que ela estava certa.

Éramos ambos meio-órfãos. Isso é algo que a gente nunca supera.

Mandei um e-mail para ele com os deveres naquela mesma noite, mas quando ele não entendeu algo que eu havia digitado, decidi, num impulso, telefonar.

– A Srta. Merrill me disse que o seu pai morreu – comentei, depois de explicar o dever. – Minha mãe morreu quando eu tinha 4 anos. Acho que foi por isso que ela me escolheu para ajudar você.

– Não é bem a mesma coisa – retrucou ele.

– Foi o que eu disse a ela.

– Você teve a vida inteira para se acostumar com a ideia.

– Ainda é horrível – garanti. – Não me lembro muito bem dela, mas ainda sinto saudades. Tenho saudades de ter mãe.

Ele ficou em silêncio.

– Meu pai era tão legal… – desabafou, um minuto depois.

– Você tem irmãos? – indaguei.

– Não. E você?

– Não. – De repente, senti a solidão. A minha. A dele. – É difícil.

– É, uma droga. E então, ainda por cima, tivemos de nos mudar. Não podíamos mais pagar o aluguel em Hampstead e minha mãe tinha amigos na igreja aqui, mas eu detesto. Estamos morando nesta casa horrorosa, e eu também detesto aquela escola idiota. A praia é a única coisa boa. Meu pai sempre me levava a Topsail, e a gente ficava na beira do mar.

Era como se eu o tivesse ligado na tomada e, de repente, todas aquelas palavras estivessem jorrando.

– Onde você mora? – perguntei.

– Carolina Beach.

– Ah.

Eu nunca andava com os garotos de Carolina Beach na escola. Meu pai sempre tinha uma atitude de desprezo em relação a eles e acho que comecei a imitá-lo sem me dar conta.

– E você? – quis saber ele. – Mora onde?

– Em um condomínio em Wilmington, perto da Universidade da Carolina do Norte. Meu pai dá aula lá.

Conversamos sobre nossos bairros e percebi que tínhamos vidas totalmente diferentes. A minha era tranquila, metódica, de classe média, e a dele parecia se adaptar às circunstâncias.

– Pelo menos você tem amigas aqui – disse ele. – Eu estou recomeçando tudo do zero.

– Eu *tinha* amigas – falei. – Não tenho mais tantas.

Uau! Será que isso era verdade? Senti como se estivesse, finalmente, admitindo esse fato para mim mesma. Quando fora a última vez que Sherry me ligara, e não o contrário? Quando fora a última vez que me enviara uma mensagem de texto? Minhas amigas estavam seguindo em frente. Deixando-me para trás.

– Como assim? – perguntou ele.

– Elas… sei lá. Estão mudando de uma forma que eu não estou. Não falam mais sobre nada que seja importante.

Do jeito que me expressei, dei a impressão de que *eu* as estava abandonando. Não o contrário.

– A maioria das meninas é assim – comentou ele. – Tem a cabeça nas nuvens.

– Você está generalizando.

– Pode ser.

Ele me falou sobre seus amigos em Hampstead e como eles eram legais. Eu disse quem era bacana na escola e com quem ele deveria tomar cuidado, e logo começamos a conversar sobre nossas músicas preferidas e, antes que eu me desse conta, eram dez horas e papai estava batendo na porta do quarto me mandando ir para a cama.

– É o seu pai? – perguntou Travis.

– É. Ele quer que eu desligue e vá dormir.

– São só dez horas.

– Eu sei. – Olhei para a minha cama e lembrei que ficara acordada durante quase toda a noite anterior, tentando manter as batidas do coração. – Eu tenho medo de ir dormir.

Mordi o lábio, desejando não ter dito aquelas palavras. Não podia acreditar que tinha confessado aquilo a alguém que mal conhecia.

– Por quê?

– É só… bobagem. – Eu não falava muito sobre o meu coração. Não gostava que as pessoas achassem que eu era fraca. De repente, a imagem esquelética e delicada dele me veio à mente. Afinal, por que eu estava conversando com ele? Mas as palavras queriam aflorar da pior maneira possível. – Eu tenho esse… o mesmo problema cardíaco que minha mãe tinha – expliquei. – E ontem descobri que está ainda pior do que o dela, por isso, na noite passada, comecei a sentir o coração batendo quando estava deitada e fiquei apavorava, aí agora não quero ir dormir.

– Nossa. – Ele ficou em silêncio por alguns instantes. – Você pode me ligar – disse ele, finalmente.

– Como assim?

– Me ligue quando estiver deitada e nós conversamos sobre outras coisas. Isso vai tirar sua cabeça das batidas do coração. E vai manter minha cabeça longe do meu pai – acrescentou.

– Isso é loucura.

– Só depende de você.

– Não, obrigada – respondi. – E preciso desligar. Ainda tenho de ler um capítulo para a aula de história e você tem todos aqueles deveres para colocar em dia.

– Até parece que eu vou fazer isso – retrucou ele, com uma risada. – Te vejo amanhã.

Desliguei o telefone e me preparei para dormir, pensando em como eu era uma idiota completa por passar uma hora conversando com ele. Mas, assim que me deitei, meu coração começou a martelar em meu peito e senti que não conseguia puxar ar suficiente para os pulmões. Antes que eu percebesse o que estava fazendo, peguei o telefone e apertei a tecla de rediscagem.

Ele atendeu tão depressa que logo percebi que já estava esperando.

Travis se tornou a pessoa que eu ansiava encontrar na escola. Não mais Sherry ou as amigas de muitos anos. À medida que eu as perdia, ganhava Travis. Ele não se dava muito bem com os outros garotos. Não era apenas por sua aparência, embora, para ser honesta, eu estivesse começando a achá-lo bem bonitinho. Tinha os olhos cinzentos e os cílios inacreditavelmente longos, e, embora não sorrisse com frequência, quando sorria virava a cabeça de lado de uma maneira que me fazia sorrir também. Ele estava triste demais pela morte do pai para fazer qualquer esforço no sentido de se enturmar. Falava bastante sobre si mesmo e eu tive inveja por ele ter conhecido tão bem o pai enquanto eu não tivera nem a chance de conhecer minha mãe. O pai dele parecia maravilhoso. Eu amava o meu pai e podia dizer que éramos próximos, mas o pai de Travis era quase como seu melhor amigo. Um pai muito, muito bom.

Conversávamos ao telefone mais do que por e-mail, e levei um tempo para perceber que o velho computador que ele dividia com a mãe sempre apresentava algum defeito e eles não tinham dinheiro

para mandar consertá-lo. Eu não sabia o que era não ter dinheiro suficiente para algo tão necessário quanto um computador. Havia três em nossa casa, só para meu pai e para mim. Travis precisava usar o da biblioteca algumas vezes para fazer as tarefas escolares – e ele fazia *todas*, embora fingisse não dar a mínima para os estudos. Meu pai me levava à casa dele de vez em quando para que pudéssemos estudar juntos. Depois, Travis e eu percorríamos lentamente os dois quarteirões até a praia e ele falava sem parar sobre as marés, o surfe e a vida marinha – tudo o que aprendera com o pai. Meu pai, por sua vez, parecia gostar de Travis e se referia a ele como “aquele garoto bonzinho da praia”. Ele estava feliz por eu não andar mais com minhas amigas antigas, que ficavam a cada dia mais desregradas. O garoto bonzinho da praia lhe parecia muito mais seguro.

Quando o verão chegou, eu mal falava com Sherry ou com as outras colegas, e estava me sentindo bem assim. Não tínhamos mais nada em comum, e elas sempre mantinham distância de Travis, que para elas era um fracassado. Naquela estação, ele e a mãe passaram dois meses inteiros com uma tia em Maryland, e quando voltaram ele estava totalmente diferente. Foi um choque. Quando eu o vi no primeiro dia de aula, não o reconheci. Ele havia crescido tanto que imaginei que devia ter doído. Estava mais alto do que eu e tinha músculos onde antes só havia pele e ossos salientes. Na verdade, ele até já precisava fazer a barba! Ninguém pensaria nele outra vez como delicado. *Sobretudo* as meninas, inclusive Sherry e minhas amigas antigas, que quase se atiravam em cima dele. Mas ele não esquecera como elas o tinham tratado. E não esquecera a única menina que o tratara como alguém importante: eu.

Eu também havia mudado durante o verão. De repente, entendi a fascinação das meninas pelos garotos e enxerguei Travis de uma forma completamente diferente. Nós retomamos nossa amizade

com muita facilidade, mas havia algo novo e excitante escondido sob a superfície, e ambos sabíamos disso. Ainda nos falávamos ao telefone quase todas as noites, mas nossas conversas eram diferentes, repletas de reviravoltas inesperadas.

– Conheci uma garota em Maryland – contou ele certa noite, logo depois do recomeço das aulas.

Eu tentei reagir com naturalidade, mas me sentia ridiculamente enciumada.

– Como ela era? – perguntei.

– Legal. Muito. Sensual.

Acho que ele nunca havia usado a palavra *sensual* em nossas conversas, e cada uma de minhas terminações nervosas se incendiou. Estava morrendo só de pensar nele beijando a tal garota. Tocando o corpo dela.

– Vocês transaram?

Ele riu, demonstrando certo constrangimento.

– Quase, mas não.

Fiquei aliviada.

– Você ainda… quer dizer, você quer…

Ele riu de novo e, dessa vez, eu sabia que ele estava rindo de mim.

– Fale logo – disparou.

Fechei os olhos. Meu coração batia com tanta força que podia senti-lo pulsando através de minhas costas até o colchão.

– Você vai se encontrar com ela outra vez? – perguntei. – Maryland não é tão longe assim.

– Não vou, não. Não seria justo com ela.

– Por que não?

– Porque o tempo todo que eu estava com ela, queria estar com você.

Finalmente. Mal pude acreditar em quanto eu queria ouvi-lo dizer aquilo!

– Eu te amo – falei.

Pisquei, então abri os olhos e os fixei no teto escuro do meu quarto, mordendo o lábio. Esperando.

– Desde quando? – quis saber ele.

Não era exatamente a resposta que eu queria ouvir. Mas tentei me lembrar.

– Desde aquela primeira noite, quando nos falamos ao telefone, lembra? Você disse que conversar evitaria que eu pensasse no meu coração e você no…

– Eu também te amo – interrompeu ele e, num piscar de olhos, tudo ficou diferente.

~

Naquele outono, perdi um monte de aulas, porque estava fraca e ficava sempre doente. Meu pai morria de medo cada vez que eu saía de casa para aquela “fábrica de germes”, que era como começara a se referir à escola. Nessa época, Travis já dirigia o pequeno Honda de sua mãe, pegava as tarefas e os livros para mim e levava até minha casa, depois da escola. Meu pai não gostava disso. No início, achei que fosse porque aqueles livros e papéis vinham da fábrica de germes, mas percebi que ele não gostava que Travis e eu ficássemos juntos sozinhos. Papai não tinha nenhum problema com Travis quando ele era um garoto magrelo e inofensivo. Agora, porém, ele parecia um homem e, de repente, meu pai já não gostava tanto dele assim. Quando Travis enfim me convidou para ir ao cinema, meu pai não permitiu que eu fosse. Papai e eu estávamos sentados em nosso escritório. Eu fazia meu dever de matemática no sofá enquanto ele respondia e-mails, e nem se deu ao trabalho de olhar para mim ao dizer não.

– *Papai* – falei, levantando os olhos do dever de casa –, somos só amigos. Não tem nada de mais.

Ele tirou os óculos de leitura e colocou-os sobre a escrivaninha. Sempre que os tirava, eu sabia que teríamos uma longa conversa sobre o que eu podia e não podia fazer. Era assim havia anos.

– Querida – começou –, qualquer dia você vai ganhar um coração novo e poderá ter uma vida plena e ativa, mas, até lá, permanecer saudável e ficar calminha são as suas prioridades, e…

– Sentar e assistir a um filme com meu melhor amigo não vai sobrecarregar meu coração – argumentei.

Eu quase nunca discutia. Fora ensinada a não discutir nem com meu pai nem com meu médico. Os dois me acostumaram a evitar conflitos e estresse pelo bem do meu coração doente. Tinha de respirar fundo e repetir mentalmente as palavras *paz* e *calma* muitas e muitas vezes, até que a vontade de retrucar passasse. Mas havia coisas pelas quais valia a pena lutar, e essa era uma delas.

– Você pode considerá-lo o seu melhor amigo – insistiu meu pai –, mas eu sei como os garotos pensam, e não é assim que ele a vê.

– É, sim.

A mentira saiu de forma muito natural. Eu não ia deixar meu pai estragar tudo.

– Meninos e meninas não podem continuar amigos quando se tornam homens e mulheres – avaliou ele. – Os hormônios entram em cena e é impossível. De qualquer maneira, Travis é a pessoa errada para você se envolver.

– Em primeiro lugar, não estamos envolvidos – falei, embora, quando meu pai disse aquela palavra, a única coisa em que eu consegui pensar tenha sido segurar a mão de Travis no cinema e beijá-lo. – Em segundo lugar, ninguém se importa comigo mais do que ele. Além de você – acrescentei bem depressa.

– Eu já fui um garoto, e mesmo o mais bacana de todos só tem uma coisa na cabeça. – Meu pai virou a cadeira a fim de ficar de frente para mim. – Mas mesmo se… tudo isso não fosse motivo de preocupação, eu ainda não iria querer que você andasse com Travis. Está na hora de esfriar esse relacionamento, querida. Ele pode arrastar você para o buraco.

– Você está se referindo a dinheiro? Não é bem o caso de sermos ricos e ele ser pobre.

– Não somos ricos, mas temos uma vida bastante confortável – retrucou ele. – Travis… não. Duvido que algum dia tenha. Não é culpa dele. Eu sei que ele não teve as vantagens que você teve, mas isso não muda o fato de ele não ser o tipo de pessoa que eu quero para a minha filha. Portanto, é melhor a gente não encorajá-lo. E agora chega.

– Isso não é justo!

Minhas bochechas queimaram. Senti o calor nelas quando bati com o livro de matemática na mesa de centro. Meu pai logo se levantou, contendo as próprias mãos de maneira tranquila e controlada.

– Acalme-se – falou. – Acalme-se. Você sabe que não deve discutir…

– Você está sempre me ensinando a tratar as pessoas com igualdade e tudo o mais e agora me diz que, só porque ele tem menos dinheiro do que nós, não posso sair com ele. Ele é inteligente, papai. Quer ser biólogo.

– Ouça, meu bem. – Meu pai se sentou ao meu lado no sofá e colocou o braço em volta de meus ombros. – Não quero que você saia com *ninguém* neste momento, entendeu? Você não entende como sua condição é grave.

– Você está partindo meu coração mais do que Travis jamais faria.

– Então, pare de discutir comigo. – A voz dele era irritantemente calma. – Você precisa acreditar que eu sei o que é melhor para você neste momento. Se quiser, posso pedir ao Dr. McIntyre para conversar com você sobre isso. Ele vai concordar comigo. Enquanto você não tiver um coração novo, precisa…

– Ficar trancada no quarto sem amigos e sem poder fazer nada divertido.

– Você precisa tomar cuidado. Era isso que eu ia dizer.

Eu sabia que estava na hora de ceder. Senti uma dor no coração, embora fosse mais pela mágoa do que por qualquer coisa ligada ao meu problema de saúde. Eu acharia uma maneira de me encontrar com Travis. Só precisaria esconder do meu pai o que estava fazendo. Eu nunca fizera nada escondido antes, mas ele não deixava escolha.

Então, eu *fui* ao cinema com Travis. Disse a ele que precisávamos manter segredo de meu pai porque ele se preocupava com meu coração e não queria que eu namorasse. Não mencionei nada sobre papai não querer que eu saísse com *ele*. Jamais o magoaria dessa forma. Travis era meigo e sensível, motivo pelo qual eu começara a amá-lo quando ele ainda era um magricelo e estava cada vez mais apaixonada por ele. Travis não era como os outros garotos que eu conhecia, que só pensavam em beber e transar com as meninas. Os rapazes com quem minhas antigas amigas andavam, por quem elas babavam e de quem falavam o dia inteiro.

Era maravilhoso sentar ao lado de Travis no cinema, de mãos dadas, sentindo a eletricidade entre nós onde antes só havia carinho e amizade. No carro, ele me beijou e me deixou um pouco ansiosa quando passou as mãos pelo meu corpo, por cima das roupas. Pensei: *Eu posso morrer amanhã, por isso não vou me privar disto hoje de jeito nenhum*. Decidi, naquele momento, que aproveitaria ao máximo cada gota de vida que me fosse dada.

Cada gota.

7

Erin

Eu estava morando em meu apartamento em Brier Creek havia quase uma semana quando descobri uma cafeteria escondida em um canto afastado do enorme estacionamento do shopping. O edifício marrom-claro coberto de estuque parecia bem velho, como se estivesse ali havia décadas e o shopping tivesse crescido ao seu redor, mas eu sabia que não era o caso. Ele apenas fora desenhado para parecer antigo, algo que lhe daria alguma personalidade. O nome da loja estava pintado em um painel pendurado acima das portas da frente, feitas de madeira e vidro, e só consegui ler a inscrição quando fiquei quase diante dele. *JumpStart*. Entrei e fui transportada do movimentado e barulhento estacionamento, com seus zilhões de automóveis e a ilusão de uma novidade imaculada, para um espaço agradável que quase parecia uma sala de estar. Os móveis tinham sido posicionados de maneira a formar pequenos grupos íntimos, separados uns dos outros por estantes de livros e uma lareira – apagada, já que estava quente do lado de fora. Havia um longo balcão com um cardápio de massas, saladas, café e chás. A música ambiente tocava bem baixinho. Era algo meio jazzístico que eu não apreciava muito, mas, de qualquer forma, eu não era muito ligada em música. Música, livros, política, arte, sexo – que importância tinha tudo isso? Tudo era tão insignificante para mim agora…

Metade das cadeiras e dos sofás de couro estava ocupada, em grande parte por pessoas digitando em seus laptops ou lidando com alguma papelada. Três moças dividiam uma mesa e riam de algo em uma tela de computador. Um homem falava sobre imóveis com

um casal mais velho. Ouvi as expressões “casa na cidade” e “escadas demais”. Outro casal estava no meio de uma conversa intensa, com uma Bíblia aberta entre os dois sobre a mesa. Eu soube, no instante em que entrei, que passaria bastante tempo ali. Sentia-me anônima e gostava daquela sensação.

Vi uma cadeira de couro que tive vontade de reivindicar para mim. Embora fizesse parte de um agrupamento – três cadeiras e um sofá –, ninguém ocupava aquele pequeno ambiente. Gostei de saber que teria um espaço reservado, pelo menos por algum tempo.

Pedi um descafeinado com leite e uma rosca que eu sabia que só beliscaria. Eu havia perdido quase 10 quilos nos cinco meses depois da morte de Carolyn e tinha de me forçar a comer. Não conseguia gostar de nada e a comida parecia grudar em minha garganta. O rapaz de cabelos pretos que trabalhava no balcão, cujo nome, *Nando*, eu li no crachá, sorriu para mim, mostrando uma covinha profunda no rosto bonito. Fiz um grande esforço para retribuir o gesto, sem muito sucesso. Observei que ele tinha a tatuagem de um unicórnio no antebraço quando me entregou o pedido.

Acomodei-me na cadeira de couro marrom, peguei meu iPad e dei uma olhada rápida nos e-mails. Michael havia escrito que sentia a minha falta e perguntou como eu estava.

“Tudo bem”, digitei. “Numa cafeteria agora. É boa. Espero que você também esteja bem.” Desde que eu saíra de casa, trocávamos mensagens semelhantes todas as manhãs e imaginei que por algum tempo aquela seria a natureza da nossa comunicação. Educada e insípida. Palavras vazias. Do tipo que eu dirigiria a um conhecido que via uma vez por ano, não a um homem com quem dividira a minha vida por tanto tempo. Um homem com quem fizera amor, me divertira e chorara.

Nós costumávamos mandar e-mails um para o outro durante o dia. Quando eu trabalhava na farmácia, enviava mensagens sobre o

jantar, o serviço de casa, ou apenas para dizer que o amava. Quando estava em casa, contava o que Carolyn e eu íamos fazer e ele respondia que estava triste por não estar conosco. E era verdade. Minhas amigas invejavam isso, a proximidade entre ele e Carolyn. Como Michael era capaz de tomar conta dela. Se, por algum motivo, elas tivessem de deixar os filhos com os maridos, temiam que eles não fossem capazes de se sair bem. Eu nunca me preocupara com isso em relação a Michael. Ele sempre levava Carolyn ao parque ou inventava algum jogo na hora. Eu admirava isso. Ele era tão criativo e divertido que Carolyn adorava quando podia ter um “tempo com o papai”.

Como ele tinha suportado perdê-la? Ele a amava tanto… Como tinha conseguido voltar ao normal, conversar sobre ter outro filho, como se nada tivesse acontecido? Eu não entendia o meu marido.

Apaguei um bocado de spams e um e-mail de Judith confirmando nossa próxima consulta e, assim, dei um fim a todas as mensagens. Algumas semanas antes, eu percebera que alguém me tirara da lista de e-mails do grupo de mães da vizinhança. Eu fazia parte dela havia quatro anos. Era uma maneira de ficar conectada e compartilhar experiências e conselhos. Fazíamos planos para festas de aniversário ou anunciávamos uma reunião de última hora no parque. Depois da morte de Carolyn, elas me tiraram da lista por cerca de uma semana, até descobrirem alguma forma de ajudar a Michael e a mim. Distribuíram responsabilidades com a comida, levando-nos ensopados, bolos de carne e empadão de frango todas as noites. Michael e eu não precisamos pensar em cozinhar durante um mês. O único problema era que não conseguíamos ingerir nada. Eu, pelo menos, não conseguia. Parte daquela comida ainda estava em nosso congelador.

Então, elas me colocaram de volta na lista, mas aquela era uma tortura das mais dolorosas. Como eu poderia ler sobre o que elas estavam fazendo com seus filhos? Debates sobre vacinas,

recomendações de dentistas pediátricos e ideias para presentes de aniversário. Crises de birra e problemas pré-escolares e, pior ainda, os encontros dos quais eu não faria mais parte? As mães me enviavam e-mails individuais para saber como eu estava, mas, aos poucos, isso parou. Fiquei imaginando quem tomara a decisão de me tirar da lista. Quem dissera: “Ela não está participando mais. Vamos excluí-la”, ou “Talvez seja doloroso para ela estar nessa lista. Vamos tirá-la?” Sim, doía estar na lista tanto quanto ser tirada dela. Mas o que mais me fazia sofrer era ver como todo mundo desaparecera, como se eu não tivesse mais nenhuma importância porque não tinha filhos. Entretanto, honestamente, eu não as culpei. Agora, estávamos em mundos diferentes. O meu era assustador para elas e o delas era doloroso para mim.

Agora eu tinha o grupo de Pais e Amigos de Harley e navegava nele para saber o que as pessoas andavam fazendo. Li as mensagens mais recentes. Havia alguns membros novos, aos quais dei as boas-vindas e ofereci minha solidariedade. Eles contavam suas histórias em parágrafos longos, prolixos e cheios de sofrimento, e eu balançava a cabeça enquanto os lia. Meu coração se expandia para recebê-los em meu mundo. Eu havia perguntado a Judith “É loucura o fato de que as pessoas a quem mais amo neste momento sejam esses desconhecidos do grupo do pai de Harley?”. Ela apenas sorrira e respondera: “O que você acha?”, devolvendo-me a pergunta, como sempre fazia.

Havia um comentário raivoso escrito por Mãe-de-Cinco, cuja irmã lhe dissera: “A vida é para os vivos, e você precisa se recuperar dessa perda pelo bem de seus outros filhos.” Eu me senti indignada por ela e digitei uma resposta empática, meus dedos voando sobre a tela do iPad. Em minha cabeça, misturei a irmã dela com Michael e com qualquer um que ousasse sugerir que alguém estava sofrendo uma perda da maneira errada.

No início, Michael e eu passamos pela mesma coisa em relação à nossa dor. Estávamos ambos no estágio da negação, quando andávamos sem rumo, chorávamos, balançávamos a cabeça e dizíamos “Não posso acreditar” e “Isso não pode ser verdade”. Nós nos abraçávamos e chorávamos por horas a fio, e eu o amava de todo o coração. Ele era a minha ligação com Carolyn, a pessoa que dividia comigo o maior amor que se poderia imaginar. Mas, então, ele voltou ao trabalho apenas uma semana após a morte dela. Ele quis ir e eu não conseguia entender como ele era capaz de se concentrar. Naquele momento, eu *jamais* poderia me imaginar fazendo o mesmo. Mas Michael simplesmente mergulhou em algum projeto novo. Eu costumava admirar o trabalho dele. Meu marido me convencera de que seu estilo de criação de videogames ultrapassava a brincadeira e era algo muito mais significativo. “Tem a ver com conexão social”, explicava ele. “É sobre pessoas trabalhando juntas para solucionar problemas.” Michael recebera alguns prêmios por suas criações e eu me orgulhava dele. Agora, porém, eu achava seu trabalho superficial e tolo. Jogos! Que importância eles tinham? Mesmo assim, pelo número de horas que ele dedicava a isso, alguém poderia achar que ele estava salvando o planeta. Ele trabalhava até as seis, voltava para casa, jantava e trabalhava mais algumas horas no computador de casa. Nos fins de semana, fazia todos os reparos que deixara de fazer durante anos: consertar o deque de madeira; pintar a sala de estar. Tudo para não ter de me ouvir resmungando e delirando. No meu entendimento, ele havia encerrado o luto.

Fomos juntos algumas vezes ao consultório de Judith, mas Michael não queria mais falar sobre Carolyn, enquanto eu só estava começando. *Precisava* falar sobre ela. Da forma como um cacho de seus cabelos estava sempre sobre a testa. Da maneira como ela cantava para si mesma até adormecer ou ia à nossa cama para nos abraçar nas manhãs de sábado. Tagarela. Ela sempre tagarelava. No momento em que comecei a lembrar aquela noite terrível no píer,

resgatando cada detalhe, não me surpreendi quando Michael se levantou e saiu da sala. “Isso não leva a nada”, ele se justificou com Judith. “Ela não consegue esquecer.”

Depois que ele saiu da sala, olhei para Judith.

– Está vendo? Ele já se esqueceu dela e eu jamais vou esquecer.

– Homens e mulheres sofrem de formas diferentes – ressaltou ela.

Judith tinha 50 e poucos anos, cabelos grisalhos lisos na altura do queixo e olhos bem azuis. Meu médico me recomendara vê-la logo depois da morte de Carolyn, quando nenhum remédio parecia fazer efeito contra a minha insônia. E quando eu adormecia um pouco, voltava àquele píer e revivia tudo outra vez.

– Posso *aceitar* que homens e mulheres tenham maneiras diferentes de sofrer – lamentei –, mas não posso mais *viver* com isso.

Foi nesse dia que eu decidi me mudar.

Depois de uma hora na cafeteria, senti-me um pouco culpada por estar ali, com meu copo de café vazio e metade do pãozinho, embora ninguém estivesse brigando pelo meu lugar. Levantei-me e fui até o balcão pedir a Nando mais um café.

– Você é nova aqui – comentou ele, enquanto enchia o copo.

– Me mudei há apenas uma semana.

– Está trabalhando pelas redondezas?

– Não, estou tirando umas férias.

– Deixo espaço? – perguntou ele.

– Eu… como?

– Deixo espaço para o leite? Não lembro como foi o primeiro.

– Ah. Não. Só café, por favor.

– Vou me lembrar da próxima vez – prometeu ele, com aquele sorriso de covinhas, enquanto me entregava o copo. – E então, de onde você veio?

– De… não muito longe. Outra parte de Raleigh. – Eu queria voltar para a minha poltrona. – Obrigada.

– Ao seu dispor.

Sentei-me na cadeira de couro outra vez e abri o meu iPad. Havia um pai novo no grupo de Harley, e ele estava sofrendo profundamente. Quis responder a ele. Para que soubesse que não estava sozinho. Não podia imaginar Michael abrindo tanto o seu coração, on-line ou cara a cara. Digitei algumas linhas para ele: “Donald, lamento muito por você ter de estar aqui, mas fico feliz por ter nos encontrado. Parece que sua filha era uma menininha muito, muito especial.”

Nando começou a cantar alguma coisa em espanhol enquanto servia outro cliente. Olhei para ele. Ele dissera que se lembraria de como eu gostava do meu café. Lá se fora o anonimato. Eu fora rude, respondendo de forma abrupta à pergunta dele. Perguntas estavam se tornando um desafio. Ninguém tinha nada a ver com o porquê de eu ter me mudado de uma parte de Raleigh para outra. Ninguém tinha nada a ver com o fato de eu estar tirando férias do trabalho. Senti um súbito vazio no peito, não por Carolyn dessa vez, mas por minha antiga vida. O vazio se expandiu e tive de apertar os dentes para não chorar. Eu adorava meu trabalho e minha vida. Cozinhar, arrumar a casa, cuidar de Carolyn, fazer amor com meu marido. Comprimi os dedos contra o osso esterno, como se pudesse apagar a dor. Em seguida, olhei mais uma vez para o iPad, voltando minha atenção para Donald e para a Mãe-de-Cinco e as outras pessoas que entendiam como, em uma agradável noite de abril, em um píer à luz da lua, a vida que eu tanto amava havia chegado ao fim.

8

Travis

O trailer não era uma visão das mais bonitas. O lado de fora era branco – ou pelos menos havia sido em algum momento –, com listras de ferrugem e vários amassados. Era talvez duas vezes maior do que a minha van e ficava sobre blocos de concreto, estacionado no solo arenoso. Fazia parte de uma fila de outros trailers, de todas as formas e tamanhos, a maioria deles vazia agora que o verão acabara. Entretanto, havia um automóvel estacionado na frente do trailer dourado, ao lado do nosso – um fusca verde conversível, novo em folha, que parecia deslocado naquele mar de automóveis velhos e molambentos. Eu havia pedido dinheiro emprestado a um colega. Estava torcendo para que pudesse devolvê-lo bem depressa, mas não estava muito otimista.

Abri a porta da van e ajudei Bella a sair da cadeirinha.

– Essa é a nossa nova casa, Bell – falei. – Pelo menos por enquanto. Vamos entrar e explorar.

Explorar era a palavra errada para descrever o que poderíamos fazer dentro de um trailer de um único cômodo, mas isso não importava. Bella ficou olhando para cima, prestando atenção àquela coisa com seus grandes olhos cinzentos. Ela havia completado 4 anos no dia anterior e tínhamos feito uma festinha na casa de Franny, com balões, bolo de sorvete e pouca coisa em termos de presentes. Acho que Franny estava, na verdade, comemorando a nossa partida, mas tudo bem.

– Não é uma casa – concluiu Bella, olhando para o trailer.

Ela segurava a ovelhinha e a bolsinha cor-de-rosa e não saiu de perto da van. Aquela bolsa fora um presente de minha mãe para a

neta em seu aniversário de 3 anos e eu estava feliz por ela ter sido salva do incêndio, junto com o bichinho de pelúcia. Esses objetos permitiam que ela se ligasse a algo que lhe fosse familiar. Dentro da bolsa, ela guardava uma foto de nós três – ela, minha mãe e eu – sentados na praia, ao lado de um castelo de areia que havíamos construído, e também uma bonequinha que uma das mulheres com quem saí havia lhe dado. Minha filha adorava aquela boneca porque os cabelos eram muito compridos e louros, e ela gostava de penteá-los. O terceiro e último item que ela levava na bolsa era uma fotografia de Robin. Era só uma foto de documento que eu tinha desde o ensino médio. Fiquei feliz por nunca ter cedido à tentação de rasgá-la. Bella saiba que Robin era sua mãe, mas só isso. Eu planejava contar a ela tudo sobre Robin um dia, embora não tivesse ideia de como explicar por que a mãe não a quisera.

– Bem, vamos fazer dele a nossa casa – respondi. – Não é uma *casa* como a que tínhamos. Chama-se trailer e muitas pessoas moram em lugares assim. Vai ser uma aventura durante algum tempo. Vamos ver o que tem lá dentro?

Bella pegou minha mão e subimos os degraus que levavam à porta. Destranquei-a e entramos em um ambiente tão escuro que eu não enxergava um palmo à frente do nariz. No entanto, eu podia sentir o *cheiro* do local. Era um odor “praiano”, um tanto bolorento e fechado, além de algo mais que eu esperava que não tivesse nada a ver com gatos.

– Não estou enxergando nada, papai.

Algo na voz da minha filha me fez perceber que ela ia desmoronar a qualquer instante. Era como um lamento pequenino que só eu conseguia perceber. Nem a avó era capaz de ouvi-lo, mas, de vez em quando, Bella dizia alguma coisa e eu sussurrava para minha mãe: “Lá vem choro.” Dito e feito: cinco segundos depois, a choradeira e os resmungos começavam. Nos últimos tempos, essa modulação na voz dela não acontecia com muita

frequência, mas tive a sensação de que ia ocorrer naquele instante. Bella enfrentara problemas demais nas últimas semanas.

– Precisamos abrir todas as cortinas e deixar a luz entrar – observei, soltando a mão dela e procurando uma das janelas, que só identifiquei por causa das frestas de luminosidade ao redor da cortina. Eu a escancarei tão depressa que a claridade me fez fechar os olhos, apesar do vidro fumê. – Assim está melhor! – exclamei. – Quantas janelas nós temos, Bella?

A menina olhou em volta, no ambiente mal iluminado.

– Três – respondeu.

– Acho que tem mais uma. Você está vendo?

Ela virou de costas.

– Ali! – bradou ao pousar os olhos em uma longa e estreita janela sobre a pia da cozinha.

– Muito bem!

Abri as outras cortinas.

Bella correu até a única porta interna do lugar e a abriu.

– Aí é o banheiro – expliquei.

– Onde é o meu quarto?

– Isso é o mais bacana neste trailer. É tudo um lugar grande, em vez de quartos separados. Então, isto é nossa sala – falei, apontando para o pequeno sofá-cama, para a mesinha e as duas cadeiras perto de uma das janelas –, nossa sala de jantar, nossa cozinha e nosso quarto. – Apontei para a cama de casal no outro lado do trailer. – Você vai dormir ali e eu vou dormir neste futon.

– O que é um futon?

– Sofá. É outro nome para sofá. Acho que a primeira coisa que precisamos fazer, antes mesmo de trazer as bolsas com as nossas roupas, é encontrar um lugar para colocar nossas conchas novas.

Os frequentadores da igreja de minha mãe haviam coletado roupas, lençóis e toalhas para nós. Eles foram tão bondosos naqueles dias que pensei até em voltar a ir à igreja, como na infância, mas o desejo não perdurou. Agora, eu estava no modo "sobrevivência" e tinha prioridades: abrigo, comida, emprego, cuidados com minha filha. Minha alma teria de esperar.

– Eu quero minhas conchas *velhas* de volta.

O choro estava lá, não tão sutil dessa vez. Um estranho o teria percebido. Ela estava cansada. Não havia tirado o cochilo diário, e aquela menina, definitivamente, ainda precisava de cochilos.

– Eu queria que você as tivesse de volta, mas você vai sempre poder se lembrar delas.

– Não quero me lembrar. Quero as *conchas* de volta. E quero a vovó de volta também.

Eu dissera que ela sempre teria as lembranças da avó, mas sabia que não seria assim. À medida que ficasse mais velha, ela a esqueceria. A gente não se lembra das pessoas que conheceu aos 4 anos. Vagamente, talvez. Eu não parava de pensar nisso – como minha mãe, que fizera tanto por ela e que a amava mais do que tudo, desapareceria de sua memória. Que coisa! Aquilo era mais uma das grandes injustiças do mundo, em meio a tantas outras.

– Vou pegar suas conchas novas – falei, na esperança de evitar que ela caísse em prantos.

– Não quero – resmungou Bella.

Saí e fui até a van, peguei a sacola de lona com a coleção incompleta de conchas e carreguei-a para o trailer, junto com o saco plástico repleto de lençóis e toalhas. O chão fez um barulho oco quando entrei. Iríamos precisar de algum tempo para nos acostumar com aquilo.

Bella estava encolhida no sofá, abraçada à ovelhinha, fazendo um beicinho tão lindo que tive de me controlar para não rir. Eu ria

quando ela ficava emburrada e fazia beicinho até minha mãe me alertar que eu estava estimulando aquela atitude. Segundo minha mãe, ela acabaria se tornando uma daquelas meninas que conseguem tudo com os rapazes agindo como um bebê mal-humorado, e posso afirmar que essa ideia tirou o sorriso da minha cara. Eu queria que minha filha fosse forte.

– Agora, onde seria um bom lugar para colocar essas conchas? – perguntei, dando uma olhada no cômodo.

Em nossa antiga casa, elas ficavam em cima da lareira, que nunca funcionava.

Ela ainda estava amuada, mas sentou-se um pouco mais ereta e começou a olhar ao redor. Avistei o único espaço recuado de todo o lugar – sob a longa janela da cozinha –, mas esperei que ela o encontrasse sozinha. E ela o achou. Bella pulou do sofá e correu para a pia, apontando para a janela.

– Ali em cima!

– Perfeito! – Entreguei-lhe a sacola. – Você vai me passando as conchas, uma de cada vez, e eu vou arrumando.

Ela me estendeu a primeira, uma gigantesca que claramente seria a base de sua nova coleção. Era a sua favorita. Eu a coloquei bem no meio do recuo da janela. Depois ela me entregou uma concha laranja, de vieira, e franziu a testa.

– Era melhor em cima da lareira – falou. – Aí não tem espaço suficiente.

Fiquei um pouco impressionado por ela ter percebido isso. Pareceu-me bastante esperto para uma criança de 4 anos notar que quando sua coleção aumentasse não haveria lugar para ela naquele recuo. Mamãe dizia que eu exagerava sobre a inteligência de Bella, mas o que eu sabia sobre isso? Ela me parecia esperta.

– Bem, você tem razão. Quando não tivermos mais espaço, acho que teremos de colocá-las em uma tigela, certo?

– Elas vão quebrar.

– Não, se tivermos cuidado…

– Ô de casa!

Virei-me e vi uma garota de pé na porta da frente. A luz do sol só revelava a sua silhueta, mas a voz me soou estranha e eu tinha certeza de que não a conhecia.

– Pode entrar – respondi, e ela entrou.

Definitivamente, eu nunca a tinha visto. Era o tipo de garota que a gente não esquece. Vinte anos, talvez, e gostosa. *Muito* gostosa. Talvez um pouco magra demais, mas com cabelos louros em um longo rabo de cavalo jogado sobre o seio direito e usando quase nada – short, sandálias e uma blusinha curta e justa. Comecei a ter uma ereção e fiquei com a sensação de que ela percebeu. Seu sorriso era do tipo “Vamos para a cama agora”, ou talvez eu estivesse apenas fantasiando. Eu não fazia sexo havia meses, e precisava ajustar minha lista de prioridades.

– Oi – cumprimentou ela. – Meu nome é Savannah. A vizinha do lado.

– Legal. – Dei um passo à frente para apertar sua mão. – Eu me chamo Travis, e essa é Bella.

Apertei o ombro de Bella e ela abraçou minha perna enquanto segurava, com a outra mão, a sacola de conchas.

– Oi, Bella. – Savannah agachou-se, o que me ofereceu uma boa visão de seus seios. – Seja bem-vinda, querida.

Em geral, Bella levava algum tempo para ficar à vontade com estranhos. Mas ela abriu a sacola e deixou Savannah dar uma olhada. Imaginei se Savannah a fazia lembrar-se da boneca de cabelos longos que ela carregava para todo lugar dentro da bolsinha rosa.

– Conchas! – Os olhos da jovem se iluminaram e ela sentou-se de pernas cruzadas no carpete puído e fino, batendo no chão ao

seu lado. – Você pode me mostrar? Adoro conchas.

"Muito bem", pensei. Finalmente, um golpe de sorte. Eu poderia ter alugado um trailer ao lado de um cara maluco, que andasse de cuecas e fosse tarado por menininhas. Em vez disso, eu estava morando ao lado de uma mulher linda e que tinha jeito com crianças.

– O fusca é seu? – perguntei, enquanto Bella tirava o resto das conchas da sacola e as mostrava para Savannah, uma por uma.

– É. – Ela não olhou em minha direção. Sua atenção estava na minha filha, e ela elogiou cada concha. – Moro aqui há três meses e fico feliz por finalmente ter um vizinho. Quer dizer, um vizinho *de verdade*. Havia muita gente no verão. – Ela revirou os olhos. – *Muita* gente. Mas agora que a estação acabou, é solitário aqui.

– Você… quer dizer, por que você mora aqui?

– Trabalhei como garçonete durante o verão e estou fazendo algumas aulas agora. Cosmetologia. Precisava de um lugar barato, e não há nada mais barato do que isso.

Achei graça.

– Nem me fale.

Tudo bem, então ela não era uma cientista espacial, mas eu também não era. Embora, em certa época, eu tivesse criado maiores expectativas em relação a mim mesmo. Aqueles dias ficaram no passado.

– Gostaria de convidar você e Bella para jantar. – Ela se levantou e bateu as mãos uma na outra, para tirar a poeira. – Nada de mais, só macarrão com queijo, se vocês gostarem.

Bella suspirou. Ela continuava sentada no chão e olhou para mim com um grande sorriso. Como era linda… Sorri para ela.

– Macarrão com queijo está bom para você, Bela? – indaguei.

Era seu prato favorito e ela balançou a cabeça, concordando.

– A que horas? – perguntei a Savannah.

– Seis?

– Excelente. Já teremos nos acomodado. Talvez um de nós dois tire uma sonequinha.

Trocamos números de telefone e eu não disse a ela que era provável que eu não tivesse uma linha por muito mais tempo. Não tinha conseguido pagar a última conta. Pensei nos adesivos magnéticos colados nas laterais da minha van: “Construções Brown”, com meu número de telefone logo abaixo. Eu não ia tirar os adesivos de jeito nenhum. Eles tinham valor sentimental. Para mim, eram mais do que plástico magnetizado. Meu pai tinha adesivos com “Encanamentos Brown” escrito nas laterais de seu caminhão e, quando coloquei os meus, pensei em como ele devia se sentir em relação aos dele. Orgulhoso de ter seu próprio negócio. Orgulhoso de ter uma maneira de nos sustentar, da mesma forma que eu sustentava Bella e minha mãe antes que a economia entrasse em crise. Mas de que serviriam aqueles adesivos se eu não tivesse um telefone?

~

O trailer de Savannah ficava a um passo do meu, o que não queria dizer muito, mas dava para sentir um toque feminino lá dentro. Em primeiro lugar, o cheiro era muito melhor, uma mistura do macarrão com queijo que estava sendo preparado com algum outro aroma. Talvez o de uma vela. Em segundo lugar, ela havia colocado alguns tapetes mais bonitos por cima do carpete velho. Talvez eu fizesse isso também, quando conseguisse ganhar algum dinheiro. Em terceiro lugar, ela tinha jogado um tecido riscado de dourado por cima do sofá, junto com algumas almofadas, e havia abajures por todo o ambiente. Parecia um lar. Dava para ver também o segundo cômodo, onde ficava a cama, com um monte de travesseiros e uma colcha amarela. Entretanto, vi uma coisa que me incomodou: um

cachimbo em cima do balcão da cozinha. Eu não usava drogas. Procurava nem beber álcool. Sim, eu podia ter me metido com isso um pouco depois que as coisas deram errado com Robin, mas quando precisei educar minha filha, parei por completo. Eu não me importava se Savannah fumasse maconha. Não era nada de mais, mas o cachimbo bem ali, com Bella por perto… Bem, não gostei. Mas eu estava gostando bastante *dela*. Savannah trocara o short por um vestido curto. Sem sutiã. Ela era tão magra que não precisava usar, mas o tecido do vestido roçava em seus mamilos e eu não conseguia manter os olhos no rosto dela. Os cabelos não estavam mais presos e eram bem longos e dourados. Macios e sedosos. O tipo de cabelo que se vê em comerciais de xampu. Eu queria tocá-los. Só pegar uma boa mecha com minhas mãos.

Era melhor eu ir com calma.

– Obrigado por nos convidar – falei. – Ainda não tive a chance de ir ao mercado.

– Eu sei como é mudança – retrucou ela. Abriu a geladeira, pegou uma cerveja, tirou a tampa e me entregou. – E para Bella? Suco? Leite?

– Suco – respondeu Bella.

Normalmente eu teria lhe dado leite, mas aquela era uma noite especial.

– Por favor – lembrei Bella.

– Por favor – repetiu ela.

Savannah colocou um pouco de suco de laranja em um copo alto de plástico com uma tampa e um canudo. Perfeito.

– Você parece entender de crianças – comentei, enquanto acomodava Bella ao lado de uma mesa com um quebra-cabeça que tinha levado para ela não ficar entediada.

Bella adorava quebra-cabeças, e aquele tinha a Cinderela, que ela também adorava.

– Ah, eu tenho um monte de sobrinhas e trabalhei como voluntária em uma creche durante um ano. Essa idade – ela acenou na direção de Bella – é tão bacana… A melhor. Ainda inocente, sabe?

Acenei com a cabeça, mas ainda estava pensando no que Savannah dissera. Ela havia trabalhado em uma creche? Será que eu tinha tropeçado não apenas na vizinha mais gostosa que um homem poderia desejar, mas em uma que tinha experiência em cuidar de crianças?

Savannah tirou uma salada da geladeira e colocou-a sobre o balcão, mas, naquele instante, pareceu se dar conta da presença do cachimbo e, em silêncio, colocou-o em um dos armários mais baixos. Eu não disse nada a respeito. Em vez disso, comentei:

– Posso ajudar em alguma coisa?

Trabalhamos juntos na cozinha, falando sobre de onde viéramos – eu, logo dali, de Carolina Beach; ela, de Kinston –, e entramos um pouco na conversa sobre "Você conhece isso e aquilo?", mas, definitivamente, frequentáramos círculos bem diferentes. Contei a ela sobre o incêndio e ela parou de picar o aipo para me olhar. Pousou a mão em meu ombro.

– Que coisa mais triste, Travis… – Em seguida fitou Bella, que estava quietinha, montando o quebra-cabeça. – Isso deve ser horrível para vocês dois.

Concordei com a cabeça.

– É mesmo.

A mão dela continuava sobre meu ombro e ela a deslizou pelo meu braço, escorregando-a até a palma da minha mão. Estava se insinuando para mim. Eu não tive um relacionamento mais sério desde a chegada de Bella à minha vida. E não queria ter agora. Só deixaria a situação ainda mais confusa. Mas bem que eu precisava dormir com alguém. Isso eu não podia negar, e a maneira como

Savannah me tocou me fez perceber que ela sabia o que estava fazendo. Ela seria tão boa de cama quanto era linda.

Concentrei-me na alface para não perder o juízo.

– O caso é que preciso muito trabalhar – falei. – Meu último pagamento virou fumaça, literalmente, junto com a casa. E se eu conseguir um emprego, vou precisar de alguém para tomar conta de Bella. Você conhece alguém que cuide de crianças?

Ela deu de ombros e sorriu.

– Conheço a *mim mesma*. Tenho experiência. Como disse, eu trabalhei numa creche. Minhas aulas são à noite e passo o dia inteiro sem ter o que fazer. Eu adoraria tomar conta dela.

– Eu pagaria, é claro. Quer dizer, assim que eu conseguir trabalho.

Ela assentiu com a cabeça.

– Está difícil encontrar alguma coisa, né?

– Tem no mínimo vinte caras disputando cada vaga.

– Bem, se você conseguir trabalho, então tem uma babá. O problema é que… – Ela hesitou, cortando mais alguns pedaços de aipo. – Eu preciso sair da cidade às vezes. Tenho amigos em Raleigh que visito quando não tenho aulas. Mas quem sabe consigo alguém para ficar no meu lugar?

– Certo – respondi, pensando que não ia querer deixar Bella com uma desconhecida.

Mas, por outro lado, o que eu sabia sobre Savannah? Talvez eu devesse pedir referências à creche onde ela trabalhara, mas tive medo de que ela se sentisse insultada. O que eu sabia sobre Savannah era que ela crescera em Kinston e estava fazendo um curso noturno de cabeleireira, manicure ou algo do tipo, e que ela bebia cerveja e fumava maconha o bastante para ter um cachimbo no balcão da cozinha. Perguntei a mim mesmo se seria algo mais pesado do que maconha. Resolvi que ficaria de olho em quanto ela

beberia naquela noite. E se ela tivesse amigos que a visitassem no trailer? Eu não queria um bando de babacas perto de Bella. Imaginei se *eu* não seria um desses babacas. Talvez Savannah estivesse pensando exatamente isso.

– Onde está a mãe de Bella? – indagou ela, em voz baixa, enquanto colocava o aipo na tigela da salada.

– Beaufort.

– Ela… como ela se chama?

– Robin.

– Ela era incapaz ou o quê? Como Bella acabou ficando com você?

– É uma longa história – respondi.

Robin não era meu assunto predileto, principalmente com uma pessoa que eu não conhecia direito.

– E Bella costuma ver a mãe?

– É claro – menti. Não era da conta dela e a mentira me pareceu a maneira mais fácil de mudar de assunto. – Quer que eu rale algumas cenouras para a salada?

– Claro. – Savannah sorriu. Tocou meu ombro. – Acho que Bella é uma menina de sorte por ter ficado com você – acrescentou.

~

Durante o jantar, a maior parte da conversa foi com Bella e através dela, mas, por baixo da mesa, Savannah passava o pé descalço pela minha perna. Na primeira vez, ela olhou para mim com uma pergunta nos olhos, do tipo “Está bem assim? Estamos falando a mesma língua?”, e eu sorri de volta para ela entender que estava tão bem quanto poderia estar, embora eu soubesse que ficar com ela não seria muito inteligente de minha parte. Eu precisava de alguém para tomar conta de Bella mais do que de uma mulher com

quem transar. Mas, naquele instante, com os pés dela cada vez mais perto da parte interna da minha coxa, eu não estava pensando muito em opções de babá.

Assistimos televisão com Bella depois do jantar e, em seguida, eu a acomodei no sofá de Savannah. Não achei que ela adormeceria tão depressa. Em geral, demorava um pouco, sobretudo quando se encontrava em um lugar estranho, e estava acostumada a que eu lesse uma história antes de apagar a luz. Bella tinha um monte de livros que se queimaram no incêndio, mas Franny nos dera *O Gatola da Cartola* assim que nos mudamos para a casa dela e Bella não parecia importar-se de ouvir a mesma história muitas e muitas vezes. Ela não pegava no sono nem mesmo quando acabávamos a leitura. Sempre me pedia água ou se levantava para contar algo que não poderia esperar até o dia seguinte e que, em geral, a deixava exausta. Mas a falta do cochilo viera a calhar naquela noite. Para mim. Eu a cobri e observei-a mergulhar em sono profundo. Por fim, quando prendi a coberta bem apertada por cima dos ombros dela, Savannah inclinou-se e acariciou meu pescoço.

Levantei-me e a envolvi com os braços.

– Ouça – falei. – Não estou pronto para nada sério…

– Shhh. – Ela me beijou. – Não me importo com “sério”. Sou a favor de viver o momento.

Savannah tomou minha mão, fomos até o quarto e, por cerca de duas horas, esqueci-me do incêndio, da falta de emprego e de tudo o mais, menos do meu corpo e do dela.

9

Robin

Assim que os hóspedes da pousada estavam alimentados e prontos para passar o resto do dia explorando Beaufort, deixei minha assistente, Bridget, terminando a limpeza e fui até a casa ao lado, onde viviam os Hendricks. O fato de Dale ainda morar com os pais aos 33 anos sempre me pareceu estranho, até eu conhecer seus aposentos. Ele tinha o segundo andar totalmente para si, com uma entrada separada. Quando nos casássemos, teríamos um lugar só para nós dois, é claro. Duas semanas atrás, poucos dias antes do nascimento de Hannah, havíamos assinado o contrato de compra de uma casa pequena, com estilo típico de Beaufort, a um quarteirão da praia. Ela ficaria no nome dele até nos casarmos. Fecharíamos o negócio em um mês e eu mal podia esperar para fazer algumas reformas. Continuaria tomando conta da pousada, embora Bridget fosse ficar com meu espaçoso apartamento no primeiro andar e eu tivesse menos tarefas diárias a cumprir. Se fosse por Dale, eu não faria nada disso. Seria apenas uma dona de casa, dedicando-me a trabalhos voluntários, como sua mãe. Ele não gostou quando falei em voltar a estudar. Eu não tinha certeza se queria ser enfermeira ou alguma outra carreira ligada à área médica, mas tinha absoluta certeza de que não poderia viver apenas frequentando o clube e jogando golfe, ou tênis, dois jogos que, para início de conversa, eu detestava. Dale achava que eu devia ir mais devagar. Ele sempre se preocupava com minha saúde. Eu ingeria muitos comprimidos todos os dias e tinha de tomar cuidado com germes, mas me recusava a viver minha vida em uma bolha, como ele gostaria.

Atravessei o caminho que separava a pousada da casa da família e vi Mollie trabalhando no jardim, perto dos degraus de entrada. É claro que eles tinham um jardineiro. Na verdade, vários, que tomavam conta de ambas as propriedades, mas o jardim que contornava a casa pertencia a Mollie.

– Oi, mãe – cumprimentei, enquanto me aproximava.

Ela se levantou, ajeitou o chapéu de palha e olhou para mim.

– Oi, querida.

Seu sorriso parecia um pouco cansado e imaginei que ter um bebê em casa estava tirando o sono de todos. Eu começara a chamar Mollie e James de mãe e pai devido à sua própria insistência, logo depois que Dale e eu anunciamos nosso noivado, um ano antes. Chamar Mollie de “mãe” foi fácil para mim. Eu adorava a gentileza com que ela me tratava. Não me lembrava de minha própria mãe e passara a maior parte da vida desejando ter alguém a quem chamar assim. Por outro lado, com James fora mais difícil. Meu próprio pai ainda estava vivo na época, portanto eu já tinha um. Além disso, James sempre mantivera certa distância. Ah, ele era muito gentil comigo e eu sabia que gostava de mim à própria maneira, mas ele era um político. Eu nunca tinha certeza se o que estava em seu rosto era o que ele realmente sentia. Eu o vira sorrir de forma afetuosa para inúmeras pessoas e depois criticá-las pelas costas, então eu não confiava nele por completo. Algumas vezes, eu via aqueles mesmos traços em Dale e isso me perturbava.

– Alissa vai ficar tão feliz em ver você… – Mollie tirou uma poeirinha de seu short cáqui. – A neném ficou acordada a noite inteira.

– Você também não dormiu? – indaguei.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Tampões de ouvido. Uso desde que me casei com James. Vou lhe dar um par como presente de casamento.

Achei graça. Ia começar a dizer que Dale não roncava, mas me controlei. Com toda a honestidade, eu não tinha certeza se eles sabiam quantas vezes Dale passava a noite em meu apartamento. De qualquer forma, fazer tal comentário seria “indelicado” de minha parte. Eu estava aprendendo muito sobre o que era tolerado em uma família que precisava manter uma imagem pública intocada. A palavra *indelicado* era sempre muito utilizada. Foi por isso que eles lidaram de maneira tão rápida e aberta com a gravidez de Alissa, fazendo de um limão uma limonada.

Eu adorei Alissa no instante em que a conheci. Ela mal havia completado 15 anos, tinha cabelos longos, lisos e sedosos e seu sorriso era largo e branco. Ela me pareceu tão segura… Uma aluna que só tirava as melhores notas. Popular, com um namorado gentil, tímido e adorável, cujo nome era Jess. Alissa entendia tudo sobre computadores. Aos 14 anos, ela mesma criara o site da pousada. Se alguém fosse capaz de enxergar o que estava acontecendo, esse alguém seria eu, mas nem eu percebi. Só quando estava com cinco meses de gestação ela se abriu aos pais e a Dale. Então, pela primeira vez, eu vi o diabo solto na casa dos Hendricks. Quando James, Mollie e Dale começaram a falar sobre entrar em contato com os pais de Jess, Alissa contou a verdade: Jess não passara de um disfarce. Ele era o melhor amigo de Alissa, gay assumido, e a ajudava a sair de casa para ficar com Will Stevenson, um garoto com quem ela era proibida de se relacionar. Jess a pegava em casa para “saírem” juntos e a levava a qualquer lugar onde ela e Will pudessem se encontrar. Eu nunca conhecera Will, portanto não podia julgá-lo, mas o resto da família parecia odiá-lo por razões que me pareciam medíocres e erradas. Imaginei que, somados, esses pequenos motivos pudessem formar algo gigantesco. Para começar, ele havia parado de estudar no ensino médio e fazia serviços de manutenção em alguns escritórios. Sua mãe era empregada doméstica – na verdade, ela trabalhara como empregada na casa dos Hendricks quando Alissa e Will eram pequenos. O pai dele

estava na prisão por algum problema ligado a drogas. Além disso, Will tinha 19 anos, dois anos e meio a mais do que Alissa. Os Hendricks fizeram um escarcéu. Como Dale era onze anos mais velho do que eu, a diferença de idade me parecia um argumento bem fraco, mas era uma daquelas brigas de família nas quais eu sabia que era melhor não me meter. De qualquer forma, Alissa fora proibida de vê-lo e, quando anunciou que ele era o pai do bebê, foi como jogar merda no ventilador. Estávamos todos sentados na sala quando ela nos contou a verdade. James e Dale ficaram histéricos. Não estou exagerando: fiquei com medo que tirassem as espingardas do armeiro no escritório e saíssem à caça de Will.

A família manteve o nome de Will fora de toda a confusão, simplesmente retratando-o como o cara mais velho que se aproveitou de sua filhinha vulnerável. “Por favor, deixem-nos lidar com esse assunto de família de forma privada e proteger nossa menininha, que cometeu um erro e está assumindo a responsabilidade por suas atitudes” – dissera James em um comunicado à imprensa.

Senti pena de Alissa. Ela era dezesseis anos mais nova do que Dale, um bebê que mudou a vida de todos, segundo Mollie, e que tinha praticamente três pais em vez de dois. Eles começaram a monitorar o telefone celular e o computador da menina para se certificar que ela não teria contato com Will, e, com toda a honestidade, achei que ela tivesse perdido qualquer interesse por ele até o dia em que o mencionou na sala de parto. Perguntei a ela sobre isso apenas uma vez desde o nascimento de Hannah, mas ela respondeu que estava apenas “maluca” naquele dia e que não gostava mais dele.

Foi estranho que eu nunca tivesse ligado o que Alissa estava passando ao que eu mesma enfrentara com Travis. Talvez porque ela fosse tão saudável e segura e eu, o contrário. Talvez porque ela tivesse pai e mãe e eu, apenas pai. Talvez porque eu nunca tivesse

conhecido Will e, para mim, fosse como se ele nem existisse. A única certeza que eu tinha, porém, era a de que minha solidariedade era mais dirigida a ela do que a seus pais ou Dale. Tive o cuidado de nunca dizer isso, mas esperava que Alissa soubesse que eu estava do lado dela. Ouvi Hannah berrar enquanto me aproximava do quarto de Alissa. A porta estava aberta e, quando entrei, minha cunhada estava sentada na cadeira de balanço perto da janela, enquanto a bebê chorava no berço.

– Será que ela está com fome? – perguntei, dirigindo-me ao berço para dar uma olhada na menina. Não aguentava vê-la chorar. Só queria resolver o que quer que a estivesse incomodando. – Quando foi a última vez que ela mamou?

Alissa levantou uma mamadeira.

– Eu já ia dar – falou, embora eu tivesse a sensação de que ela estava relaxada naquela cadeira havia algum tempo. – Você quer dar?

– Ainda está morna? – indaguei.

– Está. Estava quente demais, eu estava esperando esfriar.

Inclinei-me para pegar Hannah no colo. Finalmente eu me tornara capaz de carregá-la sem chorar. Naquele primeiro dia, na sala de parto, quando a peguei, senti que uma parte de mim que eu enterrara havia voltado à vida. Agora, não conseguia me afastar dela. Não perdia uma oportunidade de ajudar Alissa, embora Mollie tivesse contratado uma babá, uma mulher mais velha chamada Gretchen, que ficava ao lado da bebê várias horas por dia – período em que eu não era necessária e que ficava com vontade de ser. Todos achavam que eu estava sob o efeito de hormônios, ou qualquer coisa parecida, devido a meu apego emocional a Hannah, e talvez fosse verdade. Eu já vira muitos bebês desde que o meu nascera, quatro anos antes, e nunca tivera uma reação como aquela. Era como se eu estivesse *pronta*, agora. Pronta para admitir

que tudo aquilo acontecera, embora me negasse a pensar muito no assunto.

Através da janela, o sol entrou e pousou nos longos cabelos avermelhados de Alissa. Pela primeira vez desde o nascimento de Hannah, ela me pareceu forte, bem e bonita. Peguei a mamadeira de sua mão e me sentei na poltrona que ficava de frente para a cadeira de balanço. De onde eu estava, podia ver a escrivaninha de Alissa. O livro que eu lhe dera sobre cuidados com bebês estava jogado em cima de uma pilha desorganizada de outros livros e revistas. Duvidei que ela tivesse dado pelo menos uma olhada nele, embora eu o tivesse lido da primeira à última página antes de entregá-lo.

– Mamãe disse que ela não dormiu a noite inteira – comentei.

Toquei os lábios de Hannah com o bico da mamadeira e ela tremeu quando o enfiou na boca, como se não conseguisse ingerir tudo com a pressa que desejava. Isso me fez sorrir.

Alissa balançou-se um pouquinho.

– Não consegui acalmá-la. Gretchen disse que eu devia fazer uns barulhinhos no ouvido dela, mas não funcionou.

– Que frustração – comentei.

Gretchen dissera a Mollie e a mim que Alissa não estava criando um bom vínculo com Hannah. Deveríamos ficar de olho nela. Ter certeza de que ela não estava entrando em algum processo importante de depressão pós-parto. Eu achei apenas que ela precisava dormir melhor, mas talvez fosse mais do que isso. Alissa era muito sociável e eu sabia que ela se sentia distante das amigas, primeiro pela gravidez e, agora, pela bebê. Ela voltaria à escola no mês seguinte e talvez isso a ajudasse.

Hannah abriu os olhos e os fixou em mim. Será que ela fazia o mesmo com Alissa? Desejei que sim. Como era possível sentir aqueles olhos negros sobre você e não ficar encantada para sempre?

– Oi, lindinha – falei para Hannah. – Está gostoso?

De seu lugar perto da janela, Alissa observava a filha beber o leite da mesma forma que observaria um filhote de cachorro que não havia decidido ainda se levaria ou não para casa. Sorri para ela.

– Ela tem um ótimo apetite – avaliei.

– Ela é muito melhor com você do que comigo.

– Logo você pega o jeito.

– Mas você nunca teve filhos e isso é natural para você. É totalmente *não* natural para mim. Gretchen disse que eu preciso relaxar quando a seguro, mas fico muito tensa.

– Tenha paciência consigo mesma – aconselhei.

Ela olhou para fora da janela, na direção da pousada.

– Talvez você e Dale devessem cuidar dela – sugeriu Alissa, sem olhar para mim.

– Estaremos bem aqui para ajudar você, Ali. Não se preocupe.

Ela suspirou bem fundo.

– Estou me sentindo tão presa… – admitiu ela.

– Mas logo você vai voltar a se encontrar com suas amigas.

– Com um bebê.

– Vai dar tudo certo – garanti, mas sabia que havia uma longa batalha diante de Alissa.

As coisas nunca mais seriam as mesmas entre ela e as antigas amigas.

Fiquei com ela por mais uma hora, até ter de voltar à pousada para verificar o trabalho das arrumadeiras e responder e-mails. Eu já havia feito Hannah arrotar, trocado suas fraldas e a colocado de volta no berço quando Alissa pegou minha mão.

– Fico tão feliz por você ter aparecido… Que bom que Dale vai se casar com você e não com Debra.

Desde o início, quando estávamos nos conhecendo, Dale havia me falado de Debra, sua ex-noiva. Ele se apaixonara por ela e ela lhe dissera que jamais tivera um relacionamento sério com outra pessoa. No entanto, um repórter que estava escrevendo um artigo sobre a família Hendricks para o jornal local descobriu que Debra já fora casada. Isso não era nenhum crime. O problema era o fato de ela nunca ter contado a Dale sobre o casamento, o que o deixou magoado e humilhado. Eu vi nos olhos dele quando ele me contou. A dor ainda estava recente, e lamentei por ele.

Inclinei-me para dar um abraço em Alissa.

– Eu também fico feliz. Me ligue se você se sentir sozinha.

Saí do quarto e estava quase na porta de entrada quando vi James e dois homens bem vestidos na sala.

– Aí está nossa Robin! – festejou ele.

Eu desacelerei o passo e assumi o andar de uma dama.

– Olá – falei, com um sorriso.

– Entre, entre.

James acenou com o braço para que eu me aproximasse. Me apresentou aos homens, cujos nomes eu logo esqueci. Dale me dissera que minha memória em relação a nomes teria de melhorar. Mas eu não conseguia me lembrar de todo mundo como ele fazia.

– Robin vai ser o mais novo membro da família Hendricks – declarou James.

Ele parecia orgulhoso de mim, e tentei parecer digna, mas vestida com meu short e camiseta e com um pouco de golfada de bebê nos ombros, duvidei que estivesse conseguindo. Esperava que ele não ficasse chateado por eu estar tão desarrumada.

Um dos homens segurou minha mão nas suas.

– Minha mulher não fala de outra coisa que não seja o seu casamento – comentou. – Ela diz que faz muito tempo que não vai a um. Você vai ter de encontrá-la antes para que, quando ela começar

a chorar, pelo menos conheça a pessoa que está provocando tantas lágrimas.

– Será um prazer conhecê-la.

Eu estava ficando tão nervosa com a festa do casamento… Parecia que todos da cidade haviam sido convidados. Eu quase não tinha participado dos planos. Mollie assumira tudo, desde a escolha dos convites até as flores e o bolo. Bem, eu disse que queria de chocolate, mas o modelo foi decisão dela. Ela também escolheu o meu vestido e, como ele já pertencera à própria Mollie, não pude reclamar, e ele era lindo. Simplesmente maravilhoso. Eu pensava no evento como um casamento de sonhos, mas não parava de acordar às duas da manhã sentindo-me em um pesadelo. Minha vida estava um pouco fora de controle.

– Preciso ir – disse eu, dirigindo-me a James. – Tenho de ver como estão as coisas aí do lado.

– Claro, claro – concordou ele. Enquanto eu me dirigia à porta de entrada, ouvi-o comentar: – Ela não é um amor?

As palavras me deixaram à beira de lágrimas. As pessoas naquela família às vezes tinham duas caras, outras vezes apunhalavam pelas costas, algumas vezes eram calculistas. Mas, se havia algo de que eu tinha certeza era de que eles me amavam. Enquanto atravessava o jardim até o hotel, tive de perguntar a mim mesma se minha omissão não era tão errada quanto a mentira de Debra a Dale.

Na cozinha do hotel, comecei a preparar a comida para o café da manhã do dia seguinte, pensando nas palavras doces de James e no milagre em que minha vida iria se transformar. Minha amiga Joy, que eu conhecia desde o centro de reabilitação cardíaca onde ambas tínhamos sido pacientes, fora a primeira a me falar sobre a vaga no hotel. Ela trabalhava como garçonete em um restaurante em Beaufort e me deu força para sair de Chapel Hill e me mudar com ela para Beaufort. Eu estava perdida. Meu pai me pressionava

a ir para a faculdade, mas embora isso estivesse definitivamente nos meus planos, eu queria sentir o gosto da liberdade. Era como se tivesse vivido trancada em um armário durante anos, primeiro pela minha doença, depois por minha recuperação. Após a reabilitação, eu não tinha vontade de estudar. Só queria aproveitar, pela primeira vez, o fato de estar viva.

Depois que a família me contratou, Dale me deu um curso rápido sobre Beaufort, para que eu pelo menos conhecesse mais sobre a região do que os meus hóspedes. Ele me levou para caminhar à beira-mar e me apresentou a cada um dos lojistas, mostrou-me os barcos e me falou de seus proprietários. Ao longe, podíamos ver alguns dos pôneis que ficavam perto da arrebentação na Ilha Carrot. Nós nos apaixonamos durante aquelas caminhadas. Fiquei comovida ao ver quanto ele adorava Beaufort e quanto queria fazer pela população. Naquela época, ele já planejava ser o prefeito, embora eu não soubesse que concorreria tão depressa. Estava muito atraída por ele. Eu havia me esquecido daquela parte de mim quando estava doente. A parte sexual. É tão estranho quando a sua vida inteira é consumida por uma doença… Algumas vezes, eu me sentia um coração, não um ser humano. Com Dale, percebi que o resto de mim voltou à vida. Quando ele pegou minha mão, eu senti a presença de cada célula dos meus dedos como se fosse a primeira vez. E seus lindos olhos cinzentos! Naquela época, eu ainda não tinha visto aqueles olhos ficarem turbulentos. E, nossa, algumas vezes havia verdadeiras tempestades neles! Dale tinha uma delicadeza própria, um calor verdadeiramente honesto, mas havia aço ali no fundo. Ele não se dobrava com facilidade e eu estava aprendendo que, se quisesse fazer algo que ele não aprovava – mudar a maneira de lidar com alguma coisa no hotel, talvez, ou mesmo assistir a um filme que ele não tivesse muita vontade de ver –, tinha de abordar o assunto com cuidado e devagar para ter alguma chance de vencer aquela teimosia. Mas todo relacionamento demandava contemporizações. Eu havia

aprendido isso quando vivia com meu pai. Não era nada novo para mim.

Meu pai ficou entusiasmado quando contei que estava namorando Dale Hendricks. Como lecionava ciência política, meu pai sempre estivera sintonizado na política estadual e sabia exatamente quem era Dale: o herdeiro natural do império dos Hendricks. Papai queria que eu tivesse alguém que cuidasse de mim. Ele sabia que, se eu entrasse para aquela família, ele nunca mais teria de se preocupar comigo.

Quando Dale me levou para conhecer Beaufort, eu estava cansada de falar sobre meu coração, mas ele me fez milhões de perguntas sobre o assunto e eu respondi a todas elas. Ele disse que eu era incrível e respondi que as pessoas realmente incríveis eram os membros da família da doadora. Então eu chorei, algo que sempre fazia quando pensava nas pessoas que jamais conheceria e que haviam me dado o maior presente que alguém poderia receber. Estávamos sentados no mirante público, olhando para Taylor's Creek, com o crepúsculo nos envolvendo e as cores do pôr do sol no ar e na água. Cada segundo de minha vida era belo, mas aquele foi como um quadro em minha mente, pendurado para sempre diante dos meus olhos. Dale colocou o braço ao meu redor. Secou uma de minhas lágrimas com as costas dos dedos. Em seguida, virou meu rosto na direção dele e me beijou. Fazia tanto tempo que eu não era beijada que esquecera como um simples toque de lábios podia enviar faíscas para todas as partes do meu corpo. Como esse toque podia me fazer perder a razão. Como podia me levar a fazer coisas que eram um pouco loucas, como dormir com um homem que eu mal conhecia. Sim, nós voltamos para a casa dos Hendricks, subimos em silêncio a escada externa que levava a seu apartamento privativo e eu já estava arrancando a camisa de dentro das calças dele antes de chegarmos ao quarto.

Sorri ao me lembrar daquela noite enquanto cobria a comida com papel alumínio e a enfiava na geladeira. Em seguida, peguei meu celular e liguei para Dale.

– Você pode chegar mais cedo hoje? – pedi, recostando-me no balcão. – Estou com saudades.

~

Ouvi o choro da minha bebê vindo de algum lugar do hotel, mas não consegui chegar até ela. Eu sabia que estava sonhando, mas isso não me fazia sentir melhor. Corri pela casa que, no sonho, era feita de quartos que levavam a outros quartos, que levavam a mais quartos, alguns deles tão pequenos que eu tinha de andar agachada, outros tão grandes quanto um salão de festas. O choro era de cortar o coração – ela precisava de mim! O som parecia vir de uma direção, depois de outra, e eu não conseguia encontrá-lo. Quando olhei para a camiseta que eu usava no sonho, vi que havia duas manchas redondas e molhadas em meus mamilos.

– Robin! – A voz veio de muito longe. – Acorde, Robbie. Você está sonhando.

Abri os olhos. Na escuridão, a única coisa que pude ver foi a luz de LED da pequena televisão sobre a cômoda. Estava sem fôlego pela corrida durante o sonho e confusa sobre onde me encontrava. No hospital? No meu quarto de infância? Toquei meu peito esquerdo por cima da camiseta. Seco.

– Sente-se, meu bem.

Era a voz de Dale. Eu estava na pousada e o corpo dele estava quase enrolado no meu quando ele levantou meus ombros da cama.

– Você está bem? – perguntou. – Está respirando com tanta força… Seu coração está…?

– Foi só um sonho – falei, tanto para mim mesma quanto para ele.

Eu sabia que meu coração estava bem. Provavelmente era mais forte que o dele. Viera de uma moça de 15 anos, morta em um acidente de carro. Quando eu tinha pesadelos, em geral eram sobre ela. Sonhava com os últimos instantes de sua vida, ferida e sozinha em um veículo que caíra em uma ribanceira. Eu sonhava com a vida esvaindo-se de seu corpo e entrando no meu. Algumas vezes, nós duas vivíamos e eu acordava sentindo uma alegria impossível, até que me lembrava.

– Ufa! – Eu me inclinei para a frente e Dale começou a massagear minha nuca. Fiquei sem graça. – Espero não ter gritado, ou coisa parecida. – Tentei rir. – Assustaria os hóspedes. – Quando Dale e eu começamos a dormir juntos, fizemos um teste para ver quanto de barulho podia ser ouvido, saindo do meu quarto, no quarto de hóspedes logo acima. Dale subiu até lá e eu fiquei no quarto fazendo sons eróticos e mexendo na cama para fazê-la ranger. Ele jurou que não ouviu nada, mas tudo isso nos fez cair na gargalhada. – Eu estava gritando?

– Não. Estava só choramingando e respirando alto. – Dale me abraçou com força e me balançou um pouquinho. Ele sabia ser tão amoroso… – Me conte sobre o sonho.

Hesitei por alguns segundos, mas não vi nenhum motivo para não contar a ele.

– Eu tinha uma filha no sonho – relatei. – Ela estava chorando e eu não conseguia encontrá-la. Não conseguia achar o caminho na casa até onde ela estava. Foi muito… eu só queria chegar até ela.

Minhas lágrimas foram uma surpresa repentina, e fiquei feliz pelo fato de o quarto estar escuro. Não era a primeira vez que eu sonhava com minha filha naquelas duas semanas após o nascimento de Hannah. Durante o dia, eu ficava bem. Sem problemas. Mas quando dormia e não controlava meus pensamentos, ela surgia, chorando por mim ao longe, e eu nunca, jamais, conseguia alcançá-la. Em um dos sonhos, eu estava

chateada por não saber o nome da criança, assim como não sabia o de minha própria filha. Como Travis a teria batizado? Será que ela era saudável e feliz? Eu sabia que ela não tinha o meu problema cardíaco. Meu pai me dissera que eles a examinaram assim que nasceu e que ela estava bem, o que era um milagre devido aos medicamentos que eu tomava quando fiquei grávida. Na maior parte do tempo, eu conseguira tirar aquela criança da cabeça. Agora, de repente, ela estava tentando entrar.

Dale riu um pouco.

– Você está passando tempo demais com Alissa e Hannah. Mas, falando sério – acrescentou ele depressa –, você tem sido uma ajuda enorme para ela. Alissa realmente… não está se adaptando tão bem à maternidade, não é?

– Acho que os hormônios dela ainda estão descontrolados – contestei. – Imagino que, quando ela voltar a frequentar a escola com as amigas, vai se sentir melhor.

Eu não acreditava muito nisso. Alissa tinha razão em estar nervosa quanto ao seu futuro. Nenhuma de suas amigas tinha de correr para casa depois da aula para cuidar de um bebê.

– Você vai ser uma mãe maravilhosa – disse Dale, e fiquei feliz por estar tão escuro, pois não queria que ele visse como estremeci.

Eu havia lhe contado que talvez nunca pudesse ter filhos. Fora honesta sobre isso. Os medicamentos antirrejeição tornavam uma gravidez algo de extremo risco. Meu médico dissera que ter filhos era “improvável, mas não impossível”, e Dale parecia ter apagado totalmente o “improvável” da frase. “Vamos achar um jeito”, garantira ele, e eu deixei o assunto de lado, como fazia com tudo o que pudesse gerar conflito. Eu queria filhos, mas seria feliz adotando. Sabia, pela reação de Dale e de seus pais quando Alissa dissera que queria colocar o bebê para adoção, que aquela não era uma ideia que eles aceitariam com muita facilidade.

Pensei ter ouvido o bebê outra vez, ao longe, embora agora estivesse bem acordada. Afastei-me de Dale para acender a luz do meu criado-mudo. A escuridão estava me deixando nervosa.

A luz brilhou nos olhos dele, que tinham um tom cinza metálico, a cor do mar em um dia nublado. De repente, eles me pareceram familiares de uma maneira completamente nova. Quase perdi o ar. De forma inesperada, descobri por que me apaixonara por Dale. Soube por que, no instante em que o vi na entrevista, tive vontade de abraçá-lo. Naquele momento, achei que fosse amor à primeira vista, mas meu subconsciente estava brincando comigo. De repente, percebi que fora Travis que eu vira nele.

– O que foi? – perguntou ele, e percebi que estava olhando para Dale como se nunca o tivesse visto.

– Nada. – Balancei a cabeça. – Só estou um pouco atordoada.

Tremi. Algo estava acontecendo comigo e eu não estava gostando. A filha de Alissa mexia comigo de uma forma estranha e diferente e, com tudo o que já estava ocorrendo em minha vida, eu não precisava ficar ainda mais mexida. A última coisa que eu precisava era ser atormentada pelas lembranças de Travis e da criança. O que estava acontecendo?

Sua filha está bem, afirmei para mim mesma. *Ela tem um pai e uma mãe que a amam e é saudável*.

Eu quase nunca pensava nela. Passara por um transplante de coração e era isso o que me definia, não o fato de ter uma filha, que não era mais que uma nota de rodapé no livro da minha vida. Quando eu pensava nela, era sem qualquer emoção. Naquela noite, acho que entendi por quê, e isso me assustou. Meu cérebro estava me protegendo de algo que poderia me dilacerar. Agora, com Hannah em minha vida, as lembranças estavam começando a voltar.

– Está pronta para tentar dormir de novo? – perguntou Dale, esfregando meu ombro.

Balancei a cabeça para dizer que sim, embora não tivesse certeza de que conseguiria pegar no sono. O sonho parecia distante agora, mas havia deixado para trás muitos sentimentos perturbadores, que me davam medo de apagar a luz. Mas eu a apaguei mesmo assim e me aconcheguei em Dale, tentando sentir seu cheiro, lembrar quem ele era. Tentando me lembrar de como minha vida seria maravilhosa quando eu me casasse com ele. Em vez disso, ouvi a voz de meu pai na mente.

A criança nunca existiu, ele dissera. *Deixe isso no passado, Robin. Essa parte da sua vida nunca aconteceu*.

Pensei no sonho e na necessidade desesperadora de encontrar minha filha e soube, naquele instante, que era possível amar uma pessoa que você não conhecia e jamais conheceria. Era possível amá-la do fundo do coração.

10

Erin

Desde o acidente, eu detestava ir para a cama. Assim que minha cabeça tocava o travesseiro, eu via o píer estendendo-se à minha frente, por isso eu nunca entrava no quarto enquanto não estivesse tão exausta que mal pudesse abrir os olhos. Então, se tivesse muita sorte, o sono me encontraria antes que o píer o fizesse. Esse fora o motivo que me levara a me mudar, duas semanas antes, para o apartamento. Eu ainda estava acordada às duas da manhã, assistindo ao filme *A noviça rebelde* na televisão.

Eu sempre fora uma pessoa noturna, mas meu emprego me obrigava a ir para a cama antes da meia-noite. Agora, porém, sem trabalho e sem marido, eu podia ficar acordada até a hora que quisesse. Eu me sentava no desconfortável sofá da sala e assistia a qualquer bobagem na televisão, como o canal sobre casa e jardim ou um filme antigo; jogava paciência no iPad ou entrava no grupo dos Pais de Harley. Michael não gostava muito de paciência, o que fazia com que o ato de jogar provocasse em mim um prazer perverso. “Esse jogo não conecta as pessoas”, ele reclamava. Michael gostava de jogos que juntavam as pessoas para competir ou cooperar. Do tipo *Farmville* ou *World of Warcraft*.

Eu gostava de viver sozinha tanto quanto era capaz de gostar de algo naqueles dias. Não precisava me preocupar em preparar uma refeição ou com o que vestiria de manhã. Algumas noites, dormia com a roupa que estava usando e continuava com ela ao acordar. Se visse isso, Michael ligaria para Judith a fim de relatar minha piora e dizer que eu precisava de mais ajuda do que ela me oferecia. Esta

era a melhor parte de morar longe dele: eu podia fazer o que quisesse sem me preocupar com sua reação.

A noviça rebelde era o filme predileto de Michael. Eu sempre implicava com ele por causa disso, pois achava piegas. Acho que nunca o havia assistido inteiro, sempre me ocupando com Carolyn ou com algum outro projeto cada vez que o filme passava. Mas Michael o via do princípio ao fim todas as vezes. Agora eu me via atraída por uma ou duas cenas, colocando de lado o iPad para prestar atenção ao filme. Pela primeira vez, acho que entendi o efeito que ele tinha sobre Michael. Eram todas aquelas crianças. Sete. Ele também era um entre sete filhos, o do meio, e, quando estávamos namorando, ele me disse que queria ter sete também. Achei que fosse brincadeira, mas era verdade. No final das contas, ele falou que aceitaria quantos eu quisesse ter. Achei que três seria a medida certa e ele propôs quatro, para que nenhum deles tivesse de sofrer as agruras de ser, sozinho, o filho do meio. Eu amava isso nele. Estávamos tentando engravidar quando Carolyn morreu, e, embora eu andasse frustrada por nosso insucesso, fiquei feliz por não estar grávida. Não seria um bom momento. Michael discordou. Uma noite, apenas algumas semanas depois da morte de Carolyn, estávamos abraçados na cama, ambos ainda em pleno sofrimento. Na época em que ainda sofríamos em uníssono.

– Se pelo menos você estivesse grávida… – refletiu ele. – Faria com que essa dor fosse um pouco mais suportável.

Eu me sentei, incapaz de acreditar no que estava ouvindo.

– Ela não é substituível! – berrei.

– Eu sei, eu sei – retrucou ele, puxando-me de volta para seus braços. – Não foi isso que eu quis dizer.

Eu me soltei do abraço e olhei direto para ele.

– Foi *exatamente* isso que você quis dizer.

Talvez aquele tenha sido o primeiro momento em que senti ódio de Michael. Foi, sem dúvida, o instante em que um enorme abismo

começou a se formar entre nós.

Agora, eu olhava para a televisão. Para aquelas sete crianças, em fila, com suas vestimentas típicas da Baviera, cantando *D*ó-*R*é-*Mi* alegremente. Era por isso que ele amava aquele filme, pensei. Ele representava seu maior desejo: uma família unida.

Peguei o controle remoto para verificar o guia da TV e vi que o filme ia passar todas as noites naquela semana. Peguei meu iPad e escrevi um e-mail para Michael com essa informação, caso ele quisesse gravá-lo. Então, coloquei os pés no sofá e abracei as pernas.

Eu havia perdido uma filha, pensei. Michael perdera um sonho.

11

Travis

Savannah colocou o recipiente vazio da salada de batata de volta na caixa de isopor a seu lado, sobre a colcha. Havíamos jantado na praia – Bella, Savannah e eu –, e agora observávamos o movimento da maré.

– O que aquelas pessoas estão fazendo na nossa praia?

Savannah deu um sorriso irritado enquanto fazia um gesto com a cabeça na direção de um casal de idosos caminhando descalços pela areia, a água batendo nos pés.

– Invasores.

Espetei um morango da tigela entre nós.

– O que é vasores? – perguntou Bella.

Ela estava encolhida sobre minhas pernas e eu a segurava com meu braço livre. Minha filha me pareceu muito magra. Definitivamente, a comida de minha mãe estava nos fazendo falta.

– É só uma piada, Bella – expliquei. – Invasores são pessoas que entram onde não é permitido, mas esta praia é pública. Uma praia para todo mundo. Então aquelas pessoas podem caminhar por aqui tanto quanto nós.

– Então por que você disse aquela palavra? Vasores?

– Invasores. Porque nesta época do ano, quando não tem muita gente na praia, parece que ela é todinha nossa.

– Você explica coisas demais a ela – comentou Savannah. – Ela não entende.

– Entendo, sim.

Bella entendeu o suficiente para sentir-se insultada.

Por que todo mundo queria que eu falasse com minha filha como se ela fosse boba? É verdade que ela não entendia muito bem algumas partes do que eu falava, mas conseguia assimilar a maioria das coisas. Eu nunca sabia o que ela absorveria, por isso explicava tudo. De vez em quando, Savannah fazia isso – criticava o modo como eu lidava com Bella. Agia assim o suficiente para que eu sentisse que teria de dizer alguma coisa caso não parasse. Ela tomava conta de Bella por apenas quinze dólares ao dia, por isso achei que eu teria de tolerar algumas críticas. Na semana anterior, eu trabalhara na construção de uma escada interior porque o sujeito que costumava fazer isso para o empreiteiro estava se recuperando de uma cirurgia, mas agora ele tinha retornado e não havia mais nada para mim. Ganhei pouco dinheiro, mas pelo menos não precisava me preocupar com alimentação. No entanto, o telefone e o aluguel… Eu não queria pensar muito nisso. A companhia telefônica cortara minha linha havia dois dias. Decidi não tirar os adesivos das laterais da minha van, embora o número impresso não adiantasse muita coisa. Quem sabe alguém poderia ver o anúncio enquanto eu estivesse parado em algum lugar e pedir um orçamento? *Continue sonhando*, pensei. Era uma questão de orgulho, na verdade. Se eu tirasse os adesivos, seria apenas mais um fracassado dirigindo uma van branca, velha e amassada.

O pagamento do aluguel estava atrasado. Eu conseguira juntar metade do que ia precisar e o dono do trailer não tinha um coração muito mole. “Tudo ou nada”, ele dissera. “Você tem até o fim da semana.” Savannah tinha dinheiro. Não muito, mas possuía algumas coisas decentes em seu trailer, um belo carro, e nunca parecia ter problemas para comprar comida e cerveja. No entanto, eu não queria pedir emprestado. E, de qualquer forma, ela não tinha oferecido.

Eu me sentia grato a Savannah, outro motivo pelo qual tolerava as críticas que ela fazia sobre Bella. As duas realmente pareciam se

dar bem, mas quando eu voltava para casa no fim de cada dia, Bella só queria ficar comigo. Desde o incêndio e da perda da avó, ela não queria me perder de vista. Parecia muito aliviada quando me via, como se tivesse medo de que, apesar de afirmar que não iria embora, eu decidisse que também iria para o céu.

Deitei-me de costas na cama e estiquei os braços para levantar minha filha no ar. Ela riu, abrindo os bracinhos, fingindo que era um avião. Eu fazia isso desde que ela era bem pequena e Bella estava ficando grande demais para a brincadeira. Na noite anterior, depois do trabalho na construção da escada, meus braços doeram bastante quando a levantei no ar daquele jeito. A sensação tinha sido tão boa… Era o tipo de dor que faz com que você sinta que teve um bom dia de trabalho. Agora, eu não sentia nada. Apenas o leve peso de minha filhinha magricela navegando pelo ar.

– Então, você não me disse como foi a busca por trabalho hoje.

Savannah abriu uma garrafa de cerveja e deu um gole. Ela estava certa. Eu falaria sobre qualquer assunto que me viesse à cabeça para não ter de comentar sobre o triste resultado de minha procura. Sentei-me e coloquei Bella sobre a colcha, depois a observei levantar-se e correr para a fileira de conchas.

– Nada – falei. – Não há nada. Comprei o jornal e talvez pudesse usar seu telefone amanhã para fazer umas ligações, mas não estou muito esperançoso.

– Talvez você precise aprender alguma outra profissão, como eu estou fazendo – sugeriu ela. – Pode ser que você tenha de fazer outro tipo de trabalho.

– E como vou sustentar Bella enquanto aprendo? E aprender *o quê*?

Eu sabia que havia falado com rispidez. As frustrações sempre me deixavam de péssimo humor. Eu quis frequentar a faculdade. Minhas notas eram boas, mas não o suficiente para uma bolsa de

estudos, e minha mãe e eu não tínhamos dinheiro para isso. Então, Bella chegou e ficou por isso mesmo.

– Bem, vamos ver… Quais são seus interesses? – indagou Savannah.

– Eu sempre quis ser biólogo marinho.

Eu não costumava revelar isso a muitas pessoas e me arrependi de ter contado a Savannah no instante em que ela achou graça.

– Você teria de ser bastante inteligente para fazer isso.

– Dá um tempo, Savannah.

Eu queria ter lhe mostrado minhas notas no teste de aptidão escolar, que não foram nada ruins, mas duvidei que ela soubesse o significado desse teste.

– Estamos muito sensíveis hoje, hein? – Ela virou a garrafa para dar um bom gole. – Olhe só, tenho uma ideia. Eu sei onde você pode conseguir trabalho.

– Onde?

– Eu não queria falar com você sobre isso porque não queria que você fosse embora.

– Embora…?

Não entendi o que ela queria dizer.

– Embora daqui. De Carolina Beach. Mas eu sei onde tem um trabalho que paga muito bem.

– Eu não vou embora de Carolina Beach – falei.

– E se você tivesse de escolher entre ficar na praia e colocar comida na mesa?

Ela fez um sinal em direção a Bella, que tinha se inclinado para pegar alguma coisa na fila de conchas.

Espetei mais um morango, mas não o coloquei na boca.

– Você sabe de um trabalho certo na minha área em algum outro lugar? – perguntei. – Onde?

– Raleigh.

– Não conheço ninguém em Raleigh.

Enfiei o morango na boca. Eu não iria para lá.

– Ora, você *vai* conhecer se aceitar esse trabalho. Tenho um bom amigo lá. Roy. Não fique com ciúme – acrescentou ela, depressa. – Ele não é nenhum namorado ou coisa parecida.

Eu não estava com ciúme. Não me importava se ela tivesse um namorado. Aliás, acho que seria bom. A atração que eu sentira por Savannah nas primeiras vezes em que estivemos juntos já não existia mais. Sim, ela era um pedaço de mau caminho, mas também era desmiolada e tinha um temperamento difícil, que me deixava nervoso. Era impossível abrir o coração para ela – não era seguro. Eu só esperava que aquela ocasional irritabilidade não respingasse em Bella. Eu precisava da ajuda de Savannah. Ela disse que estava se apaixonando por mim – com essas palavras exatas –, então eu estava pisando em ovos, tentando mantê-la feliz sem lhe passar a ideia de que um dia poderíamos ser mais um para o outro do que éramos naquele momento.

– Por que ele não consegue achar alguém em Raleigh? – indaguei. – As pessoas estão desesperadas por trabalho em toda parte.

Ela deu de ombros.

– Não sei todos os detalhes. Só sei que comentei com ele sobre você quando conversamos outro dia e ele falou: “Diga para ele me procurar que eu resolvo o problema dele”, com essas palavras.

Uau! Eu tinha de admitir, a possibilidade era tentadora.

– Ele é empreiteiro ou o quê? É trabalho residencial? Eu estava começando a fazer serviços de carpintaria fina antes do incêndio. Não sou nenhum especialista, mas sei fazer mais do que apenas construção em geral.

Eu estava mesmo pensando em aceitar?

– Vou falar com ele – prometeu ela.

– Mas onde nós iríamos morar? E o que eu faria com Bella? Não conheço ninguém…

– Você poderia deixá-la aqui comigo, eu acho, apesar de…

– De jeito nenhum – interrompi.

Raleigh ficava a poucas horas de distância, mas ainda que ficasse na Lua, eu não deixaria Bella para trás. Poderia até deixá-la com minha mãe por umas duas semanas, só para ganhar um dinheiro, mas não a deixaria com Savannah. Se ela ficou magoada, não demonstrou.

– Bem, como eu lhe disse, quero poder me ausentar algumas vezes, por isso acho que não daria certo mesmo deixar Bella comigo. Embora eu a ame muito.

– Então vamos esquecer essa história de Roy e Raleigh – declarei.

– Ele precisa de alguém para o trabalho até semana que vem, então você ainda tem alguns dias para pensar no assunto.

– Não. Agradeço muito, Savannah. De verdade. Mas não posso sair daqui. Aqui é nosso lar. O lar de Bella. Não posso mudar a vida dela outra vez logo depois… – fiz uma pausa para observar minha filha brincando de pega-pega com as ondas – … depois de tudo.

– Entendo.

– Vou achar alguma coisa por aqui. Só vai levar mais algum tempo.

– Espero que você consiga. Eu nem ia falar sobre isso, porque não queria que você fosse embora. Eu amo muito vocês dois.

Mantive os olhos em Bella, pois sabia que Savannah acabara de me revelar algo que não tinha intenção de dizer e eu não pretendia entrar em nenhuma conversa sobre amor com ela.

– É – retruquei, pegando outro morango. – Ela também ama você.

12

Robin

2006

O que olhos não veem o coração não sente.

Foi isso que decidi quando Travis e eu começamos a nos encontrar escondidos de meu pai. Não era fácil. Papai havia me tirado da escola e contratado uma professora particular, que ia até a nossa casa. Em geral, eu não tinha mais do que duas horas entre o momento em que ela ia embora e a chegada do meu pai, mas Travis aparecia para me ver nesse intervalo. No início, apenas ouvíamos música ou assistíamos a algum filme e nos beijávamos um pouco – bem, nos beijávamos muito, eu acho, tanto que um dia, quando chegou em casa, meu pai me perguntou sobre uma marca vermelha no meu rosto.

Mandei uma mensagem de texto para Travis naquela noite: “Precisamos parar de nos beijar tanto. Papai viu uma marca no meu rosto.”

“Não quero parar”, Travis escreveu de volta.

“Precisamos fazer coisas que não deixem marcas em lugares que ele possa ver.” Sorri quando apertei as teclas e fiquei olhando para a tela do telefone, esperando a resposta. Levou algum tempo até ela chegar.

“Mas e o seu coração?”

Ele estava preocupado comigo. Que amor.

“Vai ficar ok”, escrevi. Eu não tinha cem por cento de certeza. Meu coração estava na boca só de mandar aquelas mensagens. “Amanhã?”, digitei.

“Legal!!!!!!”

“Camisinhas!!”

“Não sou idiota. Vou levar 10. Dá?”

Ri feito boba. “Mal posso esperar.”

Acabamos indo até a casa dele em vez de nos encontrarmos na minha. Eu estava muito nervosa, com medo de meu pai chegar, por isso menti e disse a ele que Sherry voltara a me procurar e que íamos ao cinema. A pior parte da mentira foi ver como o rosto dele se iluminou ao ouvir aquelas palavras. Ele ficou muito feliz por eu ter retomado contato com uma de minhas antigas amigas. Meu pai me amava muito e queria que eu fosse feliz. Só não queria que fosse com Travis.

Travis foi me buscar e fomos de carro até a casinha em que ele morava, em Carolina Beach. A mãe dele estava trabalhando como garçonete e demoraria horas para chegar. O lugar tinha cheiro de fumaça e de peixe, mas não se via uma única partícula de pó por perto. Eu adorava estar ali. Travis sempre se referia à casa como um monte de entulho e o lado de fora estava *mesmo* caindo aos pedaços, mas por dentro era repleta de bibelôs, mantas coloridas e coisas femininas que faziam a minha casa parecer estéril. Como um hospital.

Travis começou a me beijar assim que chegamos.

– Você tem certeza disso? – perguntou.

– Absoluta – respondi, embora não achasse que ele conseguiria parar, mesmo se eu dissesse que estava em dúvida.

Eu nunca o vira daquele jeito, tão intenso e excitado. Ele agarrou minha mão e quase me empurrou pela sala e pelo corredor até o quarto, mas quando me colocou sobre a cama, foi delicado, como se eu fosse feita de vidro.

– Você não precisa fazer nada – falou. – Pode só ficar quieta e eu posso…

– Eu *quero* fazer coisas.

Levei a mão à fivela do cinto dele. A protuberância dentro da calça estava bem na minha frente, perto do meu rosto. De minha boca. Eu respirava com dificuldade e sentia a contração dos músculos do meu coração, mas não me importei. Tudo o que eu queria era tê-lo dentro de mim.

Eu sabia que deveria ter doído, mas não doeu. Nem um pouquinho. Acabou tão depressa que fiquei decepcionada. Eu queria que continuasse e ele me prometeu que, na próxima vez, demoraria mais. Então Travis me tocou com os dedos, deslizando um deles para dentro de mim, pressionando os outros contra meu corpo de uma maneira mágica, que me fez respirar tão forte e tão depressa que pensei mesmo que ia morrer, mas nem assim me importei. Deixei escapar um grito, que ele abafou com os lábios, e em seguida acabou. Do início ao fim, durou não mais do que sete ou oito minutos. Os melhores sete ou oito minutos da minha vida.

– Finja que sou seu pai – disse ele, mais tarde, quando se acomodou ao meu lado na cama, com o braço ao redor dos meus ombros.

– *O quê?*

– E aí, como foi o filme, Robin? – perguntou ele, com uma voz quase tão profunda e firme quanto a de meu pai.

Eu ri.

– Maravilhoso – respondi.

– O tipo de filme que você veria uma segunda vez?

– E uma terceira, e uma quarta.

Travis me pressionou com força contra o seu corpo nu, o rosto enterrado em meus cabelos. Sussurrou algo que parecia ser *para sempre* e eu sussurrei as mesmas palavras em resposta. Então eu chorei, porque estava muito, muito feliz.

~

– Tenho grandes novidades – anunciou meu pai durante o jantar, na noite seguinte.

Era a minha vez de cozinhar, por isso estávamos comendo frango refogado e legumes, que era praticamente o único prato que eu sabia preparar.

Olhei para ele e vi aquele sorriso que ele sempre abria quando não estava certo de como eu iria reagir a algo.

– O quê? – perguntei.

– Aceitei um emprego na Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill.

Abaixei o garfo. Meu coração deu um pequeno salto.

– O que isso quer dizer?

– Eu sei que este não é o melhor momento, agora que você voltou a se dar bem com Sherry, e fico triste por isso, mas você vai fazer novos amigos em Chapel Hill. E o mais importante é que estaremos perto dos melhores cuidados médicos para você.

– Os médicos daqui são ótimos – argumentei. – Não quero me mudar.

Eu já estava fazendo os cálculos. Chapel Hill ficava a três horas de distância. Quando eu veria Travis? Senti o pânico tomar conta de mim.

– Vou ficar aliviado quando estivermos mais perto de cuidados médicos de excelência. Eu sei que estou falando isso para você de repente, mas não queria lhe contar enquanto não tivesse certeza. Hoje, tudo se concretizou. Tanto o emprego quanto uma pessoa para alugar nosso apartamento aqui. Além disso, fiquei sabendo de outro apartamento que podemos alugar até eu estar pronto para comprá-lo. Praticamente caiu do céu. – Ele sorriu outra vez. – Então, precisamos começar a fazer as malas hoje mesmo. Amanhã

vão entregar algumas caixas aqui e você pode começar a colocar suas roupas, seus livros e outras coisas dentro…

– Quando? – indaguei. – Quando vamos nos mudar?

– Primeiro preciso ligar para os caras da mudança, mas espero encontrar alguém para fazer isso em até uma semana a partir de sexta-feira. Tenho de começar a trabalhar na outra segunda.

– *Papai!* Você devia ter me falado. Devia ter me dado algum aviso!

– Calma e tranquilidade, querida – pediu, e eu senti vontade de atirar meu garfo nele, mas é claro que não o fiz. – Acho que eu devia ter contado a você o que estava acontecendo, mas não queria que você ficasse chateada e tudo fosse por água abaixo. Até hoje de manhã, achei que não daria certo.

– Não estou com fome.

Coloquei o garfo sobre o prato e me levantei. Eu precisava ligar para Travis. Tinha que contar a ele o que estava acontecendo.

– Sente-se – disse meu pai. Ele falou com aquele tom de voz sereno que usava para me acalmar. Não tive coragem de sair, mas também não me sentei. – Eu sei que você anda se encontrando com Travis.

– Não ando, não.

Meu rosto estava em brasa. Como ele poderia saber? *Quanto* poderia saber?

– Não minta para mim. Um de nossos vizinhos, cujo nome não vou revelar, me disse que ele veio aqui várias vezes enquanto eu estava trabalhando.

– Foram só duas vezes – garanti. – Ele veio trazer alguns… alguns livros.

Olhei para baixo, para o prato de frango refogado, com medo de encarar meu pai de frente.

– Você estava mesmo com Sherry ontem à noite?

– Estava.

Ele suspirou como se não acreditasse, mas também não quisesse levar o assunto adiante. Nem precisava. Ele ia garantir que eu nunca mais pudesse ver Travis.

– Vá para o seu quarto. Comece a pensar sobre o que quer levar e o que pode doar. – Ele agarrou minha mão quando eu passei perto da cadeira dele. – É amor de infância, querida. Você vai encontrar um rapaz mais adequado. Garanto.



A mudança aconteceu tão depressa que não tive tempo de me afastar de meu pai para dizer adeus a Travis pessoalmente. Foram duas semanas terríveis. Tenho certeza que meu pai sabia sobre a mudança muito antes de me contar. Acho que estávamos saindo da cidade em parte por causa de seu trabalho, em parte para que eu tivesse melhores cuidados médicos, mas eu sabia que ele também estava procurando uma forma de me manter longe de Travis. Papai não fazia ideia de quanto éramos próximos. De como a distância não poria um ponto final no fato de que nos amávamos.

Nosso novo apartamento era menor do que o de Wilmington, mas ficava em um edifício luxuoso, em uma rua perto da universidade, e os alunos passavam debaixo de nossa janela conversando uns com os outros, fazendo com que eu me sentisse mais solitária do que nunca. Travis e eu continuamos em contato constante por telefone, mensagens de texto e e-mails, e eu teria morrido de solidão sem ele. Eu tinha uma casa nova, mas nenhum amigo. Como fazer amizades em uma nova cidade quando você está preso em um apartamento o dia inteiro? Meu pai finalmente percebeu o que estava acontecendo entre mim e Travis através da conta do telefone. Ele ficou mais atemorizado do que zangado e me disse que eu precisava fazer novos amigos em Chapel Hill.

– Como posso fazer isso? – perguntei.

Contei a ele como eu me sentia sozinha e ele me inscreveu em um grupo de apoio para crianças doentes, o que foi ainda mais deprimente. Depois disso, Travis e eu nos limitamos aos e-mails para permanecer em contato e começamos a elaborar um plano. Escolhemos uma terça-feira no início de janeiro, quando eu sabia que meu pai passaria o dia inteiro na universidade. Travis faltaria à escola, viria me buscar e iríamos a Jordan Lake para passar o dia juntos. Era um lugar bastante frio, mas não nos importávamos. Pela primeira vez desde a mudança, consegui sorrir.

– Eu sabia que você ia gostar daqui quando se acostumasse – afirmou meu pai, enquanto assistíamos juntos à televisão.

– É – concordei.

O que os olhos não veem o coração não sente. Mas eu não parei para pensar que aquilo poderia afetar o *meu* coração.

13

Travis

Algumas vezes, a vida não nos dá muita opção.

O proprietário do trailer me deu três dias para sair. Não havia ninguém fazendo fila para alugar aquele troço, agora que era outono. Ele estava só sendo mesquinho, e embora eu tivesse garantido que assim que conseguisse trabalho pagaria os aluguéis atrasados, ele não quis nem ouvir. Acho que sabia o que, no fundo, eu também sabia: “conseguir trabalho” não ia acontecer tão cedo. Assim, eu disse a Savannah que aceitaria aquele emprego do amigo dela, em Raleigh.

– Roy deve conhecer alguém que possa tomar conta de Bella para você – sugeriu ela. – Ele conhece todo mundo. É um cara cheio de contatos.

Eu estava contando com Roy para ser meu salvador. Mão de obra para a construção civil não era um artigo em falta, mas aquele cara estava guardando um emprego para um desconhecido. Estava apostando em mim só porque eu era amigo de Savannah. E, para melhorar, conhecia gente que cuidava de crianças? Senti que não tinha nada a perder.

Havia um colchão velho na traseira da minha van, que já estava lá desde que eu trabalhava entregando chapas de vidro. Fiquei feliz por nunca tê-lo tirado dali. Bella e eu teríamos de morar dentro do automóvel até eu receber meu primeiro pagamento e encontrar um apartamento, ou quarto, ou qualquer outra coisa. Pela primeira vez na vida, achei que corria perigo de perder Bella. Se soubessem como minhas condições haviam se tornado tenebrosas, será que poderiam tirá-la de mim? Poderiam denunciar-me ao serviço social,

alegando que eu não tinha dinheiro para cuidar dela? Eu não tinha. Era verdade. Mas ia conseguir de alguma maneira. Eu nunca deixaria que tirassem minha filha de mim.

– Alguma vez você já pensou que deveria deixá-la com a mãe? – perguntou Savannah na noite anterior à nossa partida.

Estávamos bebendo cerveja nos degraus do trailer enquanto Bella dormia lá dentro, no sofá. Savannah havia marcado uma entrevista com Roy dali a dois dias e me dera o telefone dele para definirmos o lugar. Eu teria de comprar um celular pré-pago para ter um número que pudesse fornecer a Roy.

– Não acredito que você falou isso – disse eu.

– Eu sei que você ama Bella e que é um pai maravilhoso e tudo o mais. – Ela tirou uma mecha de seus incríveis cabelos de cima do ombro. – Mas vamos encarar os fatos: você não tem como cuidar dela agora, e talvez a mãe, Robin, talvez ela possa…

– Vamos mudar de assunto – falei.

– Você está sendo egoísta – insistiu ela. – Robin não poderia ficar com ela pelo menos até você se recuperar? Ou, se isso não der certo, talvez Bella fique melhor em um lar adotivo por algum tempo. Ela teria muito mais do que você pode oferecer agora.

Fiquei irritadíssimo.

– Você sabe mesmo colocar um cara para baixo.

– Estava só pensando.

A verdade era que uma ou duas vezes depois do incêndio eu *havia* me perguntado se não estava estragando a vida de Bella. Nunca senti que cometera um erro quando arruinei os planos de Robin de que nossa filha fosse adotada. “Deixe-a viver com um casal que possa lhe oferecer tudo”, as pessoas argumentavam quando eu dizia que iria lutar por ela. Talvez outra pessoa *pudesse* ter lhe dado todas as coisas materiais que ela viesse a desejar, mas não poderiam lhe dar a *mim*. Seu pai. Quando eu era criança,

valorizava o fato de *ter* o meu pai, não o que ele poderia me dar. Dava valor àqueles passeios na praia, ao lado dele, e a tudo o que ele me ensinava. Minha mãe concordou comigo sobre ficar com Bella e me apoiou o tempo inteiro. Mas desde o incêndio, e com a falta de dinheiro, comecei a ficar acordado à noite, sentindo uma culpa gigantesca tomar conta de mim. Agora, eu iria arrancar minha filha de suas raízes mais uma vez, bem no momento em que ela estava se acostumando ao trailer, a Savannah, e iria levá-la – e a mim mesmo – para longe da praia. Quando eu me afastava trinta minutos da costa, começava a sentir falta de ar. Três horas de distância do mar iriam me sufocar. Mas muitas pessoas têm de rearrumar suas vidas por causa do trabalho, portanto, estava na hora de me levantar e partir. Savannah emprestou-me cinquenta dólares para a gasolina e eu tinha mais cinquenta no bolso para comida e o telefone celular. Talvez o tal de Roy pudesse me dar algum adiantamento. Eu trabalharia sem parar para ele, caso ele pudesse me ajudar.

– Durma aqui hoje – pediu Savannah, quando me levantei.

Balancei a cabeça, recusando.

– Tenho algumas coisas para preparar antes de irmos amanhã de manhã.

Na verdade, eu não queria nenhuma despedida prolongada e piegas. Desde aquele dia em que ela me dissera que amava Bella e a mim, fiquei nervoso, com medo de ser pressionado a falar algo em troca. Medo de que ela quisesse promessas que eu jamais iria cumprir.

– Sem problema – respondeu ela, e eu fiquei surpreso por ela não começar uma discussão.

Entramos, peguei minha filhinha adormecida nos braços e levei-a para o nosso trailer. Coloquei-a na cama de casal. Uma semana antes, eu ficara chateado por nos mudarmos para aquela patética

lata de sardinhas. Agora, estava fazendo nossa mudança para a van. Meu maior desejo era que o próximo passo não fosse a rua.

~

– Vamos viajar hoje, Bella – falei, na manhã seguinte, enquanto colocava na tigela a última porção de cereal. – Uma aventura.

– Para onde? – quis saber ela, pegando a colher.

Sentei-me de frente para ela, na outra ponta da mesa pequenina.

– Para uma cidade chamada Raleigh – expliquei –, onde o papai pode encontrar trabalho. Durante algumas noites, nós vamos dormir na van. Não vai ser divertido? Como se estivéssemos acampando.

– Igual a quando dormimos na barraca?

Ela não parecia satisfeita e percebi que *acampar* fora uma palavra idiota. Durante aquele verão, achei que seria boa ideia levá-la para acampar e armei a velha barraca de meu pai em nosso quintal. Bella detestou cada minuto e implorou para entrarmos na casa até eu concordar.

– Não, não é igual a acampar. É totalmente diferente, na verdade. É como se o Moby Dick fosse ser nossa casa sobre rodas por alguns dias, até a gente achar uma casa de verdade. Ou um apartamento.

Ou o que quer que fosse.

– Nós vamos para onde a vovó está? Ela está nessa tal de Raleigh?

Suspirei profundamente.

– Não, meu amor, eu já lhe disse. Vovó está no céu. Não podemos mais vê-la.

Ela enfiou a colher na tigela de cereal.

– Até eu ficar velhinha e também ir para lá?

– Isso mesmo – respondi, com outro suspiro, e me levantei para começar a empacotar a coleção de conchas dela.

Eu gostaria muito de ter feito uma última caminhada com Bella pela praia, mas começou a chover. Era uma chuva gelada que refletia bem meu estado de espírito. Se eu só precisasse pensar em mim, teria ido assim mesmo, mas a última coisa que eu queria era que minha filha adoecesse.

Guardei o resto de nossos pertences. Não havia muito para levar. Ajudei Bella a colocar o cinto de segurança de sua cadeirinha e me esquivei dos pingos de chuva para bater à porta de Savannah e me despedir. Ela saiu e pulou na van, movendo-se atabalhoadamente no banco traseiro para dar um abraço em Bella. Passou as mãos pelos cabelos finos dela e disse:

– Vou morrer de saudades, bonequinha.

Savannah parecia tão triste que achei que ela fosse chorar. Ela amava mesmo Bella, pensei, enquanto esperava sob a chuva fina, ao lado da van. Dei-lhe um abraço e agradeci por tudo. Eu tinha uma dívida para com ela.

– Talvez eu vá visitar vocês em Raleigh algum dia – falou.

– Talvez – retruquei, mas eu sabia que, quando a economia se recuperasse, eu voltaria para Carolina Beach.

Não havia a menor dúvida disso em minha cabeça. Mas eu não diria nada a Savannah. Ela precisava convencer Roy de que eu era confiável e motivado. Alguém com quem ele podia contar.

Bella e eu acenamos para Savannah enquanto nos afastávamos e, assim que pegamos a estrada, comecei a cantar “You Are My Sunshine”, uma canção antiga de Johnny Cash, e ela logo se juntou a mim, como sempre fazia. Ali, tentei me convencer de que estávamos indo em direção a um futuro que seria muito melhor.

14

Robin

– Então, acho que colocarei os Delaneys à mesa sete e os Beckers, à mesa oito.

Mollie abrira seu mapa sobre a mesa de jantar e ele cobria quase um terço da superfície. Dale e eu nos sentamos a um lado da mesa e ficamos olhando para as dezenas de círculos que representavam os assentos dos convidados da recepção do casamento e para o longo retângulo reservado à cerimônia. Alissa seria minha dama de honra, é claro, e minha amiga Joy, que acabara de se mudar para Charlotte, seria a madrinha. O melhor amigo de Dale, um ex-colega de faculdade que agora morava em algum lugar ao norte, e um de seus colegas advogados seriam os padrinhos. Eu não tinha muitos amigos íntimos. Depois que fiquei doente, nunca tive a chance de fazer amizades verdadeiras. Eu amava Joy como se fosse uma irmã, mas até mesmo nós duas havíamos nos distanciado desde que ela se mudara para Charlotte. Ou talvez não fosse pela mudança dela, mas por eu ter sido completamente adotada pela família Hendricks.

Dale espreguiçou-se na cadeira e bocejou.

– Já acabamos? – perguntou à mãe, que pareceu não tê-lo escutado.

– Em qualquer festa, você deve misturar os que falam muito com os que falam pouco – explicou-me ela. – Os que falam muito vão manter a conversa fluindo e os mais calados não vão se sentir sem graça.

Concordei, meneando a cabeça. A verdade era que noventa por cento da lista de convidados era formada por pessoas que eu nem

conhecia, portanto eu dependia totalmente dela para saber quem era falante, quem era calado, e o que fazer com as pessoas que não pertenciam a nenhuma das duas categorias.

Um ponto sobre o casamento que me deixava triste era o fato de meu pai não estar lá. Ele teria adorado entrar de braço dado comigo e me ver casar com Dale. Tentei não pensar nisso, mas todos os livros sobre casamentos que Mollie me deu falavam sobre o papel dos pais da noiva. Eu já me acostumara a não ter mãe, por isso pensar nela não me trazia o mesmo aperto no coração que sentia quando lia sobre o pai da noiva. Um dos livros dizia que a dança do pai com a filha era "um dos momentos mais preciosos da vida de qualquer mulher." Li aquela frase inúmeras vezes. Eu queria meu pai de volta. Nem sempre tínhamos nos dado bem, mas ele era a única pessoa que eu sabia que me amava mais do que a si mesmo. Eu o perdera para uma pneumonia havia apenas dez meses. Uma morte inesperada e devastadora da qual só tinha me recuperado graças a Dale e à sua família.

James havia se oferecido para entrar comigo, mas a ideia não me agradou. Eu não disse exatamente isso. Não sabia *o que* dizer quando ele fez tal sugestão, mas Dale percebeu o meu desconforto e sugeriu que entrássemos juntos. No início, isso chocou Mollie, mas ela superou.

– Vocês são adultos – disse ela. – Podem fazer do jeito que quiserem.

Fiquei grata a Dale por sua atitude. De vez em quando ele fazia alguma coisa que deixava claro que ele me compreendia mais do que eu imaginava.

Mollie poderia ter continuado a noite inteira com aquele mapa sobre a mesa, mas ouvi um choro vindo do corredor e vi a minha chance de fazer um intervalo.

– Vou ver se Alissa precisa de alguma ajuda antes de voltar à pousada – falei, empurrando minha cadeira para trás.

Dale me lançou um sorriso invejoso por eu ter conseguido escapar. Ele se levantou, abaixou-se e beijou o rosto da mãe.

– Obrigado por fazer tudo isso, mamãe.

– Bem, precisa ser feito – comentou ela, como se não estivesse adorando cada segundo dos preparativos.

Dale me deu um beijo rápido nos lábios.

– Me ligue quando chegar – pediu, e eu soube que ele planejava dormir em meu apartamento.

– Combinado. – Segui para a saída. – Mais tarde.

Hannah estava aos berros quando bati à porta do quarto de Alissa.

– Sou eu, Ali. Precisa de ajuda?

– Um segundo! – A voz dela era de quem estava sem fôlego. Achei ter ouvido uma voz masculina junto com o choro do bebê. Seria a televisão? Ouvi algo cair no chão. – Merda! – exclamou ela.

Abri um pouquinho a porta.

– Está tudo bem? – indaguei. – Posso entrar?

Ela estava inclinada sobre o teclado, a criança aos berros quase caindo de um dos braços, o mouse na outra mão. Um rapaz louro me encarou da tela do computador e percebi que ela estava falando com alguém no Skype.

– O que está acontecendo? – perguntou o rapaz. – Você precisa…

A imagem dele desapareceu da tela quando Alissa clicou com o mouse. Aproximei-me para pegar Hannah e minha cunhada virou-se para mim com o rosto corado. Ela mordeu os lábios.

– Não conte a ninguém – pediu.

– Aquele era o Will? – indaguei, pegando Hannah no colo. – Shh, neném, shh – sussurrei no ouvidinho da menina.

– Prometa – implorou Alissa. – Por favor, Robin.

Senti a fralda pesada de Hannah sob a roupinha.

– Ela fez xixi – falei, seguindo em direção ao trocador. – Vou trocá-la.

– Ah, que droga. – Alissa sentou-se na beirada da cama. – Por favor, Robin. Se você contar a Dale ele vai…

– Eles vão saber que você anda falando com ele em segredo sem que eu precise contar, não vão? – retruquei, enquanto desabotoava a roupa de Hannah. Ela estava chorando tão alto que seu corpinho tremia. – Eles monitoram tudo o que você faz na internet.

– Foi só essa vez – garantiu ela. – Ele tem o direito de ver a filha.

– A fralda está ensopada.

Fiquei zangada com Alissa, não por falar com Will, mas por ignorar as necessidades da filha.

– Eu já ia trocar.

– Está molhada há tanto tempo que já está fria, coitadinha.

– Eu o amo – desabafou Alissa.

Olhei para ela, sem parar de trocar a fralda.

– Ah, Alissa… – falei, mais para mim mesma do que para ela. Duvidei que ela conseguiria me ouvir com a bebê chorando tão alto. Coloquei uma fralda limpa em Hannah e levantei-a até meu ombro outra vez. Quase no mesmo instante, ela se acalmou. – Ela detesta ficar molhada. Você também detestaria.

Sentei-me na cadeira de balanço e bati de leve nas costas de Hannah. Será que todos os bebês tinham aquele cheirinho? Encostei minha cabeça nos cabelos louros e macios da menina.

Alissa estava mordendo o lábio inferior.

– Por favor, não conte – suplicou.

– Não vou contar.

Minha raiva estava perdendo a força. Eu queria que Alissa fosse capaz de conversar comigo, e ficar contra ela não ajudaria nem um pouco.

– Detesto a minha família – confessou. – Quer dizer, não você. Mas eles todos são tão velhos… Tenho um irmão que tem idade para ser meu pai. Ele não me entende. Você sabe como eles são, Robin. Só se importam com dinheiro e poder.

– Isso não é verdade – retruquei. – Eles amam muito você e Hannah, e se preocupam com a sua felicidade e o seu futuro. Não querem vê-la com alguém que não a mereça.

Não acreditei no que estava dizendo. As palavras dos Hendricks transbordavam de minha boca, e percebi que aquele também tinha sido o argumento de meu pai em relação a Travis. Como eu podia falar igual a ele? Apertei Hannah contra o peito e estremeci.

– O único motivo que eles… e *você*… alegam para ele não me merecer é o fato de não ter dinheiro nem poder, certo? Certo?

– Você sabe todos os motivos, Ali. E talvez eles não sejam justos. Talvez eles se preocupem muito em proteger a imagem de seu pai, mas Will também não fez muito esforço para conquistá-los. Ele se aproximou de você furtivamente. Ele a engravidou. Deu muitos motivos para que não o aprovassem.

– Robin, não conte! Estou implorando. Por favor, não conte. Foi só dessa vez, e eu queria que ele visse…

– Eu já disse que não vou contar e não vou mesmo, mas isso não significa que não posso conversar com você sobre isso. Eu *amo* você, Ali. Sei que está sendo difícil ficar afastada de suas amigas e que você tem sido muito corajosa. Só acho que você sente falta de Will porque está isolada. Será melhor quando você voltar à escola.

– Não será, não. – Ela balançou a cabeça, os olhos cheios de lágrimas. – Não tenho mais amigos. Todos seguiram suas vidas sem mim. E não é verdade que eu sinta falta de Will por causa disso. Eu o *amo*. Ele é o pai de Hannah e nem pode ver a filha.

Levantei-me, coloquei a bebê no berço e, em seguida, sentei-me na cama, ao lado de Alissa. Abracei-a e ela também me abraçou.

– Não fique com raiva de mim – pediu. – Eu não aguentaria se você ficasse com raiva de mim.

– Não estou – assegurei. – Entendo como você se sente. Você pode conversar comigo sobre isso. Deixe-me ajudá-la a raciocinar sobre o assunto.

Pensei no sujeito, na verdade apenas um rapaz, cujo rosto eu vira no monitor. Fora a fisionomia de Travis que eu enxergara. Eles não tinham nada em comum, mas isso não impediu a associação. Desde que reconhecera Travis nos olhos de Dale, ele não parava de tentar se insinuar em minha memória. Não achei que poderia impedi-lo por mais tempo. Nem tinha certeza de que queria fazê-lo.

Voltei a pé ao hotel, pensando em tudo o que acontecera entre mim e Travis. Ainda considerava errada a maneira como meu pai nos manteve separados. Agora eu queria consertar o erro através de Alissa. Pensei na imagem de Will na tela. Havia sinceridade em seu rosto, não havia? Preocupação? Eu falaria com Dale sobre isso. Consertaria o erro.

~

Na manhã seguinte, Dale me deu carona até o consultório de minha cardiologista, onde eu faria uma consulta de rotina. O lugar não era longe da pousada e, em geral, eu ia andando, mas ter Dale ao meu lado me daria a chance de conversar com ele sobre Alissa e Will. No entanto, quando ele deu partida no carro e o tirou da garagem, achei que não teria toda essa coragem. De que eu tinha medo? De sua raiva? De sua desaprovação?

Eu estava bastante nervosa desde o nosso noivado, com a imprensa toda a meu redor. Acho que fui entrevistada por todos os jornais e revistas do leste da Carolina do Norte e apareci na

televisão local duas vezes. Eu tinha muito medo de prejudicar Dale politicamente, já que não pertencia a um mundo como o dele, de muitas riquezas e muitos privilégios. James inclusive me pedira para tirar palavras como *bacana* e *legal* do meu vocabulário. Quando dividi minhas dúvidas com Dale antes da primeira entrevista, porém, ele fez um pequeno discurso de motivação.

– Você é uma *vantagem* para mim, Robin – insistiu. – Sua história é comovente… a menina inocente que passou a adolescência isolada dos amigos por causa de uma doença, lutando pela vida, sem chance de ter uma rotina normal com as amigas. Sem chance de ter um namorado. Quase morrendo. Conseguindo um coração na última hora devido à generosidade de desconhecidos.

Ele estava certo sobre o fato de eu ser uma vantagem para ele. Todos em Beaufort pareciam amar a mim e à minha história. Eu já havia sido fotografada inúmeras vezes por pessoas na rua, que me reconheciam mais depressa do que a Dale.

Quando saímos da garagem, lembrei-me das palavras dele naquela conversa: *Tão doce. Sem namorado. Uma menina inocente*. Duas semanas antes, essas definições soariam corretas para mim, mas duas semanas antes eu não estava assombrada pelo fantasma de Travis e de minha filha.

– Você tem certeza que não quer que eu vá com você à consulta? – perguntou ele quando entramos na Rua Craven.

– É só uma consulta rápida – falei. – Sem muita importância.

Era gentil da parte dele querer ir comigo e eu já permitira que me acompanhasse a outras consultas, mas a presença dele junto comigo no médico me fazia sentir uma criança outra vez, com meu pai colado em mim.

Ficamos em silêncio por alguns minutos e tentei juntar coragem para falar sobre Alissa. Finalmente, respirei fundo e entrei de cabeça no assunto:

– Acho que a Alissa ainda ama o Will.

Ele deu uma pequena risada.

– Ah, eu não acho – falou. – Ela já acabou com essa história.

– Eu acho que ela está tão para baixo… – Não ousei mencionar que a pegara conversando com Will. – Ela tem saudades dele – acrescentei.

– Isso é depressão pós-parto – afirmou Dale. – Além disso, não acho que ela tenha *realmente* gostado dele. Era só rebeldia. – Ele me olhou de frente. – Eu amo a minha irmãzinha, mas ela é meio desmiolada, caso você não tenha percebido. – Ele riu. – Ela escolheu a dedo um cara que sabia que iria deixar meus pais malucos. Um cara com um pai criminoso e uma mãe que não presta para nada.

– Não seja tão duro – falei. – Will não é responsável pelas atitudes dos pais.

Ele me olhou com a testa franzida.

– Robin, esse assunto já está encerrado. Por que falar nisso agora? Estou concorrendo nessas eleições, caso você não lembre. A última coisa de que preciso é que o ex-namorado marginal da minha irmã saia da toca.

– Tudo para você é política? – perguntei, embora sentisse que estava indo longe demais.

Dale e eu nunca discutíamos. Eu nunca discutia com *ninguém*. Aquele mantra de “paz e serenidade” flutuava em algum lugar do meu subconsciente. Mas eu sabia que estava me encaminhando para uma boa briga com ele naquele instante.

– Ora, por favor. Como você pode me fazer uma pergunta dessas?

– Você está sempre falando da minha “história comovente”. Como se o fato de casar comigo fosse lhe angariar votos.

Eu passara do limite. Senti que o havia magoado. Qual era o meu problema? Nem acreditei no que eu estava insinuando. Pude ver a cor subir ao rosto de Dale e suas mãos apertarem o volante.

– Ei! – exclamou ele, de maneira incisiva. – Eu me apaixonei por *você*. Não por sua história ou pelo que ela poderia fazer por mim.

Pensei nos detalhes de minha vida que deixei de fora durante as entrevistas. Travis e o bebê. As partes da minha existência que eu havia apagado. Expor as verdades sobre mim seria o fim do meu futuro com Dale, do meu trabalho na pousada e da vida perfeita que eu estava construindo em Beaufort. Eu tinha certeza que, se Dale soubesse sobre o bebê desde o começo, jamais me convidaria para sair, muito menos me pediria em casamento. Eu seria tão baixa aos olhos dele quanto Alissa. Uma *desmiolada*. Pior ainda: eu o enganara mantendo um segredo, assim como Debra escondera seu primeiro casamento. Ele ficara tão magoado… Enterrar aquela parte de mim não me parecera errado antes. Agora, porém, a lembrança de uma criança que não conheci e de um cara que conheci muito bem não saía da minha cabeça em nenhum momento. Eu estava vivendo uma mentira. De repente, senti que havia uma corda no meu pescoço.

– E *se* ela ainda o amar?

– Ela tem 17 anos. Vai superar. – Dale virou a esquina. – Não crie problemas onde eles não existem, Robbie. Há coisas que você não sabe e não precisa saber, portanto, confie em mim e esqueça o assunto.

Aquilo me deixou atordoada e em silêncio por um minuto. O que ele estava escondendo de mim? E como ele ousava? Sim, eu também não tinha contado a ele tudo sobre a *minha* vida.

– Não me trate como se eu fosse uma criança – pedi. – Como assim, “nem precisa saber”?

– Nada de mais, está bem? – respondeu ele. – E o que há com você hoje? Alissa já esqueceu o garoto, então não vá plantar ideias

na cabeça dela. Acho que o casamento deve estar lhe dando… sei lá, ideias românticas ou algo parecido. Will está fora de cena. Alissa tem a mim, a meus pais e a você para ajudá-la a criar Hannah. Ela vai acabar achando um sujeito legal com quem se casar, que vai amar a ela e à criança, e tudo vai ficar resolvido. Certo?

Não respondi. Em vez disso, olhei pela janela mais uma vez. Passamos por uma área residencial repleta das convidativas casinhas costeiras de Beaufort, com varandas enormes e cadeiras de balanço brancas. A casa que estávamos comprando era muito parecida com aquelas.

– Você acredita, honestamente, que ela ainda sente alguma coisa por ele? – A voz de Dale estava mais suave. – Ela disse isso?

– Não… só estou imaginando, pela forma como ela vem agindo.

– Se você acredita mesmo que ela ainda gosta dele, ajude-a a raciocinar melhor, certo? Você é mais próxima dela do que qualquer um de nós. Tem mais influência sobre ela, portanto, ajude-a a superar esse rapaz, está bem?

– Está bem – concordei, mas estava pensando: *Não, não está nada bem*. Perguntei a mim mesma se Will sabia que seu nome não constava da certidão de nascimento de Hannah. Se isso o incomodava. – Ele pode exigir seus direitos de pai – ponderei.

Eu não estava conseguindo deixar o assunto de lado.

Dale me olhou como se eu estivesse louca.

– Nós já resolvemos tudo isso – falou. – Ele está fora do cenário e concorda com isso. Agora, Alissa pode seguir em frente.

Olhei para fora da janela, para a rua diante de nós. Fiquei com a sensação de que tinha falhado em ajudar Alissa e, de repente, achei que fosse chorar. Toquei meu pescoço na altura da garganta, onde o nó me apertava. Eu nunca me sentira tão sem saída como naquele instante. Nem um coração doente me fizera sentir daquele jeito.

~

Minha consulta transcorreu sem qualquer problema. A cardiologista me abraçou antes de eu sair e tive a sensação de que ela notara o meu estresse, embora eu tivesse dito que estava tudo bem.

– Aproveite esses momentos – disse ela, me segurando pelos ombros e me olhando bem nos olhos. – Só se casa uma vez na vida. Assim espero – acrescentou.

Saí do consultório e comecei a caminhar até a praia. As ruas estavam cheias de turistas que passeavam, tomavam sorvete e tiravam fotos. Vi um casal que estava hospedado na pousada do outro lado da Rua Front e acenei. Então, no espaço de um só quarteirão, vi dois homens parecidos com Travis. Pelo menos eu *imaginei* que fossem. Eu havia alterado os traços deles em minha mente para que ficassem parecidos. Queria tanto que um deles fosse Travis que chegava a doer. *Estou enlouquecendo*, pensei, e soube que estava tão presa pela minha própria cabeça quanto por todo o resto.

15

Erin

Eu estava tomando um café em minha cadeira de couro marrom na JumpStart, tentando postar algo no grupo do pai de Harley quando meu iPad tocou um sinal para me alertar sobre um e-mail. Era de meu supervisor, Gene, da farmácia. “Esperamos ansiosos por seu retorno em sete dias, a contar de segunda-feira.” Imaginei que era uma maneira não tão sutil de me lembrar de que eu precisava voltar. Eu estava apavorada com meu retorno ao trabalho, mas agora era uma questão de dinheiro, além do que Judith chamava de “necessidade de retomar contato com o mundo real”. Expliquei a ela que o grupo *era* meu mundo real. Ninguém poderia ser mais real do que pessoas que entendiam exatamente como eu me sentia.

Eu continuava com um pouco de medo de fazer alguma trapalhada no trabalho, como acontecera quando voltei pela primeira vez. Meus pensamentos agora estavam mais claros e eu não me sentia em estado de torpor como no começo, mas a tristeza ainda me sufocava e a ideia de “retomar contato com o mundo real” me exauria.

“Certo”, respondi a Gene. “Vejo você em breve.”

Eu estava lendo uma postagem escrita pelo próprio pai de Harley quando, pelo canto do olho, percebi que um homem e uma menina saíram do banheiro masculino e se dirigiram ao balcão. Ajeitei-me na cadeira. Carolyn? É claro que não. Ela nem se parecia com Carolyn, mas, naquela parte assustadora e irracional de mim mesma, eu conseguia enxergar minha filha em qualquer garotinha. Carolyn era loura e aquela menina tinha cabelos castanhos. Ela segurava a mão do rapaz enquanto se dirigiam ao balcão. Ele tinha

20 e poucos anos, pensei, não mais que isso. Usava uma calça jeans velha e uma camiseta cinza e trazia uma sacola de lona encardida pendurada em um dos ombros. Pareceu-me estranho ver um homem e uma criança juntos na cafeteria, sobretudo em uma manhã de um dia útil e saindo do banheiro masculino, embora Michael já tivesse levado Carolyn ao banheiro masculino inúmeras vezes. Mesmo assim, aquele sujeito poderia tê-la sequestrado? Será que estava abusando da menina? Talvez ela precisasse de mim para resgatá-la.

Espere aí, falei a mim mesma. A garotinha parecia perfeitamente à vontade segurando a mão dele, recostando-se em sua perna enquanto ele pedia algo que não consegui ouvir. Os cabelos dela estavam um pouco desgrenhados e a franja caía sobre os olhos. Vestia um short azul-claro, tênis vermelhos e uma camiseta azul e branca. De onde eu estava já dava para ver algumas manchas na frente da camiseta. Ela levava uma bolsinha cor-de-rosa pendurada no braço, o mesmo que agarrava um bichinho de pelúcia e o apertava contra o peito. Ela era tão linda… Ver uma menininha sadia e viva enchia-me de tanta saudade que era quase insuportável, e aquela garotinha, com os cabelos desalinhados e a camiseta suja, parecia precisar de um pouco mais de amor e cuidados do que estava recebendo. Ela tinha um jeito de quem precisava de uma mãe.

Forcei meu olhar de volta ao iPad e comecei uma nova postagem no grupo de apoio.

Estou em uma cafeteria, digitei, *e uma menininha acabou de entrar com um homem (seu pai?). Embora ela não se pareça com C., imaginei que poderia ser ela. Acho que liguei o botão da "mãe desesperada de sofrimento" neste exato momento!* Apertei a tecla Enviar. Sabia que receberia respostas em poucos minutos e até previ o que elas diriam. Outros pais relatariam experiências

semelhantes. Sentimentos semelhantes. E eu me sentiria menos louca. Menos só.

Olhei para cima. O homem e a menina caminhavam na direção do meu pequeno círculo de móveis. Ele sentou-se no sofá e a garotinha acomodou-se a seu lado. Ele sorriu para mim e ela jogou a cabeça um pouco para trás, para poder me enxergar por baixo da longa franja. Seus olhos eram enormes e cinzentos. Da mesma cor dos dele, só que os dele eram circundados por cílios bem pretos e grossos. Ele era bonito, apesar da aparência cansada, e a menina também era bonita debaixo dos cabelos desgrenhados. Pai e filha, sem a menor sombra de dúvida.

– Como vai? – Ele tirou a sacola de lona do ombro e a colocou no sofá ao seu lado. – É sempre tão silencioso aqui?

– É mais movimentado de manhã bem cedo – respondi –, e na hora do almoço fica bem cheio.

Olhei para a tela do iPad. Nenhuma resposta à minha postagem.

– Somos novos na cidade – comentou ele. – Meu nome é Travis, e essa é Bella.

– Erin – falei. Eu devia ter dito que estava trabalhando. Ignorá-lo, como fazia com todos na cafeteria. Nem mesmo Nando tentava ir além do bom-dia, e acho que ele devia me achar bastante fria. Mas a menina, Bella, era como um ímã para mim e, por mais que eu tentasse não fitá-la, meus olhos não paravam de se voltar em sua direção. Ela me hipnotizava com aqueles grandes olhos cinzentos. – É sua filha? – indaguei.

– É, sim.

Ele partiu o bolinho que comprara em dois pedaços, colocou uma das metades em um guardanapo e o entregou a Bella. Ela foi quase elegante ao colocá-lo na boca e morder uma pontinha.

Esperei até que ela engolisse e inclinei-me para a frente na cadeira de couro.

– Quantos anos você tem, Bella? – perguntei, dando um sorriso forçado e vacilante.

Ela ficou em silêncio. Envergonhada, apertou o braço do pai. A pele sob seu nariz estava um pouco avermelhada, como a de Carolyn ficava quando tinha alguma alergia.

– Fale com a moça – disse o homem. – Responda quantos anos você tem.

Bella levantou quatro dedos, uma migalha do bolinho presa num deles.

– Quatro – falou.

Ela percebeu a migalha e a pegou com a boca. Carolyn teria 4 anos agora, se estivesse viva. Bella era um tanto pequena para a idade. Pequena e com cara de desamparada.

– Ela fez 4 anos há duas semanas – acrescentou Travis. A não ser pelas olheiras, ele era um rapaz bem bonito. Se eu fosse dez anos mais nova, solteira e não completamente infeliz, ele teria me deixado fascinada. Em vez disso, eu estava fascinada pela filha dele. – Não tivemos uma festa – prosseguiu. – As coisas estavam um pouco difíceis. Mas vamos comemorar quando ela fizer 4 anos e meio, não é, Bella?

A menina olhou para mim e assentiu com a cabeça, confirmando o que o pai dissera. Desejei que ela sorrisse. Não me parecia uma criança muito feliz.

– Ela está com sono – explicou Travis. – Percorremos um longo caminho ontem e não dormimos muito bem à noite.

– De onde vocês estão vindo? – perguntei.

– De Carolina Beach. Não tem trabalho lá, por isso não tivemos outra opção a não ser vir para Raleigh. – Ele fez uma careta e percebi que não estava satisfeito com a mudança. – Tem um emprego me esperando aqui. Amanhã vou ter uma entrevista com o cara.

– Espero que consiga – falei.

– Ah, já está tudo certo. A entrevista é só formalidade. Uma amiga em comum nos colocou em contato. – Ele entregou a Bella o copo com água que colocara sobre a mesa de centro. – Você tem filhos?

Balancei a cabeça em negativa. Senti Carolyn no ar, ao meu redor, magoada e traída.

– Então você não deve saber onde posso encontrar uma creche para quando eu começar a trabalhar, não é?

Balancei a cabeça outra vez. Era verdade. Eu não sabia de opções de creche na área de Brier Creek.

– Sua mulher não veio com vocês?

– Não sou casado – disse ele, tirando do bolso um lenço de papel e limpando o nariz de Bella de um jeito que me fez perceber que ele já repetira aquele gesto milhares de vezes. – Somos só eu e Bella.

Perguntei a mim mesma se teria havido uma esposa. Será que tinham se divorciado? Ela teria morrido?

– Então, é bom morar por aqui? – quis saber ele. – Nós estamos acostumados à praia, não é, Bell? Não estamos acostumados a tantas árvores e prédios altos.

– É bom – respondi.

Estava pensando nos lugares divertidos aonde costumávamos levar Carolyn. O famoso parque do Monkey Joe, o museu infantil, o parque de diversões Pullen… Mas não consegui falar sobre eles. Não podia deixar a imagem de Carolyn andando no trenzinho entrar em minha mente naquele momento.

– Espero que o emprego seja bom – comentei.

– Eu também. Precisamos de um descanso dos problemas.

Era isso mesmo que ele aparentava. Que os dois aparentavam: como se tivessem estado no inferno e precisassem de uma pausa.

– Me desculpe, Srta. Erin – disse Travis –, mas está na hora da historinha.

Ele tirou um livro da sacola. *O gatola da cartola*. Michael e eu lemos todos os volumes do Dr. Seuss para Carolyn tantas vezes que não dava para contar. Tive a impressão de que Travis também já o lera muitas vezes, pois a capa estava rasgada e as páginas, a ponto de se soltar. Observei Bella subir no colo dele enquanto ele abria o livro. Lembrei-me de como era segurar uma menininha em meus braços daquela maneira. A sensação de tê-la recostada em mim enquanto eu lia. Senti a injustiça daquilo outra vez. Queria minha filha de volta.

Baixei os olhos para o meu iPad, feliz porque a atenção de Travis estava no livro e não em mim, pois o que quer que estivesse em meu rosto não era para ninguém ver. A tela do iPad ficou desfocada diante de meus olhos e tive de piscar algumas vezes antes de poder ler a primeira resposta à minha postagem.

Carolyn está sempre ao seu lado, escrevera o pai de Harley. *Ela está naquela menininha e no pai dela e no ar que vocês respiram. Lembre-se disso*.

Sim, pensei. Olhei para Bella e Travis sentados, juntos, absorvidos na leitura, e senti Carolyn pairando sobre nós três, como um véu de ar cálido.

16

Travis

Raleigh

Estava muito frio quando acordei na van no dia seguinte, mas Bella dormiu mais um pouco, parecendo estar aquecida no saco de dormir em que eu a colocara. Era quase outubro e não conseguiríamos morar no carro por muito mais tempo. Estávamos parados no estacionamento da Target, onde eu tinha marcado de me encontrar com Roy, e eu mal podia esperar para tudo se concretizar. O estacionamento era um bom local para nossa casa temporária. O supermercado fazia parte de um enorme shopping e não chamávamos atenção. Eu me sentia bem e anônimo.

Verifiquei o celular pré-pago que comprara na Target na noite anterior. Até aquele momento, eu só o usara uma vez – para falar com Roy e marcar o horário do encontro. Ele estava com pressa, por isso não pude perguntar nada sobre o trabalho, mas ele disse que Savannah havia lhe explicado que eu era pau para toda obra e isso foi bacana.

– É verdade, acho que sou mesmo – falei, mas estava ficando tenso.

De que obras estávamos falando? Eu não tinha licença para fazer trabalhos com eletricidade, mas sabia bastante sobre encanamentos. Teria de improvisar o resto. Esperava que Savannah não tivesse exagerado sobre as minhas habilidades.

Eu queria ter perguntado a Roy se ele conhecia alguém que pudesse tomar conta de Bella, mas percebi, pelo modo apressado

como ele falou, que era melhor deixar para mais tarde. Aquela não era a melhor hora para uma conversa longa.

– Ei, dorminhoca.

Cutuquei Bella e ela abriu os olhos. Minha filha sempre dormia bem, embora houvesse começado a ter pesadelos depois do incêndio e tivesse molhado a cama algumas vezes na casa de Franny, algo que ainda acontecia de vez em quando. Mas, em geral, ela dormia bem e acordava animada. Não como eu. Eu precisava de um café.

Olhei para o outro lado do estacionamento, para aquela pequena cafeteria. Era cara demais, mas tinha uma mobília aconchegante, o que nunca se encontra em uma confeitaria ou algo do tipo. Além disso, estava bem ali, ao nosso lado, sem que precisássemos gastar gasolina. Na noite anterior, havíamos escovado os dentes e lavado o rosto no banheiro masculino e enchido as garrafas com água. Poderíamos fazer o mesmo agora, desde que eu comprasse alguma coisa. Bella e eu poderíamos dividir outro bolinho. Na noite anterior tínhamos comido no McDonald's, do outro lado do estacionamento, que eu poderia jurar que era mais comprido do que toda Carolina Beach.

Descasquei uma banana e Bella saiu do saco de dormir para pegá-la de minha mão. Ela ainda usava as roupas do dia anterior. Verifiquei suas calças para me certificar de que ela não havia se molhado durante a noite. Estava seca. Seu nariz estava escorrendo e eu a fiz assoá-lo em um lenço de papel. Os cabelos pareciam um pouco sujos e eu os penteei. Não consegui imaginar nenhum jeito de lhe dar um banho, só mesmo depois que conseguíssemos um lugar para morar, o que eu esperava que acontecesse logo. Talvez Roy me apresentasse a outro funcionário seu e eu e Bella pudéssemos ficar na casa dele até encontrarmos um lugar para nós dois. E havia a questão de com quem deixá-la. Meu Deus, minha vida estava uma bagunça. A expressão *sem-teto* se insinuava em

minha mente e eu tentava afastá-la. Eu me recusava a pensar em Bella como uma criança sem-teto.

Arrumei minha filha e a mim mesmo da melhor maneira possível e caminhamos até a cafeteria. Havia mais pessoas lá dentro do que no dia anterior e tivemos de esperar alguns minutos antes de entrar no banheiro masculino. Enquanto aguardávamos no corredor, Bella balançava o corpo, o que significava que precisava muito ir ao banheiro, e só me restava torcer para que quem quer que estivesse lá dentro não demorasse tanto quanto nós demoraríamos. De repente, um sujeito de terno e gravata saiu do banheiro. Tive a sensação de que ele tentou prender a respiração quando passou por nós. Torci para que não estivéssemos fedorentos. Que fosse apenas a minha imaginação. Que droga!

Lavei o rosto de Bella e ajudei-a a escovar os dentes antes de escovar os meus. Eu sempre cantava a mesma canção enquanto ela escovava os dentes. *Cinco macaquinhos pulando na cama…* Embora ela tivesse ouvido essa música todos os dias da vida desde que seus dentes começaram a nascer, ainda ria. Escovei os dentes dela com mais cuidado do que os meus e lavei atrás de suas orelhas usando toalhas de papel áspero. Ela dependia tanto de mim e eu não estava cuidando direito dela… Estávamos em um lugar estranho, onde não conhecíamos ninguém. *Roy*. Nós conhecíamos Roy. Mais ou menos. *Vamos ficar bem*, eu disse a mim mesmo. Bella estava rindo, não havia feito xixi na calça de madrugada nem tivera pesadelos. Estávamos bem.

E conhecíamos aquela moça. Erin. Pelo menos um pouquinho. Bem pouquinho. Eu a vi quando voltamos ao salão principal da cafeteria. Ela estava sentada na mesma cadeira do dia anterior, inclinada sobre o iPad que trazia no colo, com um copo de papel ao lado, em cima da mesa. Cara, eu adoraria ter um iPad, mas isso só aconteceria nos meus sonhos. Fiquei feliz ao ver que não havia ninguém no sofá ao lado dela.

– Lá está a Srta. Erin – falei para Bella. – Vamos pegar alguma coisa para comer e dar um oi.

Bella pegou minha mão e esperamos na fila, em frente ao balcão.

– Você quer bolinho de mirtilo ou de banana, Bell? – perguntei.

Ela mordeu o lábio inferior.

– Mirtilo – respondeu após alguns instantes.

Comprei o bolinho e um café grande, embora fosse cinquenta centavos mais caro do que o pequeno. Eu precisava dele e, de qualquer maneira, em poucas horas eu teria um emprego.

– Bom dia, Erin – cumprimentei, enquanto me sentava no sofá.

Ela pareceu surpresa ao nos ver. Talvez não muito satisfeita, e me perguntei se estaríamos interrompendo o seu trabalho. Ela olhou para mim rapidamente antes que seus olhos pousassem sobre Bella e ali permanecessem.

– Oi, Bella – falou, com aquela voz calma e aguda que as mulheres sempre usam quando se dirigem a crianças.

– Estamos interrompendo? – indaguei.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Tudo bem. – Olhou outra vez para Bella, que estava começando a comer sua metade do bolinho. – É de mirtilo? – perguntou.

Bella pressionou o corpo contra o meu braço.

– Responda à Srta. Erin – falei, e Bella balançou a cabeça assentindo.

– Eu comi um desses mais cedo – contou Erin. – Estava uma delícia. – Ela olhou para mim. – Hoje é a sua entrevista de emprego, né?

Gostei de ela ter se lembrado.

– É. – Pensei no telefone em meu bolso. Tirei o carregador da sacola de lona. – É melhor carregar a bateria – comentei.

Levantei-me para ligar o carregador na tomada da parede, ao lado do sofá.

– Então, onde você e Bella moram? – quis saber Erin, quando eu voltei a me sentar.

– Aqui e ali por alguns dias, até que o emprego esteja acertado.

Pensei em dizer que estávamos em um hotel ou algo do gênero, mas não conseguiria mentir daquele jeito na frente de Bella. Minha filha estava bem quieta e torci para que não decidisse dizer algo sobre como era dormir na van.

Erin colocou o iPad de lado e inclinou-se na direção de Bella.

– Estou apaixonada pela sua bolsa – falou, apontando para a bolsinha cor-de-rosa.

Bella levantou a bolsa no ar para que Erin pudesse vê-la melhor e fiquei satisfeito por Erin não a ter pegado para ver o que tinha dentro. Eu não estava disposto a explicar as fotografias.

– A cor fica tão linda em você, Bella… – prosseguiu Erin. – Combina com os seus olhos.

– Eu tenho os olhos iguais aos do papai – salientou minha filha.

Era algo que minha mãe sempre dizia. *Bella tem os olhos do pai*. Acho que nunca escutara Bella falar isso antes, e foi como ouvir o espírito de minha mãe através dela.

Erin se mostrou satisfeita por ter conseguido arrancar alguma resposta de minha filha.

– Tem, mesmo – concordou. – De que cor eles são?

Ela se aproximou de Bella franzindo os olhos, como se não conseguisse identificar a cor.

Minha filha olhou para mim, como se também não tivesse certeza da cor de nossos olhos.

– Você sabe – falei.

– Roxos! – exclamou ela, depois deu uma risadinha, a segunda daquela manhã.

Eu quis abraçá-la. Eu a estava fazendo enfrentar tantas coisas naquele momento, e ela estava se comportando tão bem….

– Roxos! – repetiu Erin. – Pensei que fossem cor-de-abóbora.

– Verdes! – gritou Bella, e elas continuaram a brincadeira enquanto eu acabava meu café e tentava despertar.

– Quando você começa no emprego? – perguntou Erin, quando as duas se cansaram do jogo.

– Logo, eu espero. Minha expectativa é poder começar imediatamente.

– Já conseguiu alguma creche?

– Minha amiga acha que ele… esse cara… deve conhecer alguém. É provável que outros empregados também tenham filhos e eu possa deixar Bella junto com eles.

– Seria ótimo – ponderou Erin.

– Você mora por aqui? – indaguei.

Eu queria tirar a conversa dos meus ombros e levá-la para outros temas.

– Bem perto – retrucou ela, apontando para o norte.

Pela primeira vez, percebi que ela usava uma aliança. Com garotas da minha idade, eu sempre olhava para ver se eram comprometidas, mas não notara a de Erin. Imaginei qual seria a história dela. Por que ela ficava ali todas as manhãs? Fiz um gesto na direção do iPad.

– Você está trabalhando nisso ou usa para jogos e leitura?

Ela olhou para o aparelho.

– Só estou usando para ver e-mails e participar de alguns… alguns grupos. Na verdade, sou farmacêutica, mas tirei uns dias de

férias. Vou voltar em mais ou menos uma semana.

– Farmacêutica! – exclamei. Uau! Ela não era ignorante. Era engraçado como, de repente, você enxergava uma pessoa de outra maneira quando sabia algo novo a respeito dela. Era como quando uma pessoa que sabia que eu trabalhava em construção descobria que eu fora um bom aluno, que teria feito faculdade se as coisas tivessem sido diferentes. – Bella – falei –, a Srta. Erin é como aquelas pessoas que trabalham na farmácia. Lembra quando você ficou resfriada e o médico mandou a gente comprar um remédio na farmácia?

– Morango – disparou Bella.

– Isso mesmo. Bem, a moça que perguntou que sabor você queria no seu remédio era farmacêutica, como Erin. Srta. Erin.

Minha filha olhou para Erin e fiquei imaginando o que se passava na cabecinha dela. Será que estava prestando atenção?

– Morango é o seu sabor preferido, Bella? – perguntou Erin.

Bella balançou a cabeça, em sinal de negação.

– Vaunilha – disse ela.

– *Bau*-nilha – corrigi. – Esse é o sorvete de que você gosta, não é? – Olhei para Erin. – O nariz dela está escorrendo desde que saímos de Carolina Beach e foi assim que o resfriado começou. Só espero que ela não fique doente outra vez.

– Você tem algum spray de solução salina? – indagou Erin.

Fiz um sinal negativo com a cabeça.

– Tente isso. Provavelmente ela só está reagindo à mudança de tempo.

– Está vendo, Bella? – falei, limpando o nariz dela com meu guardanapo. – Acabamos de conseguir uma consulta grátis de uma farmacêutica de verdade. – Imaginei quanto custaria um spray de solução salina. – Seu marido também trabalha nessa área?

Ela balançou a cabeça.

– Não, ele trabalha com computadores. – Ela olhou para baixo, para a aliança. – Estamos separados no momento. Por enquanto. De vez em quando a gente precisa de um tempo.

– Nem me fale – concordei, como se soubesse como era estar casado.

Perguntei a mim mesmo se poderia pedir a ela que ficasse com Bella enquanto eu ia me encontrar com Roy naquela tarde. Uma coisa era falar com ele sobre quem poderia tomar conta de Bella quando eu já estivesse trabalhando, outra era aparecer com ela para a tal entrevista. Erin, porém, já estava começando a trabalhar no iPad outra vez e não tive coragem de perguntar.

– Quer ouvir uma história? – perguntei a Bella, então peguei *O gatola da cartola* e comecei a ler.

~

Voltei ao McDonald's ao meio-dia, para o almoço, e depois parei de novo no estacionamento da Target, do outro lado do shopping. Era possível passar uma vida inteira naquele shopping center. Qualquer coisa que fosse necessária era vendida em alguma loja. Não era preciso ir a nenhum outro lugar. No entanto, apesar de seu tamanho, ele me parecia sufocante, porque não havia o mar. Não havia céu aberto, nem oceano, nem areia. Eu estava com um nó na garganta desde nossa chegada a Raleigh. Mas isso passaria. Quando conseguisse um emprego e um lugar de verdade onde morar, eu me sentiria muito melhor.

Ao telefone, eu dissera a Roy onde a van estava estacionada e que ela possuía adesivos nas laterais com "Construções Brown" escrito. Às 13h10, ele ainda não havia aparecido, e comecei a ficar nervoso. Levantei-me e fiquei ao lado da van, esperando. Todas as portas estavam abertas para arejar o ambiente e tive o cuidado de cobrir o colchão com uma pilha de objetos para que ele não

percebesse que ali também era o nosso quarto. Bella ficou lá dentro, enrolada no saco de dormir, usando uma caixa de madeira como mesa enquanto coloria um livro de desenhos. Sorte minha que ela era uma menina. Um menino estaria saltitando dentro do carro durante todo o percurso. Em geral, Bella era bem calma e conseguia brincar sozinha.

Vi um Mustang vermelho e brilhante movendo-se bem devagar pelo estacionamento. De repente, ele fez um retorno em nossa direção e parou em uma vaga não muito distante da van. Eu sabia que era Roy. Não havia nenhum motivo para outra pessoa parar ali, naquele mar de asfalto. Quando ele saiu do carro e começou a caminhar em minha direção, vi que não era exatamente o que eu esperaria de um cara que trabalha na área de construção civil. Ele usava um blazer e uma camisa azul com o colarinho aberto, tinha os cabelos bem cortados e percebi o brilho de um relógio de ouro em seu pulso. Parecia um sujeito bem-sucedido, e isso me deixou mais esperançoso. Fui até ele, sorrindo, com a mão estendida.

– Roy?

– Oi, cara. – Ele apertou minha mão. – E aí, tudo bem?

– Tudo bem. Estou ansioso para começar a trabalhar.

– Ótimo. Ótimo.

Ele olhou além de mim, na direção da estrada, e enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans.

– Papai? – Bella apareceu na porta aberta da van. – Quem é esse?

– Ah – falei, como se o fato de ver minha filha fosse uma surpresa. Fiz um sinal para Roy me seguir os poucos passos que nos separavam da van. – Bella, esse é o Sr. Roy. Roy, essa é minha filha, Bella. Savannah deve ter lhe falado sobre ela.

Roy levantou as sobrancelhas.

– Você tem alguém para tomar conta dela?

– Savannah disse que talvez você conhecesse alguém.

Ele deu uma risada curta, do tipo que não era uma risada de verdade, e fiquei tenso.

– Aquela vaca – resmungou, não muito baixo, e eu percebi que havia um sujeito bem grosseiro por baixo daquela aparência tão bem cuidada.

Merda. Aquilo não ia ser tão bom quanto eu tinha pensado.

– Ela achou que um de seus outros empregados pudesse ter filhos e soubesse de alguém para tomar conta de Bella – continuei.

– Eu não sou um centro de assistência à infância – retrucou Roy, erguendo um pouco o lábio superior.

– Certo. – Fiquei nervoso de repente, como se estivesse voltando à estaca zero. – Vou dar um jeito. – *Maldita Savannah*. Ela tinha feito tudo parecer tão fácil… Um assunto já acertado. – Me fale sobre o trabalho. Savannah não sabia se era residencial ou outra coisa.

Roy cruzou os braços por cima do peito.

– Olha, eu sei que a Savannah disse que era um trabalho de construção, não foi?

Eu hesitei.

– Foooi…

Arranquei a palavra de dentro de mim, já esperando o horror que viria a seguir. Tive a sensação de que não era nada que fosse me deixar feliz.

– Bem, a boa notícia é que você vai fazer um bom dinheiro por um trabalho bem pequeno – falou Roy.

– Como assim?

– Precisamos de um motorista com uma van. – Ele fez um sinal positivo com a cabeça ao olhar para o meu carro. – Perdi meu outro motorista, mas essa van aí vai ser perfeita. Sua filha pode até vir junto, se você não conseguir ninguém para tomar conta dela.

– Perfeita para o quê?

Ele estreitou os olhos e senti que estava me avaliando.

– Savannah me garantiu que você não era um babaca.

– Que ótimo. – Eu estava ficando irritado. – Pare de fazer hora com a minha cara e me diga logo qual é o trabalho, pode ser?

– Será de madrugada – começou ele. – Você vai levar a mim e uma outra pessoa até um caminhão ao norte daqui. Vamos pegar algumas caixas de leite para bebês de um dos caminhões, colocá-las na van, levá-las ao ponto de entrega e pegar uma montanha de dinheiro.

Tentei rir.

– Isso é alguma piada?

– Você vai ganhar quinhentos dólares por algumas horas de trabalho – calculou ele. – Duzentos na parada do caminhão, trezentos quando fizermos a entrega. O dinheiro mais fácil que você vai ter feito na vida, e se tudo correr bem poderemos repetir na semana que vem. Serão quinhentos toda semana, cara.

Ele estava falando sério, e fiquei estupefato. Olhei para o sujeito sem conseguir falar.

– Leite para bebês? – consegui dizer, finalmente. – Você está falando em roubar leite de bebês?

Ele fez um sinal com a cabeça na direção de Bella.

– Você tem uma filha – falou. – Ela tomou mamadeira?

Não respondi. Não queria aquele sujeito asqueroso se referindo a Bella.

– Alguns lugares retêm as latas – explicou ele. – Em outras lojas, só deixam comprar uma quantidade determinada. É porque é muito caro, e as pessoas roubam. Então, o que nós fazemos é pegar algumas caixas, aí os caras com quem eu trabalho revendem on-line por menos do que as pessoas pagam na loja. É como um serviço público. Somos como Robin Hood. Pegamos tão poucas

caixas que ninguém dá pela falta delas, depois vendemos para quem não pode comprar nas lojas, que aumentam o preço e tudo o mais.

Lembrei-me de quando Bella ainda mamava e de ter visto o leite retido em algumas lojas. Eu nunca havia entendido por quê. E *era* mesmo caro. Até aí era verdade. Mas ir parar na cadeia não fazia parte dos meus planos, e senti um buraco enorme se abrindo no meu peito. Estava com tanta raiva de Savannah… E estava tão ferrado… Nunca me sentira tão longe de casa.

– De jeito nenhum, cara – falei. – Savannah mentiu totalmente sobre o que você tinha a me oferecer. Quer dizer que não tem nenhum trabalho de construção?

Será que aquela história sobre leite de bebê era brincadeira? Talvez ele estivesse me provocando.

– Isso mesmo. Não tem emprego nessa área. Eu *costumava* trabalhar em construção, mas a economia ficou uma porcaria. – Ele arreganhou os dentes. – Isso aqui é tão melhor… Bem que eu queria ter feito isso desde o início. É fácil. Seguro. E muito mais lucrativo.

Ele apontou para o Mustang, para me convencer.

– Nada feito – respondi. – Não sou o cara que você quer.

Virei-me para voltar para a van.

– Ei! – chamou ele. – Se mudar de ideia, você tem o meu número.

Entrei na van e fechei todas as portas. Peguei Bella no colo. Ela se remexeu para livrar-se do meu abraço e voltar para o livro de colorir, mas eu a segurei. *Ok*, eu disse a mim mesmo, enfiando a cabeça nos cabelos da minha filha. *Fique calmo*. Eu tinha de refletir sobre o assunto. Não havia nada para mim em Carolina Beach. Eu estava em Raleigh agora. Cidade grande. Mais oportunidades. Eu acharia alguma coisa.

– *Papai*.

Bella se contorceu para sair de meus braços. Recostei-me na porta da van e fiquei imaginando como eu conseguiria alimentar nós dois até conseguir alguma coisa.

17

Robin

2007

Fazia três meses desde a última vez que eu vira Travis, e quando ele apareceu no prédio de Chapel Hill para a nossa bem organizada fuga até Jordan Lake, eu o agarrei e comecei a beijá-lo. Tinha imaginado aquele reencontro milhões de vezes, e em meus pensamentos eu lhe daria um abraço longo e emotivo, mas quando o vi parado ali, com seus lindos cílios e todo aquele amor no sorriso… Bem, eu o desejei. Pura e simplesmente. *Você pode morrer amanhã*, a voz familiar me dizia, no fundo da mente, *então é melhor aproveitar o hoje*.

Acho que devemos ter estabelecido um novo recorde de velocidade ao tirar a roupa um do outro e ali, no chão da sala do apartamento no qual meu pai me trancara para impedir que aquilo acontecesse, fizemos sexo louco e selvagem. Sexo *inesperado*, pois, quando planejamos aquele dia, a ideia era ir de carro até o campo, com uma cesta de piquenique que nos esperava em uma sacola de lona na cozinha, e voltar, o que nos daria tempo suficiente para fazer amor antes que meu pai chegasse. Não havíamos planejado uma transa esbaforida, com tanto suor e avidez. Ah, meu Deus, foi tão delicioso estar com ele outra vez! Enrolei minhas pernas em sua cintura para empurrá-lo bem fundo dentro de mim. O carpete queimava os meus ombros enquanto nossos corpos balançavam para a frente e para trás e eu pensei *Não ligo, não ligo, não ligo*. Tudo o que me importava era ter Travis de volta em meus braços.

Quando terminamos de fazer amor e estávamos deitados, nus e abraçados, Travis começou a rir de repente.

– Vamos deixar Jordan Lake pra lá e ficar aqui mesmo.

Percebi que aquelas eram as primeiras palavras que ele dizia desde que chegara.

– Vamos – concordei.

– Podemos fazer nosso piquenique aqui mesmo, no chão. Nus.

– Isso mesmo – assenti, mas eu não estava com a menor fome.

Na verdade, só de pensar nos sanduíches de peito de peru com queijo que eu preparara uma hora antes já ficava enjoada. Além disso, eu ainda não recuperara o fôlego. Fiquei deitada, em silêncio, esperando que a náusea passasse. Não queria que Travis soubesse que eu estava me sentindo mal. Não queria estragar o que acabara de acontecer.

– Ah, merda! – exclamou ele, batendo com a mão na própria testa.

– O que foi?

– As camisinhas. Ficaram lá no carro. Não esperava que você me atacasse desse jeito. – Ele riu de novo. – Você acha que vai ter algum problema?

Eu queria dizer que não, mas não tinha ar suficiente para fazer as palavras saírem de minha boca. Uma dor profunda e estranha estava tomando conta do meu peito, enviando longas fisgadas de dor para as costas. Além disso, aquele enjoo horrível não passava! Senti que ia vomitar a qualquer instante.

– Banheiro – consegui dizer, enquanto tentava me sentar.

Senti o braço de Travis ao meu redor enquanto me levantava e essa é a última cena de que me lembro antes de tudo ter ficado preto.

~

Acordei dentro de uma ambulância. Senti que era um ambiente familiar; aquela não era minha primeira viagem de ambulância. A sirene berrava e alguém pressionava uma mascara de oxigênio em meu rosto. Acho que vi Travis sentado por perto, o rosto desfocado e pálido. Levantei um braço na direção dele, mas alguém estava arrancando toda a vida de meus pulmões e do meu peito e o mundo desapareceu outra vez antes que eu pudesse tocá-lo.

~

Dias depois, meu pai sentou-se ao meu lado na cama do hospital. Meus olhos estavam fechados, mas eu podia intuir sua presença. Ele tirou os cabelos do meu rosto e senti o amor jorrando das pontas de seus dedos. Quando abri os olhos, ele se inclinou e segurou minha cabeça em suas mãos enormes enquanto beijava a minha testa.

– Oi, querida – falou. – Como está se sentindo?

Dei de ombros. Não tinha certeza de como me sentia. Estava presa a inúmeros fios e tubos e o que quer que estivesse correndo para minhas veias me impedia de ter qualquer sensação.

– Espero que você entenda agora por que eu a proibi de ver Travis – continuou ele. – Não era por crueldade, Robin. Ele não percebe quão frágil você é. Ele se aproveitou de você. Você entende agora?

Concordei com um sinal de cabeça porque era o mais fácil a fazer. Eu não tinha forças para uma discussão. Ele falava baixo. Com tanta calma… Se estava zangado comigo, não demonstrou. Imaginei que ele já devia ter descontado toda a ira em Travis. Uma das enfermeiras me contara tudo – como ele ameaçara matar Travis do lado de fora da sala de emergência. Ele o chamou de estuprador e disse que prestaria queixa na polícia se ele não ficasse longe de mim. Fiquei mortificada por papai ter descoberto que fizéramos

sexo. Eu sabia que suas ameaças não passavam do desabafo de um homem gentil que temia pela vida da filha. Mesmo assim, deitada na cama, fraca e sem fôlego, não tinha certeza de como Travis e eu poderíamos fazer as coisas darem certo entre nós outra vez. Meu pai ficaria de olho em cada passo que déssemos.

Assim que saí do hospital, mandei um e-mail para Travis, dizendo que eu estava melhor, que ele não devia se culpar. Falei quanto o amava. Apertei a tecla Enviar e esperei. Horas se passaram sem nenhuma resposta. As horas transformaram-se em um dia inteiro. Um dia transformou-se em dois. Dois, em uma semana. Quando uma semana se transformou em um mês, eu soube que o perdera. Tentei telefonar, mas ele havia trocado de número e o novo não constava da lista telefônica. Será que ele decidira que eu lhe trazia mais problemas do que valia a pena? Será que estava com medo do meu pai? Eu não poderia culpá-lo em nenhuma dessas situações. Tudo o que eu sabia era que ele se fora e minha vida tinha um vazio gigantesco que jamais poderia ser preenchido por outra pessoa.

18

Erin

Não conseguia concentrar-me nas postagens do grupo Pai e Amigos de Harley enquanto bebia o meu café na JumpStart porque meu olhar não parava de se voltar para a porta. Bella e Travis tinham ido à cafeteria diariamente na semana passada, fazendo-me chegar ao ponto de pensar neles o dia inteiro, e de noite também. Exceto por Carolyn, não havia no mundo criança mais adorável que Bella. Aqueles olhos! Nos últimos dois dias, ela se mostrara mais falante, embora eu não a considerasse uma criança tagarela. Agora, eu conseguia fazê-la sorrir e, de vez em quando, dar umas risadinhas. Todos os dias, Travis lia para ela o mesmo livro de aparência gasta que Bella, claramente, já conhecia de cor. Eu só a vira usando duas roupas diferentes – o short azul com a camiseta manchada de listras brancas e azuis, e um par de calças cargo da cor cáqui, com um pulôver cor-de-rosa. Fiquei me perguntando se ela teria outras. Travis usava calça jeans e camiseta todos os dias e carregava um casaco preto na sacola de lona. Sempre que entravam na cafeteria, eles iam direto para o banheiro masculino e ficavam lá por um longo tempo. Travis saía com a barba feita e as bochechas de Bella ficavam rosadas, como se ele tivesse esfregado o seu rosto. Então, Travis colocava o carregador do telefone na parede. Eu tinha medo de que tudo isso significasse que eles não tinham onde morar e me preocupava com ambos. Sobretudo com Bella. Eu sabia que o emprego que trouxera Travis a Raleigh não havia dado certo e, todos os dias, ele pegava um dos jornais que outras pessoas tinham deixado por ali e abria nos classificados. Tinha certeza de que as opções eram poucas para um trabalhador da construção naqueles dias.

Olhei as horas no iPad. Quase nove e meia e eu já terminara o meu café. Onde eles estavam? Tentei dar uma olhada no estacionamento, pelas janelas. Eu devia torcer para que *não* aparecessem. Isso significaria que ele havia conseguido um emprego e alguém para tomar conta de Bella. Eu devia torcer para isso, mas a ideia de não ver a menina era quase dolorosa.

De onde eu estava sentada, não conseguia ver um único jornal de Raleigh em nenhuma das mesas. Comprei um para que ele pudesse procurar trabalho e, quando estava pagando por ele no balcão repleto de pessoas, pedi um descafeinado à nova funcionária, uma adolescente visivelmente sobrecarregada que Nando estava supervisionando. Eu já havia tomado cafeína demais, mas precisava beber algo enquanto esperava. Eu não sairia dali sem ver Bella.

Os dois entraram na loja enquanto a moça frenética preparava minha bebida, junto com meia dúzia de outras. Travis acenou para mim no caminho para o banheiro masculino e acrescentei uma garrafa de suco de laranja para Bella em meu pedido. Sorri para mim mesma enquanto ia até a ponta do balcão para esperar, com os outros clientes, o meu café.

Nando abriu um sorriso para todos nós quando colocou alguns copos no balcão.

– Ela vai estar craque em uma semana – falou, acenando na direção da nova funcionária, que colocava leite vaporizado no copo de alguém. – Provavelmente terá chegado a gerente em um mês.

Retribuí com o sorriso fraco de sempre, peguei meu café e o jornal, levei-os de volta ao meu lugar e os arrumei na mesa próxima à minha cadeira. Dei uma espiada na seção dos classificados. Não havia muita coisa. Aquele não era o melhor dia da semana para encontrar empregos anunciados no jornal. De repente, pensei nos classificados on-line. Talvez Travis pudesse achar algo ali. Ele teria um computador para verificar? Duvidei. Lembrei que ele invejou

meu iPad. Eu poderia lhe emprestar o aparelho para verificar os anúncios.

Fiquei quase feliz enquanto esperava Travis e Bella saírem do banheiro. Mas, quando dei um gole no café, quase o cuspi. Tinha gosto de… nem sei de quê. Sabão? Sal? Alguma coisa que quase me fez vomitar, ao mesmo tempo que eu me forçava a engolir o que já estava na boca. Levantei a tampa do copo e vi a mistura de leite lá dentro. Definitivamente, não era o meu descafeinado puro. Levantei-me e voltei ao balcão. Outra cliente, uma senhora vestida com um conjunto cor-de-rosa, já estava lá reclamando com a nova funcionária por ter recebido a bebida errada.

– Acho que trocamos nossos copos – observei.

– Eu posso ter me enganado nos pedidos – falou a jovem, com uma careta.

– Sem problemas. – Nando bateu no ombro da moça. – Essas duas senhoras simpáticas vão esperar você pegar os pedidos certos.

Ele tirou os copos de nossas mãos e começou tudo de novo.

– O que era *aquilo*? – perguntei à mulher de cor-de-rosa, apontando para o copo que Nando acabara de levar.

– Meu favorito. Chocolate com amendoins torrados.

– É… diferente – observei, e ela achou graça.

Logo vieram nossas bebidas certas. Quando fui para o meu lugar, Travis e Bella já estavam saindo do banheiro.

– Olá, Erin – cumprimentou Travis quando chegaram à minha cadeira.

– Olá, Travis. Oi, Bella – respondi. – Achei que não viriam hoje.

– Estamos aqui. – Travis não se sentou, mas Bella subiu no sofá, a bolsinha cor-de-rosa pendurada no braço. Ela abraçou com força a ovelhinha de pelúcia e Travis colocou uma das mãos sobre a

cabeça dela. – Fique sentada aqui enquanto eu pego o nosso café, Bella.

– Eu comprei um suco de laranja para ela.

Ele levantou as sobrancelhas.

– Como se diz, Bella? – perguntou.

– Obrigada – respondeu ela.

– De nada. E tome cuidado ali – recomendei a Travis. – A garota que está atendendo no balcão é nova. Peguei a bebida errada e pensei que fosse veneno.

Ele riu, cruzando os braços no peito.

– Sempre tomo cuidado com copos de café. Uma vez, fui pescar com uns amigos em Kill Devil Hills. Na ida, comprei um café no McDonald's e coloquei no balcão da cozinha, na cabana que alugamos. Um dos meus amigos tinha um copo igualzinho, só que o dele estava cheio de minhocas.

– Ah, não! – exclamei, me encolhendo.

– Ah, sim – disse ele, com um tremor. – Tomei um bom gole de suco de minhoca.

Dei uma risada. Percebi que era a primeira vez que ria em meses.

– Minha mãe me disse que era bem-feito por comer no McDonald's.

– Vovó? – perguntou Bella.

Ele hesitou.

– Isso mesmo, meu amor. – Travis esfregou o ombro da filha com tamanha ternura que senti um nó na garganta. – Vovó.

Imaginei onde Vovó morava. Ele não poderia deixar Bella com a avó enquanto tentava arrumar emprego?

Travis dirigiu-se ao balcão e eu olhei para Bella. Era a primeira vez que ficava sozinha com ela – não que estivéssemos sozinhas

de verdade. Quatro mulheres achavam-se sentadas a uma mesa próxima, a moça de conjunto cor-de-rosa falava ao telefone e alguns homens de negócios encontravam-se acomodados com seus computadores espalhados em diversos pontos da cafeteria, trabalhando ou lendo o jornal on-line. Mas eu só tinha olhos para a menininha no sofá.

– Você adora essa bolsa, não é, Bella? – falei.

Ela levantou a bolsa no ar para que eu pudesse ver melhor.

– Cor-de-rosa combina com os meus olhos – observou, repetindo o que eu lhe dissera alguns dias antes.

– Combina mesmo – concordei. – O que você carrega dentro dela? Pode me mostrar?

Ela assentiu com a cabeça e começou a tentar abrir o fecho.

– Quer ajuda? – ofereci.

Carolyn odiava quando eu tentava ajudá-la com pequenas tarefas como aquela e não fiquei surpresa quando ela negou.

– Eu consigo. – Ela franziu a testa enquanto tentava abrir a bolsinha, os lábios contraídos em total concentração. *Ah, meu Deus*. Ela era mais que querida. Finalmente, ela me olhou, derrotada. – Não consigo – admitiu.

– Mas você quase conseguiu – falei. – É muito difícil, não é?

Ela se levantou, deu um passo em minha direção e me entregou a bolsa. Apoiou o braço sobre meu joelho. Senti o calor de uma palma pequenina e carnuda por cima da minha calça comprida. Ou pelo menos imaginei ter sentido e desejei que ela mantivesse a mão ali para sempre. Minhas próprias mãos tremiam um pouco quando peguei a bolsa.

– Uau! – exclamei, abrindo o fecho. – É complicado até para mim. Não foi à toa que você teve dificuldade.

– É para não cair nada lá de dentro – explicou.

Pude sentir o cheirinho dela. Sabonete. Pasta de dente. Cabelo bolorento. Respirei profundamente e entreguei-lhe a bolsa aberta.

– Quer me mostrar o que tem dentro? – perguntei.

Ela assentiu e enfiou a mão no forro de cetim cor-de-rosa. Com um floreio, tirou uma miniatura de boneca tipo Barbie, com cabelos bem longos e louros e um maiô listrado de vermelho e branco pintado no corpo.

– Mas que cabelo lindo! – exclamei.

Bella inclinou-se no braço da cadeira e observou atentamente a boneca.

– Cabelo amarelo se chama louro – informou-me.

– Como o meu – falei.

Ela analisou meu cabelo e, em seguida, balançou a cabeça, discordando.

– O seu não é amarelo – decretou, com uma sinceridade que nenhum adulto conseguiria expressar.

Eu sorri. Achei que, entre minhas raízes escuras e as luzes desvanecentes, meu cabelo *não era* mais amarelo.

– Ela tem nome? – perguntei.

– Ã-ã. – Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, mas depois deu um pulinho. – Tem, sim! Esqueci! É Princesa!

Achei muita graça daquele entusiasmo repentino.

– Puxa, mas ela é linda – falei.

Travis sentou-se no sofá e colocou o café sobre a mesa.

– Aqui, Bella – disse ele. – Sua metade do bolinho.

Observei que eles tinham dividido um bolinho todos os dias que os vira. No início, achei que tomassem o café da manhã em casa e o bolinho fosse só um lanchinho. Agora que estava convencida de que não tinham casa, concluí que aquilo *era* o café da manhã. Metade de um bolinho.

Bella apontou para a boneca.

– Estou mostrando a ela o que…

– À Srta. Erin – corrigiu ele.

– Estou mostrando à Srta. Erin o que tem na minha bolsa – continuou ela.

– Bem, deixe a bolsa de lado agora e coma o seu bolinho – retrucou ele. – Depois eu posso contar uma historinha.

– Só mais duas coisas – disse Bella. Então tirou uma fotografia retangular de dentro da bolsa e entregou-a a mim. Quase subindo no meu colo, apontou para as três pessoas na imagem. – Eu, papai e vovó.

Eles estavam sentados em uma praia, usando roupas de banho, sorrindo muito. Ao fundo, o mar.

– Que castelo de areia lindo! – exclamei, apontando para a foto.

Era grande e cheio de detalhes, quase todo coberto de conchas. Eu sabia que Travis estava tentando fazer Bella voltar ao sofá e que eu estava interferindo em suas ordens, mas não queria que ela saísse de perto de mim.

– Fomos nós que fizemos o castelo – ressaltou ela.

– Onde sua vovó mora? – perguntei.

– Ela morava comigo, mas se mudou para o céu.

Ah, não. Olhei para Travis.

– Sinto muito – murmurei.

Ele balançou a cabeça tristemente.

– Aposto que você sente saudades dela – falei para Bella.

– Ela não pode voltar – explicou ela, mas já estava mexendo na bolsa outra vez.

Tirou lá de dentro a foto de uma adolescente muito bonita. Parecia uma daquelas fotografias sem graça que as crianças tiram na escola.

– E quem é essa? – quis saber.

Achei que fosse a irmã de Travis.

– Minha mamãe.

Não tive coragem de perguntar onde a mamãe dela morava e Travis percebeu minha hesitação.

– Ela mora em Beaufort – disse ele, laconicamente.

Segurava o copo de café perto dos lábios, mas não estava bebendo.

– Ah – retruquei, pensando que era melhor não perguntar mais nada. – Vamos colocar tudo isso de volta na bolsa e aí você vai comer seu bolinho.

Observei Bella colocar os itens um por um lá dentro, cuidadosamente. Quando ela guardou a foto da mãe, vi o nome *Robin* escrito na parte de trás.

– Viu? Tem dois 'partimentos'– comentou Bella, mostrando-me que a parte interna da bolsa era dividida em duas. – As fotos ficam deste lado e a boneca fica do outro, aí as fotos não amassam.

– Muito bem – elogiei, quando ela conseguiu juntar os dois lados do fecho.

Observei-a subir no sofá e sentar-se ao lado do pai.

– Esse jornal é meu – disse eu a Travis, apontando para o *News and Observer* sobre a mesa de centro. – Você pode dar uma olhada nos classificados.

– Obrigado.

Ele parecia realmente cansado, mais do que o usual. Eu estava tão focada em Bella que não havia percebido, mas ele estava com uma aparência abatida. As olheiras estavam mais profundas e seu rosto parecia magro e desolado. Talvez ver as fotos guardadas na bolsa de Bella o tivessem entristecido. Ou talvez ele estivesse apenas cansado de procurar emprego.

– Você conhece as listas de emprego on-line? – indaguei. – Uma vez eu contratei alguns jardineiros através de uma delas. Elas têm anúncios gratuitos.

Ele assentiu com a cabeça.

– Conheço. Na verdade, fui à biblioteca anteontem e usei o computador de lá para ver se achava alguma coisa. Tinha uma vaga que parecia legal, mas quando liguei já tinham contratado alguém. Vinte ou trinta candidatos, o cara disse. Alguma coisa assim. – Ele removeu uma migalha da calça jeans. – Vamos lá hoje de novo para ver.

– Você pode usar o meu iPad – sugeri, levantando o aparelho que estava sobre a mesa. – Eu acho a lista e você pode consultá-la agora mesmo. Talvez até encontre alguém para cuidar de Bella, mas tenha o cuidado de pegar as referências.

Ele me lançou um olhar ofendido.

– Eu sou pai dela há quatro anos – falou. – Sei bem o que procurar.

– É claro – reconheci.

Acessei a lista de empregos na internet e entreguei a ele o iPad, controlando meu impulso de lhe dar instruções sobre como usar o aparelho. Não queria ofendê-lo outra vez e ele não parecia ter nenhum problema em navegar pelos anúncios. Travis pegou uma caneta e um bloco na sacola de lona e fez algumas anotações.

– Vou ligar para este aqui – comentou, procurando seu celular.

Bella colocou o livro na frente do pai, com uma expressão que dizia: *Você esqueceu a historinha?*

– Vou ler para você depois que fizer essa ligação, Bell – prometeu ele, levantando-se.

– Você quer que eu leia para você enquanto o papai está ao telefone, Bella? – ofereci.

Ela pulou do sofá, entregou-me o livro e subiu no meu colo. Pela primeira vez em seis meses, eu tinha uma criança tão perto. Ela se recostou em mim como se me conhecesse desde sempre. Como se fosse minha própria filha. Inspirei outra vez o cheiro bolorento dos cabelos dela. Não conseguia sorver aquele odor tanto quanto desejava. Senti suas costelas sob minhas mãos, assim como os pequeninos nós de sua espinha. Ela era miúda para 4 anos. Miúda e muito magra. Aos 3 anos, Carolyn já era maior do que Bella aos 4. Apoiei o queixo no topo da cabeça dela e abri o único livro que ela parecia possuir. Enquanto lia, pensei em todos os livros e brinquedos no quarto de Carolyn. Eu poderia ir até lá e buscar alguns para ela. *Se* eu conseguisse entrar no quarto da minha filha. A ideia era tão perturbadora que me perdi na leitura da história.

– *Não!* – exclamou Bella. – O *peixe* é que fala essa parte!

– Você tem toda a razão. Eu errei.

Continuei a leitura, pensando em minha casa. A casa de *Michael*, por enquanto. Será que havia algum trabalho que Travis pudesse fazer por lá? Desde a morte de Carolyn, Michael tinha assumido quase todos os consertos e reparos, por isso eu duvidava que houvesse sobrado algo a ser feito. Além disso, sem o meu salário, não podíamos pagar ninguém.

Olhei de relance para Travis, que estava no canto da cafeteria falando ao telefone e, pela cara dele, percebi que a conversa não ia muito bem. Peguei minha bolsa e tirei 20 dólares da carteira, sem perder uma linha da leitura da história. Com cuidado, enfiei a nota no bolso da calça de Bella. Eu sabia que Travis não aceitaria se eu oferecesse diretamente. Só torci para que ele não se sentisse ofendido quando encontrasse o dinheiro.

19

Travis

Bella e eu comemos no McDonald's outra vez naquela tarde. Minha mãe teria feito um escândalo se visse como a neta e eu praticamente vivíamos ali. Mamãe era uma verdadeira cozinheira sulista – usava muita manteiga, molhos e carne de porco –, mas desprezava fast-food e, antes daquela viagem ao inferno, eu só levara Bella ao McDonald's duas vezes no máximo. Agora, parecia a nossa casa. Aquelas refeições infantis baratas. Proteína, certo? E fatias de maçã. E os brindes que as acompanhavam. Bella os adorava. Ela adorava qualquer coisa do McDonald's, desde os adolescentes gentis mas estressados que trabalhavam ali até o parque infantil. Sobretudo o parque infantil. Eu também adorava, para dizer a verdade. Podia me sentar à mesa e telefonar para possíveis empregadores enquanto minha filha caminhava pelos tubos, pulava na piscina de bolas cheia de germes, brincava com outras crianças e agia como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Era aquilo que eu queria para ela. Aquela liberdade. E se o preço fosse alguma comida que entupisse as artérias, valia a pena.

Ficamos na cafeteria o máximo que pudemos naquela manhã. Na verdade, até Erin ir embora. Ela ia retornar ao trabalho em poucos dias e eu sentiria sua falta. Aquela mulher era a única pessoa que eu conhecia em Raleigh – não que eu realmente a *conhecesse*, mas ela era a garantia de um sorriso de manhã. Além disso, nos oferecia o seu tempo e eu gostava disso. Ela levava jeito com Bella e eu gostava disso ainda mais. Minha garotinha precisava ter mulheres por perto.

Eu anotara alguns anúncios da lista on-line do iPad de Erin naquela manhã. Construir uma cerca, fazer mudanças, pequenos reparos. Anotei qualquer coisa que me considerasse capaz de fazer e, enquanto Bella brincava, comecei a ligar. Eu teria de comprar mais créditos para o telefone. Também precisaria comprar algumas frutas e legumes. Cenouras, por exemplo – algo barato. Algo que mantivesse Bella livre de doenças como escorbuto. Crianças ainda pegavam escorbuto? Eu havia comprado um vidro da solução salina que Erin tinha me indicado e parecia estar ajudando.

No entanto, os anúncios on-line eram de arrancar os cabelos. As pessoas queriam alguém que começasse *agora*. Dez minutos atrás. E eu não podia trabalhar enquanto não tivesse alguém com quem deixar minha filha, mas não conseguiria achar ninguém se não tivesse um emprego que me permitisse pagar pelo trabalho. Pensei em Erin. Eu devia ter pedido o telefone dela. Talvez ela estivesse disposta a ficar com Bella por algumas horas para que eu pudesse trabalhar e ganhar algum dinheiro para pagar a alguém no dia seguinte – se o trabalho durasse todo esse tempo. Meu cérebro doía de tanto me esforçar para achar uma solução.

Esse era outro problema da lista de empregos on-line. A maioria das vagas era para um dia só. Fazer a mudança de um casal de idosos para um apartamento. Consertar um banheiro ou pintar uma sala. Liguei para o número de uma mulher que se oferecia para tomar conta de crianças. Acabei descobrindo ser uma menina de 16 anos com voz de quem estava totalmente drogada. Enquanto eu falava com ela, observava Bella escorregar e cair na piscina de bolinhas, os braços para cima. Parecia feliz. Sorri para ela e desliguei na cara da moça. Eu jamais colocaria Bella aos cuidados de uma desconhecida. Sem chance.

Eu estava morrendo de raiva de Savannah. Usei alguns de meus preciosos minutos de crédito tentando ligar para ela. Queria lhe dar uma bronca, mas a ligação só caía na caixa postal. Imaginei-a

olhando o identificador de chamadas, vendo que era eu, rindo daquela grande piada e nem se dando ao trabalho de atender. Eu não sabia por que ela faria uma brincadeira desse tipo comigo, mas, se algum dia ela atendesse, eu iria dizer tudo o que pensava. Uma coisa era mexer *comigo*, outra era tentar prejudicar o bem-estar da minha filha.

Finalmente, eu não tinha mais nenhum número para ligar. Então, tentei meu antigo chefe, em Carolina Beach, no caso de ter surgido alguma vaga, mas quando ele atendeu fiquei sabendo que estava em Washington. Ele voltara a morar lá com o irmão e também estava atrás de trabalho. Isso me deixou ainda mais assustado. Ele era um cara cheio de habilidades. Se não tinha conseguido nada em Carolina Beach, eu não teria a menor chance. Ficar em Raleigh era a melhor opção. Pelo menos, era a melhor entre um monte de escolhas horrorosas.

– Papai! – Bella correu do parquinho e veio até mim. – Eu achei dinheiro!

Na mãozinha dela havia uma nota enrolada e estendi o braço para pegá-la. Vinte dólares.

Olhei na direção do parquinho, pensando “achado não é roubado”, mas que criança poderia estar carregando uma nota de 20 dólares?

– Onde você achou isto, Bella? – perguntei.

Olhei para a piscina de bolas. Qualquer coisa poderia estar enterrada ali.

– No meu bolso.

– No seu bolso? Qual deles?

Ela apontou para o bolso esquerdo da frente da calça.

– Tem certeza, Bella? Tem certeza que não achou no parquinho?

Mas, enquanto falava, eu já sabia o que acontecera. *Erin*. Lembrei-me dela lendo para minha filha, Bella abraçada a ela

enquanto ouvia, e senti meu rosto pegar fogo. *Droga*. Desejei que ela não tivesse feito aquilo. Eu precisava do meu orgulho mais do que do dinheiro dela – ou pior, de sua piedade. Gostaria que ela tivesse me deixado aquele orgulho. Não poderíamos mais voltar à cafeteria. Ela arruinara tudo.

No entanto, olhei para aquela nota de 20 dólares e ela se transformou em um saco de cenouras, algumas maçãs e talvez algumas daquelas uvas que Bella adorava, assim como alguns litros de gasolina para a van. Dei um suspiro profundo.

– Posso guardar na minha carteira? – perguntei.

– Na minha bolsa – disse ela.

A bolsa e a ovelhinha de pelúcia estavam na mesa ao lado do meu telefone.

– Está bem – falei. – Vamos ao supermercado daqui a pouco e o usaremos para comprar alguma comida. Depois guardamos o troco na sua bolsa. O que você acha?

– Que comida?

– Uvas?

Ela arregalou os olhos.

– Oba! – exclamou, o rosto tão tomado da mais pura alegria que eu tive de rir.

Tomei a cabecinha dela nas mãos e me inclinei para lhe dar um beijo na testa. Senti um cheiro de suor de criança e imaginei que odor eu estaria exalando. Precisávamos de um quarto de hotel. De um chuveiro de verdade. De uma máquina de lavar.

– Posso voltar e brincar mais um pouquinho? – perguntou Bella, enquanto eu guardava a nota de 20 dólares na bolsinha cor-de-rosa.

– Claro – respondi.

Sentei-me de novo na cadeira e fiquei observando-a brincar no parquinho com outra menina mais ou menos da mesma idade. Eu estava preso no McDonald's. Preso naquele estacionamento

gigantesco com lojas onde eu jamais poderia fazer compras, exceto algumas idas bem planejadas à Target. A praia estava a milhares de quilômetros de distância e a simples ideia de andar descalço na areia, vendo as ondas que agora guardavam as cinzas de minha mãe e pegando conchas que eram de graça e mais belas do que qualquer coisa que eu pudesse achar em uma daquelas lojas, me atingiu em cheio. Tive de piscar para afastar a imagem.

Quinhentos dólares. Quinhentos dólares por algumas horas de trabalho. Roy fazia isso o tempo todo. A quantia já me soava como um milhão. Algumas diárias em um hotel pequeno. Uma banheira, um chuveiro, um telefone e uma televisão. Algumas refeições saudáveis para Bella e uma chance de retomar o fôlego.

Eu só precisava dirigir a van. Não era nada de mais, Roy me dissera. Eu não seria o cara praticando o roubo. Além disso, estaria ajudando os pais necessitados, certo? Pais pobres como eu. E se Bella ainda fosse um bebê e precisasse de leite, em vez de refeições baratas do McDonald's? Eu ajudaria esses pais a alimentar seus filhos. Não me permiti ir muito fundo nesse pensamento. Não o suficiente para ver o que havia de errado nele.

E se Roy já tivesse encontrado outra pessoa para fazer o serviço? Uma súbita sensação de pânico tomou conta de mim. Aquela era a minha única chance. Quinhentos dólares. Por que eu estava sendo tão bunda-mole? Eu seria um idiota de perder essa oportunidade.

Resolvi aceitar a proposta. Mas o que eu faria com Bella enquanto estivesse dirigindo a van? Pensei em como seria executar o trabalho com ela no carro, sentada atrás de mim. Nem pensar. Imaginar Roy e seu camarada – sem dúvida, dois imbecis completos – perto de Bella me dava enjoos.

Então, lembrei-me de Erin.

20

Robin

2007

Cerca de dois meses depois que Travis e eu fizemos amor pela última vez, minha menstruação foi rápida e escassa, mas ela era sempre irregular devido aos medicamentos que eu tomava para o coração. Além disso, com o ataque, a hospitalização e a saudade de Travis, meu ciclo menstrual era a última de minhas preocupações. Portanto, quando o médico me deu a chocante notícia de que eu estava grávida, o feto já tinha dezesseis semanas. Ele e meu pai decidiram que eu deveria abortar. Os medicamentos que eu tomava poderiam causar malformações e eu não tinha condições de levar uma gravidez adiante. *Você pode morrer amanhã*, lembrei a mim mesma, e o bebê era a minha única ligação com Travis. Eu tinha me recuperado do ataque cardíaco e me sentia quase tão bem quanto antes, por isso recusei-me a fazer o aborto. Meu pai apelou para a justiça, para que me declarassem um perigo para mim mesma e dessem a ele direitos de guarda que lhe permitiriam forçar-me a abortar, mas o juiz era pró-vida e ficou ao meu lado o tempo todo.

Eu queria contar a Travis. Não sabia como ele se sentia a meu respeito agora, já que nunca mais respondera a meus e-mails. Será que ele tinha seguido em frente? Estaria com outra pessoa? Eu disse a meu pai que precisávamos contar a ele, que era a atitude correta. Mesmo que Travis não quisesse ligação nenhuma comigo, argumentei, ele precisava saber que seria pai. No fundo, eu esperava que o bebê pudesse nos reaproximar. Mas papai me avisou que jamais permitiria que ele voltasse à minha vida. Eu havia lutado contra meu pai na justiça e vencera, e isso me encheu de

coragem, então mandei um e-mail para Travis e pedi que entrasse em contato. Disse que tinha um assunto muito importante para tratar com ele. Já haviam se passado meses desde a confusão com meu pai na emergência do hospital, e acho que eu acreditava que Travis me amava o suficiente para responder minha mensagem, mas ele não o fez. A dor dessa realidade – de não ter nenhuma notícia dele quando eu precisava tanto – foi muito dura. Lembrei o que meu pai me dissera sobre amor de infância, tanto tempo atrás. Talvez ele tivesse razão. Talvez tivesse sido só isso para Travis.

Para prosseguir com a gravidez, tive de interromper o uso de alguns medicamentos e foi aí que descobri quão doente eu estava. Os tais remédios me mantinham estável. Faziam-me sentir bem quando eu não podia estar mais distante disso. Sem eles, fiquei debilitada e fraca. Tão fraca que meu pai trocou minha professora particular por uma enfermeira e eu passava a maior parte do dia na cama, quase inconsciente. Fiz algumas ultrassonografias e todos ficavam maravilhados pelo fato de minha filha parecer totalmente normal, o que me deixava feliz por poder dar a ela uma chance na vida. Deitada na cama dia e noite, eu a sentia mexer e chutar minha barriga, e rezei para que continuasse assim. Para que ela fosse uma lutadora, porque eu estava perdendo minhas forças. Tudo o que eu conseguia fazer era arrastar-me até o banheiro sem desmaiar.

Finalmente, treze semanas antes da data marcada, me levaram ao hospital, onde tive de ficar até o bebê nascer. Dezenas de médicos passaram pelo meu quarto, todos eles prescrevendo uma mistura de medicamentos intravenosos, todos tentando manter viva aquela garota sem juízo. Eu tive certeza do que jamais quisera admitir: meu pai estava certo. Eu deveria ter abortado.

Depois de duas semanas, eu não precisava do meu pai, dos médicos nem da assistente social para me informar que, se eu sobrevivesse à gravidez – uma preocupação das mais legítimas naquele momento –, não teria saúde para cuidar da criança. Eu já

nem queria mais o bebê naquele momento. Como fora idiota… Meu pai contratou um advogado que me ajudaria a conseguir uma adoção. Ele foi ao meu quarto de hospital, levantou um pouco o encosto da minha cama e abriu um site que descrevia vários casais que desejavam ter um filho. Eu estava cansada e fraca demais para me preocupar e as imagens e os perfis se embaralharam diante de meus olhos.

– Não me importo – falei ao advogado. – Pode escolher.

Ele ficou hesitante.

– Bem, vou lhe falar sobre três casais, está bem? Aí você pode decidir entre eles. Quero que dê alguma opinião sobre o assunto. Se… *Quando* você se recuperar, não quero que sinta que foi coagida de alguma forma.

Ele descreveu três casais, mas não entendi direito. Qual era o cara que trabalhava na IBM? Qual era a mulher que perdera três bebês? Qual era o piloto que planejava aposentar-se e ser pai em horário integral?

– O do meio – decidi.

Achei que o casal do meio era rico. Eu queria que minha filha tivesse tudo, já que não podia ter a mim.

– Os Richardsons. – Ele parecia satisfeito quando fechou a tela do computador. – Eles vão ficar tão felizes, Robin… Você vai poder se envolver na vida de sua filha quanto quiser. Você vai…

– Eu só quero a criança fora de mim – reagi. – Ela está me matando.

Ele deu um passo para trás e percebi que o deixara chocado. Sentia-me cansada demais para explicar que não era bem aquilo que eu queria dizer. Ou talvez fosse. Tinha me arrependido de ter lutado tanto para levar a gravidez adiante. O bebê *estava* me matando. Eu faria qualquer coisa para ter certeza de que ele teria

uma chance na vida, mas estava com raiva por ele estar roubando a minha vida enquanto isso.

Todos os dias, um médico ou outro me explicava o seu plano de tratamento. Aos poucos, fui perdendo a capacidade de entender o que eles diziam. Eu sabia que eles iam tirar a criança mais cedo. Sabia que fariam uma cesariana. Sabia que eu não sairia do hospital enquanto não encontrassem um coração novo para mim. Sabia que a culpada de tudo aquilo era eu por ter optado pela vida do bebê e não pela minha. As palavras dos médicos ficavam cada vez mais sem sentido em minha cabeça, dia após dia, até que mergulhei em um mundo no qual não conseguia mais ouvi-los.

Um dia, enquanto eu estava presa naquele mundo nebuloso entre a vida e a morte, tive a vaga consciência da presença de uma mulher ao lado de minha cama. Ela segurava algo nas mãos. Um bloco, ou tabela, ou algo assim. Ela levantou a máscara de oxigênio do meu rosto.

– Está acordada, Robin? – perguntou. – Preciso do nome do pai da criança para a certidão de nascimento.

– Não é para eu… – murmurei, tentando lembrar-me do que meu pai dissera sobre a certidão de nascimento.

– Você está acordada, meu bem? Quem é o pai da criança?

– Travis Brown – sussurrei, e foi maravilhoso sentir aquelas duas palavras em meus lábios.

A mulher já tinha saído do quarto quando me lembrei de que eram palavras que meu pai me disse para jamais repetir.

21

Erin

Virei na entrada da garagem da casa que dividira com Michael nos últimos dez anos e fiquei decepcionada ao ver o carro dele. Eram cinco horas e eu achava que chegaria e sairia antes que ele chegasse e que não precisaríamos nos falar. Eu sabia que ele estaria trabalhando em algum jogo em seu escritório, no primeiro andar da casa, e imaginei se conseguiria entrar sem ser vista.

Travis e eu havíamos conversado por um longo tempo na cafeteria naquela manhã. Ficara óbvio, pela maneira como usara meu iPad, que ele já lidara com computadores e internet. Quando eu observei isso, ele me disse que utilizava o computador de um amigo para desenhar armários de madeira. Começamos a conversar sobre internet e, antes que me desse conta, comentei com ele que Michael era um criador de videogames. Travis ficou fascinado.

– Nunca conheci alguém que tivesse um emprego fazendo jogos – disse ele. – Maneiro.

– Não são esses jogos comuns – expliquei. – São jogos colaborativos, em que milhares de pessoas jogam ao mesmo tempo, e são feitos para que os jogadores tentem resolver problemas da vida real. Como a crise de energia ou a prevenção de incêndios florestais. Ele ganhou um prêmio por um jogo que tinha o objetivo de curar um tipo de câncer.

Enquanto falava, senti um pouco do meu antigo orgulho por Michael aflorar.

– Muito maneiro! – exclamou Travis, e imaginei como alguém que não conseguia encontrar emprego, tinha uma criança para

alimentar e provavelmente não tinha onde morar poderia enxergar qualidades redentoras na invenção de jogos.

– Ele acha que os jogos são a cura para tudo – comentei, mudando para o modo “desprezar Michael”, no qual eu me sentia mais confortável naqueles dias. – A própria Poliana.

– Aposto que ele é um cara legal – sugeriu Travis.

Assenti com a cabeça.

– É, sim – retruquei, porque não podia negar. De repente, senti saudades dele. De nossa vida “antes de tudo dar errado”. – Ele é um cara legal.

Nossa casa, de arquitetura estilo anos 1930, era pequena e elegante e ficava em uma esquina de Five Points, um de meus lugares prediletos em Raleigh. Eu amava nossa casa, embora o espaço fosse sempre limitado. Sabíamos que teríamos de nos mudar para uma casa maior quando tivéssemos o segundo filho, e estávamos economizando para isso. Agora, tudo parecia sem sentido. Nossas economias iam sendo corroídas pelo meu aluguel.

Desliguei o motor do carro e peguei o caminho mais curto pela lateral da casa até a porta dos fundos. Quantas centenas de vezes eu fizera aquele trajeto? Quantas vezes mexera no chaveiro, procurando a chave certa? Quantas vezes subira aqueles degraus, que, agora percebi, Michael havia pintado? Ele também os reformara antes de minha partida, como uma de suas tarefas recentes de manutenção planejadas para impedi-lo de pensar no impensável. De repente, tudo o que eu implorara para ele fazer durante anos estava sendo feito.

Eu estava prestes a enfiar a chave na fechadura quando ele abriu a porta. Seu sorriso era largo e torci para que ele não achasse que minha chegada ali tinha algum significado.

– Oi! Que bom ver você! – exclamou ele.

– É bom ver você também – respondi, educadamente. Embora eu não o quisesse ali, *fiquei* feliz por vê-lo, o que me surpreendeu.

Nós nos abraçamos de maneira desajeitada. Beijei-o no rosto sem pensar e senti algo visceral e traiçoeiro em meu corpo quando o aroma familiar de sua loção pós-barba me pegou desprevenida. Soltei-o e dei um passo para trás.

– Me desculpe por aparecer assim, mas preciso pegar umas coisas – expliquei, passando por ele e indo até o quarto, deixando minha bolsa sobre a mesa da cozinha no caminho.

– Sem problema. – Ele fez um gesto em direção ao pacote de macarrão sobre a mesa. – Eu ia começar a preparar o jantar. Por que você não pega o que precisa e come comigo?

– Não posso. – Torci para que ele não estivesse comendo macarrão todos os dias. Isso me fez sentir culpada. Era eu quem fazia a comida, e ele lavava os pratos. – Vou voltar a trabalhar na semana que vem e preciso de algumas roupas.

Era mentira. Eu havia levado roupas suficientes quando me mudei. Não era preciso muita coisa quando se trabalhava de jaleco o dia inteiro. Eu tinha ido até ali pelo quarto de Carolyn: livros que eu pudesse dar a Bella. Talvez um ou dois brinquedos. Algo pequeno, que ela pudesse carregar na bolsinha.

– Que ótimo, Erin – disse ele. – Vai ser muito bom para você começar a trabalhar outra vez.

– É.

– Precisa de ajuda? – ofereceu ele, enquanto eu me dirigia até a escada.

– Não, obrigada.

– Me chame se mudar de ideia.

Subi as escadas esperando que ele ficasse na cozinha, pois não queria explicar o que eu estava fazendo no quarto de Carolyn, um lugar para o qual eu só tinha dado uma olhadela depois que ela

morrera. Aquela única olhadela fora demais. Eu me preparara psicologicamente para aquela visita no caminho, imaginando a mim mesma entrando no quarto e indo direto à estante. Eu até sabia que livros pegaria: os do *Ursinho Puff*, que Carolyn ainda era muito pequena e agitada para apreciar, mas que eu tinha certeza que Bella iria adorar. E havia também um livro sobre uma ovelha de olhos azuis em alguma prateleira. Bella gostaria dele, já que nunca largava a ovelhinha de pelúcia. Pensei nela sentada em meu colo enquanto eu lia aquelas historinhas novas. Era inimaginável uma criança que só possuía um livro. Carolyn tivera tanta sorte… *Todos nós* tivéramos muita sorte, um dia.

Quando terminei de subir a escada, visualizei a mim mesma andando até a estante de Carolyn, pegando os livros, olhando para a prateleira em que ela guardava a maioria de seus bichos de pelúcia e tirando um deles. Quem sabe a girafa. Ela nunca fora um dos bichinhos favoritos da minha filha, então não estaria suja ou estragada. E não teria nenhum cheiro dela. Os brinquedos prediletos de Carolyn sempre ficavam enfileirados diante do travesseiro, e imaginei que ainda estivessem lá – exceto pelo cachorrinho de pelo marrom encaracolado que estava com ela naquela viagem a Atlantic Beach.

O corredor era longo e as tábuas antigas do chão faziam barulho quando eu andava, no mesmo lugar de sempre, surpreendendo-me com uma sensação de saudade. Em uma das extremidades do corredor, a porta de nosso quarto – meu e de Michael – estava aberta. Havia mais quatro portas: uma para o quarto de hóspedes, que eu usava como escritório, outra para o banheiro, uma terceira para o sótão e uma quarta para o quarto de Carolyn. Aquela era a única fechada e, pendurada nela, havia um cartaz que ela fizera no jardim de infância na semana anterior à sua morte. Debaixo de uma flor de feltro, seu nome estava escrito em contas de madeira, o *Y* e o *N* apertados no canto direito depois de *Carol* porque não havia

mais espaço para colocá-los. Fiquei ali parada, com o olhar fixo no cartaz, lembrando como ela o adorava. Como se orgulhava dele, porque a professora dissera que ela escolhera cores que se harmonizavam maravilhosamente, e *harmonizar* tornara-se a palavra daquela semana. – “Essas cores se harmonizam, mamãe?”, ela perguntava, olhando para as páginas de um de seus livros de colorir. “Essas cores se harmonizam, mamãe?”, ela repetia, pegando uma camiseta para combinar com o short. De pé na cozinha, Michael e eu cantamos uma canção folclórica com relativa afinação para mostrar a ela o outro sentido dessa palavra. Ela tapou os ouvidos com as mãos. “Vocês estão machucando meus ouvidos”, falou, e Michael e eu rimos muito. Mesmo agora, eu ri com a lembrança, antes de me controlar. Judith havia me dito: “Um dia, as recordações de Carolyn vão fazer vocês sorrirem tanto quanto chorarem.” Eu não tinha acreditado. Sorrir me parecia uma traição, e ali, do lado de fora do quarto da minha filha, pensei: “Não vou contar a Judith sobre isso.” Por que não? Isso não seria um progresso? Progredir significaria que eu estava deixando Carolyn para trás?

– Eu nunca vou deixá-la para trás, meu amor – sussurrei para minha filha quando coloquei a mão na maçaneta de seu quarto.

Abri a porta e fiquei parada por um instante, absorvendo o ambiente. Recendia um pouco a mofo e o cheiro dela havia mesmo desaparecido. Estava perdido para sempre, e me perguntei se Michael teria aberto as janelas para livrar-se dele ou se o ar, movendo-se para dentro e para fora do cômodo nos últimos meses, simplesmente o levara. A cama grande de Carolyn estava arrumada do mesmo jeito que naquela sexta-feira de manhã, quando saímos para a praia. Cinco bichinhos de pelúcia achavam-se enfileirados diante do travesseiro, sobre a colcha azul e verde que ela mesma escolhera. “Essas cores se harmonizam, mamãe?” Em um dos cantos, ficava a cozinha de brinquedo e do outro lado havia uma mesinha com duas cadeiras pequenas. Livros de adesivos, livros de

colorir, lápis de cor e pequenos recipientes de argila permaneciam cuidadosamente empilhados em um dos lados da mesa.

– Eu te amo – sussurrei. – Vou te amar para sempre, para sempre.

Do outro lado, vi a estante de livros. Era longa e baixa o suficiente para caber na parede abaixo da janela. De onde eu estava, distingui as lombadas dos livros e identifiquei alguns dos títulos que eu queria. Quanto aos outros, teria de procurar com mais cuidado. Eu teria de dar cinco passos para atravessar o quarto. Um minuto para me agachar e pegar os livros. Mas fiquei congelada na porta. Para mim, aquele chão se comparava ao Grand Canyon.

– Erin?

Virei-me para ver Michael no corredor, atrás de mim. Eu não o ouvira subir a escada.

– Eu não toquei no quarto dela – disse ele.

– Eu sei. Obrigada.

Ele parou ao meu lado.

– Você quer… sei lá… Seria bom para você mexer nas coisas dela? Começar a limpar?

– Não estou nem perto de uma coisa dessas – retruquei. – Não quero tocar em nada.

Talvez tenha sido por isso que não consegui atravessar o quarto para pegar os livros. Era como tirar Carolyn dali, pouco a pouco. Um livro aqui, um brinquedo ali, até que ela se fosse.

– Tudo bem. Só pensei… – A voz dele foi desaparecendo. – Sério, eu fiz macarrão demais. Como você conseguia fazer sempre a quantidade certa?

– Lembra como ela perguntava se as cores se harmonizavam? – indaguei. – Lembra quando cantamos para ela na cozinha?

– Lembro, sim.

Ele estava falando daquele jeito lento e comedido que começara a usar desde que tudo foi por água a baixo, como se tivesse medo de escolher as palavras ou o tom errado e me levar a fazer mais um discurso enlouquecido. Mas eu não podia culpá-lo por aquela atitude.

– Você vem aqui alguma vez? – perguntei.

– Não. Eu não gosto. É muito difícil. – Com toda a cautela, ele descansou o braço em minhas costas. – Acho que devíamos doar os brinquedos e as roupas dela, Erin. Acho que devíamos…

– *Pare* – pedi. – Eu sei o que você pensa. Que devíamos tirar todas as coisas dela e colocar uma esteira no lugar delas, mas isso não vai…

– Eu não ia dizer isso. – Ele suspirou, deixando cair a mão que estava em minhas costas. – Bem, estou descendo. Só queria deixar claro que esta casa ainda é a sua casa. O seu lar. Você pode vir aqui quando quiser. Não precisa se desculpar por aparecer sem avisar. Eu sinto a sua falta.

– Você sente falta da pessoa que eu era – retruquei. Da mesma forma que eu sentia falta da vida que tínhamos. – Não é possível que você sinta falta da pessoa que eu sou hoje.

Ele olhou para baixo, as mãos nos bolsos.

– Como estão as coisas com Judith? – perguntou.

Ele estava esperando pela cura mágica.

– Tudo certo. – Voltei ao corredor e fechei a porta do quarto. – Vou pegar as coisas que preciso e vou embora – falei, sabendo que não levaria nada do quarto de Carolyn para Bella.

Eu iria até o meu closet, pegaria algumas roupas das quais não precisava e sairia dali desejando nunca ter tentado voltar para casa.

22

Robin

Sentei-me em uma cadeira na loja de noivas, segurando Hannah no colo e observando seu rosto encantador. Ela estava com um mês agora e eu não conseguia ver Alissa ou ninguém da família Hendricks em seus traços. Os cabelos eram louros e esvoaçantes e ela ainda tinha os olhos azul-escuros de um bebê. Olhos que seguiam cada movimento que eu fazia, eu podia jurar, embora Mollie dissesse que isso ainda não era possível.

Mollie rodeou a plataforma em que Alissa estava de pé, de cara amarrada, em seu lustroso vestido de dama de honra, enquanto a costureira marcava a bainha.

– Eu falei que nunca ia caber nesse troço! – exclamou Alissa.

O vestido *estava* um pouco apertado. Não fora fácil comprar o tamanho certo para ela durante a gravidez, já que não sabíamos quanto peso ela teria perdido até o casamento.

– Está lindo em você, Ali – garanti. – E provavelmente você já vai ter perdido mais um quilo até o dia do casamento, e aí vai ficar perfeito.

– E se eu não perder? Os meus peitos *ainda* estão enormes.

– Aproveite enquanto é tempo – aconselhou Mollie.

Eu gostava disso em minha sogra. Aparência era importante para ela, e com certeza ela estava um pouco nervosa com o mau caimento do vestido de Alissa, mas agia como se isso não fosse um problema, o que era gentil de sua parte. Eu percebia como minha cunhada estava se sentindo mal naquela plataforma e via que a sensação de não estar bem fisicamente, somada à depressão, era demais para ela. Eu sabia mais do que ninguém quão chateada ela

se sentia. Ela passara a me fazer confidências e eu sentia o peso de seus anseios secretos por Will. O relacionamento entre eles fora muito mais profundo e duradouro do que pensávamos. Ela não apenas usava os falsos programas com Jess para vê-lo, mas também fugia no meio da madrugada e o encontrava no Old Burying Ground, o cemitério histórico de Beaufort. Ela me contou sobre as palavras carinhosas que ele lhe dizia e os planos que faziam para o futuro. Cada vez que eu imaginava aqueles encontros clandestinos, o rosto de Will se transformava, em minha mente, no de Travis.

Minha vez na plataforma já acontecera. Duas semanas antes, a costureira ajustara o vestido de noiva de Mollie para que eu o usasse e hoje só era preciso marcar a bainha. Olhei para minha imagem no espelho enquanto ela trabalhava. O vestido era maravilhoso. A única mudança necessária fora o acréscimo de renda no decote para esconder minha cicatriz. Mas eu não gostei do meu reflexo no espelho. Talvez porque meu cabelo estivesse solto e desalinhado e eu não estivesse usando maquiagem, mas, apesar do vestido, eu não parecia uma noiva. Parecia uma menina brincando de me fantasiar, usando uma roupa que não lhe pertencia. Mollie e a costureira não paravam de admirar o modelo, mas fiquei imaginando se elas também percebiam quão falsa eu parecia. Eu me sentira da mesma forma no dia anterior, na joalheria, aonde Mollie me levara para ajustar a aliança de casamento da avó de Dale ao meu dedo. Eu já estava usando o anel de noivado dela, com um diamante tão grande que me fazia sentir uma boboca. A aliança acrescentaria outra camada de diamantes ao meu dedo. A joalheira tocou a unha do meu dedo indicador e disse:

– Posso lhe indicar uma boa manicure.

Encolhi minhas descuidadas unhas na palma da mão. Mollie só riu, mas fiquei pensando se ela não concordava.

Agora, eu acariciava suavemente os cabelos macios de Hannah, com as mesmas mãos descuidadas, mas os olhos fixos no rosto do

bebê. Minhas coxas estavam apertadas uma contra a outra e Hannah descansava no vale formado por elas, com a cabecinha perto dos meus joelhos. Eu adorava segurá-la desse jeito, para fitá-la por inteiro. Será que alguém tinha segurado minha filha daquela maneira, olhado para seu rosto e se enchido de amor? A emoção era tão profunda e pura… Diferente de qualquer sentimento que eu já havia experimentado.

Naquela manhã bem cedo, eu passeara pelo Old Burying Ground com um casal de idosos do Tennessee. Durante o café da manhã, na pousada, eles haviam feito perguntas sobre o cemitério e eu me ofereci para levá-los até lá. Nos últimos dias, eu vinha me sentindo triste. Se minha menstruação não tivesse acabado de chegar ao fim eu poderia ter atribuído o problema à TPM, mas não era o caso. Achei que bancar o guia turístico poderia me animar, e eu adorava o cemitério. Adorava a sombra das árvores e o verde tranquilo do lugar. No entanto, eu continuava melancólica. Na verdade, o efeito fora o oposto. Bem, era um *cemitério*. O que eu esperava?

Mostrei ao casal o túmulo do cirurgião do exército que morrera no dia de seu casamento, em 1848, um pensamento que me provocou arrepios, uma vez que o *meu* casamento seria em breve. Apontei para as velhas lápides tortas de marinheiros, soldados e mulheres que tinham morrido no parto. Eles fizeram perguntas e fiquei feliz por saber todas as repostas. Em dias como esse, eu me sentia uma nativa de Beaufort. Eu *queria* ser uma nativa. “Você será nativa por casamento”, Mollie me assegurara. “As pessoas irão aceitá-la mais.”

Eu já era totalmente aceita e levei um tempo para entender que Mollie se referia a essa palavra em um nível mais profundo. Do tipo “a que família você pertence, meu bem?”. Isso me lembrou meu pai dizendo que Travis não era “como nós”. E, mais uma vez, tudo me fazia lembrar Travis naqueles dias.

Chegamos ao túmulo da menina que fora enterrada em um barril de rum.

– Incrível!

A mulher apontou para o único vestígio de negligência no antigo cemitério. A pequena sepultura elevada estava coberta de bichinhos de pelúcia e bugigangas. Uma bandeira com a imagem do Barba Negra, outro famoso ou, nesse caso, infame visitante de Beaufort, sobressaía de um lado da sepultura e um boné roxo de beisebol estava pendurado do outro lado da lápide, cujos dizeres eram impossíveis de ler.

Contei a eles a história da menina, filha de um navegante, e de como seu pai preservara seu corpo em um barril de rum. Embora eu já tivesse repetido aquela narrativa uma dezena – talvez *cinco* dezenas – de vezes, de repente fiquei chocada quando imaginei o pai perdendo a filha tão longe de casa. Continuamos a caminhar pelo cemitério enquanto eles conversavam sobre a menina e, pela primeira vez, prestei atenção a todos os túmulos de bebês. Bem, talvez não fossem muitos, mas suas lápides pequeninas saltaram aos meus olhos e imaginei cada um deles vivo, nos braços de um pai amoroso. Uma mãe amorosa. Pais que jamais se recuperariam de sua perda.

Você pode bloquear fatos de sua mente durante anos. Pode fazê-los desaparecer porque sabe que, se deixá-los entrar, a dor será quase mortal. Era assim que me sentia em relação a Travis e o bebê. Eu os tinha bloqueado e tudo estava dando certo, até que segurei Hannah nos braços e imaginei como seria aquela criança que eu mal pudera esperar para expulsar do meu corpo. O bebê que eu decidira jamais conhecer.

– Robin? – chamou Mollie. – Você me ouviu?

Olhei para cima de repente, e só então percebi que ela estava falando comigo, mas eu me encontrava tão absorvida por Hannah e minhas lembranças daquela manhã que não a escutara.

A costureira riu.

– Ela só tem olhos para essa criança – comentou.

– Precisamos casar essa menina o mais rápido possível – disse Mollie. – Ela tem o instinto materno mais exacerbado que eu já vi. – Ela tocou meu braço com carinho. – Vamos esperar Dale ser eleito antes de você engravidar, está bem? – falou, sorrindo.

Retribuí o sorriso, mas senti que era falso. Como eu poderia dizer a ela que meu anseio não era pelo bebê de Dale? Era pelo meu. O bebê que parecia um fantasma. Um sonho.

Alissa já tinha tirado o vestido e estávamos prontas para ir embora. Levantei-me, coloquei Hannah no *sling* que eu estava usando e nos dirigimos para a porta, minha mente a quilômetros de distância.

Será que minha filha e Travis ainda moravam em Carolina Beach? Será que Travis e sua esposa alguma vez lhe falaram sobre mim? Torci para que a mulher com quem ele estivesse casado fosse uma ótima mãe para minha filha. Será que a esposa dele imaginava como eu seria? Será que sentia minha filha sendo afastada dela enquanto eu a puxava para o meu coração?

~

De volta à pousada, fiquei olhando pela janela do meu apartamento e me senti quase sufocada pela mesma tristeza que tomara conta de mim no Old Burying Ground. Eu não sabia exatamente o que havia de errado comigo nos últimos dias. Por que eu não conseguia me livrar daquela melancolia. Não era como a depressão que eu sofrera enquanto me recuperava do transplante. Era mais como uma mortalha. Eu precisava focar na gratidão, disse a mim mesma. Estava viva e saudável. Em que momento eu havia deixado de dar valor à saúde? Tinha que ser grata por todas as coisas maravilhosas que estavam me acontecendo, e eram muitas.

Levantei-me, fui até a salinha que usava como escritório e sentei-me diante do computador. Entrei no perfil da Pousada Taylor's Creek no Facebook e escrevi um post: *Levei visitantes ao Old Burying Ground hoje. Eles ficaram fascinados pela menina no barril de rum*. Copiei uma foto do túmulo da menina e acrescentei à postagem.

Depois, fiz o que queria fazer o dia inteiro – digitei o nome *Travis Brown* na busca. Segurei a respiração por um segundo, o tempo que o Facebook levou para exibir alguns perfis. Havia dois Travis Brown e um monte de nomes quase iguais – Travis Browning, Travis, Byron etc. O primeiro Travis Brown era um homem negro, portanto eu o descartei, mas o outro Travis tinha um barco e não a própria foto no perfil. Meu coração acelerou um pouquinho quando eu vi aquela página. Travis poderia ter um barco agora, morando em Carolina Beach. Ele sempre quis um barco. Torci para que ele colocasse um colete salva-vidas na filha quando a levasse para passear. Não havia outras fotos no perfil daquele cara, mas, segundo as informações, ele vivia na Flórida, era casado e tinha dois filhos. E nascera em 1966. Não era o meu Travis. *Meu Travis*. Eu pensei isso de verdade. Não era um bom sinal.

Minha imaginação definitivamente estava criando asas. Procurei Travis Brown no Google e selecionei alguns resultados que não levaram a nada. Se alguém me procurasse – Robin Saville –, encontraria milhões de informações. Achariam a pousada, é claro. Um bocado de artigos sobre meu noivado com Dale. Veriam aquela foto feita por um fotógrafo profissional na qual eu usava pérolas e o vestido preto que Mollie me comprara, o cabelo preso como se eu tivesse nascido e sido criada como uma beldade sulista. Tão diferente de mim… Nascida e criada, sim, mas não uma beldade. No entanto, eu fazia o que fosse preciso pela campanha de Dale.

Portanto, o que quer que Travis estivesse fazendo naqueles dias – partindo do pressuposto de que estava vivo, e ele tinha de estar,

ou eu simplesmente não suportaria –, não era nada que tivesse sido encontrado pelo mecanismo de busca. Imaginei-o levando uma vida tranquila com a mulher e a filha, trabalhando feito um louco para sustentá-las.

Eu estava indo à loucura enquanto imaginava todas as possíveis viradas que podiam ter acontecido na vida dele e de minha filha. Estava pensando muito nele, pensando demais.

Na noite passada, Dale havia se sentado comigo em meu escritório e, enquanto comparávamos nossas agendas para as semanas seguintes, de repente ele ficou bem quieto.

– Ultimamente, eu sinto que você está se afastando de mim – comentou.

– Como assim? – Parecia que ele estava lendo meus pensamentos. – Por quê?

– Você anda muito mais calada que o normal. Não parece animada com o casamento. Não quer que eu passe a noite com você. Antes, você me implorava para ficar.

Ele deu um sorriso.

– Ah – falei, desviando o olhar. – Desculpe. Acho que estou nervosa por causa do casamento. Sabe como é, ser o centro das atenções.

Senti-me culpada e desonesta, como se estivesse vivendo uma mentira. Como eu podia estar no mesmo quarto que Dale, aquele homem maravilhoso, e pensar em Travis? Eu estava me tornando uma daquelas mulheres malucas que tentavam encontrar antigos namorados e, com isso, estragavam a própria vida. Quando estivéssemos casados, esses sentimentos desapareceriam como num passe de mágica. Eu contava com isso.

– A maioria das mulheres adora ser o centro das atenções no dia do casamento – observou ele.

– Eu sei – respondi. – E tenho certeza que eu também vou adorar. É só que… a expectativa está me deixando nervosa.

Fiquei imaginando, como fazia de vez em quando, se alguém da mídia poderia descobrir que eu tivera uma filha, do mesmo jeito que descobriram a verdade sobre Debra e seu primeiro casamento. Eu devia ter contado a verdade a Dale muito tempo antes e lidado com as consequências. Mas por que eu teria revelado a ele algo que eu fingia, até para mim mesma, que nunca acontecera?

Eu estava desligando o computador quando meu telefone tocou e vi o número do celular de Alissa no identificador de chamadas. Quando atendi, ouvi o choro de Hannah ao fundo.

– Você pode vir aqui um pouquinho? – perguntou ela. – Gretchen só chega depois das quatro e Hannah está me deixando louca. Não para de chorar.

– É claro – retruquei.

Levantei-me com uma sensação de alívio e dirigi-me à porta. Estava feliz por afastar-me do computador e dos meus pensamentos sobre Travis. Para mim, era como se fosse uma doença, e eu me recusava a trocar uma doença pela outra. Estava cansada de ficar doente.

~

Encontrei Alissa na sala de estar, andando de um lado para outro, sacudindo Hannah, apoiada em seu ombro, tentando acalmá-la.

– Quer que eu fique com ela um pouquinho? – sugeri.

– Porra, e como – disse minha cunhada de imediato, e eu soube que nem seus pais nem Dale deviam estar em casa para ela falar daquele jeito.

Peguei a bebê e balancei-a de um lado para outro, para tentar algo diferente. Ela chorava tanto que partiu meu coração.

– Por que não a levamos para um passeio? – sugeri. – Você fica presa com ela aqui o tempo inteiro, e o dia está lindo lá fora. Podemos usar o carrinho de bebê novo.

Alissa afastou do rosto seus longos cabelos castanhos e os prendeu em um rabo de cavalo.

– Ela vai começar a berrar durante o passeio e todo mundo vai pensar que a estamos maltratando, ou coisa parecida – observou.

– Talvez dar uma voltinha a acalme.

Alissa soltou um suspiro longo, de quem estava cansada da vida.

– Está bem.

Pegamos o carrinho no vestíbulo nos fundos da casa e colocamos Hannah, ainda aos berros, dentro dele. Depois que descemos a escada, assim que Alissa começou a empurrá-lo pela calçada, a bebê parou de chorar.

– É um milagre – concluiu Alissa, enquanto caminhávamos.

– Agora descobrimos o segredo.

– Quem dera poder fazer isso quando ela estiver berrando no meio da noite.

Apontei na direção da água.

– Vamos caminhar pela orla – sugeri.

– Não, quero ir por ali – retrucou Alissa, virando na Rua Orange e se afastando de Taylor’s Creek.

– Tem certeza? Está tão lindo perto da água hoje…

– Está cheio demais – observou ela. – Não quero passar por todas aquelas lojas onde todo mundo vai querer falar com a gente, ver Hannah etc.

Eu a compreendi. De fato, atrairíamos a atenção das pessoas. Eu não podia ir a lugar algum sem que alguém soubesse quem eu

era. Alissa não seria tão reconhecida, uma vez que os Hendricks haviam feito todo o possível para mantê-la longe dos jornais. A única fotografia que aparecia na mídia era a da escola, de alguns anos antes, e ela mudara muito desde então. Mas, ao vê-la comigo, as pessoas logo saberiam sua identidade e que ela estava passeando com a criança ilegítima que a família Hendricks havia recebido com tanta tolerância.

– Tudo bem – concordei, e percorremos um quarteirão inteiro para o lado oposto da orla, depois outro, e mais um.

Hannah comportou-se como um anjinho. Nem Alissa nem eu parecíamos dispostas a conversar, e fiquei secretamente satisfeita. Naqueles dias, quando ela falava comigo, em geral era sobre quanto sentia saudades de Will e eu tinha a impressão de estar carregando os segredos dela nos ombros, além dos meus.

– Quer voltar agora? – perguntei, quando já tínhamos caminhado quase 1 quilômetro. Estávamos em uma área mais simples, de casas menores, algumas delas claramente precisando de reforma. – Aposto que ela ainda vai dormir por algum tempo, e você pode aproveitar e tirar uma soneca também.

– Só mais um quarteirão – insistiu Alissa, e fiquei surpresa ao ver como ela estava animada com o passeio. Quando chegamos à metade da quadra seguinte, ela diminuiu o passo de repente. – Está vendo a segunda casa à direita?

Olhei para onde ela apontava. Era uma construção pequena, de um só andar, e destacava-se das outras porque parecia recém-pintada. As laterais tinham um tom branco-amarelado e as venezianas eram azul-claras. As plantas no jardim precisavam de água, mas ainda conservavam parte de seu colorido.

– Aham – respondi. – O que tem ela?

– Will mora ali.

Então era por isso que ela não queria andar na orla. Coloquei a mão em seu braço.

– É melhor voltarmos. Você só está torturando a si mesma.

– Eu só queria que você visse que é uma casa bonita. Ele não mora numa favela ou coisa parecida. Meus pais e Dale não sabem de nada.

– Vamos voltar, Ali. – Eu estava desconfortável. Não queria que Will aparecesse de repente. Eu já sentia que estava enganando Dale ao conversar com Alissa sobre Will. Encontrar com ele seria muito pior. – Venha – insisti. – Vamos embora.

Ela obedeceu, mas seus olhos estavam vermelhos.

– Obrigada por não contar a Dale sobre aquela vez em que eu falei com Will pelo Skype.

– Você não falou com ele de novo, falou?

Ela ficou calada por um instante, olhando para trás, para a casa de Will.

– Tentei uma vez, mas ele disse que poderiam me pegar e que não devíamos nos falar.

– E ele está certo. – Achei que era um bom sinal, que Will a estava colocando em primeiro lugar. – Neste momento, você precisa do apoio deles de todas as formas, por isso é melhor fazer o que pedem.

– Dale ficaria zangado se soubesse que eu falo com você sobre Will – comentou ela.

Ficaria mesmo.

– Isso é entre nós duas – falei. – Não entre mim e Dale. – Me senti mal ao dizer isso. Eu estava deixando Alissa saber que eu escondia coisas de Dale. Deixando-a saber o maior problema entre mim e Dale: segredos. – É coisa de mulher. Eu amo Dale e nunca faria nada para magoá-lo, mas desde que você não esteja se deixando levar por seus sentimentos por Will de uma forma que possa prejudicá-la, ou a Hannah, pode ficar à vontade para falar comigo sobre ele. Entendeu?

– Eu o amo tanto, Robin… – Ela parou de caminhar e bateu o pé na calçada, como uma criança teimosa. – E *odeio* todos eles por me manterem afastada de Will.

– Eu sei.

Eu me identificava muito com ela. Will não era Travis. Travis não era Will. Os Hendricks não eram o meu pai. Eu estivera doente. Era tudo muito diferente. Mesmo assim, eu sentia a dor e a saudade de Alissa no fundo do coração. Coloquei a mão sobre um de seus ombros.

– Depois das eleições e do casamento, quando tudo estiver resolvido, vou falar com Dale sobre Will, está bem? Sobre o fato de você ainda estar apaixonada por ele e…

– Não – retrucou ela. – Falar não adianta nada. Eles são tão teimosos e burros… Quando eu terminar a escola, vou poder fazer o que quiser. Hannah e eu poderemos vir morar com ele e a mãe. Ele prometeu que esperaria por mim.

Será? Will era um rapaz jovem e bonito. Será que continuaria disponível depois de mais de um ano, sem nenhum contato com Alissa? Eu tinha muito medo de que ela se magoasse.

– Não quero ver você jogar a relação com sua família fora – argumentei. – Talvez haja uma maneira de convencê-los. Eles cederam quando descobriram que você estava grávida. Todos a apoiaram e…

– Me poupe, Robin – retorquiu Alissa. – Eles descobriram uma maneira de me *usar* para conseguir votos. É isso que eles fazem com tudo, você não percebeu? Alguém na família tem uma espinha, eles acham um jeito de usar isso para proveito próprio. Conquistar os eleitores que têm acne ou algo do tipo. Da mesma forma que estão usando você e o casamento.

Parei de andar, sentindo-me extremamente magoada.

– Eles não estão me usando – falei, mas eu acabara de fazer a mesma acusação a Dale.

As palavras de Alissa alimentaram a minha insegurança.

Ela riu.

– Não? Você teve essa, sei lá, doença grave, mas Dale a ama assim mesmo. Isso faz com que ele tenha uma ótima imagem, não faz? Os eleitores ficam achando que ele é um cara superbacana e tudo o mais.

– Isso é ridículo – retruquei, mas sabia, bem lá no fundo, que o que Alissa dizia não era de todo mentira.

– Você é muito ingênua – observou ela. – Meu irmão não é o santo que você acha que é.

– Como assim?

– Eu só o conheço melhor do que você, só isso. Ele não é toda essa perfeição.

– Eu sei que ele não é perfeito. Ninguém é.

– Está bem. Vamos parar por aqui.

Está bem, pensei. *Vamos parar*. Ela estava apenas zangada com ele por causa de Will.

Continuamos a caminhar, mas as palavras de Alissa sobre o casamento, sobre Dale, sobre *mim* não saíam da minha cabeça. Lembrei-me de Dale me dizendo que havia coisas que eu não sabia nem precisava saber, e, enquanto andávamos, imaginei se eu era menos parte dos Hendricks do que imaginava. Pela primeira vez, senti um pouco de alívio diante dessa ideia. Naquele instante, eu não estava totalmente certa de que queria entrar para aquela família.

23

Erin

Sentei-me em frente a Judith, em seu consultório, verificando as horas ansiosamente. Eu quase cancelara a consulta com ela naquela manhã porque tive medo de que, quando chegasse à cafeteria, Travis e Bella já tivessem ido embora. Se eu já não soubesse que estava ligada demais à menina, agora tinha certeza. Na noite anterior, eu havia parado em uma loja e comprado dois livros do Ursinho Puff, uma vez que não fora capaz de entrar no quarto de minha filha e tirá-los da estante.

– Você não para de olhar para o relógio – comentou Judith.

Ela vestia uma de suas roupas usuais: uma blusa de cores fortes e uma saia longa. Ela sempre parecia um arco-íris.

– É mesmo? – disfarcei, como se não soubesse. – É que tenho consulta no dentista.

Eu gostava de Judith. Na verdade, acho que eu a amava. Sabia que isso era chamado de transferência. Ela havia se transformado em minha mãe, minha irmã e minha melhor amiga, tudo isso concentrado em uma só pessoa. Judith me deixava falar, falar e falar. Quando Michael e minhas amigas não aguentavam mais me ouvir descrever o que acontecera naquela noite, quando estavam cansados de me escutar perguntar *Por quê? Por quê? Por quê?*, Judith me ouviu. Ela me ouviria para sempre se fosse preciso, e era isso que eu amava nela. Judith adorava provérbios e sempre terminava nossa sessão com um. *Às vezes a melhor forma de nos agarrarmos a alguma coisa é deixá-la partir*, ela dizia. Eu detestava esse ditado porque discordava dele totalmente. Eu nunca, jamais deixaria Carolyn partir. *Para conhecer o caminho que vem pela*

frente, pergunte aos que estão voltando, era outro. Com esse eu concordava. Fazia-me lembrar do Grupo do Pai de Harley, de como pais que tinham perdido seus filhos há muito mais tempo que eu estavam me ajudando a sobreviver àquela jornada.

Judith sugerira que eu levasse fotografias de Carolyn para a consulta, algo que ainda não estava pronta para fazer, então ela achou normal eu ainda não querer mexer no quarto da minha filha. Ela me fez entender que eu não estava louca, ao passo que Michael e minhas amigas viviam sugerindo que eu estava sofrendo da maneira errada. *Remoendo*, como Michael costumava dizer.

Mas havia um assunto que eu ainda não tinha segurança para comentar com Judith: como me sentia em relação a Bella e Travis. Eu não sabia muito bem por quê. Já fazia dez dias que conhecia os dois e meu medo era Judith achar doentio o fato de eu ficar tão ligada a uma criança que, em essência, era uma desconhecida para mim. Eu não estava disposta a analisar meus sentimentos por Bella nas sessões. Ainda não. Por isso menti sobre ficar olhando para o relógio a todo momento. Pelo que pude perceber, Judith acreditou que eu tinha hora marcada no dentista. Mas eu nunca soube mentir e a culpa finalmente tomou conta de mim.

– Acabei de enganar você – confessei.

– Sobre o quê?

– Eu não tenho nenhuma consulta com o dentista. Só estou… com medo de lhe contar por que estou com pressa hoje.

– Do que você tem medo?

– É que… Você sabe que vou todo dia àquela cafeteria…

Ela assentiu com a cabeça.

– Eu lhe contei sobre aquele homem e a filha, que chegaram mais ou menos há uma semana?

Ela anuiu outra vez. Eu havia mencionado Bella e Travis para ela, mas isso fora antes de meus sentimentos por eles terem se

transformado em algo que parecia fora do meu controle.

– Bem, eles agora vão lá todas as manhãs. A menininha… o nome dela é Bella… tem 4 anos.

– A idade que Carolyn teria hoje.

– Exato. E eu… – Ajeitei minha aliança e meus anéis. Eles haviam ficado tão largos… – Eu gosto de vê-la. Conversar com ela. – *Abraçá-la*. – Vou chegar tarde hoje e não quero perder a oportunidade de encontrá-la.

– Você tinha passado a evitar os filhos de suas amigas – ressaltou Judith. – Disse que era difícil demais estar ao lado deles. Por que agora é diferente?

Pensei no assunto.

– Não tenho certeza. Com minhas amigas, estávamos sempre fazendo coisas juntos. Elas com os filhos e eu com Carolyn. Então, agora, quando estou com elas, é desconfortável para mim, e sinto que também é para elas. Nossos filhos eram o que tínhamos em comum. Mas, com Travis… ele não sabe sobre Carolyn. Não sabe que eu tenho… *tive* uma filha. Aí é mais fácil. E a menina não tem nada a ver com Carolyn, de verdade. Não se parece com ela. Não é extrovertida, não fala muito, não é alegre como Carolyn era. Mas é adorável. – Sorri. – Ela carrega uma ovelhinha de pelúcia para todo lado, com uma bolsinha cor-de-rosa. Acho que os dois não têm onde morar, mas não tenho certeza. Tenho medo de que… – Parei. Dei um suspiro profundo. – Estou divagando – comentei.

– Aqui você pode divagar quanto quiser – disse Judith.

– Nos últimos dias tenho acordado realmente motivada a fazer alguma coisa. Mas isso é doentio, não é? Eles são dois desconhecidos.

– Conectar-se com outras pessoas não é doentio – retrucou Judith. – E eles não são mais desconhecidos. Você está interessada nesse homem? Travis?

A pergunta de Judith me pegou de surpresa e eu ri.

– Não, de jeito nenhum! Ele tem a metade da minha idade. Bem, quer dizer, tem 20 e poucos anos. Embora seja um gato. Bem gato. Se eu tivesse 20 anos e fosse solteira, sim, eu ficaria interessada. Pelo menos fisicamente, mas, como eu disse, ele parece estar falido. Está atrás de emprego e está dando tudo errado. Morro de pena e me preocupo com Bella.

Olhei mais uma vez para o relógio.

– Você tem medo de que isso esteja se tornando uma obsessão? – perguntou Judith.

Balancei a cabeça negando, mas pensei *Sim, está se tornando uma obsessão*, e não, eu não estava preocupada com isso. Estava até satisfeita.

Judith inclinou o corpo para a frente, com um ligeiro sorriso.

– Lembra quando eu disse que você saberia que estava começando a se curar no momento em que começasse a ansiar por alguma coisa com uma expectativa feliz?

– Bem, não é exatamente uma expectativa feliz – resisti. – É apenas…

Dei de ombros, minha voz desaparecendo. Foi a palavra *feliz* que me incomodou. Eu não podia me permitir ser feliz com nada. De alguma forma, sentia que era errado.

– Quer terminar a sessão mais cedo? – perguntou Judith.

Assenti com a cabeça.

Ela sorriu outra vez.

– Sem problema – falou –, mas antes você vai ter que ouvir o seu provérbio da semana.

Peguei minha bolsa e me levantei.

– Qual é?

– Reverencie o passado, mas viva o presente.

– Certo. Está bem – concordei, mal registrando as palavras enquanto corria para a porta.

~

Minutos mais tarde, sentei-me na cadeira de couro na cafeteria e tentei ler as postagens matinais do Grupo do Pai de Harley, mas não consegui me concentrar. Ficava o tempo todo olhando para o estacionamento, esperando a chegada dos dois. Já passava das dez horas. Onde estariam? Todas as manhãs, a essa hora eles já haviam chegado, e eu entristecia a cada minuto que passava. Olhei para o meu iPad. Mãe-Triste postara que seus sogros iam chegar para visitá-la e ela estava odiando a notícia. Mãe-de-Cinco achava que poderia estar grávida e não sabia se deveria torcer para o sim ou para o não.

Eu os vi lá fora. Travis caminhava a passos largos para a entrada da cafeteria segurando a mão de Bella, que tentava acompanhá-lo com as perninhas magrelas. Senti um sorriso se espalhar pelo meu rosto quando ele abriu a porta e os dois logo olharam em minha direção. Acenei, extremamente aliviada por vê-los. *Expectativa feliz*. Sim, não havia outra maneira de descrever.

– Oi – cumprimentou Travis quando ele e Bella chegaram ao círculo de móveis desgastados onde eu sempre me sentava. Ele segurava um pequeno ramalhete de flores. Observei que as duas jovens sentadas à mesa próxima à janela olharam para Travis de cima a baixo e, em seguida, cochicharam entre si. – Tudo bem?

– Tudo. – Sorri para Bella. – Bom dia, querida.– Estiquei a mão para tocar o braço dela. – Tudo bem?

Bella recostou-se na perna de Travis, a ovelhinha de pelúcia surrada apertada contra o peito e a bolsinha cor-de-rosa pendurada no pulso.

– Nós comemos Tic-Tacs no café da manhã – falou.

– Bem, vamos comer alguma coisa um pouquinho melhor por aqui – disse Travis.

Ele passou a mão pelos cabelos desalinhados da menina e imaginei, como fazia todas as manhãs, se aqueles fios alguma vez eram penteados. Eu queria ajeitar aquela franja longa demais, que caía sobre a testa dela.

– Tic-Tacs? – perguntei. – Estavam gostosos?

Bella assentiu. Como sempre, o nariz estava escorrendo, a pele sob as narinas estava avermelhada e tive de me controlar para não pegar meu guardanapo e limpá-la.

– Precisamos usar o banheiro, não é, Bell? – disse Travis. – Você pode esperar um minutinho? – perguntou-me.

– Ah, não vou a lugar nenhum – respondi.

– São para você. – Travis estendeu-me um ramalhete de flores-do-campo. – Foi Bella que as colheu.

– Que lindas! – Olhei bem no fundo dos olhos cinzentos de Travis enquanto pegava as flores de suas mãos. Eu sabia por que ele as estava me oferecendo: em gratidão pela nota de 20 dólares que eu enfiara no bolso de Bella. Coloquei o ramalhete sobre a mesinha de centro. – Obrigada, Bella.

– Parece que a Srta. Erin tem um livro novo para ler para você – comentou Travis, olhando para *O Ursinho Puff*, que estava sobre a mesa, perto de minha cadeira.

– Quero fazer xixi, papai – pediu Bella.

– Certo. – Travis pegou-a pela mão outra vez. – Voltaremos em um segundo – disse ele.

Observei-os enquanto se dirigiam ao banheiro masculino, onde sabia que demorariam bastante, como faziam todas as manhãs. Era a rotina deles, assim como a minha era sentar-me naquela cadeira de couro marrom, com meu café, meu iPad e o Grupo do Pai de Harley. Na semana seguinte eu voltaria ao trabalho e sentiria falta

de meus encontros com Travis e Bella mais do que poderia admitir. Nem queria pensar no assunto.

Quando os dois retornaram, coloquei o livro no braço da cadeira.

– Acho que você vai adorar este aqui, Bella – afirmei, esticando os braços na direção dela.

Bella subiu em meu colo com toda a facilidade. Aquele era o terceiro dia seguido que eu lia uma historinha para ela, o terceiro em que eu podia segurá-la daquele jeito e sentir suas costelas sob minhas mãos e o cheiro almiscarado de seus cabelos de criança. O terceiro dia em que eu lutava contra as lágrimas em meus olhos.

– Vou pegar meu café e o nosso bolinho – disse Travis. – Quer alguma coisa, Erin?

– Não, obrigada – respondi. Ele me fazia a mesma pergunta todos os dias, embora eu sempre dissesse que não. – Pedi um suco de laranja para Bella – acrescentei, apontando para a embalagem na mesa.

Comprar suco para ela estava se tornando um hábito. Travis olhou para a bebida e achei que fosse protestar, mas ele só balançou a cabeça, assentindo.

– Certo – falou. – Obrigado.

Comecei a ler para Bella. Ela colocou a mão contra o meu peito de uma forma que me fez perder o fôlego.

– São abelhinhas! – exclamou, interrompendo minha leitura para mostrar uma ilustração.

– Isso mesmo. Você sabe o que elas fazem?

– Bzzzzzzzzz.

– Esse é o som que elas fazem. – Eu sorri. – Mas elas fabricam um tipo de comida também…

– Mel!

– Isso! E o Ursinho Puff adora mel – falei, então continuei a ler a história.

Travis voltou com um copo pequeno de café para ele, um copo plástico com água para Bella e um bolinho de mirtilo, que eu sabia que ele iria dividir em dois, como fazia todos os dias.

As duas jovens sentadas perto da janela olharam para ele outra vez. A loura começou a se abanar, como se estivesse morrendo de calor, e a amiga deu uma gargalhada.

– Venha sentar-se aqui para comer, para não sujar a Srta. Erin – disse Travis a Bella, quando acabei de ler o primeiro capítulo.

– Ora, ela está bem aqui – retruquei. – Só coloque a água em cima da mesa.

Fiquei surpresa quando Travis deu à filha o bolinho inteiro, em um guardanapo. Foi a primeira vez que ele não o dividiu. Era provável que minha calça de ginástica ficasse cheia de migalhas, mas eu não me importava. Queria ficar com ela no colo pelo tempo que fosse possível. *Minha expectativa feliz*. Acariciei de leve as costas dela, que se inclinou ao meu toque.

– Então, você volta ao trabalho daqui a dois dias? – perguntou Travis.

Ele bebia o café olhando para mim por cima do copo.

– Nem me lembre.

– Alguma vez você já se sentiu… hã… *tentada* por ficar perto de tantas drogas o tempo todo? – perguntei.

Meu olhar foi incisivo e, pela primeira vez, imaginei se ele não seria um viciado. Isso explicaria sua silhueta tão magra. Sua falta de dinheiro. Mas não achei que fosse. Não combinava com o que eu ficara sabendo sobre ele naquela semana e meia, e eu gostava demais de Travis para acreditar em algo assim. Mas quanto eu realmente o conhecia?

– Nem um pouco – respondi, embora fosse uma ligeira mentira. Naquele dia em que voltei ao trabalho, os narcóticos me atraíram como nunca. Eu poderia ter tomado um bocado deles e a dor teria

desaparecido. – E, por favor, não me diga que você *ficaria* tentado – acrescentei, segurando Bella com mais força.

– É claro que não. Não gosto dessas coisas.

Seu sorriso era familiar, mas percebi que havia algo diferente em Travis. Ele parecia um pouco mais agitado, balançando os joelhos para cima e para baixo e batendo os dedos no braço do sofá de couro. Quis perguntar se ele descobrira alguma possibilidade de trabalho, mas ele devia estar cansado de me ouvir fazer a mesma pergunta. Como se pudesse ler a minha mente, porém, ele bebeu mais um gole do café e disse:

– Tenho outra entrevista hoje.

– Que bom! Você achou alguma coisa nos anúncios on-line?

– Não, um amigo me falou – explicou ele, batendo os dedos mais depressa. – Espero que esse dê certo.

– Ah, eu também, Travis. Imagino que seja na área de construção. É para uma empresa? Ou é residencial? Ou…

– Tenho os dados na van – respondeu ele, ficando de pé. – Você pode olhar a Bella por um segundo para eu ir buscar? Quero lhe dar o endereço para ver se você me ensina o caminho até lá.

– Claro! – exclamei.

Ele hesitou por um instante, depois abaixou-se, pegou a cabeça de Bella com as duas mãos e beijou a testa da menina. Seu rosto ficou perto do meu, mas ele virou a cabeça depressa e dirigiu-se à saída. As duas moças sentadas à janela ficaram olhando enquanto ele caminhava pela calçada e virava a esquina da cafeteria a caminho do estacionamento.

– Lê mais um pouquinho? – pediu Bella, a palma da mão sobre a capa do livro. – Por favor?

Abri o livro e li por uns dez minutos, imaginando por que Travis estava demorando tanto. Li mais um capítulo, mas sem prestar

muita atenção à história, a preocupação cada vez maior. Fiquei olhando para a calçada pela janela. A demora era estranha.

– Cadê o papai? – perguntou Bella, finalmente, olhando para a porta.

Verifiquei as horas. Vinte e cinco minutos, no mínimo, já haviam se passado. As duas moças se levantaram e foram embora.

– Talvez ele tenha feito outro caminho. Vamos atrás dele.

Bella segurou minha mão – ah, que sensação boa! –, então fomos até a calçada e viramos no mesmo lugar onde eu vira Travis desaparecer. Havia fileiras e mais fileiras de automóveis no estacionamento gigantesco e eu me dei conta de que não tinha ideia de como era o carro de Travis. Uma van, ele dissera. Caminhei com Bella pela primeira fileira de veículos, depois pela seguinte.

– De que cor é a van do papai? – perguntei.

– Branca. O nome dela é Moby Dick.

– Como a baleia branca?

– Aham.

Não avistei nenhuma van branca. Havia uma picape dessa cor, mas logo vi que não era o carro de Travis.

– Acho que ele foi fazer algum serviço – falei.

– O que é serviço?

– Ir a uma loja.

Bella olhou para o interminável mar de lojas que ladeavam o estacionamento. Eu não sabia o que fazer. Travis poderia estar em qualquer lugar. Olhei de novo para o relógio. Ele saíra havia mais de uma hora. *Isso não está acontecendo*, pensei. Tinha a impressão de que estava em um sonho com um enorme potencial para se transformar em pesadelo. O mundo inteiro estava de cabeça para baixo. O azul do céu era tão forte que não parecia natural. O sol explodia no fim da calçada, em cortantes eclosões de luz. E as

sombras dos carros no estacionamento formavam um mar de metal multicolorido.

A única coisa que me parecia real era aquela mãozinha confiante segurando a minha.

24

Robin

2007

Quando acordei – acordei *completamente* – alguns dias depois do meu transplante de coração, eu tinha duas lembranças. Uma era uma visão a partir do teto da sala de cirurgia, em que eu olhava para baixo e via os médicos trabalhando de maneira frenética em meu peito aberto e cheio de sangue. Lembro que me senti calma e curiosa enquanto os observava. Queria dizer-lhes que estava tranquila, pois eles pareciam muito assustados lá embaixo. A segunda lembrança era menos clara. A voz de meu pai chegou até mim através de uma névoa de máquinas que emitiam sinais sonoros e do assobio do ventilador. Bem perto do meu ouvido, senti o material áspero da máscara que ele precisava usar em meu quarto. *O bebê nunca aconteceu*, ele sussurrava no meu ouvido, como um hipnotizador. *Esqueça tudo isso, Robin. Essa parte da sua vida nunca aconteceu*.

Enquanto as enfermeiras me ajudavam a sentar, as duas lembranças saíram da minha cabeça ao mesmo tempo, deixando-me com uma dor lancinante no osso esterno, o cérebro enevoado e a sensação de que minha vida havia mudado para sempre.

Nas semanas que se seguiram, fiquei sabendo que, na época em que encontraram um coração para mim, eu só teria alguns dias de vida e que tinha realmente *morrido* na sala de cirurgia, mas os médicos haviam conseguido trazer-me de volta. O rosto do meu cirurgião ficou branco quando lhe contei que assistira a tudo lá do teto, mas eu mesma já não tinha certeza de que não era a minha imaginação.

Comecei a reabilitação, que foi extenuante, dolorosa e impressionante, pois as batidas do meu coração ficaram estáveis e minha respiração melhorava a cada dia. Meu pai ia todos os dias ao centro de recuperação onde eu estava internada para me encorajar e eu sentia que qualquer raiva que ele tivesse de mim ficara para trás junto com o meu coração velho. O novo era puro e estava aberto para ser preenchido com novas experiências. Novas emoções.

Um dia, alguns meses depois do início da recuperação, papai estava me levando de volta ao quarto. Isso não era incomum, mas seu silêncio e a maneira como ele apertava meu cotovelo com força eram, e tive a sensação de que alguma coisa estava acontecendo. De fato, quando chegamos perto do quarto, ele colocou os braços ao meu redor.

– Preciso lhe dizer uma coisa, Robin – começou ele, massageando meu ombro com suavidade. – Eu não ia contar, mas a assistente social acha que você precisa saber. Ela disse que, se eu não contasse, ela contaria, por isso vamos discutir esse assunto só esta vez e depois nunca mais, certo?

Parei de andar de repente, preocupada. Haveria algo errado com meu coração novo?

– Do que você está falando?

Papai me conduziu para o interior do quarto e fui caminhando um pouco à frente. Em seguida me virei para encará-lo. O olhar dele passou por mim e se fixou na janela. Vi que ele não queria me fitar diretamente. Achei bom que minha colega de quarto não estivesse ali porque algo estava errado, sem nenhuma dúvida.

– O que está acontecendo? – insisti.

– É sobre o bebê.

Desde o instante em que eu completara 28 semanas de gravidez até o momento em que tinha acordado do transplante, minha consciência dos acontecimentos ao meu redor era quase zero. Eu

não tinha nenhuma recordação do bebê sendo retirado do meu corpo. Nunca o vira. Nunca quisera vê-lo.

– Ela está bem? – indaguei.

Ele fechou a porta e parou na frente dela.

– Pelo que sei, ela está bem. Mas… você mandou que escrevessem o nome de Travis na certidão de nascimento, querida. – Ele tocou meu braço, como se quisesse perdoar-me pelo que eu tinha feito. – Por isso ele teve de ser notificado da adoção. Da potencial adoção. E não concordou. – Meu pai balançou a cabeça como se não pudesse acreditar que Travis fosse tão idiota. – Tentei evitar que ele conseguisse a guarda. Um erro monumental e imbecil. Mas ele ganhou. – Ele deu de ombros. – O casal que você queria que a adotasse não ficou com ela.

– Ah, não! – exclamei, dobrando o tronco e me apoiando na beira da cama.

Eu só conseguira tirar a criança da cabeça com tanta facilidade porque sabia que estava fazendo a coisa certa em relação a ela. Ela teria dois pais com dinheiro para lhe oferecer tudo o que quisesse. Mas, por outro lado, o lugar dela era com Travis, não era?

– Tentei lutar com ele na justiça – explicou meu pai. – Mas ele é o pai da criança e isso o fez levar a melhor.

Eu estava errada sobre meu coração estar completamente livre de velhas emoções. A menção ao nome de Travis o fez disparar de tanta saudade. *Ela terá amor*, pensei. Talvez a criança nunca tivesse a própria televisão ou o computador mais caro, talvez não frequentasse uma escola particular, mas em termos de amor ela não poderia estar melhor do que ao lado de Travis.

Eu não disse uma única palavra e meu pai me olhou com seriedade.

– Você está bem? A assistente social achou…

– Preciso falar com ele – respondi.

– Não! – Meu pai balançou a cabeça veementemente. – Nem pense em fazer isso, Robin.

– Eu não quero me meter na educação dela nem nada – expliquei. E era verdade. Eu não sentia nenhuma ligação com a criança. – Só queria dizer a Travis que sei que ele está com ela e que não vejo nenhum problema.

Na verdade, eu estava *satisfeita*. Quanto mais eu pensava no assunto, mais certo me parecia.

– Você não deve isso a ele – rebateu papai. – Não deve nada a ele.

– Está bem – falei, encerrando o assunto, decidindo não brigar mais.

Eu mandaria um e-mail para Travis – meu pai não precisaria saber.

– Estou falando sério, Robin, coloque isso na cabeça.

– Eu disse que está bem.

Meu pai não falou mais nada por um momento, e eu sabia que ele não acreditava que eu desistiria com tanta facilidade.

– Você nunca entendeu direito o que ele fez a você – continuou. – A crueldade com que a tratou. Você parecia uma garotinha ingênua naquele e-mail, dizendo para ele não se culpar. Ora, *eu* o culpo. Eu…

– *O quê*? – Torci o nariz para ele. – Como você pode saber o que eu escrevi para Travis?

Ele passou as mãos pelos cabelos.

– Isso não vem ao caso.

– Como você poderia saber disso?

– Você estava tão doente, queri…

– Você abriu o meu computador?

Ele suspirou e se apoiou, cansado, na porta.

– Pensando no seu bem – falou.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo.

– Você estava me *espionando*?

– Quando você for mãe, vai entender. Você estava num momento vulnerável, Robin. – Ele começou a andar pelo quarto. – Eu tinha de protegê-la. Você ficava colocando a sua saúde em risco. Eu fazia tudo para manter sua saúde e você me sabotava sempre que podia. Aquele garoto… aquele *idiota*… você acha que ele amava você? Ele não sabe o que é o amor. Só estava pensando nele e no que *ele* queria, não no que *você* queria. Não fiquei nem um pouco surpreso por ele não colocar o interesse da criança em primeiro lugar. Eu não ia deixar que ele destruísse você, por isso, sim, eu o bloqueei do seu computador e impedi que o seu e-mail chegasse a ele.

Levantei-me, furiosa.

– Isso não foi justo! – gritei. – Foi crueldade!

– Shhh. Calma e tranquilidade.

– Como você *pôde* fazer isso comigo?

– Deixe isso para lá – insistiu meu pai. – Você já o esqueceu, graças a Deus. Agora, tem um coração novo e vai…

Tentei bater nele, mas meu pai pegou meu braço e me puxou para um abraço do qual não consegui escapar. Eu jamais sentira tanta raiva e não sabia o que fazer com ela.

– Era por isso que eu não queria contar a você – explicou ele. – Sabia que só iria deixá-la chateada. Você estava indo tão bem, mas a assistente social…

Consegui libertar-me de seus braços.

– Adivinhe só, papai – provoquei. – Posso usar o computador daqui a hora que quiser, e você não pode me impedir de mandar e-mails para ninguém.

– Ele se casou, Robin.

– O quê?

Senti a vontade de lutar abandonar-me de repente e deixei os braços caírem.

– Ele se casou. Conheceu alguém logo depois que vocês terminaram e, se você se importa minimamente com a criança, precisa deixá-los em paz para que se tornem uma família de verdade. Só espero que, quem quer que seja a mulher, tenha mais bom senso do que ele.

Ele tinha se casado? Enquanto eu estava doente, fora da realidade do mundo, Travis conhecera outra pessoa. Apaixonara-se por outra garota. Afastei-me de meu pai. Não queria que ele visse quão magoada eu estava por Travis ter me esquecido com tanta facilidade. Agora que eu sabia que ele não recebera os meus e-mails, como poderia culpá-lo? Será que aquela garota tinha um pai que enxergava além do status social de Travis e apoiava o relacionamento, ao invés de destruí-lo?

– Você precisa seguir em frente com a sua vida e deixar Travis fazer o mesmo – observou meu pai.

Eu precisava encarar tudo aquilo como uma mulher adulta. Era bom que a criança tivesse pai e mãe, falei a mim mesma. Era bom que ela ficasse com o pai biológico e com uma mulher que a tratasse como sua filha legítima – pelo menos era o que eu esperava. Concentrei-me nesses pensamentos. Talvez, com o passar do tempo, eu realmente passasse a acreditar neles.

– Estou cansada – falei, puxando as cobertas da cama. – Vou tirar uma soneca.

– Boa ideia, querida. – Ele se aproximou de mim e colocou a mão na beira da cama. – Eu sei que isso foi muito duro de ouvir, mas você é uma garota forte e sei que vai ficar bem.

– Certo – respondi, depois subi na cama e me deitei de costas para meu pai.

– Vejo você amanhã, então – disse ele.

Vá embora, pensei. *Vá embora*. Tudo o que eu queria era ficar sozinha com meu sofrimento. E com a solidão. E com a parte da minha vida que nunca acontecera.

25

Erin

Raleigh

Depois que Bella e eu procuramos pela van de Travis por todo o estacionamento durante quase uma hora, voltamos à cafeteria.

– Vamos esperá-lo aqui – decidi, sentando-me no sofá ao lado dela. – Garanto que ele vai voltar em alguns minutos.

– Ele pode ter ido encher – sugeriu Bella, os olhos fixos na porta.

– Encher o quê? A van de gasolina, você quer dizer?

Ela assentiu.

– Moby Dick precisa de muita gasolina.

– Deve ser isso mesmo – concordei, mas estava ao mesmo tempo decepcionada e com raiva de Travis.

E também preocupada. Será que alguma coisa ruim acontecera enquanto ele ia até a van? Mas, nesse caso, o carro estaria ali. Não fazia nenhum sentido.

– Você ainda não tomou seu suco – falei enquanto nos sentávamos outra vez.

Tirei o canudo da lateral da embalagem, desembrulhei-o e espetei-o na caixinha.

– Lê mais um pouquinho para mim, por favor? – pediu Bella.

– Eu gosto dos seus modos.

– O que são modos?

– Quando você diz *por favor* e *obrigada*. Isso são bons modos.

Ela se inclinou para a frente para pegar o livro que estava sobre a mesa de centro. Eu o abri e comecei a ler, mas não consegui mais

me concentrar. Estava de olho na porta, com uma crescente sensação de pavor.

O capítulo levou dez minutos para acabar. Quando terminei, Bella havia bebido todo o suco de laranja e começava a ficar inquieta. Ela desceu do meu colo e correu para a porta, pressionando as mãozinhas e a testa contra o vidro enquanto tentava olhar para fora.

– Bella – chamei. – Fique aqui comigo, querida.

Ela voltou para o sofá e se sentou.

– Onde papai foi encher a Moby Dick?

– Não sei. – Eu não queria dizer palavras vazias do tipo *Ele vai voltar logo*, pois tinha a péssima sensação de que não seriam verdadeiras. – Acho que ele deve ter tido algum imprevisto no caminho.

– O que é imprevisto?

Dei um suspiro.

– Ele deve ter entrado em alguma loja ou outro lugar.

Olhei para o meu relógio. Alguma coisa estava muito, muito errada.

– Quero fazer xixi – disse ela, e se levantou outra vez.

– Está bem. – Peguei-a pela mão e levei-a até o banheiro feminino. – Você quer privacidade? – perguntei, e esperei que ela dissesse “O que é privacidade?”.

Em vez disso, ela respondeu:

– Não gosto de ficar sozinha.

– Tudo bem – falei. – Estou bem aqui.

Ela abaixou a calça e vi um pedacinho de papel saindo do bolso.

– O que é isso aí? – indaguei.

Com a calça arriada, ela tirou o pedaço de papel do bolso.

– Foi você que colocou? – quis saber ela, entregando-me o papel.

Depois que o peguei, ela subiu na privada. O papel era apenas um recibo de posto de gasolina com a data do dia anterior, portanto, descartei a teoria de que ele teria ido encher o tanque. Eu estava prestes a jogá-lo na lata de lixo quando vi algo escrito do outro lado.

Só por esta noite. Por favor, cuide dela. Obrigado.

– Ah, meu Deus! – exclamei. – Por que ele não me *pediu*?

– Pediu o quê? – disse Bella, sentada no vaso.

– Um favor. – respondi. – Seu pai queria um favor.

Talvez Travis não pudesse ir à entrevista levando uma criança. Será que ele estava com medo que eu dissesse não? Aliás, era provável que eu fizesse mesmo isso, por não estar bem física ou emocionalmente para receber uma criança de 4 anos em meu apartamento. Aquele tinha sido o real motivo das flores. Um agradecimento adiantado.

Bella pegou o papel higiênico, secou-se sozinha, levantou-se e subiu a calça.

Eu tinha certeza que qualquer uma de minhas amigas teria a mesma atitude naquela situação: chamar a polícia. Eu não sabia quais eram os problemas de Travis, mas sabia que ele amava a filha. Ele agira de maneira muito errada. Fora uma atitude realmente idiota. Mas eu não iria entregá-lo por isso, obrigando Bella a passar a noite na casa de desconhecidos. Travis confiara em mim para cuidar dela. Quando eu a devolvesse na manhã seguinte, teria uma boa conversa com ele. Perguntaria, sem rodeios, sobre sua situação. Colocaríamos as cartas na mesa. Eu descobriria de que tipo de apoio ele precisava. Se fosse para cuidar da filha, eu faria de tudo para ajudá-lo a encontrar uma solução. Eu o ajudaria, mas não deixaria de censurá-lo. Ele deixara a filha comigo, mas o que sabia a meu respeito? Praticamente nada. Como ele podia saber que podia confiá-la a mim? Meu cérebro estava a mil.

– Bem, adivinhe só, Bella – falei, enquanto a pegava no colo para que alcançasse a pia e lavasse as mãos.

– O quê?

– Este bilhete é do seu pai, e ele me pediu para tomar conta de você esta noite.

Olhei para o nosso reflexo no espelho e senti um ligeiro choque ao me ver segurando uma criança que não era Carolyn.

– Onde? – quis saber ela, já no chão, secando as mãos. – Na casa queimada?

– Que casa queimada?

– Onde a vovó tomava conta de mim?

Casa queimada? Vovó no céu? Ah, Deus… Torci para que não houvesse nenhuma ligação entre esses fatos.

– Não. Na minha casa.

Meu apartamento não era nem um pouco adequado para receber uma criança. E também não tinha cadeirinha de criança no carro. Como eu iria levá-la até minha casa e de volta à cafeteria de manhã sem um assento adequado para o transporte? Isso era ridículo. *Ridículo!* Eu podia comprar uma cadeirinha na Target, pensei, embora soubesse onde havia uma. No mesmo lugar onde havia livros e brinquedos e tudo o mais que fosse necessário para ocupar uma criança por uma tarde e uma noite.

De repente, tive um sentimento estranho, quase irreconhecível – *felicidade*. Eu estava *feliz* por Travis ter jogado seu problema em minhas costas. Ele me dera algo para fazer. Algo útil. E eu teria quase 24 horas para ficar sozinha com Bella.

– Vamos – falei. Peguei-a pela mão, saímos da cafeteria e voltamos ao estacionamento, desta vez em direção ao meu carro. – Bem, não tem cadeirinha de criança no carro, mas vou colocar você no banco de trás, como uma mocinha, e vou dirigir com muito cuidado, e aí nós vamos pegar uma cadeirinha apropriada na minha

antiga… – Parei de falar. Eram muitas explicações. – Vamos ter que parar em alguns lugares – recomecei. – Antes, eu morava em uma casa onde há uma cadeirinha de criança, e lá também tem muitos brinquedos, livros e coisas que poderemos levar para a casa onde eu moro agora. Então, vamos poder brincar e ler a noite toda e, de manhã, voltaremos à cafeteria e seu papai estará lá. Combinado?

O lábio inferior dela começou a tremer e eu segurei sua mão com força. Parada ao lado do meu carro, ela era tão pequena, os olhos grandes e cinzentos cheios de lágrimas de perplexidade. Peguei-a no colo e a abracei com força, colando meu rosto ao dela.

– Vai ficar tudo bem – garanti. – Vamos nos divertir. Prometo.

Coloquei-a no banco de trás, apertei o cinto de segurança e desejei ter algo que pudesse animá-la um pouco. Bella começou a chorar, mas baixinho, como se não esperasse que eu resolvesse as coisas para ela. Como se estivesse acostumada a uma vida que não andasse conforme os planos.

– Está tudo bem, meu amor. – Passei a mão pelos cabelos sujos dela. Eu lhe daria um banho de espuma naquela noite. Com xampu. – Você vai ver – acrescentei com um sorriso. – Vai ficar tudo bem.

~

Michael estava no trabalho, graças a Deus, então Bella e eu tínhamos a casa só para nós. Eu a convenci a deixar a bolsa junto com a minha, na mesa da cozinha, mas ela insistiu em levar a ovelhinha para cima. Ela havia parado de chorar e ficara muito quieta, sem dizer uma única palavra, enquanto subíamos ao segundo andar. Eu não parava de falar, tentando controlar os nervos.

– Morava uma menininha aqui – expliquei –, e ela adoraria se pegássemos alguns de seus brinquedos e livros para nos divertirmos.

Umedeci os lábios e abri a porta do quarto de Carolyn. Fiquei parada na soleira, mas Bella não percebeu a parede invisível que me mantinha do lado de fora. Ela entrou e foi direto para a cozinha de brinquedo. Ficou ali por alguns instantes, estudando os botões do fogão de plástico, as panelas, as frigideiras, as tigelas de frutas e legumes de madeira. Então, sorriu e começou a brincar.

– Você pode cozinhar alguma coisa para mim? – pedi.

Ela me olhou.

– Você senta aqui – falou, apontando para uma das minúsculas cadeiras em volta da mesinha no canto.

– Acho que essa cadeira é muito pequena para mim. E se eu me sentar na cama?

– Está bem.

Ela estava colocando tomates de brinquedo em uma frigideira de plástico, por isso não viu quando eu atravessei a parede invisível. Caminhei cinco passos até a cama de Carolyn e desabei em cima dela, em vez de me sentar, sentindo meus joelhos falharem. Meu coração batia a uma velocidade altíssima. Coloquei a palma da mão sobre a colcha, com seus harmoniosos azuis e verdes.

– O que você está cozinhando? – perguntei.

Minha voz falhou ligeiramente.

– Momelete – disse ela, abrindo a casca do ovo de plástico e deixando cair o ovo frito de borracha dentro da panela, junto com os tomates.

– Está com uma cara ótima – comentei. – Você gosta de omelete? De repente a gente pode comer isso no jantar.

Ela me olhou como se eu fosse tão maluca quanto estava me sentindo.

– Isso é momelete de *mentirinha* – falou.

– Ah, eu sei. Estava pensando que poderíamos comer omeletes de verdade, mais tarde. O que você gosta que coloquem na sua

omelete?

Ela não respondeu. Estava com uma expressão concentrada enquanto mexia a barulhenta mistura na panela.

– Preciso ir ao sótão pegar a cadeirinha para o carro. Você vai ficar bem aqui sozinha? Só vou levar dois minutos.

– Tudo bem.

Saí do quarto e me dirigi à porta do corredor que levava à escada do sótão. Estava no meio da subida quando ouvi Bella mexendo os ovos atrás de mim. Virei-me.

– Você resolveu vir comigo? – perguntei.

– Não quero ficar sozinha – disse ela, procurando a minha mão.

– Tudo bem, não tem problema.

Eu não fazia ideia de onde Michael havia guardado a cadeirinha. Não tínhamos finalizado a construção do sótão e a iluminação não era boa, nem mesmo depois que acendi a única lâmpada no topo da escada.

– Que lugar é este?

– É um sótão – expliquei. – Você já entrou em algum sótão?

– Tem fantasmas aí?

Ela ficou bem perto de mim.

– Não – respondi, achando graça. – Fantasmas não existem. – Mas *havia* fantasmas lá em cima. Pelo menos um. Eu sentia Carolyn conduzindo-me a um dos cantos do sótão, da mesma forma que podia senti-la pegando em minha mão, e ali estava ela, a cadeirinha, embrulhada em uma sacola de plástico transparente. – Achei a cadeirinha! – exclamei. – Agora você vai poder sentar com toda a segurança no meu carro.

– Agora? Eu queria brincar mais no quarto da garotinha.

– Mas você pode – falei. – Aliás, vou pegar uma sacola para podermos levar alguns brinquedos e livros para a minha casa.

Minha casa nova.

– Tá.

Ela segurou no corrimão e desceu a escada, um degrau de cada vez, do jeito que Carolyn costumava fazer, e tive um rápido momento de confusão sobre qual criança estava ao meu lado. Ah, eu sabia que era Bella. Sabia exatamente o que estava acontecendo, mas parecia *desejar* a confusão. Queria acreditar que Bella poderia virar-se e serem os olhos castanhos de Carolyn a me fitar. Queria que o impossível se tornasse possível.

De volta ao quarto de Carolyn, agachei-me diante da estante. Por algum motivo, isso foi o mais difícil. Aqueles livros eram tão amados… Carolyn decorara quase todas as histórias. Ela me corrigia, ou a Michael, se nos enganássemos e uma frase saísse errada. Ela não se importava se já tivesse ouvido a mesma história mil vezes; sempre queria escutá-la de novo. Bella também era assim com *O gatola da cartola*. Carolyn costumava apontar para cada desenho e me dizer o que era ou perguntar, se não soubesse ou não lembrasse. Quando ficou um pouco mais velha, ela se impacientava quando eu lia devagar demais e virava as páginas antes que eu acabasse de ler. Sempre fora difícil para Carolyn ficar sentada por muito tempo, mesmo adorando os livros.

Tirei um deles da prateleira.

– Quer me ajudar a escolher alguns livros, Bella? – perguntei. Ela já havia abandonado a cozinha de brinquedo, trocando-a por uma das casas de boneca. Carolyn tinha duas. Uma era a elaborada casa em estilo vitoriano que Michael construíra, com uma fachada requintada e papel de parede no interior. Era linda, mas Carolyn preferia a outra, uma de princesa, pequena, feita de plástico, que ela simplesmente adorava. Bella também foi direto para essa. – Vou só pegar alguns livros – falei.

Em seguida, agarrei um punhado deles sem sequer olhar os títulos. Era mais fácil assim. Um punhado não trazia lembranças

específicas.

Entretanto, eu estava errada quando achara que selecionar os livros seria o mais difícil. Bella também precisava de roupas, então abri duas das gavetas da cômoda de Carolyn e peguei calças compridas e camisetas, pijamas, calcinhas, sem pensar no que estava fazendo. Joguei tudo sobre a cama, ao lado dos livros.

Entrei no quarto de casal para procurar uma bolsa de viagem no closet. Fiquei surpresa ao ver que a cama estava feita. Michael não arrumara a cama uma única vez durante todos os nossos anos juntos. Achei a bolsa e a levei para o quarto de Carolyn.

– Escolha quatro brinquedos para levarmos – pedi a Bella, enquanto colocava os livros na bolsa.

– Esse – disse ela, apontando para a casa de bonecas da princesa.

– Esse não cabe na sacola, mas podemos carregá-lo. É dobrável. Então, já temos um. O que mais?

Bella olhou para a cozinha de brinquedo e eu estava prestes a vetar sua escolha quando ela desviou o olhar para o jogo Serpentes e Escadas, guardado em uma prateleira acima do fogão de plástico. Carolyn nunca demonstrara nenhum interesse por esse brinquedo. Não havia lembranças ligadas a ele, o que era ótimo. Acrescentei-o à bolsa de viagem, junto com os livros. Então Bella virou-se para o urso-polar sobre a cama e eu quase disse “Não!”, mas me interrompi. *Carolyn não está aqui. Ela não vai sentir falta dele. E, de qualquer forma, ela o emprestaria*. Não, na verdade ela não o teria emprestado. Minha filha não gostava muito de emprestar suas coisas. Isso era algo que me preocupava, porque havíamos adiado um segundo filho por muito tempo e eu temia que ela tivesse problemas para se acostumar com um bebê quando finalmente o tivéssemos. Com quantas bobagens eu me preocupara… Eu escolhera as preocupações erradas.

– Ótimo – anunciei, quando Bella colocou o ursinho na bolsa. – Mais um. Que tal um DVD?

– Não, obrigada. – Ela andou pelo quarto pensativa, com um dedinho sobre os lábios. Apontou para uma caixa de plástico que continha o jogo de chá de Carolyn. – O que é isso?

– É um jogo de chá. Podemos brincar com ele mais tarde, se você quiser. Podemos fazer uma festa do chá.

Ela me entregou a caixa e eu a coloquei na bolsa.

– Prontinho – falei. – Estamos prontas.

Fomos até o carro e eu coloquei o assento no banco de trás, as mãos agindo automaticamente, de acordo com a memória muscular. Havia uma pequena mancha na beirada da almofada, do dia em que Carolyn tinha derramado suco. Eu nunca conseguira tirar aquela mancha. Tive de desviar o olhar.

O que Judith teria a dizer sobre tudo aquilo? Eu entrara no quarto de Carolyn. Tocara suas coisas e não desmoronara. Será que ela me acharia louca por tomar conta de uma criança que eu mal conhecia? Uma criança cujo pai a jogara no meu colo sem me deixar um número de telefone ou, percebi naquele momento, me dizer seu sobrenome? Mesmo assim, eu estava fazendo aquilo e, de repente, estava vivendo o momento. *Reverencie o passado, mas viva o presente*. Estremeci, mas com um sorriso no rosto. Judith estava sempre um passo à minha frente.

Bella subiu no assento e ficou afastando minhas mãos quando eu tentava fechar o cinto de segurança.

– Eu sei fazer sozinha – disse ela, e fez.

Conversei com ela sobre o almoço enquanto voltávamos para Brier Creek. Enquanto falava, ia me lembrando do que havia em casa, torcendo para não ter de parar no mercado.

– Que tal um sanduíche de queijo no almoço? – perguntei.

– Será que tem macarrão com queijo?

– Tem, sim. – Era um congelado dos Vigilantes do Peso. Com meu pouco apetite e nenhum interesse em cozinhar, eu vinha comendo apenas pratos prontos. – Vou preparar para você.

~

Almoçamos na cozinha e, em seguida, deixei Bella explorar o pequeno apartamento, sempre acompanhando-a. Eu queria que ela conhecesse o ambiente todo para sentir-se segura. Nunca havia percebido como aquele lugar era ensolarado e claro. Raios de sol dançavam sobre o vidro da mesa de centro e iluminavam o carpete bege. No chão, brincamos com a casa de bonecas e com a boneca de Bella, até que ela começou a ficar mal-humorada e a perguntar por Travis.

– Quer dormir um pouquinho? – sugeri.

Ela balançou a cabeça em uma negativa, mas depois acabou assentindo.

– Meu saco de dormir está na Moby Dick.

Então, eu estava certa. Eles não tinham casa e moravam na van de Travis.

– É lá que você dorme, querida? Na van?

Ela fez que sim.

– Primeiro eu dormia na casa queimada, antes de ela queimar. Depois, no trailer. Depois, na Moby Dick. É frio lá.

Sim. As noites estavam, definitivamente, ficando mais geladas. Imaginei como devia ser frio acordar em uma van de manhã cedo. Eu poderia dar a ela uma vida muito melhor.

Que pensamento é esse?, disse a mim mesma, em tom de repreensão.

– Bem, eu tenho uma cama bem grande, e podemos dividi-la. – A única extravagância que o proprietário havia acrescentado à

mobília simples do apartamento era uma enorme cama de casal. – Você vai ficar quentinha esta noite. Venha. Vamos dar uma olhada nela.

Fomos juntas até o quarto.

– Essa é a maior cama que eu já vi! – exclamou Bella.

A cama era alta, também, e tive de ajudá-la a subir. Peguei uma das cadeiras da sala de jantar e coloquei-a de costas ao lado da cama, caso ela rolasse durante o sono. Sorri enquanto a acomodava debaixo das cobertas, com a ovelhinha sob o braço. Ela era tão linda… Parecia perdida, tanto naquela cama gigantesca quanto naquele longo e estranho dia. Inclinei-me e beijei sua testa.

– Durma bem – falei pela primeira vez na vida a uma criança que não fosse minha filha.

– Você vai ficar aqui?

– É claro que vou. Eu também vou dormir um pouquinho.

Dei a volta na cama, até o meu lado, tirei a calça de ginástica e os sapatos e subi.

– Durma bem – disse Bella. – Sonhe com os anjos.

Em menos de um minuto, ela adormeceu. Fiquei deitada a seu lado, estudando-lhe o rosto, observando suas pálpebras se mexerem durante os sonhos. Eu sabia que não conseguiria dormir. Só queria velar seu sono. Queria saborear cada momento daquele dia agridoce.

26

Robin

Eu estava dormindo quando meu telefone tocou. Meu primeiro pensamento foi que meu pai havia piorado – tal era meu atordoamento. *Não pode ser papai*, lembrei a mim mesma, enquanto pegava o telefone na mesinha de cabeceira. *Ele já se foi*.

– Alô? – falei.

Minha voz não era mais que um sussurro.

– Ela morreu! – berrou Alissa. – Corra! Ela morreu!

– Quem? – perguntei, sentando-me depressa.

– Hannah! – gritou ela. – Corra!

– Ligue para a emergência! – exclamei.

Em seguida, arremessei o telefone sobre a cama e saí em disparada do quarto, lembrando-me, não sei como, de pegar a chave da casa dos Hendricks que ficava no porta-chaves ao lado da porta da frente. Corri descalça pelo gramado que separava as casas.

James e Dale tinham ido a uma conferência em Raleigh, mas lembrei que Mollie estava em casa. Alissa não estava sozinha. Era impressionante como tantos cenários podiam passar por minha mente em poucos segundos. Alissa a havia matado por ter arruinado sua vida, enfiando-lhe uma faca em um surto de fúria de depressão pós-parto. Não, ela não faria isso. Síndrome de Morte Súbita Infantil. Hannah virou-se de barriga para baixo e sufocou. Ou uma queda. Alissa podia ter adormecido enquanto a amamentava e deixou-a cair. Quando destranquei a porta da frente da casa dos

Hendricks com as mãos trêmulas, já imaginara tudo isso e muito mais.

Ouvi os soluços de minha cunhada vindo de seu quarto assim que abri a porta. Mollie estava no corredor, vestindo o roupão.

– O que houve? – perguntou, enquanto se encaminhava para o quarto de Alissa.

– Ela acabou de me ligar para dizer que Hannah…

Não consegui terminar a frase. Minha voz foi desaparecendo e Mollie abriu a porta do quarto de Alissa com força.

A garota estava sentada na cama, segurando Hannah de encontro ao peito, balançando o corpo para a frente e para trás e chorando. Ela parecia mais uma menina de 12 anos do que de 17, e Mollie e eu chegamos ao lado dela em um segundo.

– Ela está viva – disse Alissa –, mas estava *roxa* quando a encontrei. Não sei o que me fez acordar. Eu só acordei. Talvez porque ela estivesse quieta demais, ou alguma coisa assim. Estava na hora de mamar e, por algum motivo, acordei sabendo que havia algo errado. Quando acendi a luz, ela estava roxa!

– Deixe-me vê-la – disse Mollie, pronta para pegar Hannah.

Lentamente, Alissa descruzou os braços ao redor da bebê, que fez uma careta e começou a choramingar. Suspirei aliviada. Mollie pegou-a com cuidado, colocou-a no berço e a examinou.

– Lembra aquele livro que você me deu? – falou Alissa para mim. – Ele explica como fazer respiração boca a boca… respirando dentro do nariz dela, sabe? Eu fiz isso. – O lábio inferior de Alissa tremia. – Quando eu fiz, ela soltou um suspirinho e começou a respirar, e aí o rostinho dela ficou rosado outra vez. – Ela recomeçou a chorar. – Ah, meus Deus. Eu jurava que ela estava morta.

Sentei-me ao lado de Alissa e coloquei meus braços ao seu redor.

– Você foi maravilhosa – afirmei, emocionada. Eu estava perplexa. Primeiro, porque ela tinha mesmo lido o livro e, segundo, tivera sangue-frio suficiente para colocar em ação o que aprendera. Não sei se eu teria sido capaz de fazer o que ela fizera. – Você a ama de verdade – sussurrei em seu ouvido, e ela assentiu com a cabeça lentamente.

– Eu a amo – murmurou ela em resposta.

– Ela parece estar bem – disse Mollie –, mas acho melhor levá-la ao hospital para que um médico a examine. Ela estava de barriga para cima quando você a encontrou?

– Estava – falou Alissa.

Ela foi até o berço e pegou a filha no colo outra vez, apertando-a com força contra o rosto úmido, como se nunca mais quisesse separar-se dela.

~

Passamos o resto da noite no hospital. Foi difícil ver Hannah ser espetada por agulhas e presa a monitores. Ela parecia minúscula no bercinho. Mas foi mais difícil ainda para Alissa, que descobrira, em uma única noite, quanto amava a filha. Eu levara quatro anos para aprender o que ela aprendera nas últimas quatro horas.

O plantonista nos chamou e falou que Hannah não sofrera nenhum dano permanente, mas sugeriu que adquiríssemos um monitor de sono para alertar Alissa se a bebê voltasse a parar de respirar. Ele parabenizou minha cunhada pela coragem e destreza e ela começou a chorar mais uma vez.

~

Estávamos exaustas quando voltamos à casa dos Hendricks. Mollie ofereceu-se para ficar de vigília enquanto Hannah dormia,

mas percebi quão cansada ela estava e, além disso, eu queria fazê-lo. Sabia que no dia seguinte estaria morta de cansaço, mas disse a Mollie que ficaria até as seis da manhã, quando teria de voltar à pousada para deixar tudo pronto para o café da manhã. Eu a acordaria e ela assumiria o posto até a chegada de Gretchen.

Alissa, porém, não parecia querer dormir. Ela deu a mamadeira a Hannah com uma ternura que eu ainda não tinha visto e precisei de todo o meu poder de persuasão para convencê-la a colocar a bebê de novo no berço. Ela se sentou na beira da cama e manteve uma mão no berço, como se precisasse ficar conectada à filha. Então olhou para mim, que estava de pé perto da janela.

– Quero contar a Will – falou. – Você não acha que ele tem o direito de saber? Que *eu* tenho direito ao apoio do pai da minha filha neste momento? Não estou falando de dinheiro. Estou me referindo a apoio *emocional*. Você não acha que eu tenho direito a isso?

Sim, na verdade, eu achava que sim.

Sentei-me ao lado dela.

– Por que ele não lutou para fazer parte da vida dela, Ali? – perguntei, delicadamente.

– Eles não me deixaram colocar o nome dele na certidão de nascimento.

– Mas ele poderia recorrer à justiça. Pedir um teste de paternidade.

Ela balançou a cabeça, discordando.

– Não sei. Talvez ele não tenha pensado nisso. Preciso falar com ele. Contar o que aconteceu.

– Quem sabe depois das eleições? – arrisquei. – Quem sabe Dale concorde…

– Que se *fodam* as eleições – retrucou ela, mas manteve a voz baixa para não acordar Hannah. – Você ouviu o que disse, Robin? Você está ficando igual a eles. Tudo isso é tão errado…

E era mesmo. Alissa tinha idade suficiente para tomar conta de um bebê. Para salvar a vida de um bebê. Tinha idade suficiente para tomar outras decisões sobre a própria vida. Eu cedera à vontade de meu pai em relação a Travis. Não ficaria quieta enquanto Alissa se dobrava aos Hendricks. Imaginei o reencontro dela com Will, o abraço emocionado depois de tanto tempo afastados.

– Eu vou ajudar você – prometi.

– *Vai?* – perguntou ela baixinho, sem acreditar.

– Ainda não sei como, Ali, mas vou ajudar você e Will a ficarem juntos. Prometo.

27

Travis

Fiquei esperando Roy no estacionamento do Wal-Mart. Eu havia transferido a van para aquela vaga do outro lado da Rodovia 70, em Brier Creek, pensando na pequena probabilidade de Erin chamar a polícia. Passei o dia inteiro infeliz dentro do carro. Se eu soubesse onde ela morava, teria ido até lá para pegar Bella de volta. Só torcia para que ela tivesse encontrado meu bilhete. Que belo plano idiota eu havia criado, mas fiquei repetindo para mim mesmo que Erin era uma pessoa estável. Ela estava separada do marido, mas demonstrava ter uma vida sadia e normal. Lidara muito bem com a separação. Bella estava segura e, de manhã, voltaria para mim. Passei aquele dia horroroso sem ela e, agora, precisaria sobreviver a uma noite insana com Roy e toda aquela história de leite em pó. Depois disso, teria dinheiro. Um bocado de dinheiro.

Eu havia ligado para Roy para dizer que mudara o carro de lugar e ele respondera que apareceria no estacionamento do Wal-Mart mais ou menos às onze da noite. Já eram 23h45 e não havia nem sinal dele. Achei que pudesse ter ocorrido alguma falha de comunicação e estava prestes a telefonar para ele, mas vi um carro entrando no estacionamento. Quando ele passou sob uma luz, notei que era vermelho e logo soube que o show iria começar. Finalmente.

Ele estacionou ao lado da van e saiu do carro sozinho. O combinado era ter mais duas pessoas. Roy havia jurado que eu não precisaria participar do roubo em si. Só dirigir. Ele abriu a porta do passageiro e entrou na van carregando duas lanternas potentes.

– Cadê o outro cara? – perguntei.

– Vem depois. – Ele olhou para o relógio. – Deve chegar em um minuto. – Enfiou a mão no bolso da jaqueta e me entregou um celular. – Isto é para o caso de alguém se dar mal. Cada um vai ficar com um aparelho e, depois do trabalho, você joga fora, entendeu?

– O que pode dar errado? – quis saber. – Você disse que era moleza.

– Pare de reclamar. – Ele olhou para a entrada do estacionamento e segui seu olhar, que parou nos faróis que se aproximavam de nós.

Só quando o carro parou perto de Roy eu reconheci o fusca verde.

– É a *Savannah*? – perguntei.

– Isso aí.

Saí depressa da van e fui ao encontro dela enquanto ela saía do carro.

– Que porra é essa? – berrei. – *Que porra é essa?*

– Abaixe esse tom. – Ela colocou uma das mãos no meu peito, como se pudesse me fazer calar com o gesto. – Isso é jeito de cumprimentar uma velha amiga?

Agora, Roy estava ao nosso lado e apontou para mim.

– Esse cara tem o pavio curto – falou para Savannah.

– Ele vai ficar bem – retrucou ela.

– Você armou para mim! – gritei.

– Dá para você calar a boca?

Roy me deu um empurrão, mas eu nem senti. Estava irado.

– Eu te arranjei um trabalho – argumentou Savannah. – E que paga muito melhor do que qualquer coisa em Carolina Beach, então pode ir baixando essa bola.

– Muito bem, crianças. A reunião acabou – proclamou Roy. – Mãos à obra.

– Eu não vou fazer isso – falei.

Agora era uma questão de princípios. Ser feito de bobo era inaceitável para mim, com ou sem 500 dólares em jogo.

– Vai, sim – insistiu Savannah. – Olhe aqui, Travis, eu já fiz isso milhões de vezes. O dinheiro é ótimo e você precisa dele, certo? Cadê a Bella?

– Não é da sua conta.

– Como você está dando de comer a ela, hein? Está morando na van? O inverno está chegando.

– Cale essa boca. – Fiquei de frente para ela. – Pare de me tratar com toda essa superioridade. Você… – Balancei a cabeça de um lado para outro, ainda sem acreditar que ela havia feito de mim um completo idiota. – Você não presta.

Ela deu uma gargalhada.

– Mas bem que eu prestava para ir pra cama com você, não é? Era só para isso que eu prestava, não era?

– Chega, chega – interveio Roy. – Vocês podem resolver essa briga de casal mais tarde. Agora, temos um trabalho a fazer, então vamos começar logo para acabar o mais rápido possível.

Os dois foram para a van e eu fiquei parado ali mesmo, tentando decidir o que fazer. Estava furioso – com Savannah e comigo mesmo por ter sido levado a uma situação daquelas. Mas ela estava certa, não estava? Eu precisava do dinheiro e ela sabia disso. Entrei na van, o rosto em brasa.

Ela estava no banco do passageiro e Roy, no de trás. Ninguém disse nada enquanto eu dirigia para fora do estacionamento.

– Para qual lado? – perguntei quando chegamos à estrada principal.

– Direito – respondeu Roy. – Vamos seguir nesta estrada por algum tempo.

– Há quanto tempo você faz isso? – indaguei a Savannah.

Eu ainda estava furioso.

– Alguns anos. Você me perguntou como eu podia ter coisas boas no trailer e um carro bacana. Bem, é assim. E logo vou me mudar do trailer. Provavelmente vou vir para Raleigh e…

– Cale a boca, Savannah – ordenou Roy.

– O quê?

Ela se virou para olhar para ele.

– Você fala demais. Ninguém precisa saber da sua vida.

– Eu não sou "ninguém" – repliquei. – Sou o cara que você achou pra ser seu mané. Por que eu? Deve ter havido centenas de outros que você podia ter atraído para isso.

– Você não é um mané. – Savannah colocou a mão em meu braço e rangi os dentes com tanta força que minha mandíbula chegou a doer. – Agora você é parte do time, então não venha bancar o molenga pra cima da gente. A gente trabalhava com outro cara, mas ele ferrou tudo num serviço e acabou…

– Fique quieta – disse Roy.

– Ah, vá para o inferno.

Lembrei-me de Savannah me contando que não podia ficar com Bella todos os dias porque tinha de sair da cidade de vez em quando. Então, aquelas eram as viagens que ela fazia. Quando precisava de mais dinheiro, saía para buscar leite em pó.

– O que houve com o outro cara? – perguntei.

– Ele fez merda – respondeu Roy. – Você não vai fazer merda, vai? Então, não tem com que se preocupar.

– Ele foi preso ou o quê?

– Ele recebeu o "ou o quê" – falou Savannah, rindo.

– Cale a porra dessa boca, Savannah! – gritou Roy.

O que diabo eu estava fazendo? Nada valia o risco de ir parar na cadeia, ou morrer, ou coisa parecida.

– Não vou fazer isso – repeti, procurando uma placa de retorno na lateral da estrada. – Vou levar vocês de volta ao estacionamento. No próximo retorno que aparecer…

– Ora, cale essa boca. – Roy parecia farto de me ouvir. – Meu Deus – falou, dirigindo-se a Savannah. – Você não me disse que esse cara ia ser um pé no saco.

– Acho que ele esqueceu como está desesperado – comentou Savannah, como se eu nem estivesse ali.

– Vou pegar o retorno – avisei.

– Não vai, não – retrucou Roy.

Nesse momento, senti algo gelado no meu rosto, bem perto do meu ouvido. Pelo espelho retrovisor, vi o rosto dele poucos centímetros atrás de mim e levei um segundo para perceber que ele segurava uma arma contra a minha cabeça.

– Afaste esse negócio de mim – falei.

Ele abaixou a arma.

– Está calmo agora? – perguntou. – Siga em frente.

Com a arma na jogada, tudo mudou de figura e eu obedeci. Pensei em como um cara em um filme agiria no meu lugar. Ele inventaria algum plano brilhante. Uma forma de sair daquela confusão. Mas eu me sentia tudo, menos brilhante. Era um idiota e só queria que a noite terminasse para poder pegar minha filha de volta. Senti lágrimas arderem em meus olhos e fiquei agradecido pela escuridão.

Passamos o resto da viagem praticamente em silêncio. Levou mais ou menos uma hora. Savannah falou um pouco sobre Bella. Perguntou como ela estava, disse que sentia saudades dela.

– Não quero falar sobre Bella – observei.

Sentia que falar sobre minha filha com aquela gente seria como sujá-la, torná-la impura. Trazê-la para dentro da van. Torci para que ela estivesse dormindo numa cama realmente confortável, em

segurança em uma casa aquecida, junto com Erin. Fiquei pensando nela enquanto dirigia. *Nunca mais vou fazer isso com você, Bella*, falei para mim mesmo. Eu acharia outra maneira de conseguir dinheiro para nos sustentar. Nunca mais a perderia de vista. Passamos por uma placa de boas-vindas à Virgínia. Então, agora estávamos cruzando a divisa entre estados. Isso não mudava a natureza de um crime? Não envolvia o FBI ou algo assim? Eu não tinha a menor ideia e guardei as perguntas para mim mesmo.

– A parada do caminhão é na próxima saída – avisou Roy.

– Vá para a pista da direita – acrescentou Savannah.

Peguei a saída e, pouco tempo depois, paramos em um enorme estacionamento, onde havia cerca de duas dúzias de caminhões.

– Apague os faróis e dirija até lá bem devagar – disse Roy.

Obedeci e passei lentamente por entre as fileiras de caminhões que tornavam a minha van minúscula. Postes bem altos lançavam fachos de luz aqui e ali, mas a maior parte do estacionamento estava às escuras. Na ponta extrema do local havia um posto de gasolina e um prédio baixo, que devia ser um restaurante, porque o letreiro de neon cor-de-rosa que piscava dizia apenas CAFÉ. Savannah inclinou-se para a frente, olhando para os veículos. A meu ver, eram todos iguais. Imaginei que a maioria dos motoristas daqueles gigantes de dezoito rodas dormisse lá dentro e me perguntei se estaríamos sendo observados. Pensei na placa da van. Seria difícil, talvez impossível, lê-la com as luzes apagadas. O mesmo se aplicava aos adesivos laterais da Construções Brown. Mesmo assim, se qualquer coisa acontecesse, iriam atrás de mim e da minha van, não de Roy ou Savannah. Concluí que isso era parte do plano.

O lugar era silencioso. Havia um barulho ocasional de carros na estrada próxima, mas não passava quase ningém àquela hora da noite. Tudo ali parecia estranhamente silencioso, e o único movimento era o brilho intermitente da distante placa CAFÉ.

– Aquele ali, perto da cerca – disse Roy.

Eu mal havia notado o caminhão a que ele se referia. O veículo estava estacionado mais afastado do que os demais. Longe da luz.

– Pare perto da traseira dele – orientou Savannah.

Parei de forma que a porta de trás da van ficasse quase no mesmo nível que a traseira do caminhão.

– Como vocês vão entrar? – perguntei.

– Vai estar destrancado – explicou Savannah, e percebi que o motorista também fazia parte do negócio.

Ela se virou no banco a fim de olhar para Roy.

– Como eles marcaram as caixas desta vez?

– Com os xis de sempre – respondeu Roy.

– Quantas?

– Quinze.

– Uau!

Ela parecia satisfeita.

– Do que vocês estão falando? – indaguei. – Por que eles marcariam…

– Você não precisa saber – rebateu Roy. – Quanto menos souber, melhor para você.

Provavelmente ele estava certo. Se qualquer coisa desse errado, quanto menos eu soubesse, melhor para mim, mas eu estava com tanta raiva, me sentindo tão usado, tão idiota, que precisava saber. De repente, entendi.

– Vocês não estão roubando leite para bebês, não é?

Savannah riu.

– É claro que estamos. Você vai ver. Caixas e mais caixas.

– Leite que nenhum bebê vai tomar – completou Roy, enquanto abria a porta da van e saía.

– O que ele quis dizer? – perguntei a Savannah.

– Você é tão ingênuo…

Ela começou a abrir a porta de seu lado, mas eu agarrei seu braço.

– Desembuche! – ordenei. – São drogas?

– O que você acha? – retrucou ela, torcendo o braço para se soltar. – É cocaína. Misturada com leite em pó. Pegamos algumas caixas, entregamos ao nosso intermediário. Depois, pegamos uma fortuna em dinheiro e saímos felizes para sempre.

– Merda! – Eu a soltei e dei uma pancada no volante. – Saia agora mesmo da minha van. Eu vou embora.

Foi a vez dela de agarrar o meu braço e cravar as unhas na minha carne.

– Faça isso e o serviço social vai receber uma dica anônima sobre uma menininha sem-teto morando numa van com o pai patético.

Roy bateu em minha janela com o cano da arma e dei um pulo. Savannah aproximou-se até seu rosto ficar a centímetros do meu.

– Estamos entendidos? – disse ela.

Engoli em seco. Tinha que fazer uma escolha – fazer aquilo ou perder Bella. Não tive dúvidas. Empurrei Savannah com raiva.

– Seja rápida – ordenei.

Roy bateu na minha janela outra vez e eu baixei o vidro.

– Você fica de vigia. Se aparecer alguém no estacionamento, avise.

Não respondi. Não tive nenhuma reação. Era como se estivesse à parte de tudo aquilo. Só queria que acabasse logo.

Um deles abriu a porta traseira da van e tudo o que eu podia ver atrás de mim era a noite escura. De onde eu estava, não dava para avistar a traseira do caminhão, mas, pelo retrovisor lateral, visualizei as pernas de Roy e Savannah. Ouvi as portas do caminhão serem abertas, um som alto que ecoava quando refletia nos outros

caminhões. De repente as pernas dos dois desapareceram de vista e imaginei que haviam subido e entrado no veículo enorme. Em um minuto, a imagem de Savannah se refletiu no espelho retrovisor, descarregando uma caixa de leite na traseira da van. Não me virei para olhar.

– Pense no dinheiro – disse ela para mim.

Não respondi. Imaginei quanto valeriam as drogas para eles pagarem todos os envolvidos no crime. Sem dúvida, a minha parte deveria ser a menor.

De onde eu estava parado, quase não conseguia ver nada, então não parecia muito um vigia. Fileiras de caminhões bloqueavam minha visão do posto de gasolina e da placa CAFÉ. Além disso, a parte do estacionamento que eu conseguia enxergar estava repleta de focos de luz e sombras negras como azeviche. À medida que os minutos passavam, eu ficava cada vez mais tenso, virando a cabeça de um lado para outro, tentando ver entre os veículos parados e verificar se havia algum sinal de que alguém estava em nosso encalço, mas o silêncio era total. Os únicos sons além dos eventuais automóveis na estrada eram algumas palavras abafadas entre Savannah e Roy, um resmungo ocasional e o escorregar de outra caixa para o interior da van.

Eu estava quase relaxado quando algo chamou minha atenção pela visão periférica. Inclinei o corpo para a frente e estreitei os olhos. Tinha certeza de que vira algo ou alguém se mover ao longe, no fim de uma fileira de caminhões. Concentrei-me fixamente naquela direção até meus olhos arderem e, quando comecei a achar que não passava de imaginação, ouvi o som distante de passos se aproximando com rapidez. Passos de mais de uma pessoa. Eu não conseguia enxergar nada e o som ecoava ao meu redor de maneira que eu não tinha certeza de onde exatamente ele vinha.

De repente, dois homens correram para debaixo de um dos focos de luz, não mais que 30 metros à frente da van.

– Ei! – berrou um deles, acenando com os braços.

Os dois gritaram mais alguma coisa, mas não entendi o quê. Era como se meu cérebro estivesse falhando. O único pensamento que me vinha à cabeça era: *Dê o fora daqui agora mesmo!*

Liguei a chave na ignição e afastei a van do caminhão. Roy berrou comigo e ouvi o inconfundível barulho do tiro que ele deu na direção dos homens. Senti o peso das portas traseiras, que estavam abertas, balançando atrás da van enquanto eu desviava dos caras, pressionando o acelerador até o fundo e pensando *Não deixe que eles leiam o adesivo. Não deixe que vejam a placa*. Ouvi mais balas cantando no ar, tão perto de mim que me abaixei. Não me dei nem ao trabalho de olhar pelo retrovisor para ver se algum dos homens fora atingido enquanto eu fugia pelo estacionamento. Meus olhos estavam focados na saída e logo eu estava descendo a rampa, quase adernando, em direção à estrada principal.

Eu já havia dirigido por quase um quilômetro quando parei a van, o coração martelando contra o peito. Saí e fechei as portas traseiras, mas não antes de notar as caixas de leite reviradas por todo o colchão que se tornara nossa casa sobre rodas, minha e de Bella.

Sentei de novo atrás do volante e recomecei a viagem, pisando cada vez mais fundo no acelerador, até me dar conta de que era melhor não ultrapassar o limite de velocidade. Diminuí para 100 quilômetros por hora e a van ficou silenciosa o bastante para que eu ouvisse minha própria respiração, forte e rápida.

O que diabo eu deveria fazer? Tinha abandonado Roy e Savannah com aqueles caras. Não queria imaginar a cena no estacionamento. Roy e sua maldita arma. Será que eu deveria voltar? *De jeito nenhum*. Para mim, estava acabado. Era o ponto final. Peguei a entrada seguinte e fiz o retorno para voltar à Carolina do Norte. Os dois haviam me enganado para participar daquela confusão. Agora, eles que achassem a própria solução.

Mas era eu quem tinha milhares de dólares de cocaína na van, nenhum dinheiro no bolso e uma filhinha provavelmente imaginando que seu pai tinha ido para o céu e nunca mais iria voltar.

28

Erin

Tive a sensação de que nunca conseguiria pegar no sono. Ainda estava acordada à uma da manhã, talvez porque Bella tivesse me pedido para deixar uma luz acesa e eu só conseguisse dormir se o quarto estivesse mergulhado na escuridão completa. Eu não possuía uma luz de presença no apartamento, por isso deixara a lâmpada do closet acesa e a porta entreaberta. Isso pareceu satisfazê-la, mas a luz formava um fio que atravessava o rosto dela enquanto dormia e eu precisava fitá-la, porque toda vez que eu olhava para o outro lado, esquecia que ela não era Carolyn. Eu precisava ficar me lembrando de que aquela era outra garota em minha cama e em meu coração. Eu já imaginara que tinha ficado louca inúmeras vezes desde a morte da minha filha, pensando tê-la visto na rua ou ouvido sua voz do outro lado da sala. Mas, naquela noite, eu estava perfeitamente sã. Quase feliz. Sim, era uma situação maluca, mas, só por uma noite, eu estava pensando em alguém que não fosse eu mesma. Meu Deus, eu tinha ficado tão envolvida comigo mesma! Não percebera isso até aquele instante. Toda a minha energia havia se concentrado na *minha* dor, no *meu* pavor de voltar ao trabalho, na *minha* triste existência no dia a dia. Naquela noite, eu mal pensava em mim mesma. Só queria deixar Bella confortável e segura. Travis me dera um presente e imaginei se, em algum nível, ele teria consciência disso.

Nós duas tivemos uma noite agradável. Antes do jantar, caminhamos em volta do laguinho próximo ao meu condomínio. Havia um lugar onde uma ponte passava sobre um riacho e tive de atravessá-la segurando a respiração. Tentei fazer disso um jogo

com Bella para esconder minha ansiedade, mas desde aquela noite no píer eu odiava ficar sobre qualquer estrutura acima da água. Eu adorava mergulhar, mas, agora, até o trampolim da piscina do vizinho me dava arrepios. A situação estava se tornando ridícula.

Do outro lado da ponte havia um parquinho, e Bella brincou no balanço e no escorregador, mas passou a maior parte do tempo perto de mim, sem correr e explorar tudo como Carolyn teria feito. *Ah, Carolyn*… Quem dera ela *tivesse* sido mais grudenta. Um pouco mais medrosa. Quem dera eu não tivesse ouvido Michael naquela noite. *Você é superprotetora demais algumas vezes, Erin. Vai fazer dela uma medrosa*. Talvez, se Bella estivesse com Travis, ela tivesse se soltado um pouco mais, mas ela só queria segurar a minha mão enquanto caminhávamos e não me importei nem um pouco com isso.

Ela me ajudou a preparar o jantar, rasgando a alface para a salada. Tomamos sopa, comemos salada e pão. Era só isso que eu tinha no apartamento, a não ser que usássemos congelados outra vez. Ela não quis a salada, me fez tirar toda a casca do pão e depois me surpreendeu comendo apenas a casca, mas tomou metade da tigela de canja. Em seguida, fizemos uma pequena festa do chá com biscoitos doces de sobremesa e, finalmente, fiz o que estava louca para fazer desde que encontrei aquele bilhete no bolso da calça de Bella: dei-lhe um banho de espuma e lavei seus cabelos.

– O que é um banho de espuma? – quis saber ela quando lhe contei meus planos.

– Você nunca tomou um banho de espuma? – indaguei, incrédula.

Ela balançou a cabeça em uma negativa.

– Eu tomei alguns banhos na banheira da nossa casa queimada.

Eu quis perguntar sobre aquela casa. Como ela pegara fogo? Mas achei melhor não tocar em nenhum assunto que pudesse

deixá-la triste em um momento no qual ela já estava bastante vulnerável.

Enchi a banheira de água e de bolhas. Acho que havia mais de vinte centímetros de espuma na superfície e, pelos olhos arregalados de Bella ao vê-la se formar, percebi que ela dissera a verdade sobre nunca ter tomado um banho daquele tipo – ao menos não com tanta espuma. Ela tirou a roupa sozinha, uma magrelinha que não pesava quase nada, e eu a levantei e coloquei dentro d'água. Usei o chuveiro de mão para lavar seus cabelos, tomando cuidado para não deixar cair xampu em seus olhos. Eu tinha uma escova de dentes nova que era grande demais para a boca de Bella, o que a fez choramingar um pouco quando escovei seus dentes, mas ela suportou com bravura. Ela estava totalmente limpa, com as bochechas rosadas e brilhantes, quando eu a coloquei na cama. Em seguida se recostou em mim, como Carolyn costumava fazer, enquanto eu lia *O Ursinho Puff*, e seu corpo ficou pesado de sono. Deitei junto com ela, temendo que ela acordasse sozinha e ficasse com medo, mas não consegui dormir de jeito nenhum.

Resolvi pegar o iPad e entrar no Grupo do Pai e Amigos de Harley. Havia duas mensagens *Onde está Erin?* e percebi que, pela primeira vez em muitos meses, eu não entrara no grupo desde a primeira hora da manhã.

Li as postagens do dia. Era o de sempre. Alguns novos membros com dores recentes. Outros no mesmo estágio que eu. Alguns culpavam membros da família, ou médicos, ou Deus. Outros sentiam uma culpa enorme por coisas que deixaram de ser ditas ou feitas. Por um momento, senti-me distante de tudo aquilo, como se tivesse deixado para trás, naquele dia, aqueles amigos tão amados e preciosos.

Olá a todos, digitei. *Me desculpem pela ausência. O dia foi uma loucura. Estou tomando conta de uma garotinha da idade de C*. Eu estava entre o grupo de pais que não dizia o nome dos filhos. Por

mim, não teria problema, mas eu havia prometido a Michael que não compartilharia detalhes que pudessem identificar Carolyn ou nossa família. *Portanto, o dia tem sido bem estranho*, terminei.

Em poucos minutos, recebi várias respostas.

Uau, não sei se eu seria capaz de fazer isso!

Aposto que tem sido bom para você; você tem um coração tão bom, Erin…

Eu logo me senti em casa de novo com meus amigos on-line, abraçada pela compreensão daqueles desconhecidos. Trocamos mais algumas mensagens. Em seguida, tentei ler um pouco, mas meus olhos não paravam de se voltar para Bella. Ela estava chupando o polegar, a ovelhinha apertada com força contra o rosto. O urso-polar de Carolyn fora largado no sofá.

Às duas horas, fechei a capa do iPad, mas ainda não consegui pegar no sono. Eu podia tomar algum comprimido para dormir, mas queria ficar alerta caso Bella precisasse de mim. Assim, mais ou menos às duas e meia, eu estava tão desperta quanto estivera às onze horas e, finalmente, levantei-me e fui à cozinha preparar uma xícara de chá. Acabara de me sentar no sofá para beber quando ouvi Bella chorando. Ela havia corrido até a sala mal iluminada e parecia assustada e confusa.

– Bella – chamei. – Estou bem aqui.

Ela correu para os meus braços e eu a peguei no colo. Quase não suportei ver quão assustada ela estava.

– Você acordou e esqueceu onde estava? – perguntei.

Ela fez que sim com a cabeça, soluçando por entre as lágrimas. Chorava muito, como se fosse uma criança bem mais nova. Com tanta força que mal conseguia recuperar o fôlego.

– Eu quero o *papai*.

– Ah, eu sei – retruquei, balançando-a, enterrando o rosto em seus cabelos macios e limpos. – Vamos encontrar com ele de

manhã na cafeteria. Ele vai ficar tão feliz em ver você…

Ia ser difícil despedir-me dela. Mandá-la de volta para morar em uma van? Como eu seria capaz?

Comecei a cantar. Eu nunca fora muito afinada, mas Carolyn adorava quando eu cantava, então entoei “A Dona Aranha” e “Brilha Brilha, Estrelinha”, até que, pouco a pouco, o choro de Bella transformou-se em soluços esporádicos. Senti-me bem por conseguir acalmá-la e por ela se sentir segura em meus braços. Mas então ela disse:

– Chega de cantar, agora.

Usou um tom que deixou claro que minha voz se tornara mais desafinada do que calmante e eu tive de rir.

De repente, ela desceu do meu colo e correu até o sofá para pegar o urso-polar e a bolsinha. Em seguida, subiu de novo no meu colo com a ovelhinha, o urso e a bolsa ao seu redor. Tentou abrir a bolsa.

– Quer sua boneca? – indaguei, ajudando-a com o fecho.

Nós havíamos colocado a boneca de volta na bolsa depois de brincar com ela. Eu não queria esquecê-la de manhã, ao sairmos.

– Quero.

Quando abri a bolsa, ela enfiou a mão lá dentro e tirou a bonequinha de cabelos longos e louros. Em seguida, meteu a mão outra vez e pegou sua escova de dentes. Não havia me ocorrido que Travis tivesse feito uma “mala” para ela.

– Ah, querida, sua escova de dentes estava bem aqui! Podemos usar esta de manhã, em vez daquela grandona, está bem? – falei.

– Eu também tenho dinheiro aqui dentro – disse ela, virando a bolsa de cabeça para baixo.

Um punhado de moedas caiu lá de dentro, junto com uma nota de cinco dólares, uma de um dólar e duas fotografias.

– Tem *mesmo* – retruquei.

Fiquei curiosa ao ver as fotografias. Acendi a luz ao lado do sofá e levantei a foto de uma adolescente.

– Essa é a mamãe – disse-me Bella outra vez.

Eu não tinha dado uma boa olhada na foto quando a vira no outro dia, na cafeteria. Agora, observei que a moça, que não devia ter mais do que 15 ou 16 anos, era pálida. Tinha o sorriso muito bonito, mas sua pele era quase transparente. Tão branca… Era uma fotografia antiga, ou talvez as bordas estivessem gastas apenas por passarem tanto tempo na bolsa de Bella.

– Ela me ama muito – continuou a menina –, mas mora muito longe, e aí ela não pode me ver.

Pude ouvir a voz de Travis dizendo isso à filha, repetindo aquelas palavras um monte de vezes. Imaginei se a mãe estaria morta, mas logo lembrei que Travis comentara que ela morava em Beaufort: sem dúvida não tão longe que não pudesse ir visitar Bella. Desejei saber sobre a situação de guarda da menina. Por que Travis tinha ficado com ela? Olhei outra vez para aquela adolescente bonita e pálida e me perguntei se ela sentiria falta da filhinha. Talvez Travis a tivesse *sequestrado*. Esse pensamento jamais teria cruzado minha mente um dia atrás, mas agora estava claro que Travis não andava tomando as melhores decisões em relação à filha. Meu coração deu um pulo ao pensar na moça da foto, Robin, sofrendo pela ausência da filha *desaparecida*. Imaginei quanto ela devia sentir falta da menina. *Você está projetando*. Eu quase podia ouvir a voz de Judith na minha cabeça. É claro que eu estava projetando. Não podia imaginar minha filha viva em algum lugar sem sentir o desejo desesperador de tê-la a meu lado. Eu teria uma longa conversa com Travis, bem franca, quando o visse. Ele me arrastara para aquela situação e agora eu tinha o direito de saber exatamente o que estava acontecendo.

29

Travis

É possível ter um ataque cardíaco aos 23 anos? Fiquei deitado no colchão dentro da van durante horas, enrolado entre caixas de leite de bebê misturado com cocaína, olhando para o teto escuro, e meu coração não desacelerava. Ele batia contra o colchão e eu não conseguia parar de pensar que não podia morrer. Não podia morrer e deixar Bella sem um pai. Embora, pelo que o pai dela valia naquele instante, não fosse ser uma perda muito grande.

Eu estava outra vez no estacionamento perto da Target, imaginando quão ruim era a situação. Muito ruim, pensei. Torcia para que ninguém estivesse morto. Nem os dois caras em quem Roy atirara. Nem Savannah nem Roy, apesar de eu ter vontade de matá-los com as próprias mãos. Não queria que aquele plano idiota tivesse dado errado. E também não queria acabar na prisão, mas uma van cheia de coisas roubadas me levaria exatamente para lá, certo? Eu tinha de me livrar de tudo aquilo. Mas onde? E eu queria Bella de volta. *Bella*. Eu não podia pensar nisso. Se pensasse na minha filha, não conseguiria raciocinar e decidir o que fazer.

Mais ou menos às quatro da manhã, o telefone que Roy me dera tocou e eu o agarrei para atender.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Seu filho da puta desgraçado – rosnou Roy. – Você está fodido!

– Como assim?

– Como assim? – repetiu ele, imitando minha voz. – Vou te dar o endereço da entrega para levar o negócio lá hoje. Às dez hor…

– Nada disso – falei. – Nem pensar. Para mim, chega. Você e Savannah podem…

– Cala a porra dessa boca! – berrou ele. – Não existe nenhuma outra opção, entendeu?

– Eu disse que não vou fazer isso. Para mim, chega.

– Dez em ponto. Nem um minuto antes, nem um minuto depois. Você vai receber o seu dinheiro, menos cem dólares pela merda que você fez no…

– Que parte de “para mim, chega” você não está entendendo? – gritei de volta.

– O que eu sei é que você está com a parada, cara, e não vai ficar com ela.

– Eu não quero ficar com nada.

– Então, eu estou lhe dizendo o que fazer com ela, e se você não fizer, está morto. Simples assim.

Fechei os olhos. Resolvi que pegaria o endereço e decidiria o que fazer mais tarde. Anotei em algum lugar, junto com as direções. A entrega ficava a cerca de meia hora de onde eu estava.

– Me deixe levar isso agora – propus. – Quero essas coisas fora da minha van.

Eu não colocaria Bella no carro com caixas de cocaína lá dentro. Não a queria envolvida naquela confusão.

– Não pode ser agora – disse ele. – Essa é uma operação estruturada, cara. Eles estão recebendo outras entregas neste momento. Hoje às dez. É isso.

– Você vem aqui agora, pega tudo e leva sozinho.

Eu me encolhi no instante em que as palavras saíram. Se eu o encontrasse agora, ele me mataria. O que o impediria? Ele pegaria a droga, colocaria o cano frio da arma na minha cabeça e pronto.

– Meu Deus, como você é burro – falou. – Se eu quisesse andar por aí com 25 quilos de cocaína malocados, não precisaria de você.

– Pois eu estou fora.

– Você vai fazer exatamente o que eu mandei, ou juro por Deus que vou acabar com a sua raça. E com a da sua filha também. Bella? Não é esse o nome dela? Vou estourar os miolos dela primeiro para você ass…

Desliguei o telefone, as mãos trêmulas. Saí da van e corri para o gramado antes de começar a vomitar. Tive de me inclinar para recuperar o fôlego, as mãos nos joelhos, o corpo retorcido de medo e fúria. O simples som do nome de Bella na boca daquele canalha foi o suficiente para me rasgar por dentro.

Não estava frio, mas eu não parava de tremer quando entrei de novo no carro. Sentei no banco do motorista e apoiei a cabeça no volante. Quando fechei os olhos, vi o pai de Robin, o rosto contorcido de tanto ódio. “Você não pode cuidar sozinho de si mesmo, quanto mais de uma criança”, ele gritara para mim. “Você precisa pensar no que é melhor para a menina!”

Gemi, levantando a cabeça do volante para esfregar as têmporas. O que eu menos precisava agora era do fantasma do avô da minha filha me dizendo que merda de pai eu era. Era a primeira vez que eu pensava que ele estava certo.

Lembrei-me do dia em que Robin e eu transamos e ela acabou no hospital. Aquele fora o começo do fim de nós dois. Cara, eu quase a matei. Como fui idiota. Fui com muita força naquele dia. Estávamos separados havia tanto tempo, e eu estava com tanta saudade dela… Não parei para pensar em quão frágil ela era.

Assim que o pai de Robin apareceu na emergência, eles me expulsaram do lugar, mas ele não se satisfez só com isso. Fiquei sentado do lado de fora rezando para que ela não morresse e, depois de algum tempo, ele apareceu e veio em minha direção, com a cabeça baixa, como se fosse um touro. Teria me matado se o segurança não o tivesse impedido.

– Você a estuprou – berrou ele.

– Não, cara, não foi nada disso!

Eu fui me afastando, esperando que o rapaz conseguisse segurá-lo com força, pois ele estava pronto para me espancar.

– Ela era uma menina doente, seu filho da puta! – gritou ele. – Eu vou acabar com você!

– Ela está bem? Ela vai…

– Vamos voltar lá para dentro, senhor – disse o segurança, dirigindo-se a ele.

Ele estava começando a chorar e a se escorar no peito do rapaz, perdendo as forças, e eu não sabia o que fazer.

– Só me diga se ela está bem! – berrei, enquanto o segurança o conduzia pela entrada da emergência.

Ele se voltou para mim.

– É melhor você rezar para ela não morrer. Vá rezando.

Telefonei várias vezes para o hospital, mas eles se recusavam a transferir a ligação para o quarto de Robin, então eu nunca tinha certeza do estado dela. Queria falar com ela, mas eles me mantinham afastado. Dois dias depois, o pai dela me ligou para me dizer que, se eu tentasse entrar em contato com ela novamente, iria preso por estupro. Ele faria a acusação proceder, prometeu. Garota doente, rapaz brutal. Eu ainda tinha 17 anos, mas, na Carolina do Norte, um jovem da minha idade era considerado adulto. Ir para o reformatório era uma coisa, para a prisão era outra. Minha mãe sabia tudo o que estava acontecendo e tentou conversar com ele ao telefone, mas ele não quis nem ouvir. Não sei como ele conseguiu fazer com que nosso número de telefone mudasse e não constasse da lista telefônica para que Robin não pudesse me ligar. Eu sabia que ele havia trocado o número dela também, porque tentei entrar em contato e não consegui. Comecei a pensar se ela teria dito a ele que eu a estuprara. Se dissera isso para evitar problemas para si

mesma. Não podia acreditar que ela faria isso, mas como eu poderia saber?

Então, por um longo tempo, só pensei nela, preocupado com sua saúde, imaginando se ela tinha colocado toda a culpa em mim. Aí, quando menos esperava, a tal agência me ligou para informar que Robin tivera uma filha minha e que iria colocá-la para adoção. *Filha?* Fiquei atônito. Se ela estivera saudável o suficiente para gestar uma criança e enfrentar um parto, também estivera saudável o suficiente para encontrar uma maneira de me avisar. Senti que a garota que eu tanto amara não existia mais. Ela ia dar o nosso bebê para outros pais. Já havia escolhido o casal e tudo. Eu respondi à moça da agência que queria a guarda da criança e, quando me dei conta, lá estava o pai de Robin me telefonando e dizendo que eu não fosse um idiota. Que não fosse egoísta.

– Você precisa pensar no que é melhor para a criança!

– Ela devia ter me contado! – gritei ao telefone. – Por que ela não achou uma maneira de me avisar?

– Por que você acha? Porque ela odeia você! Ela está muito doente. Fez um transplante de coração. Precisa ter uma vida tranquila e calma, e aí chega você criando problemas. De novo! Ela está uma fera porque você não respeita as vontades dela. Robin arriscou a vida por sua causa e tem todo o direito de decidir o destino da bebê que ela teve.

– Eu quero a minha filha! – berrei. – Ela é minha! É meu direito!

Ele deu uma gargalhada.

– Pois tente ficar com ela. Vou lutar contra você, e pode apostar que tenho muito mais recursos para isso. Você nunca vai vencer. Você não pode tomar conta nem de si mesmo, quanto mais de uma criança.

Sim, ele tinha recursos e lutou com todas as forças. Mas eu tinha o fator sangue do meu lado. Ele tirou da manga a carta do estupro, mas o juiz não caiu nessa porque ele nunca havia prestado queixa

contra mim. Robin não estava em condições de prestar depoimento – ele tinha falado a verdade sobre a saúde dela. Talvez estivesse morrendo. Meus sentimentos em relação a Robin haviam se tornado muito confusos. Eu estava com bastante raiva dela, mas é claro que não queria que morresse.

A única coisa que o pai dela ganhou, se é que posso chamar isso de ganhar, foi minha assinatura em um acordo dizendo que eu jamais tentaria entrar em contato com Robin. Eu a deixaria em paz pelo resto de nossas vidas. Eu o assinei. Já tinha a minha filhinha. Ela era tudo o que eu queria naquele momento e tudo o que eu continuava querendo agora.

Passei o resto da noite sem dormir, sentado na van, em alerta máximo. Ficava procurando o carro de Roy. Ou o de Savannah. Ou o da polícia. Eu não sabia o *que* estava procurando. Só sabia que não podia baixar a guarda. Mais ou menos às seis da manhã, lembrei-me dos adesivos magnéticos nas laterais da van e saí para arrancá-los. O que aqueles dois caras na parada dos caminhões teriam visto? Ainda estariam vivos para contar a alguém?

O estacionamento da Target estava mais silencioso do que um cemitério. Havia uns poucos veículos aqui e ali e me perguntei se haveria pessoas dormindo dentro deles também. Morando neles. Será que a polícia costumava aparecer para verificar isso? De repente, fiquei extremamente paranoico. Quando eu estava entrando de novo no automóvel depois de retirar os adesivos, vi as luzes dianteiras de um carro entrando no final do estacionamento. Policiais? Joguei os adesivos na traseira da van, sentei no banco do motorista e me abaixei. O carro ainda estava longe, mas, quando passou por um dos postes, pensei ter visto um tom de vermelho. O Mustang de Roy? *Que merda!* Tirei as chaves do bolso e as enfiei na ignição. Imaginei meu corpo sendo descoberto de manhã, dentro do carro, o colchão ensopado com o meu sangue e Bella sem um

pai. Enfiei o pé no acelerador e saí do estacionamento ainda mais depressa do que fugira da parada de caminhões.

Eu não sabia aonde ia. Virei na estrada principal, em direção ao centro da cidade de Raleigh, e apenas segui em frente durante algum tempo, olhando pelo espelho retrovisor a cada dois segundos. Ninguém estava me seguindo. Ninguém. *Aquele não era Roy. Está tudo bem*. Além disso, ele tinha dito que não queria aquele negócio no carro dele, certo? Então, por que iria atrás de mim? Só se ele quisesse me matar, depois dirigir minha van até o lugar de entrega e… Minha imaginação estava fora de controle. Tudo o que eu queria era um emprego que estivesse dentro da lei na área de construção! Madeira, martelos, serrotes e pregos. Droga!

Estacionei em uma rua transversal e, tão logo tive certeza de que não fora seguido, fui para a traseira da van e me deitei no colchão, tentando pensar no que fazer. Eu deveria ir à polícia. Essa era a opção que mais fazia sentido. Eu contaria a história inteira e aceitaria todas as pedras que me atirassem. Depois, começaria a contar as acusações que fariam contra mim. O roubo em si, para começar. E se Roy tivesse matado um ou dois daqueles caras na parada de caminhões? Roubo seguido de morte? Quanto anos eu teria que cumprir por isso? Eu poderia alegar que não sabia de nada, mas duvidava que adiantasse alguma coisa. O que me deixava paralisado no colchão, porém, o que me impedia de pegar o telefone, era que eles tirariam Bella de mim.

Desejei ter uma maneira de me comunicar com Erin. Eu pediria a ela que ficasse com Bella mais uma noite, isto é, se ela já não tivesse ido à polícia. Imaginei a cena. Eu poderia ir até a cafeteria de manhã e pedir a ela que tomasse conta da minha filha por mais um dia… mas Bella me veria. Eu não conseguiria me afastar dela outra vez. Estava pensando nisso quando o telefone que Roy me entregara tocou outra vez. Olhei para o identificador de chamadas. Não era o número dele e pensei por um segundo antes de atender.

– Travis? – Era Savannah.

– Muito obrigado, Savannah! – Apoiei-me nos cotovelos. – Obrigado por ferrar a minha vida.

– Eu sei, eu sei. Travis, me desculpe. Me desculpe por ter te arrastado para essa confusão.

Aquela não era a reação que eu esperava. Ela estava chorando?

– É um pouco tarde para desculpas – respondi. – Agora estou com a van cheia de drogas e tinha de ir buscar Bella hoje. Se você tivesse me falado o que iam fazer de verdade, eu jamais…

– Eu sei. Deu tudo tão… tão errado… Sinto muito. Você não tem ideia de quanto eu sinto. Briguei com o Roy. Ele é maluco. Eu não tinha percebido que ele era totalmente pirado.

Hesitei.

– Ele matou aqueles caras?

Não tinha certeza de que queria ouvir a resposta.

– Não, mas acertou um deles na perna. Tivemos que escalar uma cerca e ficar escondidos num matagal, e aí ele roubou um carro para podermos voltar para cá. Mas eu não culpo você – acrescentou ela, depressa. – Eu estava perturbada, mas… agora só estou exausta e queria que a noite passada não tivesse acontecido. Eu nunca deveria ter envolvido você.

– Não mesmo.

Imaginei-a subindo na cerca. Perdida na mata a mais de uma hora de Raleigh. Lembrei-me de quando ela me chamou de ingênuo. *Você é tão ingênuo…* Não acreditei naquela súbita transformação.

– Onde você tem de pegar Bella? – perguntou ela.

– Agora, em lugar nenhum – respondi. – Não posso buscar minha filha com uma van cheia de drogas.

– Você precisa fazer a entrega hoje à noite – disse ela. – Roy não vai deixar você em paz a menos que você entregue a droga. E,

quando entregar, vai receber o dinheiro.

– E você? – indaguei, curioso. – Se você brigou com Roy, ainda vai receber a sua parte?

– Vou. Disso eu não abro mão.

– E se eu não fizer a entrega?

– É melhor nem perguntar. – A voz dela era quase um sussurro. – Ah, Travis… Se você soubesse como ele é violento… Nosso último motorista… Aquilo foi um horror. Você tem que fazer a entrega. Quando eu vi o Roy pela última vez, ele estava falando em encontrar a Bella se você não fizer a entrega.

– Deixe minha filha fora disso!

– Ele acha que você conseguiu alguém para tomar conta dela naquela cafeteria aonde você vai de manhã.

Apertei o telefone contra o rosto. Como ele sabia aonde eu ia de manhã? Estavam nos seguindo, a Bella e a mim. Mais paranoico do que nunca, pulei para o banco do motorista para poder ver a estrada, ainda com o aparelho no ouvido.

– É claro. Foi isso mesmo que eu fiz – falei. – Cheguei perto de uma pessoa qualquer e perguntei: “Dá para você tomar conta da minha filha esta noite?”

– Eu imaginei que você tivesse levado Bella para a mãe, em Beaufort. Pelo menos, é o que espero que tenha feito. Quer dizer, que ela esteja totalmente segura.

– Sim, é lá que ela está.

– Nossa, que alívio. Porque você não quer nem saber o que Roy gosta de fazer com garotinhas.

Fiquei gelado.

– *Savannah*, como você se meteu com um cara desses?

– O dinheiro pode enlouquecer uma pessoa.

– A falta dele também – murmurei.

– Então, você vai fazer a entrega hoje à noite?

– Pensei em levar tudo para a polícia.

Por um momento, ela ficou em silêncio.

– Você está *maluco*? – perguntou, finalmente.

Sim, pensei, *estou*.

– Preste atenção – continuou Savannah. – Você está numa enrascada muito maior do que imagina. Você acha mesmo que tirar os adesivos da van torna você invisível?

Enfiei a mão no bolso para pegar as chaves do carro.

– Estou indo embora – falei, e desliguei o telefone antes que ela tivesse a chance de dizer qualquer outra coisa.

Enfiei a chave na ignição e a virei. Como eles sabiam que eu removera os adesivos? Lembrei-me do automóvel que eu vira no estacionamento no meio da noite. Agora eles andavam me seguindo? Pensei que os tivesse despistado. Podia jurar que sim.

A única coisa de que eu tinha certeza era que eu não ousaria ir à cafeteria de manhã. A única maneira de manter Bella em segurança era ficar longe dela.

E entregar as drogas naquela noite.

A única maneira.

30

Robin

Sentei-me tão exausta na manhã seguinte à noite em que Hannah quase morreu que minha visão estava embaçada enquanto eu levava o recipiente com omeletes ao salão do café da manhã. Havia dois casais naquele dia e as mulheres fizeram barulhos de êxtase quando viram as iguarias. Torci para que meu sorriso não revelasse todo o meu cansaço. Respondi às perguntas sobre os pôneis, os museus e as balsas e, quando tive certeza de que estava tudo sob controle, deixei Bridget no comando e fui ao meu apartamento pegar minha bolsa. Eu planejava ir até a cidade de Morehead a fim de comprar o aparelho de monitoramento do sono para o quarto de Hannah ainda naquela manhã. Continuava nervosa pela ligação de Alissa no meio da noite. *Ela morreu!* Não tive nenhuma dificuldade em achar o aparelho que o médico da emergência recomendara. Levei-o até a casa dos Hendricks, onde encontrei Alissa dormindo profundamente e Gretchen trocando a fralda de Hannah. Mollie estava em um almoço, angariando votos para o filho. Gretchen e eu instalamos o aparelho em silêncio e falamos um pouco sobre os acontecimentos da noite anterior. Conversamos em sussurros para não acordar Alissa.

– Ela não dormiu nem um segundo até eu chegar – comentou Gretchen. – O que aconteceu foi terrível, mas acabou despertando o instinto materno dela.

Concordei. Observei Gretchen colocar Hannah em seu macacãozinho e levantá-la do trocador. Eu teria adorado pegá-la um pouco no colo, mas ficou claro que eu não era necessária e, além

disso, eu estava exausta. Olhei para Alissa, dormindo profundamente, e decidi que também precisava de um cochilo.

Estava entrando debaixo das cobertas na pousada quando Dale telefonou.

– Boas notícias: conseguimos o apoio do *News-Times*.

Percebi a alegria em sua voz. Estávamos torcendo por isso, embora eu tenha achado estranho que ele nem tivesse nem mencionado o fato de sua sobrinha quase ter morrido na noite anterior.

– Ah, Dale! – exclamei. – Isso é maravilhoso!

– Então, vamos sair para jantar hoje à noite. No Blue Moon?

– Maneiro! – falei, para em seguida me corrigir: – Quer dizer, *maravilhoso*!

Ele achou graça.

– Como está a bebê hoje? – perguntou. – Parece que ontem à noite foi bem difícil.

De repente, percebi que ele sempre se referia a Hannah como “a bebê”. Achei que ele nunca dissera o nome dela. Mas, pelo menos, mencionara o acontecido.

– Acho que está bem. Comprei o aparelho de monitoramento do sono em Morehead, então agora estamos preparados.

Conversamos por mais alguns instantes, depois eu me encolhi sob as cobertas e fechei os olhos, mas sabia que não ia dormir. Pensei em como poderia tocar no assunto de Alissa e Will com Dale novamente. Não tivera sucesso na primeira vez, quando ele me acompanhara à minha consulta, e agora eu ficava nervosa só de pensar em falar. Percebi que Dale me intimidava. Ele era tão mais velho do que eu… Mais esperto. Mais inteligente. Mais experiente. Não tinha medo de conflitos. De dizer não. Será que iria me sentir assim pelo resto da vida? Com medo de tocar em assuntos que

pudessem aborrecê-lo? Eu tinha de aprender a fazer isso. Precisava ser firme.

Mas não naquela noite. Arruinaria tudo. Estragaria sua boa notícia e seu bom humor. De qualquer maneira, eu já sabia o que ele iria responder: *de jeito nenhum*. Eu estaria destruindo sua cuidadosa campanha se convidasse Will para entrar em nossas vidas.

Mas por que eu precisava da permissão dele? Sentei-me e olhei pela janela, os braços cruzados na altura do peito. Agora eu fazia parte da família Hendricks. Tinha parte de seu poder. Era mais próxima de Alissa do que qualquer um deles e tinha minhas próprias ideias. Eu mesma conversaria com Will. Descobriria o que ele achava de toda aquela situação e, então, decidiria o que fazer.

Isso não poderia estragar nada, poderia?

31

Erin

– Quando o papai vai chegar? – perguntou Bella após levantar os olhos do livro de colorir.

Estávamos sentadas na cafeteria havia quase uma hora e eu já começava a ficar ansiosa. Eram dez horas, bem depois ho horário em que Travis e ela costumavam aparecer. O que ele estava esperando?

– Não sei muito bem, querida – respondi. – Provavelmente logo, logo. Vamos brincar de novo de “Eu vejo”?

Ela deu um suspiro profundo.

– Está bem.

Ela concordou, mas seu olhar estava cravado na porta. Assim como o meu. *Chegue logo, Travis*. Meu sermão para ele já estava na ponta da língua, mas mudava minuto a minuto. *Uma coisa é deixá-la comigo da maneira como você fez, outra é não aparecer na hora certa para buscá-la*. Apesar de que ele não tinha marcado nenhum horário, certo?

– Erin? – Virei-me e vi uma mulher de pé a alguns metros de mim. Como ela estava contra a luz da janela, só pude ver sua silhueta, e não seus traços. – Achei que fosse você.

Fiz sombra nos olhos com as mãos e a reconheci. Era uma das mães do primeiro ano de Carolyn no pré-escolar. Não lembrava o nome dela.

– Tudo bem?

Ela se aproximou um pouco e sentou-se no braço do sofá.

– Tudo – respondi, tentando recordar seu nome. – E você?

– Tudo bem. – Ela sorriu e balançou a cabeça. – Preciso lhe dizer que fico muito feliz por ver você e sua menina aqui. – Ela fez um aceno em direção a Bella. – Ouvi uns rumores… – Ela enrubesceu – … Ouvi dizer que ela… que houve um acidente, mas deviam estar falando de outra pessoa. Estou tão aliviada…

Eu não sabia muito bem o que dizer. Não queria tocar no assunto com aquela mulher. Fora esse o motivo da minha mudança. O motivo pelo qual eu ainda não voltara a trabalhar. Todos os conhecidos e clientes fazendo perguntas ou comentários e oferecendo suas condolências. E, agora, esse mal-entendido que me deixava sem palavras.

– Não lembro o nome dela – disse a mulher. – Como você se chama, querida? – perguntou a Bella, que olhou para ela e em seguida para mim, antes de retomar o livro de colorir.

Nenhuma de nós duas parecia querer papo com a tal mulher.

– Bella – falei.

Senti que estava traindo Carolyn com aquela mentira.

– *Bella*. Não me lembro desse nome. Ela é bem pequena, não é? Jade está enorme agora. Bella ainda está no jardim de infância?

Eu queria fugir. Olhei para o meu relógio. Foi a única ideia que me veio à cabeça.

– Ah, nossa, eu tinha de ter feito uma ligação há quinze minutos. – Procurei o telefone na bolsa. – Me desculpe – disse, pegando-o. – Foi um prazer revê-la.

– Ah, o prazer foi todo meu, Erin – retrucou ela, levantando-se. – Tchauzinho, Bella.

– Tchau – respondeu Bella, sem tirar os olhos do livro de colorir.

Fingi que falava ao telefone até a mulher sair da cafeteria, mas, assim que ela saiu, Nando parou perto da minha cadeira com uma bandeja cheia de amostras de bolo.

– Nosso novo bolo Red Velvet – disse ele. – Você e Bella gostariam de provar?

– Acho que não, obrigad…

Num segundo, Bella estava de pé, a mão sobre meu joelho e o olhar na bandeja.

– Posso? – perguntou-me ela.

Sorri e pus as mãos em suas costas.

– É claro – respondi, pegando um dos pedacinhos e entregando-o a ela.

– Cadê o pai dela? – quis saber Nando.

– Estou tomando conta dela – falei. – Ele está trabalhando.

– Papai está quase chegando – informou Bella, com a boca cheia de bolo.

– Ah, que bom que ele conseguiu um trabalho – comemorou Nando.

– É mesmo – concordei. – Obrigada pelo bolo.

– Obrigada – disse Bella, engolindo.

Nando riu.

– Ela é uma graça de menina – comentou, em seguida levou a bandeja até as mesas próximas da janela.

Mais uma hora se passou. Bella e eu jogamos alguns jogos, montamos quebra-cabeças, caminhamos ao redor da cafeteria, dividimos um bolinho e comemos um pacote de frutas secas. Estava claro que Travis não apareceria. Como ele podia fazer uma coisa daquelas? Como podia jogar a filha no colo de alguém e sumir?

Finalmente, Bella jogou-se no sofá.

– Eu quero o meu *papai* – choramingou.

Ela se comportara muito bem durante toda a manhã, mas eu podia vê-la desmoronar minuto a minuto. Logo ela precisaria de uma soneca, e depois o quê? E se eu a levasse de volta ao meu

apartamento e então Travis aparecesse? Embora, para ser sincera, eu já tivesse desistido disso. Havia algo muito errado naquela história. Eu sabia o que precisava fazer: exatamente o que *não* queria fazer, ou seja, chamar a assistência social. Eu odiava aquelas pessoas agressivas. Eu entendia que elas tinham um dever a cumprir. Sabia que salvavam a vida de algumas crianças. Mas, depois da morte de Carolyn, elas atormentaram a mim e Michael sem dó nem piedade, fazendo mil perguntas, procurando alguém a quem culpar. É claro, nunca houve nenhuma acusação. Fora um acidente, pura e simplesmente. Mas elas ficaram no meu pé. Se eu aparecesse agora com uma criança que não era minha, já podia imaginar quantas perguntas fariam. Um interrogatório sem fim.

Uma hora, pensei. Se ele não aparecesse até a uma da tarde, eu seria obrigada a ligar.

~

O relógio marcou uma da tarde e Bella já estava no limite da paciência, assim como eu. Tentei pensar no que fazer. Não queria perguntas. Só queria que Bella ficasse em segurança. De alguma maneira, teria de entregá-la à assistência social de forma anônima. Escrevi um bilhete em um guardanapo. *O nome dela é Bella Brown. O nome do pai é Travis Brown. Eles são de Carolina Beach… pelo menos foi o que ele me disse. Ele a abandonou*. Abri a bolsinha cor-de-rosa e enfiei o guardanapo lá dentro, quando ela não estava olhando.

Se eu chamasse a polícia usando o meu celular, eles teriam o meu número e as perguntas começariam. Olhei ao redor, para as poucas pessoas sentadas na cafeteria. Eu poderia pedir para usar o telefone de alguém, alegando que o meu estava sem bateria, mas meu rosto era bem familiar ali. Seria muito fácil me acharem.

Eu tinha consciência de que não estava raciocinando direito. Tudo o que eu sabia era que precisava conseguir ajuda para Bella mantendo-me fora da história. Observei-a enquanto ela folheava um dos livros, o rosto vermelho de tanto chorar.

– Venha, Bella – pedi, levantando-me e recolhendo nossos livros e bichos de pelúcia. – Vamos almoçar.

– No McDonald's?

– Isso.

Na verdade, o McDonald's seria perfeito.

Saímos, fomos até o carro e nos sentamos. Dirigi pelas longas fileiras de automóveis no imenso estacionamento, tentando descobrir qual seria nosso próximo passo. Se havia algum telefone público no shopping, devia estar bem escondido. Talvez na Target. Parei e desatei meu cinto de segurança.

– Vamos até ali um minutinho – falei –, e depois vamos ao McDonald's, está bem?

Achei que o choro iria recomeçar, mas ela parecia exausta demais para reclamar. À medida que nos aproximamos da loja, ela apertou minha mão. Na calçada da frente, um adolescente organizava os carrinhos de compra.

– Tem algum telefone público aí na loja? – indaguei.

Ele me olhou como se nunca tivesse ouvido falar em telefone público. Era tão jovem que talvez nunca tivesse mesmo.

– Não, senhora – respondeu ele, finalmente. – Acho que não tem nenhum por aqui.

– Está bem, obrigada.

Entrei com Bella na loja e fui com ela até o balcão de atendimento ao público. Teríamos de esperar em fila com um bando de adultos, e olhei para ela sabendo que a única coisa que a menina poderia enxergar seria um mar de pernas grandes. Ela se recostou em mim da maneira como eu a vira fazer com Travis, e me lembrei

de como ele era carinhoso com a filha. De como ele claramente se importava com ela e de como estava nervoso no dia em que a deixara comigo. Desejei saber o que estava acontecendo. Antes de colocar em curso aquela corrente descontrolada de eventos, desejei poder conversar com ele para saber que tipo de ajuda eu poderia oferecer.

Chegamos ao primeiro lugar na fila.

– Pois não, senhora? – disse a mulher atrás do balcão.

– Eu queria saber se vocês têm algum telefone que eu pudesse usar. Meu celular ficou sem bateria e preciso fazer uma ligação.

Ela revirou um pouco os olhos, mas me indicou o final do balcão, onde colocou um volumoso aparelho de telefone à minha frente.

– Obrigada – falei.

Em seguida, liguei para a emergência com os dedos trêmulos e me virei de costas para a área de atendimento de modo a não ser ouvida.

– Qual é a emergência? – perguntou a atendente.

– Tem uma menininha sentada sozinha no McDonald's do shopping Brier Creek – disse eu. – Ela está lá há algum tempo. Deve ter uns 4 anos.

– Como a senhora se chama?

Desliguei o telefone.

– Venha, Bella – chamei. – Vamos almoçar.

Imaginei se a polícia chegaria lá antes de mim e apressei Bella a entrar no carro. Dirigi até a lanchonete o mais rápido que tive coragem de fazer. Parei em uma vaga na frente do McDonald's. Só havia um senhor idoso para ser atendido antes de nós. Bella sabia exatamente o que pedir – um McLanche Feliz –, e eu não quis nada. Sentamo-nos perto da janela. Meu plano era o seguinte: assim que eu visse o carro da polícia, diria a Bella que precisava correr para o banheiro e iria embora. Embora do McDonald's. Embora da vida

dela. Fugiria de carro. Talvez eu desse uma parada a distância para me certificar de que eles a teriam encontrado e levado.

E então, ela teria sido abandonada duas vezes, pensei.

Eu não poderia fazer uma coisa dessas. Não poderia abandoná-la daquela maneira. Precisava falar com eles sobre Travis. Precisava explicar.

Bella mordiscou o sanduíche e me entregou o brinquedo para desembrulhar. Uma fadinha. Ou seria a Sininho? Só dei uma olhada rápida e logo a devolvi.

Então, eles me fariam perguntas, imaginei, enquanto observava Bella fazer a fada pular pela mesa. Colocariam meu nome no sistema e diriam: “Ah, ela é a mãe daquela menininha que caiu no píer Stardust, em Atlantic Beach, na última primavera. E agora ela aparece com essa criança e uma história esquisita?” Mas eu não podia largá-la. Teria de lidar com as autoridades. Teria de agir como uma mulher adulta. Fazer o que fosse preciso para ajudar Bella. Talvez eles a deixassem ficar comigo enquanto procuravam Travis ou a mãe dela. Não, quando percebessem quem eu era, não permitiriam. Considerariam doentio o fato de eu ter recebido aquela criança com tanta facilidade, certo? Uma mulher claramente não recuperada da morte da própria filha? *Era* mesmo um pouco doentio, não era?

Passaram-se mais uns vinte minutos até que a viatura aparecesse no estacionamento, junto com outro carro em cujas laterais se lia *DAS*. Departamento de Assistência Social. Um policial saiu da viatura e uma mulher saltou do automóvel do DAS. De onde eu estava sentada, ambos pareciam austeros e irritados. Trocaram algumas palavras entre si e se encaminharam para a entrada. A mulher tinha mais ou menos 50 anos e era gigantesca. Devia ter mais de 1,80 metro e, embora não fosse exatamente obesa, era enorme. Olhei para aquela menina minúscula sentada à minha frente, do outro lado da mesa.

– Vá para a lua! – ordenou Bella à fadinha, fazendo-a pular do topo da caixa do McLanche Feliz até a mesa e, em seguida, para cima do meu braço.

Ela sorriu para mim, mostrando seus dentes de leite tão branquinhos e seus grandes olhos confiantes.

Eu não iria entregá-la àquelas pessoas. Nem pensar.

O policial e a assistente social entraram no McDonald's e poucos clientes tiveram a curiosidade de olhar para os dois. Tentei fingir que era apenas mais um deles, uma mãe zelosa levando a filha para almoçar. Os dois olharam para todos no salão e em seguida foram até o balcão para falar com a atendente, mas não pude ouvir o que disseram, embora tenha tentado.

– Você não está com fome, querida? – perguntei a Bella, que estava ocupada demais brincando com a fada para prestar atenção ao lanche. – Coma mais um pouco do sanduíche.

Ela deu uma mordida, observando-me com um ar travesso. O brinquedo a havia animado, e Bella mastigou a comida com alegria, meio com a boca aberta, como se estivesse me provocando para que eu chamasse sua atenção e a mandasse comer de boca fechada. Eu não me importava com a maneira como ela comia. Estava aliviada ao ver a alegria de volta ao seu rosto. Não podia imaginar, nem por um instante, entregá-la àquelas duas pessoas que pareciam assustadoras até para mim.

O policial ia de mesa em mesa, conversando com os clientes, enquanto a mulher gigantesca andava pela área de brinquedos e estudava duas crianças que estavam atravessando uns tubos. Em pouco tempo, o policial estava ao lado da minha cadeira. Olhei para ele, tentando imaginar o que uma pessoa inocente diria naquele momento.

– Está tudo bem, senhor policial?

– A senhora viu alguma menina sozinha por aqui? – perguntou ele.

Balancei a cabeça em uma negativa e olhei em volta, como se procurando alguma criança abandonada.

– Estamos aqui há quase meia hora – falei. – Não vi nenhuma menina, embora não estivesse prestando muita atenção.

Senti-me uma criminosa e imaginei se o policial perceberia o tremor em minha voz. Ele estava olhando para Bella, que parecia fascinada pelo distintivo brilhante do uniforme dele.

– Obrigado – retrucou ele, finalmente, caminhando em direção à assistente social, que balançou a cabeça em uma negativa.

Eles voltaram ao balcão e os vi trocarem algumas palavras com um homem que devia ser o gerente. O policial lhe entregou um cartão, depois os dois foram embora. No estacionamento, conversaram por alguns instantes, depois cada um entrou em seu automóvel e partiu. Soltei a respiração. Eu nem havia percebido que a estava segurando.

Alguns minutos mais tarde, Bella e eu atravessávamos o estacionamento outra vez. Parei bem na frente da cafeteria, corri lá para dentro a fim de ver se Travis hava chegado e voltei correndo para o carro.

– Hora da soneca! – exclamei.

– Cadê o papai?

– Não sei, meu bem, mas amanhã a gente se encontra com ele.

O que mais eu poderia dizer a ela? Voltaríamos à cafeteria no dia seguinte de manhã. Naquele momento, seríamos apenas nós duas outra vez.

~

No apartamento, eu a coloquei na cama para dormir um pouquinho e fiquei aliviada quando ela pegou no sono de imediato. Em seguida, liguei para Gene, na farmácia.

– Tive um imprevisto – falei. – Não vou poder voltar amanhã. Provavelmente depois de amanhã, mas…

– *Erin* – interrompeu-me ele –, estamos contando com você amanhã.

– Eu sei, e peço mil desculpas. É uma situação fora do meu controle. Um problema de família.

Eu sabia que isso o faria desistir. Toda a minha ausência se devera a um problema de família – a morte de Carolyn –, e eu sabia que Gene não faria mais perguntas. Mas isso não o impediu de ficar irritado.

– Você tem noção de quanto tive que insistir para que eles mantivessem o seu emprego?

– Eu sei, eu sei. Eu ligo para você na quarta. Não conte comigo até quinta, está bem? É um problema que eu preciso resolver. Prometo que volto na quinta. Com certeza absoluta.

Voltei ao meu quarto e olhei para a menina que dormia em minha cama, pensando que eu acabara de fazer mais uma promessa que não tinha certeza de que poderia cumprir.

32

Travis

Mais ou menos às sete da noite, cheguei ao corredor ferroviário que circundava Raleigh e peguei a saída para o bairro onde deveria fazer a entrega. Cheguei três horas adiantado, mas queria ver para onde estava indo antes que escurecesse por completo. As pessoas faziam isso o tempo todo, eu disse a mim mesmo, enquanto dirigia. Pelo menos os criminosos. Eu ajudaria os caras da casa a descarregar as caixas, pegaria o meu dinheiro e, com um pouco de sorte, ficaria livre para ir embora. Imaginei tudo acontecendo conforme o planejado.

A vizinhança me surpreendeu. Não era precária, como eu esperava. Era um bairro agradável, de classe média, com ruas sinuosas e jardins que pareciam bem cuidados. Passei pelo endereço aonde precisava ir sem diminuir muito a velocidade para não chamar a atenção. A casa era branca, de diversos níveis, a grama do jardim um pouco alta demais. Na entrada, havia um caminhão marrom. Avistei um triciclo no gramado. Não se tratava de um bando de criminosos cruéis. Aquilo fez com que me sentisse melhor, como se, sendo uma família com filhos, não pudessem ser tão maus ou perigosos. De repente, Roy com sua arma e toda aquela loucura na parada de caminhões me pareceram distantes. Agora eu imaginava um homem e a esposa me ajudando a descarregar as caixas da van. Eu poderia perguntar a eles sobre seus filhos.

Estacionei na esquina. Ficaria esperando ali até as dez da noite, quando deveria fazer a entrega. Eu havia comprado um *burrito* no

Taco Bell e o desembrulhei para começar a comer. Aquela confusão toda estava bem perto do fim.

Às cinco para as dez, minhas mãos transpiravam. Eu tentara dormir, mas sem sucesso. Só ficava imaginando Erin e Bella juntas e o que Erin deveria ter pensado quando eu não apareci naquela manhã. E, de repente, uma lembrança me veio à cabeça: ela não iria voltar ao trabalho no dia seguinte? *Merda*. Ela teria de chamar a polícia hoje, não teria? Pressionei a testa contra o volante. Iria à cafeteria assim que abrisse, de manhã. Talvez ela ainda estivesse com Bella e tentasse uma última vez antes de ir trabalhar, na esperança de que eu aparecesse. E eu apareceria. Ah, sim. *Estarei lá, Bella*.

Um minuto para as dez. Liguei a chave na ignição e comecei a dirigir lentamente. Virei à esquerda em uma das ruas sinuosas. Estava a cerca de dois quarteirões da casa, mas não podia vê-la devido às curvas. Quando cheguei ao final de uma delas, vi um carro atrás do caminhão, na entrada, e dois outros estacionados ao longo do meio-fio. Pisei no freio, tentando ver se os automóveis eram os de Roy e de Savannah, e nesse momento percebi que eram viaturas da polícia. Três delas. Ouvi gritos vindo dos fundos da casa. Pareciam dois homens. Talvez uma mulher. Vi um policial levar um cara pelo caminho da frente e só o que pude pensar foi que aquele poderia ser eu. Dois vizinhos estavam no jardim de suas casas, observando o que só poderia ser uma prisão. Ouvi uma criança pequena chorando alto, correndo atrás do homem que fora levado pelo policial. Estava escuro demais para saber se a criança era um menino ou uma menina e, naquele momento, não fazia a menor diferença. Continuei dirigindo e não parei até chegar ao corredor ferroviário.

Meu telefone tocou e eu o agarrei, atendendo sem sequer verificar o identificador de chamadas.

– Estão prendendo todo mundo na casa, cara! – berrei.

– Certo – falou Roy. – Então, plano B. Duas da manhã. Você pega a Estrada 64 para…

– Eu quero essa porcaria fora da minha van!

– Calma – disse ele. – Estamos com tudo sob controle.

– *Estamos?* – perguntei. – Você e Savannah estão trabalhando juntos outra vez?

– Savannah e eu vamos trabalhar juntos até ficarmos velhinhos, de cabelos brancos.

Então, Savannah estava me enganando. Não fiquei chocado. Só muito puto.

– Ela está pegando um caminhão agora mesmo – falou Roy.

Ele começou a ensinar o caminho e tive de memorizá-lo, porque ainda estava dirigindo. Parecia que ele estava me mandando para o fim do mundo. Só torci para que eu tivesse gasolina suficiente para chegar lá.

– Você vai chegar a uma clareira com dois tocos de árvore logo à sua frente. Não passe por eles, ou vai atolar o carro no pântano. O caminhão vai estar lá. Duas da manhã.

– Duas da manhã – repeti.

– Sabemos onde você está, cara – acrescentou ele. – Nem pense em estragar tudo outra vez.

~

O lugar onde eu devia encontrar Roy e Savannah era bem longe da Estrada 64, do outro lado de Raleigh. Dirigi vários quilômetros no escuro, na esperança de estar lembrando direito as instruções. Algumas das estradas menores não tinham sinais e eu daria a vida por um GPS.

À 1h45, cheguei à clareira. Não havia nenhum caminhão. Eu tinha certeza de que era o lugar certo. A estrada de terra terminava

ali e com a luz dos faróis eu pude ver os dois tocos de árvore e a terra pantanosa logo atrás. Quando desliguei os faróis, a única luz era a das estrelas e da lua crescente. O lugar me amedrontava. Tinha passado um bom tempo dirigindo pelo nada para chegar até ali, onde um tiro nem seria ouvido. Liguei de novo os faróis e avancei um pouquinho com a van. Parecia que a terra encharcada rodeava um lago de águas imundas. Três galhos e um pneu podiam ser vistos na superfície e, de repente, visualizei a mim mesmo ali. Vi meu corpo sem vida flutuando na água, depois de Roy ter me matado. Por que ele não me mataria? Ele teria as drogas, além da van, e poderia ficar com as poucas centenas de dólares e ainda livrar-se de um problema em potencial: eu. Um criminoso com consciência. Eu sabia que havia me tornado um problema muito grande para ele e Savannah.

Dez para as duas. Eu não iria ficar ali esperando para ser morto. Virei a van para o outro lado e saí pelo mesmo caminho pelo qual chegara, torcendo para não dar de cara com Roy e Savannah na estrada. Peguei a primeira curva que vi e parei fora da estrada de terra, enfiando a van no meio da mata. Esperei no escuro até ver o que deveria ser a picape deles passar pela estrada principal e, então, fui embora a toda a velocidade.

Fiquei aliviado quando cheguei à Estrada 64 de novo, mas peguei a direção oposta a Raleigh, e não a que levava até lá. Eu não podia voltar ao estacionamento da cafeteria, pois seria o primeiro lugar aonde eles iriam me procurar. Em vez disso, achei uma enorme caçamba de lixo atrás de um restaurante. Parei perto dela, abri a tampa e virei cada uma das caixas de leite lá dentro. Elas fizeram um *pam* satisfatório quando se juntaram ao restante do lixo.

Senti-me limpo quando terminei. Eu havia recuperado minha van. Minha vida. Agora, precisava recuperar minha filha.

33

Robin

Caminhei os 800 metros até a casa onde Alissa me dissera que Will morava com a mãe. Havia um utilitário antigo na entrada, amassado em um dos lados, com a pintura arranhada e um pouco de ferrugem à mostra. Mas a casa em si parecia bem-cuidada, como Alissa falara. Alguém plantara amores-perfeitos no canteiro da frente.

Torci para que Will estivesse em casa, e não sua mãe. Eu estava preparada para conversar com ele, mas não tinha certeza do que diria se a mãe abrisse a porta. Ela saberia sobre Hannah? Saberia que Will e Alissa estiveram envolvidos? Eu não tinha a menor ideia.

Subi os degraus da varanda da frente. O chão era um pouco inclinado, o suficiente para me deixar um pouco tonta quando me aproximei da porta. Apertei a campainha e ouvi uma série de latidos baixos, roucos e ameaçadores vindos lá de dentro, e fiquei feliz por haver uma porta de tela entre mim e a porta da frente.

Depois de alguns minutos e mais um toque na campainha, a porta foi aberta e Will apareceu diante de mim. Louro, de olhos azuis, esbelto. Exatamente como na tela do computador do quarto de Alissa. Ele segurava a coleira de um cachorro que rosnava e que era pelo menos metade *pit bull*. Imaginei se não estaria cometendo um erro. Eu jamais deixaria aquele cão aproximar-se de Hannah.

Abri a boca para me apresentar, mas não foi necessário.

– Oi – cumprimentou ele, levantando as sobrancelhas. – O que *você* está fazendo aqui?

– Eu queria falar com você sobre Alissa e a criança – respondi em voz baixa, caso a mãe dele estivesse em casa.

– Agora? Agora não é muito legal pra mim.

Não gostei da resposta.

– Não existe uma hora boa – retruquei.

– Beleza – disse ele.

Will abriu a porta e saiu para a varanda, acompanhado pelo cachorro. Senti uma descarga de adrenalina quando o animal veio em minha direção, mas, assim que pisou na varanda, ele se tornou dócil, abanou o rabo e cheirou minhas mãos. E minhas pernas.

– Ele é maneiro – falou Will, gesticulando na direção do animal. Ele se sentou em uma das duas espaçosas cadeiras e eu me acomodei na outra. O cachorro descansou a enorme cabeça quadrada sobre meu joelho e eu acariciei atrás de sua orelha esquerda. – Como ela está? Alissa?

Ele usava uma calça jeans com uma camiseta azul. Tinha tatuagens não muito evidentes. Nenhum piercing ou coisa parecida à vista.

– Está bem – respondi. – Mas sente a sua falta. Ela realmente quer ver você, e não sabe que estou aqui. Eu vim para descobrir como você se sente. Se também quer vê-la e conhecer sua filha. A bebê é linda. – Sorri. Eu devia ter levado uma foto, mas não tive essa ideia antes. – Alissa tem certeza de que você quer vê-las e, com toda a sinceridade, não acho justo que vocês não possam se encontrar, por isso…

– Você não tem nem ideia do que está acontecendo, tem? – interrompeu ele.

Enquanto falava, ele se inclinou para a frente e apoiou os braços nos joelhos. As linhas de expressão entre as sobrancelhas faziam-no parecer muito mais velho do que seus 19 anos. O sorriso era leve e um tanto debochado.

Ele me pegou de surpresa.

– Como assim? – indaguei.

Will não respondeu de imediato. Desviou o olhar para a rua.

– O que você sabe? – perguntou finalmente.

– Sei que você é o pai da filha de Alissa. Que vocês dois namoraram por algum tempo às escondidas. Sei que ela ama você e que sente sua falta. Como assim, eu não tenho ideia do que está acontecendo?

– O seu noivo não te contou nada.

Ele imprimiu um tom grosseiro à palavra *noivo* e experimentei a mesma descarga de adrenalina, o mesmo medo que senti quando o cachorro rosnou para mim.

– Sobre o quê? – perguntei.

Ele se inclinou para trás e virou a cabeça para a direita, depois para a esquerda, como se alongasse os músculos do pescoço.

– Você sabia que minha mãe trabalhou para os Hendricks?

Ah. Achei que tivesse entendido.

– Sabia, ela foi governanta deles há muitos anos, não foi? E sei que a família pode ser… elitista. Sei que o fato de ela ser uma governanta e seu pai estar na prisão é desagradável para…

–É só uma desculpa! – falou Will. – Eles podem dizer que esse é o grande problema… – ele fez sinal de aspas com as mãos no ar ao pronunciar as duas últimas palavras. – Mas não é. Eu não vejo meu pai desde os 3 anos. Ele nem faz parte da minha vida. A grande questão deles com o fato de ele estar na prisão é que… – Will balançou a cabeça de um lado para outro. – Foi só uma desculpa que eles inventaram. Meu pai não tem nada a ver com o motivo pelo qual eles não querem que eu e Alissa fiquemos juntos. Nem o trabalho da minha mãe. Ou o fato de eu ter abandonado a escola.

– Eu acho que tem, sim, Will – falei, gentilmente. – Acho que os Hendricks, por mais que eu os ame, são pessoas que têm o nariz em pé algumas vezes e…

– O velho Hendricks… James. *O senhor prefeito*. Ele e minha mãe têm um histórico.

– Um histórico? Você quer dizer que eles se desentenderam ou…

– Um *caso*. Eles estavam transando. Entendeu?

Desabei na cadeira.

– Não, não estavam, não – disparei.

– Sim, estavam. Naquela época, quando ela trabalhava para eles, talvez eu fosse a única pessoa que sabia disso, e levei um tempão para perceber, porque eu era pequeno e ingênuo, mas um dia eu entendi. Aí a Mollie descobriu e o negócio pegou fogo. Eles despediram a minha mãe, é claro, e o James deu esta casa para ela. – Ele gesticulou para a porta da frente. – Esta casa pertencia aos Hendricks e era alugada, mas o James a colocou no nome da minha mãe, para ela ficar de boca fechada. Ele ainda paga pela manutenção. Dá só uma olhada na pintura nova. Maneira, né?

Balancei a cabeça, incrédula. Ele poderia estar inventando aquela história horrorosa? Mas era rebuscada demais para *não* ser verdade. Tive um pensamento súbito.

– Esse relacionamento entre você e Alissa não era algum tipo de… vingança, era? Você gosta dela?

Ele suspirou profundamente e se acomodou na cadeira, com as mãos atrás da cabeça.

– Quando conheci Alissa, nem sabia quem era sua família. Gostei muito dela. Ela era linda. Bacana. Eu sabia que era nova demais para mim, mas parecia mais velha, entende? Só depois que já estávamos saindo há duas semanas foi que eu descobri o sobrenome dela. Então, pensei: *Que merda*. Contei a ela que minha mãe tinha trabalhado na casa dos Hendricks e Alissa se lembrou dela, mas não muito bem. Só que eu não falei nada do que aconteceu com o pai dela. Não queria que ela ficasse magoada. – Ele bateu na própria coxa e o cachorro saiu do meu lado para ir até ele. – Naquela época, acho que eu estava me apaixonando por ela.

– Você a ama?

Ele se inclinou para afagar o peito do cachorro.

– Eu não sei se eu amo alguém.

Hannah, pensei. Ele não conseguiria olhar para a menina e não amá-la.

– Eu não sabia como os pais de Alissa iriam reagir quando começamos a namorar, mas não demorei muito para descobrir. Eles não aceitaram, mas, naquele ponto, nós dois já estávamos envolvidos demais para desistir de uma hora para outra, então ela pediu para aquele amigo gay, o Jess, fingir que era namorado dela. Isso funcionou direitinho, até ela engravidar. Aí, o Dale me ligou. Disse que eu tinha que ficar longe de Alissa e do bebê, que a mãe dele tinha ficado uma fera ao saber que eu e Alissa estávamos namorando, por causa da minha mãe. A última coisa que Mollie queria… provavelmente o James também… era ter minha mãe de volta na vida deles. Minha mãe é uma mulher muito bonita. Quer dizer, ela tem 42 anos e tal, mas se você comparar as duas, a Mollie não é nada, entende?

Pude imaginar quão chateada Mollie tinha ficado ao descobrir que Alissa estava namorando Will, ainda mais um namoro sério. Eles tinham de colocar a filha e a neta em primeiro lugar, não tinham? Deviam ter deixado a mesquinharia de lado.

– E se eu conseguisse ajeitar as coisas de alguma maneira? – *Como*?, perguntei a mim mesma. – Você gostaria? Você ainda gosta da Alissa? Quer ser parte da vida de sua filha?

Ele deu um sorriso estranho. Um tanto… dissimulado.

– Se eu gosto da Alissa? – perguntou. – É claro. Mas posso viver sem ela.

Recostei-me na cadeira, afastando-me de Will.

– Você está sendo insensível – ponderei. – E quanto à sua filha?

– Ela vai ficar bem com os Hendricks e muito melhor sem mim. Não tenho nenhum impulso paternal muito forte.

Ele se levantou, enfiou a mão no bolso na calça e tirou um pequeno pedaço de papel ligeiramente amassado.

– Você não é a primeira pessoa da família Hendricks a me visitar hoje – revelou.

Ele me entregou o papel e eu o desamassei sobre minha coxa. Fiquei horrorizada ao ver que era um cheque pessoal de Dale, em nome de Will Stevenson, no valor de 4.500 dólares.

Olhei para ele.

– Não entendi.

– Tal pai, tal filho. – Ele deu de ombros. – James comprou o silêncio da minha mãe com esta casa. Dale está comprando o meu agora. Vou deixar Alissa em paz. Nunca irei a público dizer o que sei sobre James. Nunca tentarei fazer parte da vida daquela criança. Honestamente, eu prefiro o dinheiro.

Senti a boca ficar seca. Balancei a cabeça em sinal de negação.

– Você fez algum trabalho para Dale, talvez? Quem sabe isto seja para pagar o pintor – sugeri, acenando com o cheque na direção da casa. – Ele não lhe daria todo este dinheiro por nada.

– Pelo jeito, me tirar da vida de Alissa vale isso para ele.

– Bem, 4.500 dólares podem parecer muito para você agora – retruquei –, mas fazer parte da vida da sua filha vale muito mais do que isso.

Ele deu uma gargalhada.

– Quatro mil e quinhentos dólares são uma gota no mar de dinheiro que Dale já me deu.

Não consegui responder. Não sabia o que dizer. Senti como se os últimos dois anos de minha vida tivessem começado a desmoronar depressa demais para serem reconstruídos.

– Ele me dá um pouco de cada vez – explicou Will. – Você estudou aqueles experimentos com ratos quando estava na escola?

– Experimentos com ratos?

Balancei a cabeça em uma negativa, sentindo-me totalmente entorpecida.

– É. Se você os recompensa de maneira irregular, distribuindo quantidades diferentes de comida em momentos variáveis, eles obedecem de forma mais eficiente do que se você der o prêmio seguindo um cronograma fixo. Acho que essa é a filosofia de Dale. Eu nunca sei quando o próximo cheque vai chegar ou qual será o valor, mas tenho certeza que *vem*. E *ele* sabe que, se os cheques pararem de aparecer, o acordo deixará de existir.

Tive vontade de gritar com ele. Chamá-lo de mentiroso. De repente, uma mulher mais ou menos da minha idade apareceu à porta. Ela a abriu só alguns centímetros e pude ver seus cabelos louros e espetados, as pernas longas e nuas, a camiseta justa.

– E aí, amor? – disse ela a Will. – O que está rolando?

– Negócios – respondeu ele. – Vá me esperar lá dentro.

Ela me lançou um olhar avaliador. Pude vê-la decidindo se eu era ou não uma ameaça e percebi o momento exato em que determinou que não. A mulher fechou a porta.

Se havia alguma ameaça em toda aquela loucura, não era eu. Não era o *pit bull*. Não era nem Will.

Era o homem com quem eu estava prestes a me casar.

34

Erin

Bella e eu passamos outra manhã silenciosa na cafeteria e meu cérebro doía de tanto tentar imaginar o que teria acontecido a Travis e o que eu deveria fazer. Estávamos ficando nervosas e agitadas, por isso, às onze horas, desisti da cafeteria e levei Bella ao parquinho próximo ao meu apartamento. Eu gostava daquele lugar porque Carolyn nunca estivera lá e havia poucas coisas ali que me fizessem lembrar dela, a não ser o fato de empurrar uma criança em um balanço.

Quando nos cansamos do parquinho, nem me dei ao trabalho de voltar à JumpStart. A cafeteria não era a reposta. Como eu poderia entregar Bella a Travis agora, sabendo que ele era capaz de jogá-la no colo de um desconhecido?

De volta ao meu apartamento, comemos sanduíches de atum, jogamos Serpentes e Escadas e, em seguida, coloquei-a para tirar um cochilo. Deitei-me ao lado de Bella na cama enquanto ela dormia e abri a bolsinha cor-de-rosa para olhar a fotografia de Robin.

– Você tem alguma ideia do que está acontecendo com sua filha? – sussurrei para a imagem.

Puxei as cortinas para escurecer o quarto, depois me acomodei debaixo das cobertas e continuei segurando a foto de Robin enquanto adormecia. De repente eu estava de volta ao parquinho, mas a criança que eu empurrava no balanço era Carolyn. Quando o balanço se afastou de mim, ela virou a cabeça para dizer algo. “Foi um engano, mamãe!”, ela gritou, enquanto eu esperava o balanço devolvê-la às minhas mãos. Quando ele voltou, eu a peguei.

Agarrei-me a ela. Mergulhei a cabeça em seus cachos louros macios. “Você achou que eu estivesse morta, mas eu estou viva!”, disse ela.

Acordei tremendo, com a respiração presa na garganta e um sorriso enorme no rosto – até tomar um choque de realidade. Olhei para Bella, com o pulso dobrado sob a bochecha. A cabeça da ovelhinha despontava por debaixo das cobertas. Toquei seus cabelos com delicadeza.

– Onde está sua mamãe? – sussurrei para ela. – Será que ela sonha em abraçar você?

Acendi o abajur e olhei fixamente para a fotografia de Robin em minha mão. Eu daria qualquer coisa para ter minha filha de volta. Qualquer coisa. Será que ela também se sentia assim?

Beaufort. Não era muito longe. Duas horas? Três? Eu tinha a foto de Robin. Sabia onde ela estava. E a cidade não era muito grande. Alguém a reconheceria.

Saí da cama e comecei a fazer as malas. Eu teria de parar no mercado para comprar salgadinhos para Bella comer na estrada. E na cafeteria. Realmente, Bella e eu deveríamos ir lá uma última vez, só por desencargo de consciência.



– O papai está aí? – perguntou Bella quando eu tirei seu cinto de segurança e a ajudei a sair do carro, na manhã seguinte.

– Eu acho que não, querida – respondi. – Mas quero dar uma olhada antes de fazermos uma pequena viagem.

– Para os balanços? – disse ela, pegando a minha mão.

– Não, para um lugar mais longe do que os balanços.

Eu planejava dar uma parada rápida em minha antiga casa. No sótão, havia um aparelho de DVD portátil que sempre usávamos ao

viajar com Carolyn. No início, achei que seria uma péssima ideia deixar minha filha presa a um DVD durante horas, mas Michael dissera: “Por que não? Você também não gostaria de assistir a um filme no caminho, se pudesse?”. Os DVDs mantiveram Carolyn feliz e distraída e eu tinha certeza de que funcionariam com Bella da mesma forma.

Como eu esperava, Travis não estava na cafeteria. Parei no balcão em que Nando trabalhava sozinho. A nova funcionária não ficara muito tempo.

– Café, suco de laranja e um bolinho? – perguntou ele.

– Só café para mim – respondi.

Bella já havia comido cereais em casa e eu não estava com a mínima fome.

– Então, Travis continua trabalhando, hein? – comentou Nando, enquanto tampava meu copo.

– Aham. – Entreguei a ele uma nota de 5 dólares. – Nós estamos nos divertindo, não é, Bella?

– Vamos viajar com os *Super Fofos!* – anunciou Bella.

Eu contara a ela sobre alguns dos DVDs que tínhamos e ela ficou animadíssima quando mencionei os *Super Fofos!*, por isso torci para conseguir pegá-los.

– Vão? – Nando apertou alguns botões na máquina registradora. – Aonde vocês vão?

– Só até Beaufort, por uns dois dias – respondi.

– Legal. – Ele me entregou o troco. – Você tem família por lá?

– Não, é só um pequeno passeio. – Olhei para Bella. – Quer ir ao banheiro antes de sairmos?

Ela balançou a cabeça em uma negativa. Fora ao banheiro antes de sairmos de casa, mas era sempre bom perguntar.

– Então pronto.

Despedi-me de Nando e, em poucos minutos, estávamos de volta ao carro e a caminho de minha antiga casa.



Nem me passou pela cabeça que Michael estaria em casa. Era o meio do dia e nem me dei ao trabalho de olhar pela janela da garagem enquanto Bella e eu nos dirigíamos aos fundos da casa. Abri a porta e ali estava ele, de pé, no meio da cozinha, uma xícara de café a meio caminho da boca. Fiquei paralisada e Bella abraçou minha perna. Ele olhou para ela e depois para mim, com a testa franzida em sinal de perplexidade.

– Olá, Michael. – Tentei parecer relaxada e alegre. – Esta aqui é a Bella.

Ele abaixou a xícara de café lentamente.

– Oi, Bella. – Fitou-a por alguns segundos antes de voltar o olhar para mim. – O que está acontecendo?

– Estou tomando conta dela e queria pegar o aparelho de DVD para colocar no carro.

– Está no sótão.

– Eu sei. Vou lá pegar.

Dei a mão a Bella e passei por ele.

– Posso brincar com a cozinha de brinquedo outra vez? – perguntou ela.

Parei de andar. Bem, esse segredo definitivamente tinha sido revelado. Olhei para Michael, do outro lado da cozinha.

– Estivemos aqui ontem para pegar alguns livros e…

– Você foi ao quarto de Carolyn?

Assenti com a cabeça.

– Bella, você pode brincar com a cozinha enquanto eu vou ao sótão buscar o aparelho de DVD.

Comecei a subir a escada com um longo suspiro. Não estava muito disposta a lidar com mais perguntas de Michael.

Ouvi os passos dele logo atrás de nós, na escada. Bella olhou por cima do ombro enquanto subia.

– Não quero que o moço venha com a gente – disse ela.

– Ele não vem – garanti. – Vai ser um passeio só para as meninas.

– Estou falando agora. Não quero que ele vá ao quarto da menininha.

Ah.

– Ele não vai – disse eu. No alto da escada, virei-me para Michael e pedi: – Você poderia esperar aqui um pouquinho, por favor? Deixe-me ajeitar Bella e desço para explicar… o que está acontecendo. Que tal você ir pegando o aparelho de DVD para mim?

Ele demorou algum tempo para assentir, fazendo um gesto com a cabeça.

– Tudo bem – falou.

No quarto de Carolyn, Bella foi direto para o fogãozinho e começou a brincar de comidinha. Esperei até que ela estivesse completamente absorvida e, em seguida, ajoelhei-me a seu lado.

– Vou conversar com Michael. Estarei bem ali, perto da porta.

– Tá. – Ela abriu a porta do forno. – Tem muito mais comida aqui dentro! – gritou com animação, então pegou as costeletas de porco de borracha e outras coisas que Carolyn deixara ali.

– Prepare uma comida bem gostosa – falei, levantando-me.

Michael já estava me esperando no corredor, com o aparelho de DVD e uma sacola de supermercado cheia de DVDs na mão.

– Não estou entendendo – disse ele em voz baixa, acenando na direção do quarto de Carolyn.

– Ela é filha de um rapaz que conheci em uma cafeteria perto do meu apartamento. Vou levá-la até Beaufort, onde a mãe dela mora. Ela… ela foi meio que jogada no meu colo, e eu não tive muita escolha.

– Como assim, ela foi jogada no seu colo?

Suspirei. Ele pensaria que eu era louca se contasse a verdade.

– O pai dela conseguiu um trabalho e não tinha ninguém para ficar com ela, então… concordei em ajudar.

Michael ficou olhando para o chão por alguns minutos, assimilando a história.

– Bom para você – falou ao levantar a cabeça outra vez. Ele parecia muito sincero e tocou meu braço com a mão livre. – Ela fez com que você entrasse no quarto de Carolyn, algo que eu não consegui. Um grande passo para você.

Concordei, com certa relutância. Não sabia por que eu tinha tanta dificuldade em aceitar qualquer demonstração de bondade por parte dele. Senti uma parede de pedra ao meu redor, incapaz de deixá-lo passar.

– Por que você está em casa no meio do dia? – indaguei.

– O jogo em que estou trabalhando… é mais fácil aqui. Estamos testando o jogo em um grupo alvo e estou no Skype com o desenhista. Aqui é mais silencioso. Só… uma longa história. Está indo bem.

O que eu poderia dizer? *Estou muito feliz porque seu jogo está dando certo?* Talvez eu tivesse inveja por ele ter tido tanta facilidade em colocar de lado a morte de Carolyn e mergulhar de cabeça naquilo que chamava de “trabalho”.

– Que bom – falei, pegando o aparelho de DVD. Palavras vazias. – É melhor Bella e eu irmos andando.

– Você vai só deixá-la com a mãe e voltar? Que tal jantarmos juntos hoje à noite ou amanhã? Queria conversar com você sobre um assunto.

– Ainda não sei bem o que vamos fazer. Talvez eu fique uns dois dias em Beaufort. – Quanto tempo eu levaria para encontrar Robin? – Eu ligo para você, está bem? Obrigada por pegar isto – disse eu, fazendo um gesto em direção ao aparelho de DVD.

Ele olhou rapidamente para o quarto de Carolyn, onde Bella estava falando sozinha.

– Eu queria conversar com você sobre esse jogo – falou. – O tal em que venho trabalhando nos últimos meses. – Ele parecia desconfortável. – Gostaria muito da sua opinião. E da opinião daquele grupo on-line que você acessa, se eles estiverem dispostos.

Franzi as sobrancelhas.

– O Grupo do Pai de Harley? – perguntei, surpresa. – Não estou entendendo.

– É um jogo sobre… sobre o luto, de certa forma. Na verdade, é sobre homenagear alguém que a gente perdeu. Essa é uma maneira melhor de explicar, embora seja a parte do problema no qual você poderia ajudar. Como descrever…

– Você inventou um *jogo* sobre o luto?

Eu estava horrorizada.

Ele assentiu com a cabeça.

– Por enquanto eu o chamo de *Perdendo Carolyn*. É como os meus outros jogos, no sentido de que é colaborativo e de que, quanto mais pessoas jogam, melhor ele funciona. Ele utiliza os estágios de luto do modelo de Kübler-Ross e…

– *Michael*. – Eu o interrompi, balançando a cabeça. – Não posso acreditar no que estou ouvindo.

Parecia tão absurdo…

– É por isso que quero conversar com você sobre… – Ele parou de falar quando Bella saiu do quarto de Carolyn.

Ela olhou para Michael e, em seguida, para mim.

– Quanto tempo a gente tem que ficar aqui? – perguntou.

– Podemos ir agora mesmo – respondi, pegando sua mão.

– Você vai poder conversar comigo sobre isso? – quis saber Michael.

– Quando eu voltar. Mas já posso adiantar que a última coisa que eu pediria aos membros do grupo seria que jogassem um jogo sobre seu luto.

Ele sorriu, mas foi um gesto triste.

– Talvez você mude de ideia se me der uma chance de descrevê-lo.

Ele deu um passo em minha direção e eu sabia que queria me abraçar. Inclinei-me para a frente e lhe dei um beijo rápido no rosto.

– Eu ligo pra você – falei, encerrando a conversa, e desci as escadas com Bella.

35

Travis

Acordei com a luz do dia. Meu primeiro pensamento foi *Consegui dormir. Finalmente!* Meu segundo pensamento – *Que horas são?* – me despertou por completo e eu me sentei no colchão. Eu havia estacionado em uma via estreita, longe das ruas mais movimentadas, e, pela maneira como o sol brilhava através das árvores próximas da van, percebi que era tarde. Pulei para o banco do motorista e procurei meu relógio no suporte para copos, onde o havia colocado. Oito e quarenta. *Droga*!

Meu celular tocara na noite anterior quando eu estava pegando no sono, e havia deixado-o no silencioso. Experimentei uma sensação de poder sobre Roy e Savannah. Eu não tinha mais o que eles queriam. Sim, eles podiam me ferir por vingança, mas, naquele instante, não tinham como saber minha localização e achavam que Bella estava em Beaufort. E, sim, eu não havia definido muito bem o que iria fazer quando pegasse Bella, mas sabia que iria à cafeteria e pelo menos isso já era um plano.

Entrei na mata ao lado da estrada para escovar os dentes e fazer xixi. Não havia ninguém por ali. Eu não sabia muito bem onde estava; eu entrara naquela via na noite anterior, no escuro, feliz por estar longe de Roy e Savannah e mais perto – assim esperava – de Bella. Passei a mão pelos cabelos e voltei para a van. Liguei o motor e comecei a dirigir. Não havia rodado nem 2 metros quando percebi que um pneu estava furado.

Fiquei paralisado por alguns minutos e lembrei que outro pneu furara em Carolina Beach mais ou menos um mês antes, quando passei por cima de um prego. Eu havia usado o estepe e agora não

tinha mais nenhum. Aquele lugar isolado, que me parecera tão boa ideia havia alguns minutos, agora se mostrava um enorme engano. Eu não fazia ideia de onde estava e os 18 dólares que tinha no bolso não me serviriam de muita coisa para ajeitar o carro.

Saí da van e verifiquei o pneu. Vazio como uma bola murcha. Se eu seguisse em frente, acabaria com a roda. Coloquei o celular no bolso e comecei a caminhar. Imaginei que não devia estar tão longe da rodovia principal, mas eu estava tão cansado na noite anterior que nem tinha prestado muita atenção ao caminho que fizera. Depois de uns dez minutos a pé, vi um automóvel virar em um pequeno espaço empoeirado a poucos metros de onde eu estava. Avistei, enfiada no meio da mata, uma capelinha branca revestida de tábuas, um pouco decadente. *Igreja batista de Jedediah*, dizia a placa na frente. Um homem saiu do carro e dirigiu-se à entrada lateral da capela. Fui atrás dele. A mão do sujeito estava quase na maçaneta quando ele notou a minha presença e interrompeu o gesto.

– Precisa de ajuda? – perguntou.

Estava bem vestido, de terno e gravata. Era um sujeito negro, grandalhão, de boa aparência, e devia ter entre 45 e 50 anos. Imaginei a impressão que devia estar passando: um cara muito magro, branco, necessitando urgentemente de um banho. Roupas sujas. Cabelos sujos. “Sem-teto” escrito na testa.

– Parei o carro na estrada – expliquei, apontando para trás de mim – e um dos pneus furou.

Ele franziu a testa como se não acreditasse em mim. Como se achasse que eu poderia estar lá para atacá-lo e roubar a pobre caixinha da igreja. Olhou para a estrada, embora não fosse possível enxergar nenhuma van de onde estávamos.

– Você tem um estepe? – perguntou.

Tentei sorrir enquanto balançava a cabeça em negativa.

– Eu tinha um há um mês, mas tive que usá-lo. Passei por cima de um prego numa construção onde estava trabalhando – acrescentei, na esperança de que o fato de ter tido um emprego melhorasse um pouco a impressão dele a meu respeito.

Ele inclinou a cabeça.

– O que você está fazendo aqui, no meio desta estrada, meu filho?

– Eu precisava de um lugar para dormir ontem à noite.

– Para onde você está indo?

– Qualquer lugar onde possa encontrar trabalho.

– Você trabalha com o quê?

– Construção. Bicos. Encanamento. – Sorri outra vez. – No ponto em que estou, qualquer coisa.

Ele meneou a cabeça e, nesse momento, vi que estava começando a relaxar.

– A vida anda difícil, não é?

– Muito. Será que o senhor poderia me dizer o nome dessa estrada? E se conhece algum posto próximo que tenha serviço de pneus? – acrescentei, tirando o telefone do bolso.

– Conheço um lugar, sim. Venha até o meu escritório. – Ele destrancou a porta e eu o segui por um corredor que levava a uma pequena sala. A placa na porta dizia “Reverendo Winn”. Ele se sentou atrás de uma escrivaninha e começou a procurar em um antigo fichário de cartões. De repente encontrou o que queria e tamborilou os dedos sobre ele, depois olhou para mim. – Provavelmente eles vão ter que rebocar o carro. Ou, pelo menos, levar o pneu até a loja.

– Sim.

Minhas esperanças para aquele dia estavam morrendo uma após outra. Onde estaria Bella naquele momento? Senti como se tivesse alcançado algo e deixado escapar. Se um homem de Deus

não estivesse sentado diante de mim, eu teria soltado uma sequência de palavrões. Queria minha filha de volta!

Ele escreveu o número do telefone em um papel.

– Você tem dinheiro para pagar por isso, meu filho? – perguntou, entregando-me o papel.

Hesitei.

– Tenho 18 dólares.

Ele coçou o queixo e olhou pela única janela da sala.

– Você tem alguma ferramenta?

– Tenho, sim, senhor.

– Então, já sei. A porta da nossa cozinha está torta. Você resolve isso e eu pago pelo seu pneu novo.

Era o melhor que eu poderia esperar. Para falar a verdade, era mais do que eu esperava.

– É muito generoso da sua parte. Muito obrigado.

Ele se levantou.

– Quando foi a última vez que você comeu? Ontem tivemos o Almoço das Damas e a geladeira está cheia.

O homem colocou uma das mãos sobre meu ombro e me levou até a pequena cozinha.

Aquele cara devia ser um grande pastor. Tive vontade de contar tudo a ele. Botar para fora toda aquela loucura. Mas, é claro, não falei nada. Eu comeria o que sobrara do Almoço das Damas da igreja e consertaria a porta da cozinha enquanto esperava o pneu ser trocado e, ao mesmo tempo, ficaria imaginando Erin desistindo de mim, levando minha perplexa filhinha de 4 anos a algum lugar onde eu nunca teria permissão para vê-la outra vez.

Era meio-dia e meia quando me sentei de novo na van e tentei organizar os pensamentos. Eu tinha quatro pneus decentes, um estômago cheio e, no bolso, uma nota de 20 dólares que o

reverendo me dera antes de eu sair da capela. Se não fosse pelo fato de estar atrasado, poderia chamar o pneu furado de uma grande sorte. Mas eu *estava* atrasado. Bella devia ter sido colocada aos cuidados de pais adotivos provisórios e Erin provavelmente tinha voltado ao trabalho. Talvez alguém na cafeteria soubesse o endereço da farmácia. Essa era minha maior esperança.

Finalmente, antes de ligar o carro, tirei o celular do modo silencioso e verifiquei as mensagens de voz. Havia cinco: quatro de Roy e uma de Savannah. Nem me dei ao trabalho de ouvi-las, mas o telefone tocou de novo no instante em que coloquei a chave na ignição. Ao ver o número de Savannah no identificador, dei um longo suspiro. Eles continuariam a me perseguir enquanto achassem que eu tinha a droga. Desliguei o carro e atendi.

– Não estou mais com a mercadoria – avisei.

– Por que você não apareceu? – berrou ela, como se não tivesse me ouvido. – Qual é o seu problema, cara? Você está tão fodido, Travis… Totalmente fodido. Se você tentar ficar com a droga, o Roy vai matar você.

– Já era – falei, com a voz cansada, mas ela devia estar passando o telefone para Roy, porque ouvi a voz dele em seguida.

– Cara, você está me deixando muito puto. Onde você está?

– Até parece que eu vou dizer. O negócio não está mais comigo, entendeu? Pode esquecer. Contabilize como uma perda, certo? É isso que estou fazendo.

– O quê? Você não tem coragem de negociar sozinho.

– Eu joguei fora.

– Que porra é essa que você está me dizendo?

– Joguei fora! – gritei. – Não está mais comigo. Portanto, me deixe em paz.

– Você tem ideia de quanto aquele bagulho vale? Ou você pega de volta ou pode se considerar morto. E a sua filha também.

– Deixe minha filha fora disso.

– Mesmo lugar, mesma hora, hoje à noite. Ouviu?

Suspirei, como se ele tivesse vencido.

– Um lugar mais público – negociei, embora isso não fosse fazer nenhuma diferença.

Eu não iria aparecer, mas não falaria nada para que, com alguma sorte, eles me deixassem em paz por ora e eu pudesse me concentrar em recuperar Bella. Queria que, à noite, nós dois já estivéssemos a milhões de quilômetros de distância.

– Não tem como – disse Roy.

– Você quer o bagulho ou não quer? Não vou me encontrar com você no meio do nada.

Ouvi Savannah falar alguma coisa ao fundo e pareceu que estavam discutindo. Finalmente, Roy voltou à linha.

– No primeiro andar do estacionamento do Crabtree Valley, ao lado da Sears. Você sabe onde fica esse shopping?

– Eu acho.

– Última chance, seu idiota – vociferou ele, e desligou.

Desliguei o telefone devagar, em seguida liguei o motor e segui pela estrada estreita, acenando um adeus na direção da capelinha que fora meu lar durante a manhã. Virei à esquerda na estrada principal. Glenwood. Ela me levaria direto a Brier Creek. Eu quase sorri. *O idiota aqui é você, Roy*, pensei, mas não parei de olhar para o retrovisor a fim de ver se o Mustang dele apareceria. Aquele era um hábito do qual seria difícil me livrar.

~

Entrei no estacionamento perto da Target e a paranoia voltou com toda a força. Eu tinha certeza de que não fora seguido. Definitivamente, não pelo carro de Roy, mas, de qualquer maneira,

achei melhor parar perto da entrada da loja, não na da JumpStart. Em seguida, atravessei o estacionamento até a cafeteria, me abaixando entre os veículos parados como se, assim, pudesse despistar alguém. Quando cheguei à cafeteria, estava sem fôlego, não tanto pelo esforço da caminhada, mas pela tensão. Eu devia estar prendendo a respiração durante metade do caminho. Entrei no lugar e dei uma olhada geral. Não vi Erin. Não vi Bella. Sem saber o que fazer, afundei na cadeira em que Erin costumava sentar-se.

– Olá, Travis. – Ouvi a voz de Nando de trás do balcão. – Ouvi dizer que você conseguiu trabalho, amigo. Boas notícias, hein?

Sobre o que ele estava falando? Levantei-me e fui até onde ele estava.

– Você viu a Erin? Você sabe, aquela moça que…

– Claro, ela veio aqui hoje de manhã com a Bella.

Minha filhinha ainda estava com ela! Tive de me segurar na beira do balcão para não pular de alegria. Precisava manter a calma.

– Erin está tomando conta dela pra mim. Pensei que iria encontrá-las aqui.

– Antes de elas pegarem a estrada, né?

Nando limpou uma mancha do balcão com um pedaço de pano.

– Pegarem a estrada? – Minha voz soou alarmada e achei melhor me recompor. – Ah, você quer dizer…

Eu não sabia como prosseguir. O que ele queria dizer?

– Beaufort, certo? – disse Nando. – Você quer um café, cara? Está com cara de quem precisa de um.

Beaufort. Por que ela iria a Beaufort? Eu só podia pensar em uma razão. Lembrei que Erin tinha visto a foto de Robin e que eu tinha dado a explicação de sempre. É a mãe dela. Ela mora em Beaufort.

– A que horas elas saíram?

– Há umas duas horas. Por que não liga para ela?

– Boa ideia – falei, afastando-me do balcão. – Tenho o número dela na van.

Saí correndo porta afora. Ele deve ter pensado que eu era um sujeito esquisito, mas, com um pouco de sorte, eu nunca mais o veria.

Atravessei o estacionamento me agachando outra vez, evitando os olhos de quem eu achava estar me seguindo, até chegar à van. Um quarto de tanque de gasolina. Eu não gastaria muito. Só o suficiente para me levar aonde eu precisava ir.

36

Robin

Alissa e eu estávamos praticamente sozinhas em casa com Hannah. Além de nós, a única pessoa presente era a governanta, que passava o aspirador na entrada do saguão. Eu conhecia muito bem as duas funcionárias que trabalhavam para mim na pousada, e gostava delas não apenas como profissionais, mas também como pessoas, porém não sabia nada a respeito da governanta da casa dos Hendricks além de seu nome: Ella. Mollie já me dera o gentil sermão sobre como tratar as funcionárias da pousada. Eu era íntima demais delas, minha sogra dissera, e isso fazia com que ser rigorosa fosse mais difícil. “Mantenha um nível sempre profissional.” Eu havia tentado encontrar um meio-termo entre minha natureza amigável e meu papel como chefe. Longe de Mollie, porém, eu ainda perguntava a elas sobre seus namorados, sua família, e até tinha emprestado uma pequena quantia em dinheiro a uma delas em duas ocasiões. Mas, agora, eu entendia por que a mãe de Dale mantinha distância dos funcionários de sua casa. Agora sabia por que sua governanta era uma senhora de idade mais avançada, trabalhadora, silenciosa e sem atrativos. Imaginei que aquelas fossem as qualificações que Mollie passara a exigir de suas empregadas após James traí-la com a mãe de Will.

Fiquei mexendo no aparelho de monitoramento do sono do bebê enquanto Alissa balançava Hannah em suas coxas. Ela estudava o rosto da filha como eu tinha feito quando ela nascera. Alissa estava um pouco atrasada na formação de laços maternos, mas eles eram intensos agora, e muito reais. O que eu descobrira sobre Will – se fosse verdade – a magoaria muito.

Fiquei imaginando como Mollie se sentira quando ficara sabendo da verdade sobre o marido. E que choque para ela ao descobrir que Alissa estava namorando o filho “da outra” – e que tinha engravidado dele! Quanto sofrimento ela devia ter sentido… Torci para que se passassem pelo menos alguns dias antes que eu desse de cara com James. Estava com nojo dele e precisaria de um tempo para superar. Nunca mais conseguiria olhar para ele da mesma maneira. *Ele é apenas humano*, eu disse a mim mesma. Ora, mas eu também era e nunca trairia meu marido. E Dale? *Tal pai, tal filho*, dissera Will. Tive a incômoda sensação de que Dale já estava me traindo.

Queria estar errada a esse respeito. Queria que Will tivesse mentido para mim. Queria uma explicação! Precisava de uma explicação! *Há coisas que você não sabe e não precisa saber*.

Foda-se, pensei, afastando-me do monitor.

– Acabei de lembrar que deixei um cachecol no apartamento de Dale – falei para Alissa. – Volto em um minuto.

– Certo – disse ela, sem tirar os olhos de Hannah.

Subi as escadas até o apartamento de Dale e entrei, usando a chave que ele me dera logo que começamos a namorar. Na época, essa atitude foi muito significativa para mim. Era uma prova de que o interesse dele era sério e de que ele confiava em mim. De que ele não tinha nada a esconder.

Atravessei a sala do apartamento. A porta para o quarto que ele usava como escritório estava fechada, mas destrancada, e fez um barulho quando eu a abri. Raramente entrava naquele cômodo. Sempre vira aquele lugar como um espaço pessoal de Dale. Era minúsculo, quase claustrofóbico, as estantes repletas de livros de Direito, a grande escrivaninha tão organizada quanto o próprio dono. Meu coração batia forte quando me sentei atrás da mesa. O que eu diria se ele entrasse e me visse ali? Era um risco que precisava correr. Eu me sentia intrusa e sorrateira, mas também cheia de

razão. Se ele me flagrasse, eu falaria a verdade e esperaria, contra todas as expectativas, que ele tivesse alguma explicação para o cheque que dera a Will.

No entanto, quando abri a primeira gaveta à direita e peguei o talão de cheques, soube que não faria diferença. Não havia nada que ele pudesse dizer para explicar o cheque em poder de Will. Independentemente do que encontrasse, sabia que não o amava mais. Não tinha certeza do *que* sentia por ele, mas não era amor. Eu amava Alissa. Hannah. Mollie. Qualquer amor que eu tivesse um dia sentido por Dale tinha sido corroído nas últimas semanas. Talvez já estivesse se desintegrando havia meses.

Dei uma olhada nos canhotos dos cheques. Vi o último que ele preenchera, o de número 1.432, para “W.S”, no valor de 4.500 dólares. Folheei as outras páginas e contei sete outros cheques para a mesma pessoa, com valores entre dois mil até oito mil dólares. Recompensas aleatórias para o rato de laboratório. Fechei o talão, coloquei-o de volta na gaveta e me levantei devagar. Saí do escritório sem nem mesmo me dar ao trabalho de fechar a porta. Que importância teria? Eu sabia exatamente o que sentia por Dale: nojo.

37

Erin

Na estrada

Viajar com bella era fácil, pois ela estava hipnotizada pelos *Super Fofos!* e *Dora, a Aventureira*, mas eu não me sentia muito à vontade. O som dos antigos DVDs de Carolyn tocando no banco traseiro era um tanto desorientador e eu não parava de olhar pelo retrovisor para lembrar a mim mesma que era Bella, não Carolyn, lá atrás. Eu ainda estava pensando em minha conversa com Michael. Um jogo sobre luto? Tentei, em vão, entender minha contrariedade quando ele mencionou o tal jogo. Aquela era a maneira como Michael sempre lidava com os problemas, não era? Que jogo posso criar para resolver isso?, ele se perguntava. Meus sentimentos dividiam-se entre a raiva e a compaixão. Michael vinha sofrendo todo aquele tempo, mas da própria forma. Afastei esses pensamentos da cabeça. A compaixão repentina que senti por ele não tinha lugar dentro dos muros que eu construíra para me isolar dele.

Quanto mais nos aproximávamos da costa, mais ansiosa eu ficava, e comecei a achar que era porque meu plano de encontrar a mãe de Bella não era dos melhores. Eu tinha uma fotografia antiga e um nome. Só isso. E se ninguém reconhecesse Robin? E se Travis tivesse conseguido a guarda de Bella porque ela não era uma boa mãe? Mas, quando passamos pela saída para Atlantic Beach, entendi qual era a verdadeira razão de minha ansiedade. A placa indicando a saída me pegou de surpresa e eu logo desviei o olhar. *Ridículo*. Eu precisava vencer aquilo. Certa vez, Judith me dissera que talvez eu precisasse caminhar de novo pelo píer para me livrar

das visões perturbadoras que tinha da noite em que Carolyn morrera. Eu teria que enfrentar o medo. “Você transformou o píer em algo que ele não é”, ela afirmara. Era verdade. O píer era um monstro devorador de almas. “Se você, um dia, puder caminhar sobre ele, talvez dê um fim a essas visões.” Eu tinha respondido que ela esquecesse essa ideia. Era o mesmo que pedir a alguém com fobia de altura que subisse na Torre Eiffel, por exemplo. No entanto, talvez ela estivesse certa.

Peguei o primeiro retorno e voltei à Rodovia 70 na direção oposta. Olhei direto para a placa que indicava Atlantic Beach e entrei na rampa de saída.

– Vamos fazer um pequeno desvio – informei a Bella.

Ela não respondeu. Estava tentando cantar uma musiquinha junto com o DVD, atrapalhando-se com as palavras, mas totalmente absorta.

Atlantic Beach estava silenciosa e havia muitos lugares para estacionar no píer. Dei a mim mesma algum tempo para pensar enquanto saía do carro depressa e abria a porta traseira para Bella, mas logo comecei a tremer. Bella ainda estava concentrada na tela.

– Vamos dar uma volta a pé – falei, colocando a mão na fivela do cinto de segurança.

– Não! – exclamou ela. – Quero ver mais um pouco.

Bella logo precisaria de uma soneca. Havia um hotelzinho em Beaufort no qual Michael e eu tínhamos ficado muito tempo antes. Nessa época do ano, sem dúvida haveria vagas. Assim que nos instalássemos, tiraríamos um cochilo. Depois, caminharíamos pela cidade, com a fotografia de Robin nas mãos, e começaríamos a perguntar às pessoas se elas a conheciam. Imaginei nós duas andando de loja em loja na rua da orla e, de repente, toda aquela ideia me pareceu ainda mais irracional, mas era a única coisa que eu podia fazer.

Naquele momento, porém, eu tinha uma necessidade mais premente.

– Venha, querida – insisti. – Você pode assistir de novo daqui a pouquinho. Vamos só dar um passeio para ver o mar, está bem?

Minha voz soou tão segura e tranquila! Peguei a mão dela enquanto caminhávamos pelo píer. Dentro da loja de artigos de pesca, com aquele cheiro de peixe, metal, óleo e sal, paguei um dólar e recebi nossos tíquetes. Em seguida, atravessamos a porta de vidro e chegamos ao píer. As primeiras tábuas largas estavam longe do mar, mas, mesmo assim, meu coração disparou.

O dia estava claro, mas havia poucos pescadores por ali e a cena não se parecia em nada com a da noite em que Carolyn caíra no mar. Durante o dia, sem muita gente, o lugar era quase irreconhecível, mas vi as ripas horizontais de madeira ao longo do parapeito. Havia apenas duas, porém eram mais largas do que na minha lembrança. Mais seguras. Apontei para os pescadores ao longe.

– As pessoas estão pescando lá longe – comentei com Bella.

Tentei me acalmar falando sem alterar o tom de voz, mas eu devia estar hiperventilando, pois precisei parar entre as palavras *pescando* e *lá longe* para respirar fundo. Caminhamos pela parte do píer que se estendia bem acima da praia, mas, quando alcançamos a faixa sobre a arrebentação das ondas, não consegui dar mais nem um passo. Avistei o final do píer bem distante, o lugar onde minha filha desaparecera para sempre, e as tábuas de madeira transformaram-se em algodão sob meus pés. Agarrei a parte de trás de um dos bancos embutidos para não perder o equilíbrio. Eu nunca seria capaz de fazer aquilo. Peguei Bella no colo, virei as costas e voltei quase correndo para a saída.

– Eu quero ver os peixes! – choramingou ela.

– Temos que voltar para o carro – respondi, sem fôlego. – Você pode ver os *Super Fofos!* outra vez. Aí, logo depois vamos almoçar

e tirar uma soneca.

De volta ao carro, deixei que ela afivelasse o cinto de segurança sozinha, pois minhas mãos tremiam demais para ajudá-la, mesmo que ela precisasse. Sentei-me ao volante, fechei os olhos e descansei a cabeça no encosto do banco. Cedo demais, pensei. Se eu não conseguia lidar nem com o trampolim ou a ponte sobre o riacho no meu condomínio, como poderia lidar com algo assim? Saí de Atlantic Beach e minha respiração só normalizou quando voltei à Rodovia 70, rumo à segurança de Beaufort.

~

O hotelzinho continuava lá. Era um edifício comprido, de três andares, com uma varanda de frente para o mar. Estava quase vazio naquela tarde de outubro. Fiz nosso registro e só quando entramos no elevador percebi que nosso quarto – 333 – era o mesmo em que Michael e eu ficáramos. Com tantos quartos vazios, como pude dar tanto azar? Pensei em voltar à recepção e pedir outro quarto, mas Bella já estava tão irritada que achei melhor não.

Assim que entramos, eu a coloquei na enorme cama para tirar uma soneca. Em seguida, fui à varanda e fiquei olhando para as lojas do outro lado da rua e para a orla, logo adiante. Ao longe, vi Carrot Island e achei ter avistado alguns pôneis perto da água. Só agora eu começava a me acalmar de fato depois daqueles minutos no píer. Coloquei o casaco ao redor dos ombros e me sentei em uma das cadeiras de balanço brancas, deixando a porta que levava ao quarto aberta para ouvir Bella, caso ela acordasse. Lembrei-me daquela vista, a mesma de tantos anos atrás, de quando Michael e eu estivéramos naquele mesmo quarto, na época em que Carolyn era apenas uma ideia, uma entre os três ou quatro filhos que planejávamos ter. Nossa família. Aquele futuro que nos parecera tão simples e cheio de esperança… Tínhamos acreditado que podíamos

planejá-lo. Controlá-lo. Lembrei-me do grande amor que sentia por Michael. Lembrei-me de fazermos amor muitas e muitas vezes. Tínhamos chegado à conclusão de que havia uma magia naquele quarto. Saíamos para uma caminhada pela cidade, mas não passávamos de um ou dois quarteirões, pois não víamos a hora de voltar para o quarto e fazer amor outra vez. Eu estava terminando meus estudos e falava sem parar sobre medicamentos e produtos químicos, e ele fazia perguntas como se eu estivesse falando sobre o assunto mais fascinante do mundo. Michael, por sua vez, estava começando a descobrir o "poder social dos jogos", como dizia. Eu o achava um homem extraordinário. Um idealista apaixonado. Isso tudo foi muito antes de ele ter fugido de nós. De Carolyn e de mim. Metaforicamente. *Literalmente*.

Estávamos nos afogando e ele fugiu.

38

Travis

Cheguei a Beaufort com o tanque quase no limite, o ponteiro do medidor de combustível ligeiramente acima do “vermelho”. Durante todo o caminho até lá, não parei de pensar em como a situação era inacreditável. Eu sempre dissera às pessoas que a mãe de Bella morava naquela cidade, mas, na verdade, ela poderia estar em qualquer lugar. Ela morava mesmo lá após terminar a reabilitação cardíaca, e eu sabia disso porque minha mãe conhecia uma pessoa que conhecia uma pessoa que conhecia o pai de Robin. Mas agora? Mais de dois anos depois? Eu não conseguia imaginá-la vivendo em um lugar tão pequeno. Quando me permitia pensar nela, eu a via de volta aos estudos, obtendo a instrução que sempre quisera. Tornando-se uma enfermeira, ou mesmo médica – sem a sobrecarga da criança de cuja existência ela jamais quis que eu soubesse.

No entanto, eu não conseguia pensar em outro motivo que levasse Erin até lá, a não ser a ideia de que a mãe de Bella vivia em Beaufort. Eu a imaginei tentando encontrar Robin com nada mais do que uma velha fotografia para ajudá-la. Beaufort era um lugar pequeno, mas não o suficiente para que todos se conhecessem.

Eu não tinha a fotografia de Robin, mas sabia seu sobrenome. A não ser que ela tivesse se casado. *Uau*, essa ideia foi como uma faca no meu coração, mas por quê? Ela havia me tirado de sua vida. E então tive outro pensamento: ela poderia até ter morrido. Torci para que estivesse viva. De verdade. Eu odiava a ideia de Robin morrer antes de ter a chance de viver. Onde quer que estivesse,

porém, o que quer que estivesse fazendo, não acho que receberia Bella de braços abertos se Erin aparecesse na porta de sua casa.

Minha maior esperança no momento era que ela ainda estivesse em Beaufort e que Erin e eu conseguíssemos encontrá-la. Ela seria o ponto de interseção. A única maneira de chegar até minha filha. Mas eu não podia negar que desejava vê-la. Estaria atrapalhando a vida dela mais uma vez, colocando-a em uma posição extremamente difícil, mas a verdade é que queria vê-la.

Fiquei parado na calçada de tábuas ao longo da orla. De um lado ficavam as docas e cerca de uma dezena de barcos que brilhavam de tão brancos e que denotavam a riqueza de seus donos. Do outro lado, lojas e restaurantes. Lugares turísticos. Se ela ainda morasse em Beaufort, seriam poucas as chances de frequentar aquelas lojas, mas, por outro lado, seria possível que *trabalhasse* em alguma delas. Caminhei pela calçada e entrei em uma – um local pequeno que vendia cerâmica, bijuteria e lembrancinhas cafonas.

– Com licença – disse eu à senhora de cabelos grisalhos que limpava uma das prateleiras da vitrine. – Estou procurando uma pessoa que mora aqui na cidade e sei que esse é um tiro no escuro, mas por acaso a senhora conhece uma moça chamada Robin Saville?

Ela se virou para mim, olhou-me dos pés à cabeça e achei ter visto suas narinas se alargarem por alguns segundos. Torci para que meu cheiro não estivesse tão ruim quanto eu achava.

– Você não tem cara de repórter – falou.

Era um comentário estranho.

– Não, eu não sou repórter.

– Também não é daqui, é?

Balancei a cabeça em uma negativa.

– A senhora conhece Robin?

– Todo mundo a conhece, meu filho. Ela está noiva do cara que acha que vai ser nosso próximo prefeito.

– *Tomara* que ele seja nosso próximo prefeito – atalhou um homem mais velho, sentado atrás do balcão de vidro das bijuterias.

Eu nem havia percebido a presença dele e sua voz me assustou.

– Nós não concordamos nesse ponto – comentou a mulher –, mas concordamos no que se refere a Robin, não é? Não sei o que uma moça tão gentil como ela quer com uma família que só pensa em dinheiro.

Senti meus joelhos perderem a firmeza.

– Robin *Saville*? – perguntei.

Não poderia haver outra mulher com aquele nome, mas eu ainda não tinha conseguido entender que a primeira pessoa a quem havia perguntado a conhecia. Que *todo mundo* a conhecia.

– A senhora poderia me dizer onde posso encontrá-la?

Ela me olhou com um ar desconfiado.

– Por que você quer saber?

Eu podia imaginar minha aparência aos olhos daquele casal. Robin estava noiva de um cara que era candidato a prefeito? Um sujeito todo arrumado, aparentemente cheio de dinheiro? E lá estava eu, um cara sujo, descabelado e fedorento.

– Somos velhos amigos – expliquei, percebendo quão sem sentido soou aquela frase. Quão inventada. Senti um nó na garganta quando as ouvi saindo da minha boca. – Eu a conheci quando éramos crianças, mas não a vejo há muitos anos e achei que, já que estava de passagem por Beaufort, eu…

– Ela é gerente da pousada Taylor’s Creek, logo ali, no fim da rua – informou o homem.

– Shh! – A senhora apontou o espanador na direção dele. – Não conte isso a ele! Você nem conhece esse rapaz.

– Ora, com o que você está preocupada? – perguntou o sujeito.

– Está tudo bem – tranquilizei-a, dirigindo-me à porta. – De verdade. Somos velhos amigos. Não tem nenhum problema.

De volta à calçada de madeira, comecei a correr para a van, o coração batendo forte, no mesmo ritmo dos meus pés. Eu estava tão perto dela! Torci para que não batesse a porta na minha cara. Torci para que se lembrasse pelo menos um pouquinho daquilo que quase me fizera engasgar na loja: a amizade que achamos que nos uniria para sempre.

39

Erin

Meu plano de encontrar a mãe de Bella estava começando a parecer mais ridículo a cada minuto. Bella e eu caminhamos pela orla, entrando nas lojas e nos restaurantes, mostrando a fotografia a todos que encontrávamos. Após a quinta parada malsucedida, estávamos prestes a atravessar a rua quando um Mustang vermelho parou na calçada à nossa frente. Uma mulher abriu com força a porta do passageiro e quase se atirou para fora do carro.

De repente, Bella soltou um grito e deu um pulo de alegria ao meu lado. Soltou minha mão e correu em direção à mulher, cujos cabelos eram bem longos e louros. Não era de admirar que ninguém tivesse reconhecido Robin pela fotografia! Ela havia mudado drasticamente desde que aquela foto da adolescência fora tirada.

– Bella!

A mulher levantou a menina no ar e a rodopiou, e de repente Bella não estava mais segurando minha mão. Mas era o que eu queria, certo? O motivo que me levara até Beaufort? Meu desejo era ver aquela reunião entre mãe e filha. Pressionei a mão contra o nó que se formou em minha garganta.

A mulher levantou Bella um pouco mais alto em seus braços e, em seguida, olhou para mim.

– Oi, Robin – cumprimentou ela. – Eu sou a Savannah.

O quê?

– Não sou a Robin – expliquei. – Pensei que *você* fosse.

Ela franziu a testa.

– Como assim, não é a Robin?

– Não sou. Na verdade, estou *procurando* Robin.

Ela começou a rir.

– Ora, por favor. Se você não é a Robin, o que está fazendo aqui com a Bella?

– Eu… – Eu estava tão confusa. – Quem é você? – perguntei. – Como conhece Bella? Você é amiga de…

Eu ia perguntar se ela era amiga de Robin, mas meu cérebro não estava funcionando. Era como acordar de um sonho e tentar separar o mundo real do irreal.

A janela do carona do carro vermelho se abriu e a mulher se abaixou para falar algo com o motorista.

– Ela disse que está *procurando* Robin.

O motorista, um homem que não pude ver bem, disse algo que não consegui entender.

– Não tenho a mínima ideia – respondeu Savannah a ele. Ela se empertigou outra vez, depois colocou Bella no chão. Então, abriu a porta do carro e empurrou o banco para a frente. – Entre – falou para mim. – Vamos ajudá-la a encontrar Robin.

– Ótimo! – exclamei, subindo no banco traseiro do carro.

Bella entrou logo depois. Sem cadeirinha para crianças, é claro, mas, com sorte, não precisaríamos ir muito longe. O interior do veículo cheirava a cigarro e fritura.

O motorista virou-se e sorriu para mim. Ele tinha 40 e poucos anos e uma ótima aparência, mas segurava um cigarro na mão sobre o volante e desejei que o jogasse fora.

– Olá – cumprimentou-me ele e, como se lesse meus pensamentos, abriu o vidro um pouco e jogou o cigarro na rua. – Como você se chama?

– Erin. – Eu ri. – E estou totalmente confusa. Eu vim até aqui para procurar Robin e agora encontrei vocês dois e…

Nesse momento, percebi a arma. Um brinquedo? Algo que ele estava tentando entregar a Bella para distraí-la durante o percurso? Ele estava contorcido no banco dianteiro do carro, quase de frente para mim, apontando uma arma não exatamente na minha direção, por cima do topo do banco. Tinha as sobrancelhas arqueadas e ficou em silêncio enquanto aguardava minha reação. Tateei em busca da maçaneta da porta, mas lembrei que era um automóvel de duas portas. Estávamos presas.

– O que está acontecendo?

Minha voz saiu como um sussurro.

– O papai está com você? – perguntou Bella a Savannah.

– Não, lindinha – respondeu ela.

O motorista entregou a arma à jovem, trocou a marcha e o carro começou a se mover. Coloquei os braços ao redor de Bella e tentei puxá-la para mais perto de mim, mas ela estava muito agitada para ficar quieta em um abraço.

– Por que você está com Bella? – quis saber Savannah.

– Estou tomando conta dela desde que o pai começou a trabalhar.

Savannah olhou para o motorista.

– Isso não faz sentido – disse-lhe ela.

– Não faz mal. Nós estamos com a garota.

– Olhe – falei –, por favor, deixe a gente sair. Não sei o que vocês…

– E vocês estão aqui em Beaufort, onde Robin mora, por pura coincidência? – A voz do motorista era cínica e cruel. Ele me observava pelo retrovisor e os mesmos olhos que eu achara atraentes no minuto anterior agora me pareciam cortantes e implacáveis. – Você é amiga dela, não é? Vá contando tudo, diga onde ela está se quiser salvar a própria pele. Não adianta querer nos enganar agora.

– Eu *não conheço* Robin – insisti. – Travis deixou Bella comigo em Raleigh e…

– Em Raleigh?

Ele pareceu não acreditar em mim.

– É. Ele me pediu para tomar conta dela só por uma noite, mas não voltou. Eu sabia que a mãe dela morava em Beaufort, então vim aqui para tentar encontrá-la. Por favor, deixe a gente sair. Tudo isso é um grande mal-entendido ou…

Eu estava começando a tremer, mas Bella parecia ignorar a tensão dentro do carro. Ela se inclinou para a frente, para brincar com os cabelos de Savannah, que caíam por cima do banco do passageiro, e um pensamento atravessou minha cabeça como um mantra. *Mantenha-a a salvo. Mantenha-a a salvo. Mantenha-a a salvo*.

O motorista bateu com tanta força no volante que até Savannah se assustou.

– Que merda! – berrou ele.

– Nós estamos com Bella – observou Savannah.

Percebi que ela tentava acalmá-lo. Torci para que conseguisse.

– Quando a gente pegar aquela merda com o Travis, ele é um homem morto – falou o motorista.

– Que… merda? – perguntei, mas eu sabia.

Eu não vivia em uma redoma. Tudo aquilo tinha a ver com drogas. *Puta que pariu, Travis!*

Bella começou a choramingar. Eu não sabia se ela havia entendido o comentário do sujeito ou se percebera o tom irritado de sua voz. De qualquer forma, ela começou a chorar e eu a puxei para perto. Dessa vez ela me deixou envolvê-la e acariciar suas costas.

– Está tudo bem – sussurrei. – Vai ficar tudo bem.

– Dá para se acalmar, Roy? – pediu Savannah. – Você está assustando a menina.

– Não me venha com esse papo – disse o homem, Roy, a Savannah, e eu a vi afastar-se e recostar-se um pouco na porta. Ele olhou para mim pelo retrovisor outra vez. – Podemos nos livrar dela e ficar só com a criança. Ela só está atrapalhando.

Eu devia ter sentido mais medo do que senti. Eles tinham uma arma. Estavam falando em livrar-se de mim. O homem ao volante era maluco e a mulher à minha frente não era muito melhor. Mas senti aço correr em minhas veias. Dentro do meu peito. Eu não os deixaria separar-me de Bella. Lembrei-me do píer, de Carolyn desaparecendo. Uma arma não era nada comparada àquela imagem na minha cabeça. *Mantenha-a a salvo*.

40

Robin

As funcionárias estavam trabalhando no andar de cima, meus hóspedes haviam saído e eu estava na cozinha, cuidando dos preparativos para o café da manhã do dia seguinte. Estava contente fazendo aquilo, ou tão contente quanto seria possível, levando-se em consideração o que eu tinha descoberto sobre Dale. Pensei no desejo dele de que eu abrisse mão do trabalho diário na pousada em favor de Bridget, quando nos casássemos. Eu havia concordado, embora contra a minha vontade, da mesma maneira que concordara com tudo o que ele me pedira. Por que eu sempre fazia o que ele queria? Ele era tão controlador… Cada pensamento sobre Dale me causava fúria. Eu cortava cebolas e pimentões com um sentimento de vingança, a lâmina da faca batendo contra a tábua seguindo um mesmo ritmo. Por que eu deveria desistir de algo que me fazia feliz? Por que tudo tinha de ser de acordo com a vontade dele? Dale não fazia ideia do que era poder *viver* realmente cada minuto da vida. Aquelas tarefas meditativas, como cozinhar e arrumar, eram apenas trabalho para ele, ao passo que para mim eram um prazer. Éramos muito diferentes. Estava tudo acabado entre nós. Ele não era o homem que eu pensei que fosse e, sem dúvida, não era o homem que eu queria. Agora, precisava pensar em como dar fim ao nosso relacionamento sem magoar o resto da família – e a mim mesma – no processo.

A campainha tocou quando eu pressionava a folha de papel-alumínio sobre a comida. Fiquei surpresa. Eu não estava esperando nenhum hóspede para se registrar naquela tarde. Fui até o saguão e, com a ajuda da luz lateral, vi uma van estacionada na frente do

edifício. Será que eu marcara uma reunião com algum operário e esquecera? Pensei na torneira da pia do quarto da frente, que estava pingando, e nas telhas que haviam se soltado do telhado durante a última tempestade. Mas estava certa de que aqueles caras só viriam na semana seguinte.

Abri a porta e lá estava ele. *Travis*. Por um momento, nenhum de nós disse nada. Olhamos um para o outro e fiquei feliz por ter um coração saudável; meu órgão antigo não teria suportado as batidas extras e a esmagadora saudade que tomou conta de mim. Centenas de lembranças. Milhares de arrependimentos.

– *Robin* – disse ele, finalmente, e ouvi tanta coisa naquela única palavra.

Uma dor. Um pedido de desculpas? Fiquei com medo. Algo estava errado. Algo com minha filha. *Nossa* filha.

Pressionei meus dedos contra a boca.

– Ela está bem? – perguntei.

– Acho que sim.

Ele levantou uma das mãos em minha direção e eu a peguei, puxando-o para dentro e envolvendo-o em meus braços. Eu não sabia qual de nós estava abraçando o outro com mais força. Ficamos em silêncio. Eu sabia, no mais profundo do meu ser, que ele sentia exatamente o mesmo que eu – um amor que criara suas raízes quando éramos crianças. Um amor que fora obrigado a mergulhar na clandestinidade. Nós o havíamos bloqueado em nossas mentes e em nossos corações, mas ele nunca desaparecera. Não para mim, sem dúvida, e eu sabia, pela maneira como Travis me abraçava, que para ele também não. *Eu te amo. Você me ama*, pensei. Ele não precisava dizer as palavras para que eu as entendesse.

Finalmente, afastei-o de mim.

– Tem gente aqui – falei em voz baixa. – Venha comigo.

Peguei-o pela mão, atravessamos o saguão e fomos até meu apartamento. Na sala, fechei a porta atrás de nós e me virei de frente para vê-lo, a mão sobre a boca, sem conseguir acreditar que Travis Brown estivesse de fato ali, diante de mim. Ele parecia esquelético e exausto. Não fazia a barba havia vários dias.

– Achei que você ficaria com raiva – disse ele. – Prometi que nunca mais entraria em contato, mas…

– Estou sentindo tudo, menos raiva – respondi. Agarrei as mãos dele e o puxei para o sofá. – Me conte tudo – pedi, enquanto nos sentávamos. – Por que você está aqui? Onde está minha… nossa filha? Por que você *acha* que ela está bem?

– É por isso que estou aqui. Eu fiz tudo errado, Robin. Acho que alguém deve estar trazendo a menina para você. Na verdade, eu esperava que ela já estivesse aqui. – Ele olhou pelo quarto, como se eu pudesse tê-la escondido. – Você ainda não teve notícia nenhuma?

Balancei a cabeça em uma negativa.

– Não estou entendendo – falei.

Ele se levantou e começou a andar de um lado para outro. Estava mais magro e um pouco diferente do que eu me lembrava, menos os olhos. Aqueles cílios. Lindos como sempre.

– É uma longa história – retrucou.

– Me conte. – Levantei-me para verificar se o intercomunicador do meu apartamento estava ligado, para que eu ouvisse caso a campainha tocasse. – Onde ela está?

– Com uma… pessoa. Uma amiga. – Ele se sentou de novo no sofá e apoiou as mãos sobre os joelhos. – Como você está? – perguntou, como se para ver se eu poderia suportar a longa história que ele iria me contar.

– Estou bem. Tudo certo. – Sentei-me na beira da cadeira mais próxima a ele. – Me diga o que está acontecendo.

– Você está… – Ele balançou a cabeça, o rosto sério. – Você está incrível. Fico feliz por isso.

– Me conte – pedi mais uma vez.

– Bella e eu estávamos morando com minha mãe – começou ele. – Mas houve um…

– Bella é sua mulher? – perguntei.

– Minha mulher? – Ele parecia confuso. – Não sou casado. Bella é minha filha. *Sua* filha.

Bella. Linda. Minha filha havia renascido para mim de outra maneira naquelas últimas semanas, desde o nascimento de Hannah, mas agora eu tinha uma imagem vibrante dela na mente.

– A filha sobre a qual você nunca me falou – acrescentou ele, e percebi certa raiva em sua voz.

– Eu tentei, Travis, mas meu pai monitorou meus e-mails e, quando eu descobri, ele me disse que você tinha se casado.

Ele franziu a testa.

– Eu nunca me casei.

– Meu pai falou isso. Talvez você estivesse apenas… Você morou com alguém?

– Ele falou que eu estava casado? Eu nunca tive uma namorada desde que Bella nasceu. Nada sério, pelo menos.

– Ele disse… – Suspirei e encolhi os ombros. – Ele mentiu, Travis. Falou que você estava casado e que eu devia deixá-lo em paz. Quem sabe que outras mentiras ele contou?

– Ele me disse que você estava furiosa porque eu tentei ficar com Bella.

– Eu *fiquei* aborrecida no início, mas depois fiquei feliz. Ele morreu no ano passado. Meu pai.

– Eu sei. Minha mãe viu o obituário. Ela também morreu, Robin. – Ele passou a mão pelos cabelos. – Foi isso que fez com que tudo

começasse a ir por água abaixo. Morávamos com ela, que tomava conta de Bella enquanto eu trabalhava. Eu trabalho em construções.

– Você queria ser biólogo marinho – comentei. – Você era tão bom em ciências e matemática… Era…

Ele me interrompeu.

– O que eu estou tentando dizer é que nossa casa em Carolina Beach foi destruída em um incêndio e minha mãe morreu.

– Ah, não! – Levei as mãos ao rosto. – Ah, Travis, eu sinto muito. – Eu não queria nem imaginar o horror. Me lembrava da mãe dele. – Ela foi sempre tão boa comigo…

Tinha sido *mesmo*, e a maneira como ela costumava me tratar só me fazia ter ainda mais raiva do meu pai.

– Então, eu não tinha mais ninguém para tomar conta de Bella e perdi o emprego… como eu disse, é uma longa história. Mas… – Ele fechou os olhos. – Tenho vergonha de lhe contar isso. Você queria um bom lar para a sua filha. Estava dando tudo certo até agora, Robin. De verdade, e ninguém poderia amá-la mais do que eu a amo, e eu preciso encontrá-la!

Levantei-me e sentei no sofá, ao lado dele. Pus a mão em seu ombro. Tocá-lo era tão natural para mim…

– Eu acredito em você. Mas o que está acontecendo? Onde está essa amiga? Por que ela veio até aqui?

– Seu pai disse que você não queria nem saber da criança. Isso também era mentira?

– Não, isso era verdade – admiti. – Quando ela nasceu, eu estava tão doente que… nem lembro direito o que aconteceu. Eu o amava muito, mas honestamente… sua perspectiva muda quando você está doente a esse ponto. Eu só pensava em sobreviver. Depois, porém… – Balancei a cabeça. – É tão estranho você estar aqui agora, porque nos últimos tempos só consigo pensar em você e na criança.

– É melhor você não pensar em mim. Estou tão encrencado, Robin… Você tem esta casa enorme… – Ele levantou as mãos para abranger a minha sala de estar. – A pessoa que me disse onde você mora me contou que você está noiva de um cara candidato a prefeito.

– Eu o odeio agora.

– Eu não tenho nada – prosseguiu ele, como se não tivesse me ouvido. – Tenho *menos* do que nada. É isso que estou tentando lhe dizer. Uma amiga… ou pelo menos pensei que fosse minha amiga… me falou sobre um trabalho em Raleigh, mas quando Bella e eu chegamos lá, eu me vi dirigindo uma van, fugindo de um negócio com drogas.

Pressionei as costas contra a cadeira.

– Drogas? Você nunca usou drogas. Nunca…

– Eu não sabia onde estava me metendo. Eu sei que parece uma desculpa esfarrapada, mas é a verdade. Eles me disseram que era só leite para bebês e eu engoli a história toda. Estava totalmente sem dinheiro. Totalmente. Bella e eu estávamos morando na van. Então, acabei concordando em fazer o negócio só uma vez. Só para ganhar algum dinheiro para comprar comida e nos manter enquanto eu continuava a procurar trabalho.

– E o que aconteceu?

– Deu tudo errado. Mas o mais importante é o seguinte: conheci essa moça, uma mulher muito boa, em uma cafeteria. Ela é mais velha, tem uns 30 e poucos anos… Ela era muito boa para Bella, por isso eu deixei nossa filha com ela enquanto fui fazer o trabalho, mas quando tudo deu errado, não pude voltar a tempo de pegá-la de volta. O lugar onde eu devia deixar a droga… – Ele esfregou a testa olhando para o chão. – Ah, merda. Não importa. O que importa é que eu acabei jogando a droga toda fora numa caçamba de lixo, para tirar aquilo da minha van. Era cocaína em caixas de leite em pó para bebês.

– Leite em pó para bebês?

– Joguei tudo fora, como eu disse, e esse cara… o nome dele é Roy… estava me ameaçando. Tive medo de levá-lo direto até Bella, por isso não podia ir à cafeteria onde a mulher estaria com ela. Quando finalmente consegui ir até lá, hoje de manhã, alguém me disse que elas tinham vindo para Beaufort. O único motivo que a faria vir até aqui, pelo menos o único que consigo imaginar, é eu ter dito que a mãe de Bella, *você*, morava aqui.

– Mas ela sabe o meu nome? Como ela poderia me achar?

– Ela sabe que seu nome é Robin e tem uma fotografia sua.

– Por que ela tem uma foto minha?

– É aquela foto que você me deu quando éramos namorados. Do seu primeiro ano no ensino médio, lembra?

Pela primeira vez, ele sorriu.

– Por que minha foto estava com ela?

– Porque Bella a leva para todos os lugares. Ela tem uma bolsinha e guarda a foto nela. Ela sabe que é a foto da mãe.

Ela era tão real em minha mente naquele instante, aquela menininha… Podia vê-la carregando a bolsinha, tirando minha foto de vez em quando. Olhando para ela, para a mãe que ela não conhecia. Meus olhos ardiam e comecei a piscar.

– Por que ela acha que não estou com ela?

– Bella sabe que você está doente. Ou que *estava* doente. Foi isso que eu sempre disse a ela. Que você a ama, mas que está doente demais para tomar conta dela.

– Ah, Travis, eu quero vê-la! Você já tentou ligar para a mulher que está com ela?

Ele esfregou as mãos nas coxas e deixou escapar um suspiro.

– Eu sei que isso vai parecer horrível, mas não tenho o telefone dela e ela não tem o meu. Nem sei o sobrenome dela. A única coisa que eu sabia é que ela era… você sabe, íntegra. É farmacêutica,

mas não sei onde trabalha. Eu não tinha a menor ideia de que tudo ia virar essa confusão enorme. Não fazia ideia de que estava colocando Bella em perigo.

Ele se levantou, tirou a carteira do bolso traseiro da calça e me entregou uma fotografia. Eu não estava pronta para aquela imagem. *Ah, meu Deus*. Era uma dessas fotografias de estúdio, que alguns quiosques nos shoppings fazem. Travis estava sentado em um banco com uma menina pequena, talvez de 2 anos, no colo. Estava de barba feita. Com um sorriso largo. Nada parecido com o olhar assustado que trazia no rosto agora. A menina também sorria e ambos tinham os mesmos olhos cinzentos, mas também enxerguei a mim mesma naquela fisionomia. Vi minhas fotos de infância. As mesmas bochechas rosadas das quais reclamei durante toda a vida, a não ser quando estava muito doente. Cada parte de mim – mente, corpo, coração – ansiava por abraçá-la. Fiquei olhando para a foto, completamente sem palavras. Quando fitei Travis, ele era apenas um borrão à minha frente. Seu sorriso era suave.

– Desperdicei os últimos quatro anos ficando com raiva de você – disse ele.

Em seguida, se inclinou para a frente, colocou as mãos sobre meus ombros e me beijou no rosto. Um beijo doce e delicado, repleto de toda uma vida de afeto. Peguei uma de suas mãos e a segurei entre as minhas.

– O que vamos fazer? – falei. – Como vamos encontrá-la?

– Talvez possamos ir até a cidade e procurar as duas, mas nem sei qual é o carro dela.

– Então, fique aqui. Praticamente todo mundo me conhece. Se ela estiver me procurando, vai me achar.

Era estranho. Se qualquer outro homem tivesse me contado aquela história, eu teria me afastado. Em vez disso, sentia-me cada vez mais tragada por ele, até que coloquei os braços ao seu redor, pressionei o rosto contra seus cabelos e soube que, não importava

o que ele tivesse feito, sendo rico ou pobre, meu lugar era a seu lado.

41

Erin

Continuamos rodando pela cidade, Bella e eu presas no banco traseiro do Mustang, Roy e Savannah sentados na frente, em silêncio. De vez em quando, Roy levantava a voz e Savannah respondia com a mesma agressividade ou calava a boca. De qualquer maneira, a fúria do sujeito mexia com os meus nervos. Eles nos deixou sair do carro apenas uma vez, para irmos ao banheiro. Quando eu disse que Bella precisava fazer xixi, tive esperança de que ele parasse em alguma lanchonete onde eu pudesse pedir socorro a alguém, mas não tive sorte. Em vez disso, Roy estacionou em uma parada de veículos vazia e Savannah nos levou a um banheiro feminino, onde não havia ninguém. Pensei em agarrar Bella e sair correndo, mas para onde? O lugar era cercado de mato por todos os lados. Não havia como nos esconder e eu não tinha um celular. Roy o tirara de mim logo depois que nos sequestrara.

De vez em quando ele repetia, em ritmo monocórdico, uma alegre cantoria. *Estamos com a filha dele, Estamos com a filha dele*. Isso me dava arrepios. Bella tinha medo dele, mas parecia adorar Savannah, e comecei a entender a história: Savannah fora uma amiga em quem Travis confiara e que o traíra. Os dois me perguntavam o tempo todo onde ele estava, mas, depois de algum tempo, consegui convencê-los de que eles sabiam muito mais do que eu sobre o paradeiro de Travis nos últimos dois dias. Em determinado momento, Savannah começou a me explicar toda a situação, algo sobre Travis não ter aparecido em determinado ponto de entrega, mas Roy a mandou calar a boca com um olhar de raiva.

Ela dissera o suficiente para que eu soubesse que Travis tinha medo deles, ou, pelo menos, de Roy. O que quer que ele tivesse feito, fora contra a sua vontade.

– Estou com fome – resmungou Bella depois de ficarmos rodando de carro por Beaufort, sem destino, por cerca de duas horas.

– Eu também – disse Savannah. – Podemos parar e comer alguma coisa? – perguntou a Roy.

Ele soprou um longo jato de fumaça na direção do para-brisa e fez uma curva à esquerda na rua da orla.

– Está bem. Vamos comer e depois ligamos para Don para saber sobre o barco.

Barco? Imaginei que aquilo era parte do que eles conversavam aos sussurros. Tentei ouvir melhor. Tinha que saber o que Bella e eu precisaríamos enfrentar e se teríamos alguma chance de fugir. Um barco não me soou como uma boa notícia. Eu não entraria em um barco. Não fazia isso desde a morte de Carolyn.

Roy estacionou na frente de um restaurante. Ficava a apenas alguns quarteirões do hotelzinho onde tínhamos nos hospedado e ansiei por estar de volta à varanda, de frente para o mar, com Bella dormindo em segurança no quarto atrás de mim.

Roy entregou algum dinheiro a Savannah.

– Vá comprar alguma coisa – ordenou. – E depressa.

– Podemos ir junto para usar o banheiro? – perguntei, embora não estivesse com vontade.

– Mas você acabou de ir – disse ele.

– Tenho que ir outra vez.

Ele não se deu ao trabalho de responder. Em vez disso, pegou o celular e começou a procurar algum número ou e-mail na agenda. De onde eu estava, não dava para ver.

– Estou com fome – repetiu Bella.

– Eu sei, querida – falei. – Savannah vai comprar comida para nós.

Ela fechou a cara, recostou-se em mim e eu a abracei. Nesse instante, percebi uma mulher caminhando pela rua e me dei conta de que ela não estava muito distante do carro quando passou por nós. Caminhava depressa, com uma bolsa grande de palha pendurada no ombro. Olhei para Roy. Ele estava distraído com o telefone. Soltei Bella, coloquei as palmas das mãos contra a janela do automóvel e colei o rosto ao vidro para chamar a atenção da desconhecida enquanto formava a palavra *socorro* com os lábios.

De repente, senti uma forte pancada na nuca. Gritei e me virei. Vi Roy com a arma na mão e constatei que ele havia me batido com ela. Ele balançou a cabeça com uma expressão que dizia que eu dava muito mais trabalho do que valia a pena e, sem falar nada, tornou a voltar a atenção para o telefone.

Bella começou a chorar, assustada pelo que acabara de acontecer. Eu também estava amedrontada. Toquei minha nuca e meu cabelo estava molhado onde ele havia me batido.

– Estou bem, querida – garanti à menina. – Shhh.

Peguei minha bolsa, tirei um lenço de papel e pressionei-o contra a nuca. Ele ficou ensopado de sangue. O golpe me deixara tonta e já dava para sentir um galo se formando.

Comemos frango frito e batatas fritas. Bella e eu mal tocamos na comida, apesar de ela ter dito que estava com fome. Em seguida, Roy recomeçou a dirigir sem rumo pela cidade. Distraí Bella, brincando de *Onde está Wally?* e cantando algumas musiquinhas, sempre me inclinando para a frente o máximo que ousava para tentar ouvir o que eles conversavam.

– Isso vai significar mais uma despesa – disse Roy a Savannah, e imaginei que estivesse se referindo ao cara do barco. – Mas ainda é o melhor jeito.

– É, mas como o Travis vai saber, se ele não está atendendo o telefone? – perguntou Savannah.

Roy enfiou a mão no bolso e pegou o *meu* celular. Travis atenderia a uma chamada minha. Eu tinha certeza disso e, aparentemente, Roy também.

– Se tem uma coisa pela qual ele vai abrir mão do bagulho, é a filha – disse ele.

– Mas e quanto a… – Vi Savannah fazer um ligeiro sinal em minha direção.

– Danos colaterais – retrucou Roy com a voz abafada, mas eu percebi.

Também percebi como Savannah evitou o olhar dele. Como os dedos dela tremiam quando ela puxou um cacho de seus longos cabelos louros para trás da orelha.

42

Travis

Robin estava sendo tão bondosa… Isso não deveria ter me surpreendido. Ela sempre fora daquele jeito, desde a primeira vez que nos vimos, ainda crianças. Mas eu não merecia a bondade dela agora. Estava envergonhado pela confusão em que me metera. Em que metera Bella. Desejei poder contar a Robin como eu era um bom pai antes do incêndio. Queria que ela soubesse que não fora sempre daquele jeito. No entanto, ela parecia entender sem que eu tivesse de explicar. Ela me tocava o tempo todo – no braço, no ombro, na mão. Eram contatos afetuosos, e ela me olhava com compreensão. Tive de lembrar a mim mesmo que Robin estava pensando no antigo Travis e reagindo a ele. O garoto cheio de promessas e grandes sonhos. Não aquele sujeito todo ferrado.

Ela estava bastante diferente. Sempre se vestira bem e sempre fora bonita, mas agora parecia saudável de verdade: cabelos lustrosos, olhos castanhos brilhantes, pele perfeita, pequenos brincos de diamantes. Parecia o tipo de garota com quem eu jamais poderia me relacionar.

– Você está… não sei… *sofisticada* – comentei quando nos sentamos na sala para esperar que Erin, de alguma forma, chegasse até nós.

Ela franziu o nariz.

– Não foi intencional. – Ela olhou para as próprias mãos. – Estou vivendo em um mundo ao qual não pertenço, Travis.

– Como assim?

– Eu vim para Beaufort por causa de um emprego, enquanto pensava sobre o que queria da vida. Minha vida nova, com meu

coração novo. Mas essa família… – ela fez um sinal na direção da casa onde me dissera que Dale e os parentes moravam – … eles me fizeram sentir especial, e foi maravilhoso, mas eles foram me… *enfeitando*. Levei um bom tempo até me dar conta disso. Aos poucos, eles estão me transformando em alguém que eu não sou. No início fiquei um pouco seduzida por isso. Era tanto dinheiro envolvido que eu poderia ter o que quisesse, e havia esse homem bonito, que as outras mulheres matariam para ter ao seu lado. Eu poderia ter uma vida maravilhosa. Nunca teria de trabalhar se não quisesse. Poderia jogar tênis ou golfe o dia inteiro, embora deteste tênis e golfe. – Ela quase deu uma gargalhada. – Mas tudo tem um preço.

– E que preço é esse?

– Viver uma vida falsa. Pelo menos para mim. Quer dizer, algumas pessoas achariam uma vida boa. Talvez a *maioria* das pessoas. Mas não seria boa para mim. E então…

Ela torceu as mãos no colo.

– E então o quê?

– Ainda ontem, descobri que o Dale vem comprando o silêncio do rapaz por quem a irmã é apaixonada, para mantê-lo longe dela. Isso me lembrou tanto de nós dois… O jeito como meu pai nos manteve separados… Alissa tem até uma filha, e a criança… – Ela sorriu e olhou pela janela, mas eu sabia que ela estava enxergando aquele bebê. – A menina despertou uma parte de mim que eu nem sabia que existia. A parte que teve um bebê. Que tem uma filha. – Ela olhou para mim. – Comecei a pensar nela… e em você, e tenho… Não consigo tirar você da cabeça ultimamente, Travis. É tão estranho você ter aparecido agora… É como se eu soubesse que você estava voltando para a minha vida. Se você não tivesse aparecido, eu teria que encontrá-lo. Não poderia me casar com Dale quando só pensava em você o tempo todo.

– Mas você estava pensando no que eu *fui*. Quando éramos crianças e não tínhamos problemas de dinheiro, de sobrevivência, e não precisávamos cuidar de uma criança. Quando tudo em que tínhamos de pensar era… – Procurei as palavras certas – … amar um ao outro.

– E o que mais existe para se pensar?

Quando eu ia responder, meu telefone tocou, o celular que Roy havia me dado. Eu o puxei depressa do bolso e o coloquei sobre a mesa.

– Não vou atender. Esse é o cara que quer as drogas que eu não tenho, e já estou farto dele.

Eu não tinha nada a dizer àquele sujeito, mas então vi o número que apareceu no identificador de chamadas era diferente do que tinha me ligado antes. Resolvi atender.

– Alô? – falei, me levantando.

– Você quer ver a sua filha de novo? – era a voz de Roy. – Algum dia?

Ele não poderia estar com ela. Não era possível.

– Do que você está falando? Que número é…

– Cadê você? – interrompeu-me ele. – Em quanto tempo acha que chega a Beaufort?

Minha cabeça começou a girar. Eu não conseguia entender o que estava acontecendo, mas sabia que não era nada bom.

– Eu *estou* em Beaufort – respondi.

– Não me diga. – Ele deu uma gargalhada. – Mas isso é perfeito! Você quer recuperar a sua filha?

– Do que você está falando? – gritei.

– Ela está comigo.

– Não está, não.

– Está, sim. Ela e Erin.

– Erin?O que Erin está fazendo aí?

Pressionei a mão sobre a testa.

Robin se aproximou de mim e colocou as mãos no meu braço.

– O que está acontecendo?

– Muito bem, preste atenção ao que você tem que fazer – ordenou Roy. – É a sua última chance, cara. Leve o bagulho hoje à meia-noite no endereço que eu vou falar.

Fiz um sinal para Robin pedindo algo com que escrever. Num instante, ela achou um bloco e uma caneta.

– Esse lugar fica do lado leste de Beaufort. Propriedade privada, mas o dono é gente boa. Dirija até os fundos e eu vou estar no cais.

– No cais?

– Nós temos um barco.

– Primeiro eu quero a minha filha – exigi. – Quero minha filha *agora*.

– Claro, como se eu fosse entregar a menina antes de pegar o bagulho agora que você já demonstrou que é uma pessoa superconfiável. Nos vemos à meia-noite.

– Me deixe falar com Bella! – exclamei, depressa.

– De jeito nenhum.

– Como vou saber que você está mesmo com ela?

Mas eu sabia que estava.

Ouvi vozes. Uma mulher falava ao fundo. Seria Savannah? De repente, Erin estava na linha. Então ele estava mesmo com ela.

– Travis?

– Erin? Me perdoe, Erin! O que está acontecendo?

– Você precisa fazer o que ele está mandando, Travis.

– Bella está bem?

– Está, mas esse cara não está brincando. Ele tem uma arma. Por favor, faça o que ele pedir.

Hesitei.

– Eles podem me ouvir? – perguntei em voz baixa.

– O quê? Não, acho que não.

– Eu não estou mais com as drogas, Erin. Joguei tudo fora, não queria aquilo na minha van.

Ela ficou em silêncio e imaginei se estava me amaldiçoando em pensamento. *Eu* estava fazendo isso.

– Você precisa levá-las ao cais, exatamente como ele disse.

– Você não entendeu. Eu não…

– À meia-noite – insistiu ela. – Você consegue, Travis. Você não se lembra daquelas xícaras de café? Kill Devil Hills?

– Do que você está falando? – indaguei, e escutei Roy fazendo a mesma pergunta.

Ouvi os ruídos de um confronto físico e, em seguida, ele estava de volta ao telefone.

– Meia-noite – falou, ríspido. – E sem a polícia. Se a polícia aparecer, você vai se arrepender pelo resto da vida.

Ele desligou e fiquei mudo, fitando o celular por um momento. Em seguida, olhei para Robin.

– Eles estão com Erin e Bella.

– Mas como eles…

– Não sei, mas estão com elas. Roy quer que eu leve as drogas a este endereço hoje à meia-noite. – Entreguei a ela o pedaço de papel. – Erin me disse algo estranho. Quando falei que não estava mais com as drogas, ela perguntou se eu não me lembrava das xícaras de café, do Kill Devil Hil… Ah, meu Deus! – Pressionei a mão na lateral da cabeça. – Acho que entendi, mas eu… Ah, minha Nossa, que merda.

– O que foi?

– Tenho que comprar algumas caixas de leite para bebês. – Procurei as chaves da van onde eu as deixara, na mesinha ao lado do sofá. – Um monte delas. Onde vende?

43

Erin

Fiquei aliviada por falar com Travis – por fazer contato com alguém de fora daquele Mustang abafado. Eu ouvira o terror em sua voz, especialmente quando me disse que não estava mais com as drogas. Só torci para que ele tivesse entendido o que eu tinha sugerido sobre as xícaras e conseguisse colocar o plano em ação.

Roy nos levou de volta à mesma área isolada depois de falar com Travis. No banheiro feminino, abri a torneira para que Bella lavasse as mãos e percebi que Savannah estava olhando para mim pelo espelho. Lembrei-me do tremor na mão dela quando Roy se referiu a mim como um dano colateral.

– Não sei como se meteu com ele – falei para ela –, mas você pode se safar. Nos ajude, por favor. Eu posso pagar.

Ela me olhou com desconfiança.

– A não ser que você seja muito mais rica do que aparenta, não pode me dar o que eu ganho com esse tipo de trabalho. Além disso – ela olhou para a própria imagem no espelho –, não é tão fácil fugir do próprio marido.

– *O quê?* – perguntei, entregando um papel-toalha a Bella. – Você é *casada* com Roy?

– Desde os 14 anos. – Ela deu um pequeno sorriso. – Ele sabe ser charmoso quando quer.

Lavei minhas mãos bem devagar, aproveitando o tempo passado fora do carro. Umedeci uma toalha de papel e a pressionei sobre o galo dolorido na nuca enquanto tentava pensar em algo que pudesse convencê-la a se livrar do homem que a mantinha refém tanto quanto a mim e Bella. Ela falou primeiro.

– Você é casada? – perguntou, enquanto eu jogava o papel manchado de sangue no lixo.

– Sou.

– Então você entende. Às vezes está tudo bem. Algumas vezes, uma porcaria. Tem sempre essa coisa de amor e ódio rolando.

Voltamos para o carro, eu segurando a mão de Bella com força. Pensei em meu marido, capaz de transformar nosso luto em um jogo. Capaz de transformar *qualquer coisa* em um jogo. Naquele instante mesmo, eu poderia usar um de seus jogos. *Como sair de uma situação em que você é refém*. Mil jogadores. *Quanto mais jogadores, mais ideias*, ele diria. Pensei no Grupo do Pai de Harley, em como aprendemos uns com os outros, como ajudamos uns aos outros. *Colaboramos*. De repente, entendi o paralelo entre o modo de sofrimento de Michael sofrer e o meu. A estrutura podia ser diferente, mas a finalidade era a mesma: lidar com a desolação de perder um filho. Por que o meu jeito era o certo e o dele, o errado? Imaginei-o trabalhando no jogo, dia após dia. *Perdendo Carolyn*. Essa tinha sido a maneira que ele encontrara de lidar com o sofrimento. De imortalizar nossa filha. Naquele exato momento, desejei poder falar com ele. Queria lhe dizer que, finalmente, eu havia entendido.

No carro, pedi a Roy que me desse o telefone para eu fazer uma ligação rápida para meu marido. Ele se virou e me olhou.

– Hum… – falou, como se estivesse mesmo considerando o meu pedido – … não.

Meus olhos arderam. E se eu fosse mesmo um dano colateral? Eu não queria morrer sem dizer a Michael que o amava.

~

Roy deixou Savannah em uma marina onde ela deveria pegar o barco que haviam pedido emprestado, portanto, estávamos só nós

três no Mustang quando estacionamos na entrada de veículos de uma casa escura. Sem a presença de Savannah, eu me sentia mil vezes mais ansiosa. Atrás do casarão, pude ver a luz da lua refletida na água. Eu não sabia se aquele barulho vinha do riacho Taylor ou… sei lá. A água estava completamente calma, portanto não era o mar, mas essa era a minha única certeza. Roy fizera uma rota sinuosa para nos levar até lá e eu estava prestando mais atenção a Bella do que ao caminho. Bella se comportara bem o dia inteiro. Ela conseguira ficar presa dentro de um automóvel por horas a fio, apesar da fumaça e das conversas hostis, mas agora a tensão começava a perturbá-la. Tentei fingir que estava calma enquanto escurecia e o dia virava noite, mas, com a ausência de Savannah, ela estava realmente percebendo a minha ansiedade. Como poderia não perceber? Minha cabeça doía e meu peito estava tão apertado que eu mal podia respirar. Quando acariciei as costas de Bella, senti meu medo sendo transmitido para ela através de minhas mãos. Ela se enroscou em mim com tanta força que parecia que iríamos virar uma só. Apertei-a com força e pressionei o queixo na cabeça dela.

Eu não tinha ideia do que aconteceria a seguir. A casa parecia deserta, por isso duvidei que eles tivessem um encontro com alguém ali. Eu detestara as horas sufocantes dentro do carro, mas pelo menos sentia que Bella e eu estávamos, de alguma forma, mais seguras. Agora a incerteza era nossa companheira, enquanto saíamos da entrada de veículos, passávamos pelo gramado e estacionávamos nos fundos da casa, perto da água. Por um minuto apavorante, pensei que ele nos levaria de carro até aquelas águas escuras, iluminadas apenas pelo luar, mas o que Roy tinha em mente era quase pior. Ele parou no gramado perto de um cais muito longo, uma interminável faixa prateada à luz da lua. Eu mal podia olhar.

Desligou o motor, mas não fez nenhum movimento para sair do carro. Acendeu a luz do teto para ver as horas.

– Qual é o plano? – perguntei, como se esperasse alguma resposta.

Minha voz saiu baixa e áspera, pois minha boca estava seca.

Achei que ele não fosse responder. Observou atentamente a água pela janela, como se pudesse ver algo que não fosse o cais e a lua.

– Savannah vai aparecer num barco a qualquer minuto. – Ele se virou para me olhar de frente. – O que nós vamos fazer é o seguinte: você e Bella vão andando até o fim daquele cais ali, onde Savannah vai atracar o barco. Quando Travis aparecer, e é bom aparecer mesmo, vamos começar a colocar as caixas no barco. Quando estiverem todas lá dentro, ele vai poder ir embora com você e a menina. O que Savannah e eu fizermos dali para a frente não é da sua conta. Simples assim.

Não. Não tão simples.

– Deixe a gente esperar aqui – pedi. – No gramado. Ou no carro. Você pode nos trancar aqui dentro.

Eu preferia que ele nos trancasse naquele veículo cheio de fumaça a me fazer caminhar naquele cais.

– Nada disso – disse Roy. – Assim que Savannah me ligar, vamos até o cais. Até lá, podemos tirar uma soneca.

Ele abaixou o encosto do assento até quase chegar aos joelhos de Bella e ela encolheu as pernas em cima do banco. Puxei-a mais para perto, tentando pensar no que fazer. Se ele pegasse no sono, nós poderíamos… o quê? Estávamos presas no banco traseiro do carro dele e eu tinha a sensação de que, quando saíssemos, as coisas seriam muito, muito piores.

Fechei os olhos, tentando pensar em alguma maneira de sair daquela confusão. Alguma escapada brilhante. Mas, no instante em que fiz isso, ali estava ele: o píer Stardust, uma longa faixa prateada estendendo-se à minha frente no escuro. Nesse momento, as

lembranças daquele terrível fim de semana em Atlantic Beach voltou à minha mente.

~

O fim de semana começara maravilhoso, com um dia ameno e ensolarado para um início de abril. Havíamos alugado uma pequena casa de frente para o mar, perfeita para nós três. A água estava fria, após um dos raros invernos rigorosos da Carolina do Norte, mas nós brincávamos na praia e fazíamos longas caminhadas, dedicando-nos àquilo de que mais gostávamos: passear com Carolyn. Havia uma lareira na casa e, na sexta-feira à noite, acendemos o fogo, brincamos de vários jogos e podíamos ver que Carolyn estava feliz, tendo a atenção integral de ambos os pais para variar, em vez de ter que dividir Michael com seu computador ou a mim com alguma tarefa da casa. Michael e eu fizemos amor naquela noite. Eu já tinha parado de tomar a pílula havia algumas semanas, por isso estávamos animados, esperançosos e prontos para mudar nossas vidas outra vez.

No sábado à noite, decidimos caminhar pelo píer. Passamos pela loja de equipamentos de pesca, onde pagamos pelas entradas, e, assim que pisamos no longo caminho de madeira, fiquei apreensiva. Uma placa alertava sobre todos os tipos de perigo e eu queria ter tempo de ler, mas Michael continuou a andar. A noite estava escura, mas o píer era bem iluminado e havia muitas pessoas pescando. É claro que eu já tinha estado em píeres de pesca. Já estivera até no Stardust antes, mas nunca à noite. Era um mundo diferente. Aqueles eram pescadores de verdade, com carrinhos especiais para levar as varas, os baldes e as iscas. Eles ficavam encostados no parapeito, um ao lado do outro, as linhas de pesca na água, alguns deles operando meia dúzia de varas ao mesmo tempo. Carolyn estava encantada. Ela queria correr à nossa

frente, olhar para dentro de cada balde e ver as pessoas puxarem os peixes, que brilhavam ao passar pelas luzes acima deles. Os anzóis eram o que mais me preocupava. Eu tinha visões de um dos pescadores jogando a linha por trás dos ombros e o anzol agarrando-se nos olhos ou orelhas de minha filha. Em geral eu não era tão paranoica, mas aquela imagem não saía da minha cabeça e eu não parava de chamar Carolyn de volta para onde estávamos e pedir que nos desse a mão.

– Ela está bem – garantiu-me Michael. – Está se divertindo à beça. Deixe-a à vontade. – Para Carolyn, ele disse: – Não corra muito na frente e não entre no caminho de ninguém.

Ele achou que aquilo fosse o suficiente para uma menina de 3 anos.

– É por causa dos anzóis – expliquei, estremecendo.

– Ela está bem – repetiu ele. – Você é muito superprotetora às vezes, Erin.

O píer estendia-se bem para dentro do mar, bem acima da água, e continuamos a caminhar por ele. Eu sempre gostara de píeres, da sensação de se estar no meio do mar profundo e misterioso e, mesmo assim, ainda sentir o chão sólido debaixo dos pés. Naquela noite, entretanto, não tive aquela sensação de encanto ou de conforto.

Lembro que ela estava poucos metros à nossa frente quando parou perto de um balde cheio de peixes. Ela estava inclinada, olhando curiosa para dentro do recipiente, as mãozinhas unidas atrás das costas.

– Aqui, mamãe! – gritou ela. – Tem sete neste aqui!

Juntamo-nos a ela e ficamos maravilhados com os peixes, até que Carolyn saiu correndo outra vez.

– Filha! – chamei. – Fique perto da gente.

– Ela está bem – disse Michael. – Adoro vê-la assim. Ela gosta de aventuras. Às vezes você a prende demais.

– Quando eu a prendo demais? – perguntei, magoada.

Eu era uma boa mãe. Não ficava em cima dela o tempo todo.

– Bem, na praia, hoje, quando ela queria brincar com aquela água-viva, por exemplo.

– Provavelmente era venenosa.

– Ela estava usando um pauzinho e a água-viva estava morta.

Talvez eu *tivesse* exagerado. Eu gritara para ela sair de perto daquela bolha gelatinosa. Tão alto que ela pulou e olhou para a água-viva como se fosse um monstro capaz de atacá-la durante o sono.

– Ora, eu não faço isso sempre.

Michael colocou os braços ao meu redor.

– Não, não faz – admitiu –, e aquele negócio era mesmo nojento. – Ele apertou meu ombro. – Você é uma mãe maravilhosa e eu te amo.

Enfiei a mão no bolso traseiro da calça dele.

– Eu também te amo.

Eu podia enxergar o final do píer à nossa frente. Havia quase dez pessoas enfileiradas ao longo do parapeito, deixando muito pouco espaço entre si. Carolyn foi depressa, mas sem correr, até onde estavam. Entre as ripas do parapeito, à nossa frente, pude ver a água escura que se estendia até o infinito e tive um lampejo de preocupação. Só um lampejo. Imaginei minha filha escorregando entre as ripas e caindo no abismo. Quase a chamei, mas não queria ouvir Michael dizer mais uma vez *Ela está bem*, por isso segurei a língua.

E então ela se foi. Aconteceu tão depressa que eu mal vi. Nem pude descrever para a polícia como aconteceu. De alguma maneira, ela escorregou entre o chão e uma ripa quebrada e simplesmente

desapareceu. Se ela gritou ou fez barulho ao cair na água, eu não ouvi, mas as pessoas no parapeito gritaram. No segundo em que percebi o que acontecera, subi no parapeito em um arroubo de insanidade e pulei na água, sem pensar em nada além de alcançar minha filhinha.

A queda parecia interminável, até que meu corpo atingiu a água, que parecia uma parede sólida de gelo. Afundei, a respiração sendo expulsa do meu corpo. Eu estava com os olhos abertos e batia as mãos freneticamente na água escura, procurando a criança que eu sabia que estava lá, mas que não conseguia enxergar.

A hora seguinte passou. Alguém me puxou, gritando e me agarrando, para um barco minúsculo. Jamais me esquecerei em um borrão daqueles inúmeros braços me segurando, em um barco que não parava de se mexer, impedindo-me de mergulhar na água outra vez para encontrar minha filha. Enfiei os dedos nos olhos dos meus salvadores e arranhei seus rostos para que me soltassem, mas eles me prenderam em seus braços e cobertores, gritando palavras que não consegui decifrar.

E onde estava Michael enquanto tudo isso acontecia? Ainda no píer, correndo de volta para a entrada. Correndo de Carolyn e de mim, em vez de disparar em nossa direção. Como ele fora capaz de não pular? Talvez eu tivesse sido idiota por saltar naquela água gelada. Certamente, fora inútil. Mas eu não conseguia superar aquilo – o fato de que ele correra para longe de nós e não ao nosso encontro. Mais tarde, ele me disse que estava correndo para a praia. Achou que poderia, de alguma maneira, chegar até nós com mais facilidade e segurança dessa forma. A polícia me disse que ele estava raciocinando com tão pouca clareza quanto eu e que, não sendo um bom nadador, fizera a coisa certa. Mesmo assim, se ele também tivesse pulado e tivéssemos quatro braços naquela água escura, poderíamos tê-la encontrado a tempo.

Eu não o culpei de cara. Sequer o questionei até algumas semanas depois, porque não me importava com mais nada a não ser com o fato de Carolyn não estar mais ali. Naquele momento, entendi tudo o que se sabe, de forma intuitiva, sobre pais que perdem os filhos: o fato de que é impossível acreditar na morte daquela pessoa, que o vazio em suas vidas não tem fim, que o futuro lhes foi roubado e que eles acreditam, nas partes mais irracionais de seu ser, que deve haver *alguma* forma de recuperar aquela criança. Eu sempre soubera de tudo isso de maneira racional. Agora, porém, eu entendia no fundo da alma, e a experiência era completamente diferente e dolorosa, além do suportável.

– Quero o meu papai – choramingou Bella.

Abri os olhos depressa e voltei ao escuro do carro de Roy, tonta e desorientada. Abracei Bella com força.

– Eu sei, querida – falei.

– Eu quero ele *agora*.

– Faça essa garota calar a boca – ordenou Roy, no banco da frente. – Ela não está me deixando dormir.

Eu deveria tentar distraí-la, pensei, mas não conseguia desviar a mente do píer. Desviá-la de Carolyn. De meu marido. Depois do acidente, Michael se lançou em uma cruzada solitária pela colocação de mais ripas nos parapeitos e eu me lembrei de sua luta com muita dor no coração. Ele perdeu a batalha, porque os parapeitos foram considerados seguros. Uma das ripas havia sido quebrada naquele mesmo dia, por um carrinho que se desprendera, e ninguém relatara o fato. Por alguma terrível e caprichosa coincidência, fora para aquele local que Carolyn correra. Um lugar que a tragara por inteiro.

O telefone de Roy tocou e ele atendeu dizendo algo que não consegui ouvir. Então, saiu do carro e empurrou o banco para a frente.

– Venham – ordenou. – Saiam.

Agarrei minha bolsa, joguei a alça sobre o ombro e Bella e eu saímos do carro. Minhas pernas estavam rígidas e eu me sentia tão tonta que precisei me apoiar no carro por alguns instantes. Bella ainda segurava a bolsinha e a ovelha de pelúcia. Só se ouvia o barulho da água batendo contra a margem e as estacas do cais. Bella puxou minha mão.

– Papai está aqui?

Eu me inclinei para ela.

– Deve estar chegando, meu bem. Não tenho certeza.

Eu não sabia se era melhor torcer para Travis aparecer ou não. Não consegui imaginar Roy simplesmente deixando nós três irmos embora, considerando tudo o que sabíamos sobre ele e Savannah. E se Travis aparecesse de mãos abanando? Eu não queria pensar muito nas hipóteses e, pior ainda, não queria pensar em caminhar por aquele cais. Se não fosse por Bella, eu teria me arriscado a sair correndo no escuro, em direção à rua. Mas, com ela, jamais conseguiria.

– Eu não posso andar ali em cima – falei para Roy, apontando para o longo cais iluminado pelo luar. – Você vai ter que deixar a gente ficar aqui mesmo.

– Ah, é mesmo? – Ele deu uma gargalhada amarga. – Não é uma questão de escolha. Vocês vão para lá, então comecem a se mexer.

– Savannah não poderia trazer o barco mais para perto da…

– É raso demais.

Eu não me convenci.

– É que eu tenho uma espécie de… fobia – argumentei. – Por favor.

– Então ou você se cura ou morre.

Ele estava logo atrás de mim e senti algo duro nas minhas costas. A arma? Não tinha certeza nem me virei para descobrir. Comecei a andar na direção do cais, segurando a mão de Bella, mas, quando pisei na primeira tábua, parei e peguei-a no colo. Seria fácil perdê-la ali. Fácil demais para a mão dela escorregar pelos meus dedos suados.

– Vá andando – ordenou Roy.

Dei mais alguns passos sobre as tábuas. A madeira era firme e não cedia, mas o cais era longo e incrivelmente estreito, sem parapeito. Nem mesmo uma estaca na qual me segurar. Meu coração acelerou e parei de andar.

– Não consigo – falei.

– Sua vaca! – berrou ele e, antes que eu soubesse o que estava acontecendo, arrancou Bella dos meus braços.

Ela gritou e a ovelhinha voou pela lateral do cais, caindo na água escura.

– Ovelhinha, ovelhinha! – exclamou Bella, estendendo os braços na direção da escuridão onde o brinquedo desaparecera.

Enquanto andava, Roy carregava Bella debaixo de um braço, como se ela fosse uma bola de futebol, pressionando a mão com força na boca da menina para fazê-la se calar.

– Eu vou! – gritei. – Coloque Bella no chão!

Ele se virou.

– Cale a boca – sibilou ele. – A sua voz está ecoando do outro lado.

Ele colocou Bella de pé no chão e ela correu para mim, agarrando-se às minhas pernas.

– Está tudo bem. – Peguei-a no colo de novo. – Segure firme. Vamos andar até lá no final.

Comecei a cantar uma musiquinha infantil enquanto andávamos, mais para acalmar a mim mesma do que a Bella. Eu entoava os

versos de forma penosa, mas continuei cantando até chegarmos ao ponto mais distante do cais. Sentei-me nas tábuas, o corpo todo trêmulo, e segurei Bella no colo com tanta força que ela disse que não estava conseguindo respirar. Não me importei. Ela estava a salvo. Pelo menos por enquanto.

44

Robin

Eu sempre tinha pensado em Travis como uma pessoa forte, tanto física quanto emocionalmente, mas nessa noite vi quão vulnerável ele era, e tudo por causa da filha. Nossa filha. Ele mataria por ela. Eu não tinha dúvida disso. Meu medo era que ele acabasse matando a *si mesmo* por ela. Eu queria que ambos sobrevivessem. Queria ter um futuro com eles. Não sabia que forma aquele futuro iria tomar e, enquanto ele saía pela porta, às onze e meia da noite, não me importava. Meu único desejo era que ele vivesse. Eu sabia o que estaria jogando fora: dinheiro e segurança, junto com hipocrisia e a tensão de tentar ser alguém que eu não era.

Tivemos de dirigir por dois distritos para encontrar aquela marca específica de leite para bebês. Procuramos em todos os supermercados possíveis. Alguns tinham limites de quantidade para compra, outros só tinham as latas arrumadas nas prateleiras, sem as caixas. Mas Travis foi persistente. Nós dois fomos. Mesmo assim, ficaram faltando duas do total necessário e eu sabia que ele estava nervoso por isso. Mas não tinha jeito.

– Talvez eles tenham esquecido quantas eram – ponderou ele. – Eram quinze, mas eu fugi muito antes de pegarmos as quinze, então Roy pode não ter certeza da quantidade.

Quando voltamos à pousada, Travis estava pálido e trêmulo. Preparei ovos com bacon, mas ele nem tocou na comida.

– Devíamos chamar a polícia – falei, pela terceira ou quarta vez. – Eu sei que ele mandou não chamar, mas a situação é perigosa demais. Por favor, vamos deixar os policiais lidarem com isso.

– Ele vai machucá-la – disse Travis. – É um psicopata, Robin. Vai ferir Bella e eu vou acabar na prisão.

Mas, à medida que a noite chegava e nos alternávamos entre conversas sobre Bella – eu queria saber tudo sobre ela – e um silêncio repleto de medo, fiquei pensando na polícia. Aquela era a minha visão do mundo: se você tem problemas, chame a polícia para ajudar.

Tive receio de Dale resolver passar no meu apartamento, por isso liguei para ele às oito e disse que ia dormir mais cedo. Eu já não queria nem olhar para ele.

~

Enquanto o carro de Travis se afastava, o terror tomou conta de mim. Fiquei observando as luzes traseiras da van desaparecerem na escuridão. *Vou perdê-lo outra vez*, pensei. *E vou perder minha filha outra vez*.

Peguei o telefone. Travis ficaria zangado. Mas eu tinha de arriscar.

A voz de Dale estava abafada de sono.

– Acorde – falei. – Estou precisando de você. Preciso que me ouça. Está acordado?

– O que aconteceu? Você está bem?

– Está havendo uma transação de drogas neste momento em um dos cais no final na Estrada Lennoxville – comecei –, e eu…

– Você está sonhando? Uma transação…

– Preciso da sua ajuda. Você conhece todo mundo. As pessoas lhe devem favores. Ligue para um de seus amigos na polícia e diga a ele para tomar muito, muito cuidado. Há uma criança pequena envolvida.

– Do que *diabo* você está falando?

Eu o imaginei despertando de fato agora. Sentando-se na cama.

– Um dos caras tem uma arma – avisei. – Ele está mantendo uma menininha e uma mulher como reféns. Você precisa mandar alguém lá.

– Como você sabe de tudo isso?

– Mais tarde eu conto. Ligue para alguém agora, Dale. *Agora*. E… Dale?

– O quê?

– A menininha é minha filha.

45

Travis

Dirigi pela vizinhança algumas vezes, para me ambientar. A única coisa da qual eu tinha certeza, mesmo no escuro, era que as pessoas por ali tinham dinheiro. Havia apenas umas dez propriedades em uma faixa de terra enorme que ia até a água. Robin e eu tínhamos checado o endereço em um mapa via satélite. Cada propriedade contava com um longo cais que adentrava no mar, por cima da superfície. Localizamos aquele aonde eu precisaria ir, mas na imagem via satélite parecia muito mais fácil chegar lá do que agora, no escuro, mesmo com uma bela lua no céu. As casas ficavam longe da estrada e os jardins eram cheios de árvores e arbustos, mas, finalmente, meus faróis iluminaram o número da casa que eu procurava, em uma das caixas de correio. Virei na entrada para automóveis, pensando nas caixas de leite na traseira da van. Pisei no freio no meio do caminho. *Droga!* Os xis! Eu devia ter levado um marcador de texto e feito um pequeno X na lateral das caixas, da mesma forma que havia nas roubadas. Agora era tarde demais. De qualquer maneira, estava escuro. Será que Roy olharia para as caixas com tanta atenção?

A casa surgiu à minha frente, sem uma única luz acesa. Era tão grande que quase bloqueava a minha visão da água. Roy dissera para eu dar a volta pelos fundos, mas a entrada para automóveis terminava na garagem. Subi com a van no gramado e contornei a casa. Nesse momento, vi o carro dele estacionado perto do mar e duas luzes piscando no final de um longo cais. Havia quatro pessoas ali, uma delas pequenina, e, assim que a avistei, ela passou a ser a única que eu conseguia ver.

Eu não estava gostando nem um pouco daquele plano. Uma área deserta. Escuridão. Os quatro na extremidade daquele cais, um deles com uma arma. Um tiro chegaria até mim, mas haveria alguém para ouvi-lo? Eu estava tão agitado que era como se alguém estivesse injetando cafeína na minha veia.

Parei a van ao lado do carro de Roy e saí correndo pelo cais para pegar Bella.

– Fique onde está! – gritou ele.

Estava vindo em minha direção a passos rápidos. Alguém – imagino que fosse Savannah – segurava uma lanterna que quase me cegava, mas ainda dava para distinguir a arma na mão de Roy. Ela estava apontada na minha direção e eu parei de correr.

– Papai! – exclamou Bella, mas não pude vê-la direito com aquela luz em meus olhos.

Coloquei um braço sobre o rosto para tentar bloqueá-la.

– Fique aqui, Bella – pediu Erin. Em seguida, gritou para mim: – Travis, tenha cuidado! Faça o que ele mandar.

– Estou aqui, Bella! Vai ficar tudo bem.

– Calem a boca todos vocês! – ordenou Roy.

Savannah moveu a lanterna um pouco e consegui ver Bella outra vez. Ela estava de pé, na frente de Erin, que tinha as mãos sobre seus ombros. Vi de relance a bolsinha cor-de-rosa. Estava muito perto da minha filha, mas nunca me sentira tão longe dela.

– Deixe-me pegar Bella – pedi a Roy. – Posso levá-la para a van enquanto…

– Primeiro a gente põe a carga no barco.

Não vi nenhum barco, mas imaginei que estivesse escondido no fim do cais.

– Pegue uma das caixas e traga até aqui – ordenou Roy.

Ele não iria libertar Bella e Erin enquanto não tivesse certeza de que eu estava com as drogas. Meu medo era que não as libertasse

– que não libertasse *nenhum* de nós – nem depois.

– Deixe Bella e Erin virem até aqui e eu…

– Cale essa boca! – exclamou ele. – Fale baix…

– Faça o que ele está mandando, Travis – interrompeu Savannah.

Pelo jeito, eu não tinha opção. Fui até a van, peguei uma das caixas e comecei a voltar pelo cais. Roy estava quase na extremidade, junto com as três. Vê-lo tão perto da minha filha, saber que ele estivera com ela o dia inteiro, me embrulhou o estômago.

– Papai!

Bella começou a chorar quando eu cheguei perto o suficiente para que ela me visse outra vez. Eu queria largar a caixa e correr em sua direção, mas me controlei. *Sem movimentos rápidos*, pensei.

– Fique aí, Bell – pedi.

– *Papai!* – exclamou ela de novo, agora chorando bem alto.

– Faça essa menina calar a boca! – ordenou Roy, e pude distinguir a silhueta de Erin inclinada perto de Bella, dizendo-lhe alguma coisa.

Quando eu estava a poucos metros dos quatro, coloquei a caixa no chão bem devagar e comecei a andar em direção à minha filha, mas Roy se colocou entre nós e encostou a arma em meu peito.

– Fique exatamente onde está – falou.

– Vamos acabar logo com isso – pedi. – Não quero essas coisas na minha van. Não quero ir à polícia. Só quero que você me deixe ir embora com elas, está bem? Então, vamos tirar as caixas da van e encerrar logo este assunto.

– Você devia ter feito o que nós mandamos desde o começo, Travis – observou Savannah.

Roy saiu do meio do caminho e entregou algo a Savannah, um objeto que brilhava à luz do luar. Por alguns instantes, temi que

cada um tivesse uma arma.

– Abra uma das latas – ordenou ele a Savannah, enquanto ela se aproximava de mim, e eu vi a faca em sua mão.

– Não precisa abrir as latas – falei. – Está tudo aí. Não toquei em nada, e o resto das caixas ainda está na van. – Eu começava a entrar em pânico. – Você ainda não entendeu? Eu não quero isso! Nunca quis!

Tive medo de estar protestando demais. Ele saberia que eu estava fingindo.

– Abra – insistiu Roy.

Ela se agachou ao lado da caixa e rasgou o plástico com a faca. Comecei a tremer, a adrenalina correndo solta. Somente alguns metros me separavam da minha filha, e tudo o que eu queria era abraçá-la e sair correndo dali, mas Roy segurava a arma com firmeza em meu peito. Jamais me esqueceria dele atirando naqueles caras no estacionamento, uma das balas assoviando pelo ar, bem perto da van. Não ousei me mexer. Erin estava agachada ao lado de Bella, segurando-a com força, tentando acalmá-la. Eu queria ter uma chance de me desculpar com Erin. Era muito estranho ter esse pensamento naquele instante, quando a minha vida e a de minha filha estavam por um fio. Eu lamentava muito por ter arrastado Erin para aquela confusão.

Savannah levantou-se com uma lata de leite nas mãos e a levou até Roy. *Abaixe a arma*, pensei. *Perca a concentração*.

– Abra – falou ele.

Ela se agachou no cais e apoiou e lanterna no chão de tábuas para abrir a lata. Depois de algumas tentativas, conseguiu tirar a tampa, puxou o plástico interno e eu torci para que ele não me denunciasse. Será que as outras latas também tinham um selo plástico de segurança? Isso faria alguma diferença? Em dois segundos, Roy iria saber a verdade e eu seria um homem morto.

Savannah pegou a lata e a lanterna e levantou-se. Entregou a lata a Roy, que enfiou o dedo no conteúdo, a arma oscilando na mão. Prendi a respiração quando ele levou o dedo à boca. Pela luz da lanterna, vi suas narinas se alargando no instante em que ele provou o pó. Então apontou a arma direto para o meu peito.

– Seu filho da puta! – exclamou, e eu soube que iria morrer.

Savannah foi rápida, tão rápida que levei um segundo para me dar conta do que estava acontecendo. Vi a baforada de pó branco quando ela jogou o conteúdo da lata na cara de Roy. Fiquei paralisado, mas só por meio segundo, antes de pular em cima dele para jogá-lo no chão.

– Corra! – gritei para Erin, mas ela já havia pegado Bella no colo e estava prestes a pular na água.

Ouvi um tiro ser disparado, mas, se a bala me acertou, não senti nada por estar ocupado demais dando socos na cara dele, repetidamente. Ocupado demais para registrar o som distante das sirenes, que ficava cada vez mais alto.

46

Erin

A água estava fria, e senti-a entrar em minhas narinas e cobrir o topo da minha cabeça, mas voltei à superfície enquanto ouvia um tiro e esperei a sensação de uma bala penetrando o meu corpo a qualquer segundo. Acima de mim, vi estrelas, e a lua, e a laje escura do cais. Fui batendo os pés até ficar completamente debaixo dele. Berros ecoaram acima de mim. Um grito. Os sons chegavam até onde eu estava como em um pesadelo, e era um pesadelo que eu conhecia muito bem. A única diferença era que, dessa vez, eu segurava uma menina assustada, soluçando em meus braços. Lutei contra a água, beijando-a no rosto, no alto da cabeça, saboreando cada lamúria que vinha de seus lábios, porque *essa* criança estava bem viva.

47

Travis

No cubículo da emergência, cercado de cortinas, segurei Bella no colo. Ela havia chorado até não poder mais e agora agarrava-se a mim, os braços envoltos no meu pescoço, e eu pensei *Que ela se esqueça desta noite*, da mesma forma que rezei para que se esquecesse do incêndio ou de como a larguei com uma estranha durante dias. Eu estava pedindo demais a Deus. Estávamos vivos, e o que quer que acontecesse agora era algo que teríamos de enfrentar. Eu não tinha ideia de quanto tempo de prisão eu pegaria pelo que fiz naquela semana. Pelo menos Robin estaria na vida de Bella. Isso só poderia ser bom.

Respondi com total honestidade a todas as perguntas que me foram feitas, sabendo que, na verdade, devia manter a boca fechada até conseguir um advogado. Mas eu não me importava. Não queria brincar com a justiça. Meu único desejo era limpar meu nome das manchas das semanas anteriores. Meu corpo poderia terminar na cadeia, mas minha mente e minha alma seriam livres.

Eu não sabia onde Roy estava. Talvez na delegacia. Não fazia ideia. Eles tinham separado todos nós. Erin foi colocada em uma ambulância, embora tivesse me entregado Bella antes de me levarem. Savannah foi em uma segunda ambulância e eu sabia que ela estava sendo operada, pois levara ao menos um tiro. Eu sabia, também, que ela salvara nossas vidas. Levei pontos em uma ferida na testa que nem me lembrava de como acontecera. Meu pescoço doía e imaginei que o tivesse torcido ao me atracar com Roy. Nada grave. Nada importante. O que realmente importava era que Bella estava de volta em meus braços, mesmo que fosse por pouco

tempo. Ela não me largara desde que chegáramos ao hospital, e eu a segurava com a mesma força, sabendo que poderia ser minha última chance de abraçá-la por um longo, longo tempo.

48

Robin

– Eles estão na emergência – disse Dale, desligando o celular.

Ele passara os últimos quinze minutos andando de um lado para outro da sala, falando ao telefone, enquanto eu ficava no sofá, roendo as unhas, aguardando notícias sobre o destino de Travis e Bella.

– Agora me diga que diabo está acontecendo.

Dale estava zangado. Eu não me importava.

– Por que na emergência? – perguntei. – Quem está ferido?

– Uma mulher está sendo operada. Ela levou um tiro. Eles acham que ela vai se recuperar. A criança está bem. Um dos caras foi preso. O outro…

– Qual cara?

Eu queria me levantar para ficar de igual para igual com ele, mas minhas pernas não me aguentariam.

– Não sei, Robin.

A voz de Dale revelava repulsa. Eu sabia que ele se sentia manipulado por mim naquele instante. Que pena.

– O que você ia dizer sobre o outro homem? – indaguei.

– Ele está sendo atendido no hospital, com um ferimento na cabeça. Coisa simples.

– E onde está a menininha?

– Com ele. E eu já estou cheio deste jogo de perguntas. – Ele aumentou o tom de voz, me encarando como se eu fosse um adversário político, e insistiu, quase gritando: – Agora me diga: o que está havendo?

– Shh! – Eu apontei para o teto. – Os hóspedes.

– O que quis dizer sobre a menina ser sua filha? De onde você conhece essas pessoas? Que tipo de envolvimento tem com elas? E que *merda* você está tentando fazer com a minha carreira?

– Não fale comigo desse jeito. Não se atreva. – Eu estava inacreditavelmente furiosa com ele por tudo. Era um sentimento tão raro em mim… Raro e poderoso. – Cale a boca por um segundo e eu lhe digo como os conheço. Vou lhe contar tudo. E então vou lhe dizer o que você vai fazer.

Ele deu um passo para trás e me olhou como se perguntasse *Você sabe com quem está falando?*

– Quem é você? Estou com a impressão de que não a conheço.

– Você *não* me conhece – retruquei. – E eu também não tinha ideia de quem você era.

– Do que você está falando?

– Ouça bem o que você vai fazer, Dale. – Levantei-me, sentindo-me mais forte. Se eu ainda não o tivesse colocado na defensiva, logo colocaria. – Você vai mexer os pauzinhos que forem necessários para resolver essa situação. Você é bom nisso. Eu sei que vai saber como agir. O pai da menininha se chama Travis Brown, e você vai mantê-lo fora da cadeia.

– Ele estava negociando drogas. Eu não posso…

– Não estava, não. Ele foi pego numa situação fora de seu controle. E sabe de uma coisa? Não faz diferença. Eu não lhe devo nenhuma explicação sobre o que ele estava fazendo. A única coisa que importa é que ele não vá para a cadeia. E você vai resolver isso.

– Eu não posso fazer uma coisa dessas.

– Ah, pode, sim. Você tem esta cidade inteira na palma da mão. Dê um jeito.

– Quem é ele?

– O pai da minha filha. Aquela menininha.

Dale ficou pálido.

– O que você andou escondendo de mim? Sua mentirosa… você vai arruinar tudo para mim.

– Na verdade, não vou, não. Não se você fizer o que estou pedindo.

– Não ouse me chantagear, Robin. Nem pense numa coisa dessas. Eu fiz *tudo* por você. Você veio para Beaufort perdida e sem amigos. Uma… *ninguém*, sem nenhuma perspectiva. Olhe para você agora. Você tem tudo o que poderia desejar. Como ousa…

– Eu tive uma conversa com Will.

Ele franziu a testa e me olhou como se não fizesse a menor ideia do que eu estava falando.

– Como assim? E daí?

– O que quero dizer é que sei que você tem lhe dado dinheiro para ele ficar calado, do mesmo jeito que seu pai pagava à mãe dele.

Dale abriu a boca para falar, mas pensou melhor. Ele desabou no sofá.

– Você tira o Travis dessa confusão e eu não conto o que sei – continuei. – Vou fingir que ainda estamos noivos até a eleição, e depois vou embora discretamente. Mas, se não fizer o que estou pedindo, vou contar para todo mundo que filho da puta mentiroso você é.

Ele balançou a cabeça bem devagar.

– Você… não estou acreditando…

– As pessoas perdoam tudo. Casinhos, depravação, prostitutas. São capazes de perdoar até quem trai a confiança delas. Mas não vão perdoar você por ter traído a *minha* confiança. Você as fez me amarem, Dale. – Eu quase sorri pelo poder que senti naquele momento. – Obrigada por isso.

– Eu vou dizer que você mentiu para mim.

– Eu *e* Debra, certo? Duas mulheres o enganaram? Que impressão isso vai passar? Que você é um idiota que não sabe julgar as pessoas e que não é a melhor opção de líder, não acha?

– Eu não posso fazer isso – insistiu ele. – Não posso ajudar o seu… *amigo*. – Ele deu um sorriso de desdém. – Não tenho poder para…

– É melhor descobrir como fazer isso. Você tem 24 horas. – Fui até a porta e coloquei a mão na maçaneta. – Acredite, eu quero que Travis fique livre, mas, para dizer a verdade, eu teria um enorme prazer em contar a todos, agora mesmo, o que sei sobre você.

– A menina… Por que você não me contou? Você é uma pessoa honesta. Eu sei disso. Lá no fundo, você é. Por que não me falou sobre ela?

– Porque eu estava fingindo que ela não existia. Foi a única maneira que encontrei para sobreviver nos últimos anos. Mas ela *existe* e eu quero ser a mãe dela, mais do que já quis ser qualquer outra coisa nesta vida.

– Você vai perder tudo. Sabe disso, não sabe?

– Tenho algo muito melhor para colocar no lugar. – Pensei na vida falsa que vinha levando nos últimos dois anos. – Algo real.

49

Erin

Uma das enfermeiras me levou ao cubículo da emergência, eu agradeci a ela e entrei. Travis estava sentado em uma maca reclinável, apoiado na parte elevada do colchão. Seus olhos estavam fechados e Bella dormia em seus braços, com a cabeça apoiada em seu peito. Ele tinha um curativo na têmpora e um colar cervical no pescoço. Fiquei ali parada por alguns instantes, vestida com a calça e o moletom que a assistente social da emergência havia me dado. As roupas eram grandes demais, mas estavam secas e me aqueciam.

– Travis? – falei.

Ele abriu os olhos e se empertigou, abraçando Bella com força.

– Erin! – exclamou. – Você está bem?

– Estou ótima – respondi. – Mas e você? – falei, apontando para a minha testa em referência ao curativo dele.

Travis ignorou a pergunta.

– Eu lamento tanto por tudo isso, Erin… – Parecia aflito. – Sinto muito, muito mesmo.

Sentei-me em um banquinho na frente da cortina. Percebi que Bella também usava outras roupas e que seus cabelos ainda estavam úmidos. A bolsinha cor-de-rosa encontrava-se sobre a bandeja cirúrgica ao lado da cama. As duas fotografias, cujas pontas estavam onduladas, haviam sido colocadas sobre uma toalha de papel perto da bolsa.

– Eu sei – respondi. – Você está bem? E Bella?

Ele tocou, com cuidado, o curativo na têmpora.

– Estamos vivos, e isso é o mais importante. Eu nunca, jamais, poderei agradecer o suficiente por você ter mantido Bella a salvo. Ou me desculpar o suficiente, também.

– Eu estou bem.

Eu estava muito calma. Mais calma do que há muito tempo.

– Eu não a culparia se nunca me perdoasse – disse ele. – Fiz você passar pela pior experiência da sua vida.

– Não – respondi. – Essa não foi a pior experiência da minha vida.

– Sério? – Bella gemeu um pouco e ele acariciou o braço dela. – Já passou por algo pior que isso?

Assenti com a cabeça.

– Já. – Respirei profundamente. – Lembra a primeira vez que nos vimos, na cafeteria, quando você me perguntou se eu tinha filhos e eu respondi que não?

Travis anuiu, devagar.

– Bem, eu tive uma filha. Uma menina um pouco mais nova que Bella. Ela morreu ao cair do Píer Stardust, em Atlantic Beach. – Juntei as mãos no meu colo. – Isso foi pior.

Ele abriu a boca para falar, mas vi que o tinha deixado momentaneamente sem palavras. Travis apoiou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos.

– Nossa, que horror – disse. – Sinto muito, Erin. – Ele me olhou outra vez. – Como você sobreviveu a isso? Acho que eu não suportaria.

– Eu *não estava* sobrevivendo – respondi. – Estava morrendo aos poucos. Gota a gota. Dia a dia. Até você e Bella aparecerem e eu, de repente, ter algo pelo que ansiar. E quando você a deixou comigo, eu tinha alguém em quem pensar além da minha filha. Além de mim mesma.

Ele parecia incrédulo.

– Você está dizendo que na verdade eu a *ajudei*?

Assenti.

– Você e Bella. Sem dúvida. – Sorri. – Que loucura, né?

Travis olhou para a filha adormecida. Passou a mão pelos cabelos desalinhados da menina.

– Bella foi boazinha com você? – perguntou.

– Foi maravilhosa. Mas estou preocupada com ela. Com vocês dois. E agora, como vai ser?

Ele suspirou.

– Bem, em termos médicos, estou pronto para ir, só estou esperando a volta da polícia para… me prender. – Ele engoliu em seco e desviou o olhar. – E esperando Robin vir buscar Bella. Ela precisa falar com a assistente social e pegar a autorização para levá-la. Bella nunca a conheceu, por isso estou… vai ser difícil entregá-la a Robin.

– Por que você tem a guarda dela, Travis?

– Robin estava muito doente quando Bella nasceu. Precisava de um transplante de coração e não tinha como cuidar de um bebê. Eu assinei um contrato com o pai dela, que dizia que eu deixaria Robin em paz se tivesse a guarda. – Ele ajeitou o colar cervical e estremeceu. – Houve muitos… mal-entendidos entre nós. Eu não via Robin até ontem. Quando descobri que você tinha vindo para Beaufort com Bella, imaginei que estivesse atrás dela, então vim também e a encontrei. – Ele sorriu. – Ela tem pensado em nós. Em Bella e em tudo o que perdeu. Se alguma coisa boa saiu desta confusão toda é que Robin e Bella estarão juntas.

– Ela nunca a viu? – perguntei.

– Nunca. E ela é maravilhosa. É praticamente um milagre. Não sei quanto tempo ficarei preso, mas saber que Bella estará com a mãe… é melhor do que eu poderia esperar.

– Travis. – Inclinei-me para a frente. – Se houver qualquer coisa que eu possa fazer para ajudar… quer dizer, não sei se o meu testemunho atrapalharia ou ajudaria, mas sei, por conversas que ouvi entre Roy e Savannah, que você não sabia realmente no que estava se metendo.

– Eu sabia o suficiente. Fiz uma besteira enorme por dinheiro.

Não pude discutir com ele quanto a isso, mas Travis nunca poderia imaginar que tudo daria errado daquela forma.

– Como você vai voltar para Raleigh? – perguntou ele. – Onde está seu carro?

– Em um hotelzinho, em Beaufort. Um dos policiais disse que me levaria até lá quando eu estivesse pronta, mas eu não quis ir embora sem falar com você e Bella.

Ele beijou a cabeça da menina.

– Ela está tão cansada… Só espero que se recupere de tudo isso. Ela teve pesadelos depois do incêndio e realmente… regrediu. Agora, isso.

– A avó dela, sua mãe, morreu no incêndio?

Ele assentiu com a cabeça.

– Vocês passaram por muitas coisas – observei.

– Você passou por muito mais. Sua filha. Seu casamento.

– Ele está vindo para cá – falei. – Meu marido. – Eu tinha ligado para Michael do celular da assistente social. Contei a ele o que acontecera, fazendo um resumo que coubesse em cinco minutos, e ele insistiu em ir a Beaufort, apesar de eu ter dito que não fazia nenhum sentido. Teríamos dois carros, mas a verdade é que eu mal podia esperar a chegada dele. Ficaríamos no hotelzinho, no quarto 333, onde eu contaria a ele todos os eventos das últimas duas semanas e o ouviria com atenção quando ele falasse sobre seu jogo novo. – Nós dois precisamos conversar – comentei com Travis. – Eu

o culpei pelo que aconteceu à nossa filha, mas agora entendo que estava errada.

– Por que você o culpou?

– Porque eu pulei na água e ele, não.

Travis quase sorriu.

– Exatamente como você fez ontem à noite.

– Só que o píer de onde eu pulei naquela noite era muito mais alto. Michael correu de volta à praia, achando que poderia chegar até ela com mais facilidade.

– Você é uma saltadora. Ele é um pensador.

– Acho que isso resume perfeitamente – respondi, com uma risada. – Lembra que eu disse que ele trabalha criando jogos para videogames?

– Lembro.

– Ele falou que está trabalhando em um jogo sobre luto, para pais que perderam os filhos. No início fiquei furiosa, mas agora não sei. Estou pronta para ouvir o que ele tem a dizer sobre o tal jogo.

Travis recostou a cabeça no travesseiro e olhou para o teto.

– O jogo funcionaria se fosse a mãe que morresse, em vez do filho? – perguntou, muito sério, como se realmente quisesse saber.

Como se *precisasse* daquele tipo de jogo.

Levantei-me e fui abraçá-lo. Meus braços envolveram os dois, e, quando me levantei, percebi a cortina se abrir. Ao me virar, deparei com uma linda versão adulta da moça da fotografia. Dei um passo para trás, porque eu era, claramente, invisível para ela. Seu olhar estava fixado na menininha nos braços de Travis. Ela pressionou a própria boca com uma das mãos.

– Bella – disse Travis, com delicadeza, para a filha. Então balançou-a de leve e levantou sua cabeça cerca de um centímetro de seu peito. A menina esfregou os olhos com uma expressão mal-

humorada e exausta, franzindo a testa. – Bella. Você está acordada, querida? Quero que conheça alguém.

Robin se postou a não mais que 30 centímetros da lateral da cama. Travis pegou sua mão e pude ver como os nós dos dedos dela estavam brancos quando ela segurou a mão dele.

– Bella? – disse ela suavemente.

Bella olhou para cima, com os cabelos úmidos desgrenhados caindo sobre o rosto, e Travis afastou os fios dos olhos da filha. A menina olhou para Robin, em seguida para a fotografia sobre a bandeja e, depois, de novo para Robin.

– Essa é a sua mamãe, Bell – disse Travis.

– A da foto? – perguntou Bella.

– Isso mesmo, querida – confirmou ele, sorrindo.

– Estou muito feliz por finalmente conhecer você, Bella.

Robin inclinou-se para bem perto da filha, seus rostos a centímetros de distância, e pude ouvir o anseio em sua voz. Eu sabia quanto ela desejava tocá-la. Abraçá-la. Eu estava tão feliz por ela ter aquela chance… Dei um passo para trás e me sentei no banco outra vez. Não conseguiria ficar de pé por mais nem um segundo.

Bella levou uma das mãozinhas ao rosto de Robin e tocou sua bochecha. Depois passou os dedinhos pelos cabelos castanhos da mãe. Robin ficou parada, mordendo os lábios.

– Você é bonita – disse Bella.

Robin riu.

– Posso lhe dar um abraço? – perguntou.

Bella colocou o braço que estava livre em volta da mãe e eu observei os três se fecharem para o resto do mundo, presos em um abraço que tinha demorado demais para acontecer.

Assim que se separaram, um policial enfiou a cabeça pela cortina do cubículo e olhou para mim.

– A senhora está pronta para ir ao hotel?

Levantei-me e pendurei a bolsa úmida no ombro.

– Estou, sim.

Ele olhou para Travis.

– O médico disse que você já está pronto para ir embora.

– Eu sei – respondeu Travis. – Só estou esperando vocês…

– Como eu disse – falou o policial, lançando um olhar enigmático para Travis –, você está pronto para ir embora.

Travis abriu a boca para dizer algo, mas Robin fez um sinal para que ele ficasse calado.

– Não discuta – pediu, com delicadeza.

Alguém tinha mexido os pauzinhos em algum lugar, de alguma maneira, e fiquei feliz. Nós nos despedimos e acompanhei o policial até o carro. O céu ainda estava escuro e olhei para o meu relógio quando passamos por um poste de luz. Michael ainda demoraria no mínimo uma hora para chegar. Imaginei o quarto no hotel, o mesmo que chamamos de mágico quando ficamos ali, na época em que éramos recém-casados e nossas vidas eram repletas de esperança. Eu estava nervosa, com medo de que ele dissesse algo que me fizesse explodir. Que minha raiva não tivesse terminado e que ele ainda estivesse irritado com a minha necessidade de conversar sobre nossa filha. Mas eu tinha a sensação de que esse seria o nosso primeiro passo um em direção ao outro. Teríamos de ver quanto cada um de nós estava disposto a ir além.

E talvez, apenas talvez, à noite, houvesse mágica de novo naquele quarto.

EPÍLOGO

Travis

Um ano depois

Eu gosto de levar uma vida normal – você sabe, uma vida em que nada de dramático acontece. Quando você é parte de uma família: pai, mãe, filha. Você tem um teto sobre a cabeça, comida na mesa e seu maior problema é decidir se deve ou não mandar a filha para o jardim de infância quando ela acabou de completar 5 anos ou se é melhor deixá-la mais um ano no maternal. Robin e eu ficamos com a segunda opção, já que Bella só tivera seis meses de maternal. Segundo a professora, ela estava indo muito bem, porém mais um ano a faria realmente brilhar no jardim de infância. Decidimos esperar e deixá-la brilhar. Por esse motivo ela está sentada no banco de trás da Moby Dick neste exato momento, balançando as perninhas e chutando as costas do meu assento. Vou deixá-la no maternal. Hoje é a minha vez.

– Você está chutando o meu banco, Bell – comento quando saímos do condomínio de Brier Creek e entramos na rua principal.

– Mas eu não consigo parar – retruca ela. – Estou muito animada!

– Hoje é só o ensaio com as fantasias, querida.

Acho que ela não entende a diferença entre o ensaio e o dia de encenar a peça da escola, que será amanhã.

– Eu sei. E amanhã você e a mamãe vão assistir.

– Isso mesmo.

Robin terá de faltar a uma de suas aulas, mas ela não se importa. Não quer perder mais nem um segundo da vida de Bella.

Ela sente que já perdeu demais.

– E você sabe quem mais vai estar lá? – pergunto.

– Quem?

– Tia Erin e tio Michael.

Ela segura a respiração.

– E o neném? – quer saber.

– O neném ainda não está pronto para nascer – explico. – Ainda faltam alguns meses.

Na verdade, quando o bebê nascer, Robin, Bella e eu estaremos morando em Wilmington.

Foi engraçado o jeito como as coisas aconteceram. Como todos nós nos movemos de um lado para outro, como peças de um jogo. Depois de toda a confusão em Beaufort, Erin voltou para casa, para Michael, mas ainda tinha alguns meses de aluguel pago pelo apartamento e insistiu para que Bella e eu ficássemos lá até que eu conseguisse me ajeitar. Robin continuou a farsa do noivado com Dale Hendricks – hoje *prefeito* Dale Hendricks – e, em seguida, deixou todos em Beaufort chocados por não ter "coragem" de assumir um casamento. Ela fez parecer que era tudo culpa dela. "De repente, percebi que era jovem demais para aquilo", disse à imprensa. "Dale é um homem maravilhoso e tive medo de levá-lo a tomar uma atitude apressada, da qual poderia se arrepender mais tarde". Ela desapareceu de Beaufort e mudou o sobrenome para Brown tão depressa que ninguém foi capaz de localizá-la. Pelo menos não até agora. Ela seria mais uma daquelas lendas misteriosas de Beaufort, como a menina no barril de rum e o pirata Barba Negra. A família Hendricks – exceto Alissa – ficou feliz quando ela partiu, levando consigo os segredos que sabia. Eu sei que Robin sente saudades de Alissa e de Hannah, mas o afastamento era a única saída. Estou me esforçando para que sua nova vida valha a pena, apesar de tudo o que ela teve de deixar para trás.

Nós dois tivemos nossos altos e baixos no ano que passou. O pai dela tinha certa razão sobre toda aquela história de classe social, ainda mais depois que a família Hendricks teve Robin sob suas garras durante dois anos. Algumas vezes, me sinto inferior a ela. Mas Robin nunca demonstra superioridade – exceto pelo fato de não querer que eu chame todo mundo de “cara”. Entretanto, na maior parte do tempo, nos damos maravilhosamente bem.

– Você também tem maternal hoje, papai? – pergunta Bella, quando viro para entrar na escola.

– Faculdade, Bell – corrijo, achando graça. Estou começando a me perguntar se ela comete esse erro de propósito só porque eu morro de rir, pois é uma gracinha. – E, sim. Eu tenho aula mais tarde hoje, por isso vou trabalhar muito, igual a você. – Entrego a ela o lanche que embrulhei e exijo um beijo, algo que ela vem esquecendo nos últimos dias porque fica louca para chegar à sala de aula. – Até logo, querida. Divirta-se.

Eu a vejo subir correndo as escadas na direção da professora, que acena para mim da porta. A professora do ano passado nos contou que Bella desenhava muitas armas, o que me deixou preocupado, mas agora ela voltou a desenhar princesas e animais. É a criança mais resistente que existe.

Paro no estacionamento e viro à direita, ainda rindo do comentário de Bella sobre o maternal. Robin e eu estamos cursando a faculdade e eu trabalho em meio expediente. Robin tem aulas em Raleigh, mas eu faço um programa de ensino a distância na Faculdade Comunitária de Cape Fear, adiantando alguns dos cursos exigidos para que, quando nos mudarmos para Wilmington, eu possa começar a estudar biologia marinha. Já faz algum tempo que não assumo o papel de estudante, mas acho que estou mais preparado para isso aos 23 anos do que estava aos 17. Estou me saindo muito bem.

No início, eu não queria pagar meus estudos com o dinheiro que Robin herdou do pai, mas ela me convenceu que era um orgulho sem sentido. Falou que o pai ficaria feliz se a neta tivesse os dois pais formados. Pode ser, mas tenho certeza de que ele não gostaria nem um pouquinho de que o pai fosse eu. Tenho de admitir que, assim que superei a humilhação de depender do dinheiro dele para estudar, senti um prazer meio perverso. Não digo nada a Robin, mas até gosto de pensar nele se revirando no túmulo.

Estaciono no lugar mais próximo da JumpStart e, assim que entro, vejo Nando arrumando os salgadinhos na vitrine.

– Cara! – exclama ele, e me entrega meu avental azul.

Eu o coloco por cima da cabeça e amarro as tiras ao me encaminhar para trás do balcão. Eu me lembro daquele dia em que saí correndo da cafeteria para ir a Beaufort, sem jamais imaginar que pisaria neste lugar outra vez. Agora, aqui estou eu, preparando cafés, cappuccinos e chocolates quentes. Tento não me perguntar se poderia ter conseguido este mesmo emprego um ano atrás. Enquanto estava desesperado procurando trabalho em alguma obra, será que poderia ter arrumado algum dinheiro a poucos metros de onde costumava me sentar com Bella? Nesse caso, porém, eu não teria reencontrado Robin e não quero nem pensar numa coisa dessas. Quem poderia imaginar que o pesadelo que era minha vida acabaria sendo a melhor coisa que poderia me acontecer?

Um rapaz entra na JumpStart com duas lindas meninas de uns 4, 5 anos. Eu já os vi aqui antes e gosto do jeito como ele trata as garotinhas, ajudando-as a fazer o pedido, ensinando-as a dizer por favor quando escolhem seus bolinhos. Eu sempre olho nos olhos dele para tentar descobrir o que está acontecendo em sua vida. Provavelmente ele me acha esquisito. É que aprendi que a aparência de uma pessoa nem sempre revela o que se passa dentro

dela. É impossível enxergar os demônios de alguém só olhando para seu rosto.

Preparo o café para ele, tiro dois bolinhos da vitrine e os coloco em saquinhos separados para as crianças. Isso me faz lembrar que embrulhei biscoitos e uvas de manhã cedo, quando preparei o lanche para Bella levar à escola.

– Você é o melhor pai do mundo – dissera Robin quando acrescentei uma caixinha de suco no pacote.

Eu não tinha ideia de como ela podia falar isso depois de tudo o que fiz Bella passar, mas aprendi a não discutir.

Entrego o café ao rapaz e os bolinhos às lindas meninas e os observo enquanto se dirigem às cadeiras e aos sofás em que Bella e eu costumávamos nos sentar. Ele abre o pacote para uma das filhas. Imagino se ele algum dia será testado da maneira como eu fui. Se ele faria escolhas melhores do que as minhas. É provável que sim. Mas já não quero mais punir a mim mesmo por causa disso. Tenho de focar em como a minha vida é boa hoje.

Pois é, eu trabalho no balcão de uma cafeteria, estudo e, um dia, com sorte e muito esforço, serei um biólogo marinho. Hoje, entretanto, tudo o que realmente me importa é ser um bom pai.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas ajudaram *Um bom pai* no caminho em direção à publicação. Como sempre, sou grata às minhas colegas escritoras e queridas amigas do grupo Weymouth Seven: Mary Kay Andrews, Margaret Maron, Katy Munger, Sarah Shaber, Alexandra Sokoloff e Brenda Witchger. Não sei o que eu faria sem as suas habilidades de debate e sua amizade.

Obrigada à minha agente, Susan Ginsburg, que é simplesmente o máximo, e à sua assistente, Stacy Testa, que tem a mesma atitude positiva de Susan e sempre ilumina o meu dia com seus e-mails.

Minha inteligente e astuta editora, Miranda Indrigo, é capaz de olhar para um manuscrito e, no mesmo instante, apontar o que funciona e o que não funciona. Obrigada por fazer de meus livros o melhor que eles podem ser, Miranda. Sou grata a todas as pessoas na Mira Books que me ajudaram nos bastidores: Michelle Renaud, Melanie Dulos, Emily Ohanjanians, Maureen Stead, Stacy Widdrington, Ana Luxton, Diane Mosher, Alana Burke, Katharine Fournier, Katherine Orr, Craig Swinwood, Loriana Sacilotto e Margaret Marbury. Do escritório da Mira no Reino Unido, sou especialmente grata a Kimberley Young, Jenny Hutton e ao restante da equipe que trabalha duro para fazer de meus livros um sucesso no Reino Unido e entre os leitores da Comunidade das Nações.

Minhas assistentes em vários momentos da escrita – Denise Gibbs, Eleanor Smith e Lindsey LeBret – localizaram fontes de pesquisa, mantiveram meu escritório funcionando e me ajudaram a refinar minha presença na internet. Obrigada a vocês três!

Outras pessoas que me ajudaram oferecendo sugestões enquanto eu lutava com algum elemento da trama ou realizando

pesquisas pequenas e necessárias incluem Jessica Tocco, Jennifer Thompson, Julie Kibler, Sylvia Gum e Deborah Dunn. Kelly English foi forçada a me ouvir falar sobre a história durante três dias seguidos, quando ficamos presas na Ilha Topsail por causa de uma tempestade. Obrigada por sua paciência e por suas ideias, Kelly!

Obrigada à amiga de Facebook Colleen Albert, por ter tido a ideia do nome da cafeteria, JumpStart. Kelli Creelman, da Rocking Chair Books, dividiu comigo suas experiências em Beaufort, na Carolina do Norte, onde foi criada, e Dave DuBuisson, proprietário da Pecan Tree Inn Bed and Breakfast, na mesma cidade, me ensinou um pouco sobre a administração de uma pousada.

Duas crianças de 3 e 4 anos foram imensamente úteis na criação de Bella. Obrigada a Claire e Garrett, assim como a suas mamães, minhas enteadas Caitlin Campbell e Brittany Walls.

Como sempre, obrigada a John Pagliuca por ser meu primeiro leitor, debatedor, fotógrafo doméstico e guru do computador, além de me oferecer seu incansável apoio e acreditar em mim.

SOBRE A AUTORA

© John Pagliuca 2013



DIANE CHAMBERLAIN é formada em serviço social e, antes de ter a primeira obra publicada, trabalhou em hospitais em San Diego e Washington e com atendimento psicoterapêutico de adolescentes. Hoje ela se dedica exclusivamente a escrever e é autora de 22 livros, com direitos vendidos para 19 países. Suas obras são histórias complexas sobre amor, compaixão e perdão, com um toque de mistério e suspense. Seu livro *Segredos e mentiras* chegou às listas de mais vendidos do *The Times* e do *The Irish Times*.

Diane nasceu em Plainfield, Nova Jersey, e mora na Carolina do Norte com seus dois cachorros e o marido, o fotógrafo John Pagliuca.

www.dianechamberlain.com

facebook.com/Diane.Chamberlain.Readers.Page

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DA AUTORA



Segredos e mentiras
Diane Chamberlain

Cara Anna,

Já comecei esta carta várias vezes e aqui estou, começando-a novamente, sem fazer a mínima ideia de como lhe dizer

A carta não terminada é a única pista que Tara e Emy têm para entender o que levou sua amiga Noelle ao suicídio. As três eram inseparáveis desde a faculdade e tudo a respeito de Noelle – seu trabalho de parteira, a forma como se dedicava apaixonadamente a diversas causas sociais, seu amor pelos amigos e a família – se encaixava na descrição de uma mulher que amava a própria vida.

Só que havia muitas coisas que Tara e Emy desconheciam. Por exemplo, quem é Anna e por que Noelle nunca a mencionara.

Com a descoberta da carta e do terrível segredo que a motivou, as duas começam a desvendar a verdade sobre essa mulher forte, independente e gentil que entrou em suas vidas trazendo amor e compaixão, mas que também pode ser a responsável por muitas tristezas e ilusões.

Com delicadeza e equilíbrio, Diane Chamberlain constrói uma história sensível sobre amizade e relacionamentos e levanta a pergunta: até que ponto você seria capaz de perdoar alguém que ama?

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



Querida Sue
Jessica Brockmole

Março de 1912: Elspeth Dunn, uma poetisa de 24 anos, nunca viu o mundo além de sua casa na remota Ilha de Skye, na Escócia. Por isso fica empolgada ao receber a primeira carta de um fã, David Graham, um estudante universitário da distante América.

Os dois começam a trocar correspondências – compartilhando os segredos mais íntimos, os maiores desejos e os livros favoritos – e fazem florescer uma amizade que, com o passar do tempo, se torna amor. Porém a Primeira Guerra Mundial toma a Europa e David se oferece como voluntário, deixando Elspeth em Skye com nada além de esperanças de que ele sobreviva.

Junho de 1940: É o início da Segunda Guerra Mundial e Margaret, filha de Elspeth, está apaixonada por um piloto da Força Aérea Real. A mãe a adverte sobre os perigos de se entregar ao amor em tempos de guerra, mas a jovem não entende por quê. Então, durante um bombardeio, uma parede de sua casa é destruída e, de dentro dela, surgem cartas amareladas pelo tempo. No dia seguinte, Elspeth parte, deixando para trás apenas uma carta datada de 1915. Com essa única pista em mãos, a jovem decide ir em busca da mãe e, nessa trajetória, também precisará descobrir o que aconteceu à família muitos anos antes.

Querida Sue é uma história envolvente contada em cartas. Com uma escrita sensível e cheia de detalhes de épocas que já se foram, Jessica Brockmole se revela uma nova e impressionante voz no mundo literário.



Amigas para sempre
Kristin Hannah

Katherine Mularkey tinha acabado de entrar na adolescência e já se sentia um desastre: não tinha amigas, usava aparelho nos dentes e óculos fora de moda. No entanto, quando a garota mais popular da escola se mudou para o outro lado da rua, sua vida mudou por completo.

Tallulah Hart era bonita, divertida, o centro das atenções. E, o melhor de tudo: assim como Kate, precisava de uma amizade verdadeira. Quando Tully foi obrigada a morar com a avó, as duas mantiveram contato por carta. Mesmo distantes, eram inseparáveis.

Fizeram faculdade juntas, se formaram em jornalismo e trabalharam no mesmo canal de TV. Depois uma se casou e teve

filhos e a outra investiu cada vez mais na carreira. O foco de suas vidas mudou, mas algo essencial permaneceu inalterado: a amizade que as unia. Porém um único passo em falso irá pôr à prova esse laço inabalável.

Traição ou apenas um erro? Em *Amigas para sempre*, Kristin Hannah faz um retrato fiel de uma amizade complexa e duradoura e nos leva por uma história de amizade, companheirismo e perdão.



O melhor de mim
Nicholas Sparks

Na primavera de 1984, os estudantes Amanda Collier e Dawson Cole se apaixonaram perdidamente. Embora vivessem em mundos muito diferentes, o amor que sentiam um pelo outro parecia forte o bastante para desafiar todas as convenções de Oriental, a pequena cidade em que moravam.

Nascido em uma família de criminosos, o solitário Dawson acreditava que seu sentimento por Amanda lhe daria a força necessária para fugir do destino sombrio que parecia traçado para ele. Ela, uma garota bonita e de família tradicional, que sonhava entrar para uma universidade de renome, via no namorado um porto seguro para toda a sua paixão e seu espírito livre. Infelizmente,

quando o verão do último ano de escola chegou ao fim, a realidade os separou de maneira cruel e implacável.

Vinte e cinco anos depois, eles estão de volta a Oriental para o velório de Tuck Hostetler, o homem que um dia abrigou Dawson, acobertou o namoro do casal e acabou se tornando o melhor amigo dos dois.

Seguindo as instruções de cartas deixadas por Tuck, o casal redescobrirá sentimentos sufocados há décadas. Após tanto tempo afastados, Amanda e Dawson irão perceber que não tiveram a vida que esperavam e que nunca conseguiram esquecer o primeiro amor. Um único fim de semana juntos e talvez seus destinos mudem para sempre.

Num romance envolvente, Nicholas Sparks mostra toda a sua habilidade de contador de histórias e reafirma que o amor é a força mais poderosa do Universo – e que, quando duas pessoas se amam, nem a distância nem o tempo podem separá-las.



Ligeiramente casados
Mary Balogh

À beira da morte, o major Percival Morris fez um último pedido a seu oficial superior: que ele levasse a notícia de seu falecimento a sua irmã e que a protegesse – “Custe o que custar!”.

Quando o honrado coronel lorde Aidan Bedwyn chega ao Solar Ringwood para cumprir sua promessa, encontra uma propriedade próspera, administrada por uma jovem generosa e independente que não quer a proteção de homem nenhum.

Porém Aidan descobre que, por causa da morte prematura do irmão, Eve perderá sua fortuna e será despejada, junto com todas as pessoas que dependem dela… a menos que cumpra uma

condição deixada no testamento do pai: casar-se antes do primeiro aniversário de morte dele – o que acontecerá em quatro dias.

Fiel à sua promessa, o lorde propõe um casamento de conveniência para que a jovem mantenha sua herança. Após a cerimônia, ela poderá voltar para sua vida no campo e ele, para sua carreira militar.

Só que o duque de Bewcastle, irmão mais velho do coronel, descobre que Aidan se casou e exige que a nova Bedwyn seja devidamente apresentada à rainha. Então os poucos dias em que ficariam juntos se transformam em semanas, passadas na calmaria do interior e na agitação de Londres. Até que eles começam a imaginar como seria não estarem apenas ligeiramente casados…

Neste primeiro livro da série Os Bedwyns, Mary Balogh nos apresenta à família que conhece o luxo e o poder tão bem quanto a paixão e a ousadia. São três irmãos e três irmãs que, em busca do amor, beiram o escândalo – e seduzem a cada página.



Dançando sobre cacos de vidro
Ka Hancock

Lucy Houston e Mickey Chandler não deveriam se apaixonar. Os dois sofrem de doenças genéticas: Lucy tem um histórico familiar de câncer de mama muito agressivo e Mickey, um grave transtorno bipolar. No entanto, quando seus caminhos se cruzam, é impossível negar a atração entre eles.

Contrariando toda a lógica que indicava que sua história não teria futuro, eles se casam e firmam – por escrito – um compromisso para fazer o relacionamento dar certo. Mickey promete tomar os remédios. Lucy promete não culpá-lo pelas coisas que ele não pode controlar. Mickey será sempre honesto. Lucy será paciente.

Como em qualquer relação, eles têm dias bons e dias ruins – alguns terríveis. Depois que Lucy quase perde uma batalha contra o câncer, eles criam mais uma regra: nunca terão filhos, para não passar adiante sua herança genética. Porém, em seu 11° aniversário de casamento, durante uma consulta de rotina, Lucy é surpreendida com uma notícia extraordinária, quase um milagre, que vai mudar tudo o que ela e Mickey haviam planejado.

De uma hora para outra todas as regras são jogadas pela janela e eles terão que redescobrir o verdadeiro significado do amor. *Dançando sobre cacos de vidro* é a história de um amor inspirador que supera todos os obstáculos para se tornar possível.



Reconstruindo Amelia
Kimberly McCreight

Você conhece a pessoa que mais ama no mundo? Kate Baron achava que sim até receber a devastadora notícia de que Amelia, sua filha de 15 anos, cometeu suicídio pulando do telhado do colégio particular onde estudava.

Poucos dias depois, entretanto, uma mensagem anônima em seu celular revela que a morte de sua filha talvez não tenha sido da maneira que as autoridades alegaram. Amelia pode ter sido assassinada?

Kate é advogada e está determinada a descobrir a verdade. Para isso, mergulha no passado da filha, recolhendo cada fragmento de e-mail, cada linha dos textos do blog, cada atualização de status do

Facebook. Sempre um passo atrás da verdade, ela descobre um lado de Amelia que nunca imaginaria que existisse.

Este impressionante romance de estreia vai além de uma história sobre segredos e mentiras. Narra a busca de uma mãe tentando reunir cada detalhe possível para reivindicar a memória da filha que não pôde salvar.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
1 Travis
2 Travis
3 Robin
4 Erin
5 Travis
6 Robin
7 Erin
8 Travis
9 Robin
10 Erin
11 Travis
12 Robin
13 Travis
14 Robin
15 Erin
16 Travis
17 Robin
18 Erin
19 Travis
20 Robin
21 Erin
22 Robin
23 Erin
24 Robin
25 Erin
26 Robin
27 Travis
28 Erin
29 Travis
30 Robin
31 Erin
32 Travis
33 Robin

34 Erin
35 Travis
36 Robin
37 Erin
38 Travis
39 Erin
40 Robin
41 Erin
42 Travis
43 Erin
44 Robin
45 Travis
46 Erin
47 Travis
48 Robin
49 Erin
Epílogo: Travis
Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça outro título da autora
Conheça outros títulos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro


Os Bridgertons – 2
Julia Quinn
O Visconde que me Amava
ARQUEIRO

O visconde que me amava

Quinn, Julia
9788580411980
304 páginas

Compre agora e leia

A temporada de bailes e festas de 1814 acaba de começar em Londres. Como de costume, as mães ambiciosas já estão ávidas por encontrar um marido adequado para suas filhas. Ao que tudo indica, o solteiro mais cobiçado do ano será Anthony Bridgerton, um visconde charmoso, elegante e muito rico que, contrariando as probabilidades, resolve dar um basta na rotina de libertino e arranjar uma noiva.Logo ele decide que Edwina Sheffield, a debutante mais linda da estação, é a candidata ideal. Mas, para levá-la ao altar, primeiro terá que convencer Kate, a irmã mais velha da jovem, de que merece se casar com ela.Não será uma tarefa fácil, porque Kate não acredita que ex-libertinos possam se transformar em bons maridos e não deixará Edwina cair nas garras dele.Enquanto faz de tudo para afastá-lo da irmã, Kate descobre que o visconde devasso é também um homem honesto e gentil. Ao mesmo tempo, Anthony começa a sonhar com ela, apesar de achá-la a criatura mais intrometida e irritante que já pisou nos salões de Londres. Aos poucos, os dois percebem que essa centelha de desejo pode ser mais do que uma simples atração.Considerada a Jane Austen contemporânea, Julia Quinn mantém, neste segundo livro da série Os Bridgertons, o senso de humor e a capacidade de despertar

emoções que lhe permitem construir personagens carismáticos e histórias inesquecíveis.

Compre agora e leia


Pode o amor resistir
às mais duras provações?
Da autora
de DESEJO
PROIBIDO
eternamente
você
SOPHIE JACKSON
ARQUEIRO

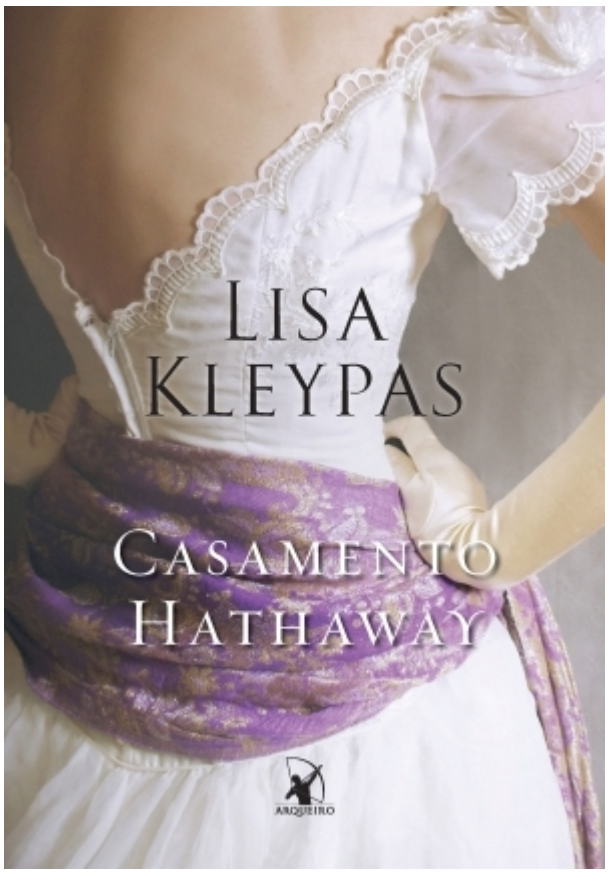
Eternamente você

Jackson, Sophie
9788580414820
80 páginas

Compre agora e leia

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido.Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele.Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas.Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois.Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

Compre agora e leia


LISA
KLEYPAS
CASAMENTO
HATHAWAY
ARQUEIRO

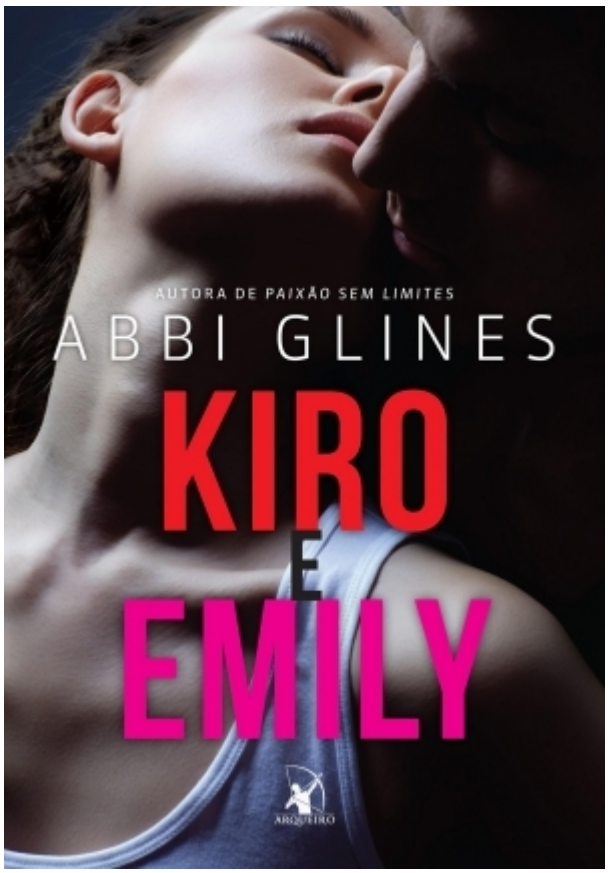
Casamento Hathaway

Kleypas, Lisa
9788580418484
36 páginas

Compre agora e leia

A família Hathaway recebeu uma herança inesperada, que lhes deu dinheiro, terras, título e prestígio. Mas nem tudo são flores. Ninguém imaginava que seria tão difícil navegar pelo complicado sistema de normas e procedimentos da sociedade londrina. Ainda assim, os cinco irmãos, Leo, Amelia, Winnifred, Poppy e Beatrix, se esforçam para se integrar aos círculos aristocráticos, sem deixar de lado seu jeito confuso e excêntrico. E, de quebra, descobrem que é possível encontrar o amor, não importa a circunstância.Você está cordialmente convidado para o casamento de Win Hathaway e Kev Merripen, uma cerimônia repleta de amor, improviso e convidados surpresa.Casamento Hathaway é um conto exclusivo da série Os Hathaways, presente de Lisa Kleypas para seus leitores. A história se passa entre os livros 2 e 3.

Compre agora e leia


AUTORA DE PAIXÃO SEM LIMITES
ABBI GLINES
KIRO
E
EMILY
ARQUEIRO

Kiro e Emily

Glines, Abbi
9788580416107
120 páginas

Compre agora e leia

O ano é 1992, e a Slaker Demon é a maior banda do momento. Ganhadores do disco múltiplo de platina, tendo turnês inteiras com ingressos esgotados, liderando as paradas de sucessos e acumulando rios de dinheiro, seus integrantes são a definição perfeita de deuses do rock.Por isso, não é de estranhar que o bad boy incrivelmente sedutor Kiro Manning, vocalista da banda, tenha todas as mulheres a seus pés. Ou pelo menos era isso que ele pensava até ser rejeitado por Emily, uma jovem linda que apareceu inesperadamente em uma das badaladas festas pós-show.Emily é diferente. Determinada. Pura. Especial. Ele a deixou escapar quando se conheceram, mas não para de pensar nela desde então. E ao se reencontrarem, Kiro promete não desistir desse sentimento novo que faz com que ele queira ser alguém melhor. Alguém que mereça ser amado.Nesse livro emocionante, Abbi Glines nos transporta de volta no tempo para apresentar o romance secreto que todos os jornalistas tentaram desvendar em A primeira chance. E, nessa jornada, ela mostra que o amor verdadeiro supera qualquer barreira.

Compre agora e leia


Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS
Julia Quinn
UM
MARIDO
DE FAZ DE
CONTA
ARQUEIRO
2
OS ROKESBYS

Um marido de faz de conta

Quinn, Julia
9788580419238
304 páginas

Compre agora e leia

Enquanto você dormia…Depois de perder o pai e ficar sabendo que o irmão Thomas foi ferido durante uma batalha, Cecilia Harcourt tem duas opções: se mudar para a casa de uma tia ou se casar com um vigarista. Para fugir desses destinos, ela cruza o Atlântico, determinada a cuidar do irmão. Após uma semana sem conseguir localizá-lo, ela encontra o melhor amigo dele, Edward Rokesby, inconsciente e precisando desesperadamente de cuidados. Mas, para permanecer a seu lado, Cecilia precisa contar uma pequena mentira...Eu disse a todos que era sua esposa.Quando Edward recobra a consciência, não entende nada. A pancada na cabeça o fez esquecer tudo que aconteceu nos últimos três meses, mas ele certamente se lembraria de ter se casado. Apesar de saber que Cecilia é irmã de Thomas, eles nunca foram apresentados. Mas, já que todo mundo a trata como esposa dele, deve ser verdade. Quem dera fosse verdade…Cecilia coloca o próprio futuro em risco ao se entregar ao homem que ama. Mas, quando a verdade vem à tona, Edward também pode ter algumas surpresas guardadas para a nova Sra. Rokesby. "Esse é um daqueles romances em que queremos gritar com os personagens e mandá-los contar logo a verdade um para o outro." – Kirkus Reviews"Um romance fabuloso! Um marido

de faz de conta evoca todo o encanto dos primeiros livros de Julia Quinn." – Freshfiction.com

Compre agora e leia